

UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ENILDO DE MOURA CARVALHO

NA TERRA DE MALAZARTES E ALEIJADINHO.
Vianna Moog, um intérprete do Brasil.

SÃO LEOPOLDO, RS

2011

ENILDO DE MOURA CARVALHO

NA TERRA DE MALAZARTES E ALEIJADINHO.

Vianna Moog, um intérprete do Brasil.

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História do Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração “Estudos Históricos Latino-americanos” da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa Dra. Maria Cristina Bohn Martins

São Leopoldo, RS

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

C331n Carvalho, Enildo de Moura
Na terra de Malazartes e Aleijadinho. Vianna Moog,
um intérprete do Brasil. / Enildo de Moura Carvalho. --
2011.
284 f. :il. ; 30cm.

Tese (doutorado) -- Universidade do Vale do Rio dos
Sinos. Programa de Pós-Graduação em História, São Leo-
poldo, RS, 2011.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Bohn Martins.

1. Produção intelectual - Cultura brasileira. 2. Moog,
Vianna. 3. Trajetória profissional. I. Título. II. Martins,
Maria Cristina Bohn.

CDU 001.1:008(81)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

ENILDO DE MOURA CARVALHO

NA TERRA DE MALAZARTES E ALEIJADINHO.

Vianna Moog, um intérprete do Brasil.

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História do Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração “Estudos Históricos Latino-americanos” da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

ORIENTADORA: PROF DRA. MARIA CRISTINA BOHN MARTINS.

Aprovado em 16 de setembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Beatriz Helena Domingues - UFJF

Prof^ª Dr^ª Eloísa H. Capovilla da L. Ramos – Unisinos

Prof^ª Dr^ª Maria Cristina Martins (orientadora) – Unisinos

Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva – UNISC

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira - UNISINOS

Aos meus pais:
Adão Lopes Carvalho e
Noemi L. Moura Carvalho

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho contou com o apoio e ajuda de muitas pessoas, às quais devo meus agradecimentos.

Inicialmente, agradeço o acolhimento e dedicação que me foi dispensado pelos professores do PPGH, em particular àqueles com quem mantive contato no decorrer desse curso. Suas sugestões e discussões em sala de aula ou extra-aula, foram significativas para a construção de idéias e pesquisas.

Agradeço, em especial, a professora Maria Cristina Bohn Martins, pelas sugestões e pela orientação que muito contribuíram para o melhor desenrolar desta pesquisa. Sou grato por sua paciência, experiência e amizade.

Agradeço a banca de qualificação dessa tese (Professora Doutora Beatriz Helena Domingues, Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira e Professora Doutora Maria Cristina Bohn Martins) pelas inúmeras sugestões e estímulos no sentido de buscar o melhor encaminhamento da pesquisa.

Agradeço ao professor doutor José Martinho Remedi, aos colegas Miguel Ângelo S. da Costa, Ianko Bett e Carlos Eduardo Bartel pelas sugestões e discussões acerca desse projeto. No mesmo sentido sou grato ao apoio do tradutor Marco Antonio Ferreira da Silva. À Mariângela G. Kohls, agradeço o carinho e a sensibilidade na tarefa de construir conhecimento.

Agradeço à secretaria do Centro das Ciências Humanas da Unisinos, em especial, a Janaína pela sempre solícita atenção e eficiência. Da mesma forma, sou grato à CAPES pelo custeio de gastos com disciplinas, viagens de estágio e intercâmbio e pesquisa.

Agradeço aos meus familiares pela confiança e apoio.

Agradeço à família de Vianna Moog, em especial, a senhora Ana Maria Rodrigues Moog, que nos recebeu gentilmente em sua residência em Petrópolis no Rio de Janeiro, e posteriormente oportunizou a transferência do acervo de seu pai para a biblioteca da Unisinos.

Meu agradecimento a Rosangela Antoniazzi de Moraes, pela parceria e apoio no sentido de dar seqüência aos estudos de pós-graduação.

Enfim agradeço a todos aqueles que colaboraram com a elaboração desse trabalho que, porventura, não estejam aqui elencados.

Quando a ciência nos disser: a ideia é verdadeira! a
consciência nos segredar: a ideia é justa! e a arte nos
bradar: a ideia é bela! Então, teremos tudo.

Vianna Moog

RESUMO

O presente trabalho analisa a produção intelectual de Vianna Moog acerca da formação cultural brasileira, bem como sua trajetória enquanto intelectual e representante político do governo brasileiro em organismos internacionais, como a Organização dos Estados Americanos e a Organização das Nações Unidas. A pesquisa se desenvolve em quatro capítulos, cujos temas abordam dois momentos fundamentais da construção intelectual de Vianna Moog: o período de ascensão do seu prestígio intelectual na geração de 1930-50; e período de declínio deste mesmo prestígio na segunda metade do século XX.

Palavras chaves: Vianna Moog. Produção intelectual. Trajetória profissional.

ABSTRACT

This thesis analyzes the intellectual production of Vianna Moog about the formation of Brazilian culture, such as his trajectory as an intellectual and political representative of the Brazilian government in International Organizations such as the Organization of American States and the United Nations. The research is developed in four chapters, whose topics address two key moments of the intellectual construction of Vianna Moog: the period of the rise in the generation of 1930-50, and ostracism period of his intellectual production in the second half of the twentieth century.

Keywords: Vianna Moog. Intellectual production. Trajectory career.

SUMÁRIO

Introdução	10
Vianna Moog: advogado, funcionário público, escritor, intelectual	10
Entre Aleijadinho e Malazartes	17
Capítulos e fontes primárias	20

CAPÍTULO 01

A PROJEÇÃO INTELECTUAL DE VIANNA MOOG NO DIÁLOGO COM LEITORES, AUTORES E POLÍTICOS.....

35

1. Vianna Moog em seus primeiros escritos: sinais do intelectual em paralelo à historiografia.....	36
2. Ressonâncias do modernismo.....	43
3. Vianna Moog: “Qué es un Intelectual?”.....	48
4. O lugar do intelectual: universalismo e/ou particularismo.....	58
5. As primeiras obras e o diálogo com os mestres.....	75
6. “Vianna Moog arteiro, borboleteia de tema em tema no mundo largo das ideias”.....	86

CAPÍTULO 02

VIANNA MOOG: ENTRE O INTELECTUAL E O POLÍTICO.....

96

1. Entre o público e o privado: uma fronteira flexível.....	97
2. Relações intercaladas ou simultâneas.....	106
3. “Prefiro o solilóquio, Sr. ministro. Fujo do colóquio”.....	109
4. O arquivamento da memória de si no cenário intelectual e político.....	123
5. O intelectual com a vontade do político.....	130
7. Como alguém fala a verdade? Que verdade? Para quem e onde?.....	140

CAPÍTULO 03

IMAGENS REFLETIDAS: O OLHAR COMPARATIVO DE VIANNA MOOG.....

157

1. Entre o rio Amazonas e o rio dos Sinos.....	158
2. Dialogando sobre a “falta” e o “excesso” brasileiro.....	175
3. Vianna Moog escreve na mesma época de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.....	187

4. Razão e liberdade em Vianna Moog.....	200
5. Liberdade enquanto contemplação: recesso da razão.....	205

CAPÍTULO 04

O DECLÍNIO DO PRESTÍGIO INTELECTUAL DE VIANNA MOOG.....213

1. O posicionamento intelectual de Vianna Moog em relação a geração universitária....	214
2. O conservadorismo político de Vianna Moog.....	224
3. A ausência de Vianna Moog entre os “intérpretes do Brasil”.....	236
4. Vianna Moog: o intelectual fora de seu tempo.....	257

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....268

FONTES DE PESQUISA.....282

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....291

1. Introdução

A literatura não é apenas um devaneio estético ou um jogo de imagens, ao sabor ou capricho dos que ensaiam as suas arrojadas realizações. Caracteriza-se, melhor, como um processo social, em que assumem papel relevante as inspirações e solicitações do meio, aquelas fornecendo a matéria-prima, essas consumindo o resultado fecundo de seus trabalhos. Nenhuma sociedade vive sem a animação feliz de uma literatura.

(Vianna Moog, nov/45).

2. Vianna Moog: Advogado, funcionário público, escritor, intelectual...

O personagem central de nossa discussão, o senhor Clodomir Vianna Moog excluiu o prenome em sua assinatura de escritor, mantendo-a somente para os encargos do meio político. O romancista e ensaísta Vianna Moog, portanto, nasceu em São Leopoldo, no dia 28 de outubro de 1906, filho de Marcos Moog, funcionário público federal, e Maria da Glória Vianna Moog, professora da rede pública.

Ainda estudante, conheceu Frigga Câmara Moog, com quem casou e viveu até morrer. O casal teve três filhos: Ana Maria Rodrigues Moog, Gilberto e Geraldo Moog. A primeira formou-se em filosofia e tornou-se professora universitária. Sobre a participação da mãe na trajetória intelectual de seu pai, Ana Maria diz:

O grande mérito foi de minha mãe que permitiu ao meu pai conciliar todos os seus interesses e atividades com a vida familiar. Ela própria assumia para si a tarefa de “limpar o caminho para ele passar”, como ela dizia. Ele era muito apegado à família, mas o fato é que, comodamente, entregava a ela a responsabilidade de gerir a casa, criar os filhos, decidir os problemas práticos da vida. Minha mãe administrava a retaguarda. Ele singrava. Se ele viajava e ela podia ir com ele, estava tudo ótimo. Era o que ela mais queria. Mas, se fosse necessário alguém permanecer, para resolver qualquer problema, ele ia, ela ficava.¹

¹ Idem,



Nessa foto de 1910, da Escola Primária de São Leopoldo, o menino Clodomir Vianna Moog é o terceiro, da esquerda para a direita, na terceira fila. A professora é Dona Maria da Glória Moog, sua mãe.

Depois de frequentar escolas e ginásios de São Leopoldo, Canoas (Colégio São José, dos irmãos Lassalistas), Novo Hamburgo (Colégio São Jacó, dos irmãos Lazaristas) e de Porto Alegre (Ginásio Júlio de Castilhos), e de sonhar com a farda de cadete do exército brasileiro, o que se justificava pelo fascínio pela carreira militar, Vianna Moog encaminhou-se para o curso jurídico. Coursou o mesmo na Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde se matriculou em 1925.



Formatura da turma de Vianna Moog no Instituto Júlio de Castilhos, em 1923. O futuro autor aparece no canto esquerdo do quadro, em baixo.

Em 1930, aos vinte e três anos, graduou-se em direito, sendo o orador de sua turma. No discurso² entremeado de aspirações predominantemente voltadas à vida pública, não faltaram, próprias do tempo, as conclamações à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade.

No mesmo ano ingressou no meio político, decisão que se mostrou marcante em sua trajetória. Inicialmente participou do movimento revolucionário daquele mesmo ano, o qual levaria Getúlio Vargas à presidência da República. Mas em seguida Moog iria se desencantar desse projeto. Revelou-se partidário da revolução constitucionalista de 1932, motivo suficiente para que o “fiscal de impostos de consumo”, nomeado por concurso em dezembro de 26, fosse removido do Rio Grande do Sul para o norte do Brasil. Era o exílio que se lhe impunha e que foi cumprido entre os anos de 1932 e 34. Ao regressar ao Sul, Vianna Moog assumiu funções na área jornalística com a direção do *Jornal Folha da Tarde*, de Porto Alegre.³

Se o castigo resultou no naufrágio de suas ambições políticas, abriu-lhe o ensejo de conhecer o Brasil, além de despertar-lhe o gosto pelas letras ou vocação literária. Com isso, Vianna Moog iniciou sua carreira intelectual nos primeiros anos da década de 1930, especialmente em 1934, com a publicação de *Heróis da decadência*.⁴ Romancista e ensaísta, ele ocupou-se em discutir a formação cultural brasileira por meio do cruzamento da literatura, do ensaio e da história. O romance *Um rio imita o Reno*,⁵ publicado em 1938, o texto *Uma interpretação da literatura brasileira*⁶, de 1942, e o ensaio⁷ *Bandeirantes e Pioneiros*, publicado em 1954, se encaixam nesta perspectiva.

Na segunda metade do século XX viriam as últimas publicações do autor, nesse caso, publicações de caráter predominantemente literárias. Por conta disso, se interpõe a

² MOOG, Vianna. *Obras de Vianna Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. p. 21.

³ O jornal “A Folha da tarde”, pertencia a empresa jornalística Caldas Junior de Porto Alegre e circulou entre as décadas de 1930 e 1980.

⁴ MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

⁵ MOOG, Vianna. *Um rio que imita o Reno*. 8 ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

⁶ MOOG, Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.

⁷ Maria de Lourdes Soares questiona: O que é um ensaio? Nas palavras de Eduardo Prado Coelho, o ensaio, *stricto sensu*, é um texto "onde o autor se interroga e nos interroga (...), é o exercício, tanto quanto possível livre, de uma razão que não procura soluções", mas reunir elementos para que cada leitor possa elaborar as soluções possíveis". Soares, Maria de Lourdes. O ensaísmo de Eduardo Lourenço: a inquieta e luminosa experimentação do (im)possível. Revista Literatura e Cultura. http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_litcult/volume1/ler.php?id=12. 20 Set 05.

necessidade de buscar-se entender o distanciamento de Moog do estilo ensaístico, que marcara sua produção no período de 1930-1950. Essa questão será temática de análise nesta pesquisa, especialmente no quarto capítulo.

Foi no terreno da literatura que Vianna Moog começou a obter reconhecimento em âmbito nacional e internacional, especialmente após o lançamento das obras *Eça de Queirós e o século XIX* (1938) e *Um Rio imita o Reno* (1939), o qual conferiu-lhe, em 1939, o Prêmio Graça Aranha. Por conta de tais publicações o autor foi convidado para conferências e colaborações em jornais brasileiros e internacionais, como *La Prensa*. Como representante do Rio Grande do Sul, fez conferências na Exposição do Livro Brasileiro em Montevideu e falou na inauguração do auditório da *Gazeta*, de São Paulo, com a qual colaborava.

Sua proximidade com o meio jornalístico e literário não implicou em abandonar o serviço público e, em 1942 ele foi nomeado membro do 2º Conselho de Contribuintes, em Porto Alegre, e foi promovido ao quadro dos agentes fiscais do Distrito Federal. Nesse mesmo ano fez, no Itamarati, a convite da Casa do Estudante do Brasil, a conferência *Uma interpretação da literatura brasileira*, traduzida para vários idiomas. Neste texto procurou interpretar a literatura brasileira através do que chamou “ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas,” caracterizadas cada uma pelo seu *genius loci* particular. A ideia de pensar a formação cultural brasileira pela via da diversidade, “pelas ilhas culturais”, por certo corresponde ao desejo de compreender a formação de outras culturas além da sua. Nesse sentido, Ana Maria Moog salienta:

Ele mesmo considerava que sua sensibilidade para diferenças culturais havia surgido desde muito cedo, com a observação das diferenças entre as tradições da família da mãe, bem brasileira, com raízes fincadas no Brasil e em Portugal, e as tradições da família do pai, muito alemãs. Com a morte da mãe, quando ele ainda não tinha completado sete anos, teve que morar primeiramente com os tios paternos, depois com o pai e a madrasta, também descendente de alemães. A perda da mãe significou a perda do ambiente criado por ela, um ambiente bem brasileiro. Sofreu a dupla perda e aguçou-lhe a percepção das diferenças. Quando foi “exilado” no Amazonas, descobriu outro Brasil, e inexoravelmente acentuou-se o pendor para a análise cultural. Mas tudo isso só frutificou porque lia, lia tudo o que podia para ajudá-lo a compreender o outro. Certa feita, perguntei-lhe se não tinha vontade de conhecer o Oriente, a Índia, a China? Ele respondeu que já não tinha mais tempo para assimilar outra cultura, ainda mais culturas tão ricas e tão diferentes quanto as orientais. Viajar por viajar, para ele, não tinha graça. Curiosamente, quando bem mais tarde foi ao Japão, a Hong Kong e à China, ficou

fascinado, principalmente com Hong Kong, que representou para ele o lugar privilegiado do encontro entre o Ocidente e o Oriente.⁸

Ainda em 1942, a convite da Fundação Guggenheim, embarcou para os Estados Unidos, onde se demorou oito meses e escreveu artigos para o *New York Herald* e algumas revistas americanas. De 1946 a 1950 atuou na Delegacia do Tesouro em Nova Iorque, quando começou a escrever uma biografia de Lincoln. Em 1950 foi nomeado representante do Brasil junto à Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e, nessa condição, participou em Nova Iorque e Genebra de todas as reuniões da Comissão.



Foto em Quebec, nas férias de 1948, com a esposa, a filha Anna Maria e os filhos Gilberto e Geraldo.

No ano de 1945, Vianna Moog tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o terceiro ocupante da cadeira de número 4. Na ocasião sucedeu a Alcides Maia, tendo sido recebido por Alceu Amoroso Lima em 17 de novembro de 1945.⁹

⁸ Entrevista concedida por Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog em setembro de 2009. Sessão entrevistas do acervo do autor. Biblioteca da Unisinos.

⁹ Informações coletadas junto aos arquivos da Academia Brasileira de Letras. (sítio relacionado aos membros da Academia). <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=540>. Acessado no dia 18 de janeiro de 2011.



Nessa foto Vianna Moog aparece na Academia Brasileira de Letras, no dia da posse, em 20 de novembro de 1945, acompanhado da família. À esquerda o filho Gilberto, a esposa, e a filha Anna Maria Moog.

Em 1952 Moog foi indicado pelo Brasil para ocupar cargo no Conselho Internacional Cultural e assim representar o país na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México. Diante disto, ele residiu nesse país por mais de dez anos, como presidente da Comissão. Nessa condição participou, em 1956, da 2ª Reunião do Conselho Interamericano Cultural. Em 1959 representou o Brasil na 3ª Reunião do CIC, em Porto Alegre.

Nomeado novamente para a Comissão Social das Nações Unidas em 1961, foi eleito seu presidente para a XIII Sessão. Em 1963 elegeu-se para a Comissão visando integrar o Conselho Superior do Instituto Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento Social, com sede em Genebra. Em 6 de setembro de 1969 renunciou ao mandato na Comissão da OEA, aposentando-se a seguir no cargo de fiscal do imposto de consumo que continuava ocupando nominalmente.

3. Entre Aleijadinho e Malazartes

Evocar as imagens de Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa) e Pedro Malazartes como possibilidade de simbolizar a relação de Vianna Moog com a história do Brasil decorre da larga utilização desses personagens pelo autor em suas obras, especialmente em “*Bandeirantes e Pioneiros*.”¹⁰ No olhar de Moog, Aleijadinho perfaz a imagem de um herói nacional, herói e artista, uma espécie de ícone da brasilidade, cuja devoção ao trabalho, a religiosidade, ao desejo de modernizar o Brasil, o tornava singular no contexto histórico em que vivera. De outra maneira aparece Pedro Malazartes, a quem o autor atribui uma descrição quase oposta a do escultor Aleijadinho. Ao invés de uma razão ética e orgânica, Malazartes age pela esperteza, pela malícia, pela possibilidade de subverter a regularidade normativa com fim de garantir benefícios próprios.

A tarefa de investigar a carreira literária e profissional de Vianna Moog, buscando compreender os cenários em que circulou, as reflexões que fez sobre temas diversos, em especial sobre o Brasil e, na medida do possível, como foi lido e recebido por seus pares, ainda que não exclusivamente por eles, passa, em grande medida, pela simbologia de Aleijadinho e Malazartes. O Moog investido no papel de ensaísta e romancista ou mesmo nas funções de representante político do governo brasileiro em Organismos internacionais advogava a adoção de inúmeras reformas na sociedade brasileira com o fim de projetá-la numa orientação moderna, conforme descreve em Aleijadinho. Entretanto, o autor não se restringe a essa orientação, por vezes, seu diálogo com interlocutores da época, discursos ou produção escrita seguem um posicionamento menos comprometido com uma expressão protocolar ou normativa voltada a modernização brasileira. Nesse caso sua linguagem e ações assumem certa descontração com pitadas de ironia, de humor, de sarcasmo, fazendo lembrar a pilhéria e a inteligência maliciosa de Pedro Malazartes. Essa espécie de recurso também aparece quando Vianna Moog projeta ou defende suas demandas pessoais, espaços de pertencimento intelectual ou político, cuja flexibilidade entre uma condição produtiva de Aleijadinho e criatividade manhosa de Malazartes surge constantemente.

As inquietações acerca da trajetória e trabalho de Vianna Moog começaram a se manifestar durante nossa elaboração da Dissertação de Mestrado intitulada “Estados Unidos:

¹⁰ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

Espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog,” (2006) em que estudamos a formação cultural brasileira em comparação com a norte-americana. Depois disto, o ponto de partida e estímulo para dar continuidade à investigação surgiu com a transferência do acervo literário pessoal de Vianna Moog da residência de sua filha, Ana Maria Moog, em Petrópolis – RJ, para a Biblioteca central da Unisinos, no final do ano de 2006.

A chegada do acervo contribuiu para despertar algumas interrogações que se faziam acerca da obra desse autor, tais como: que diálogo Moog estabeleceu com a geração de 1930; qual a projeção alcançada por ele a ponto de obter reconhecimento nacional e internacional de sua obra e de tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras e representante político do Brasil em organismos internacionais; qual teria sido o seu posicionamento intelectual e político frente aos dois períodos ditatoriais – o Estado Novo de Getúlio Vargas e a ditadura militar de 1964.

Outra questão não menos intrigante, surgiu com a análise da produção dedicada a estudar os “intérpretes do Brasil” por volta do ano 2000. Nessas obras¹¹ observamos a ausência do nome de Vianna Moog entre os autores considerados intérpretes do pensamento social brasileiro, rememorados no início do século XXI no país. A mesma ausência parece existir em relação ao percurso intelectual do autor; ou seja, a história parece negligenciar o estudo do diálogo que ele travou com uma série de interlocutores que se destacaram no contexto da sua geração.¹² Passamos, então, a nos indagar dos significados deste aparente ostracismo, uma vez que tal ausência poderia sinalizar para outra realidade, a de que Vianna Moog não teria se constituído efetivamente num “intérprete do Brasil”. Em decorrência disso, surge outra questão, a qual remete a definição ou definições atribuídas aos “intérpretes do Brasil”.

¹¹ Dentre as principais, citamos: MOTTA, Lourenço Dantas (Org). *Um Banquete nos Trópicos*. São Paulo: SENAC. 2001, v.1 e v.2. REIS, José Carlos. *As identidades no Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *4xs Brasil: itinerários da cultura brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005. SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, v. 1-3. BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹² No decorrer das poucas comemorações por ocasião dos cem anos de nascimento de Moog, completados em outubro de 2006, surgiram discussões apontando a necessidade de redescobrir este autor, bem como seu trabalho. Uma dessas discussões ocorreu na Unisinos, no Instituto Humanitas, durante realização de seminário sobre sua obra e trajetória intelectual. Preocupação semelhante partiu da professora Lúcia Lippi de Oliveira, na ocasião em que esteve presente no Programa de Pós-graduação em História da Unisinos, compondo a banca em que apresentamos a já mencionada dissertação de mestrado. Lippi de Oliveira defendeu a necessidade de analisar com maior atenção o trabalho de Vianna Moog e suas discussões no interior de sua geração de intérpretes do Brasil.

Afora os trabalhos de Lúcia Lippi Oliveira¹³, Thomas Skidmore¹⁴ e Jessé de Souza¹⁵, são raras as discussões envolvendo Vianna Moog no meio intelectual e acadêmico brasileiro. Em face disso, retomar o estudo sobre este autor significa uma possibilidade, dentre tantas, de colocar em relevo o seu tempo e suas idiossincrasias, conforme ele já indicava em suas discussões.

Antes de abordar temáticas como a concepção de indivíduo e de sociedade no Brasil, religiosidade, história, níveis de desenvolvimento e modernização, em suas obras, especialmente em *Bandeirantes e Pioneiros*, Vianna Moog já as tratava em escritos anteriores, conforme pudemos observar na variedade do material pertencente ao acervo. Estado, sociedade, religião, tradição e modernidade são temáticas recorrentes tanto nas discussões de Moog com autores de sua geração, quanto na elaboração de relatórios políticos e intelectuais redigidos por ocasião de sua participação na Organização das Nações Unidas (ONU) e na Organização dos Estados Americanos (OEA). A pertinência do método comparativo, por exemplo, antes de constituir ferramenta essencial em *Bandeirantes e Pioneiros*, aparece de maneira fragmentada em reflexões produzidas pelo autor nas décadas de 1930 e 1940.

Se por um lado, a compilação de ideias produzidas pelo autor em sua trajetória intelectual e conversações com autores contemporâneos permitiu-lhe produzir boa parte de seus romances e ensaios, por outro, garantiu a produção do acervo literário pessoal. Vianna Moog não só produziu como preservou um legado de milhares de documentos mantidos inéditos por ele e posteriormente pela família. Livros inacabados, como *Aleijadinho e o Brasil*, *Cartas ao Itamaraty* e *Lindolfo Collor e a Revolução de 1930*, aparecem no acervo ao lado de conferências proferidas na Academia Brasileira de Letras. Existem ainda cartas e discursos proferidos nas instituições internacionais em que ele representou o Brasil, caso da ONU, OEA e Delegacia do Tesouro Brasileiro nos Estados Unidos, os quais ajudam a compor, além do acervo, os bastidores de suas ideias e de sua produção intelectual. Segundo Ana Maria Moog,

¹³ Ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

¹⁴ Ver SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

¹⁵ Ver SOUZA, Jessé. *O malandro e o protestante*. Brasília: EDUnB, 1999.

Meu pai sempre guardou cópia de tudo o que escrevia. E minha mãe cuidava de tudo que era dele, arrumava os fichários de cartas, colava todos os recortes de jornal, guardava tudo o que saía publicado dele e sobre ele. Quando ele morreu, ela queria, e ao mesmo tempo não queria, entregar todo aquele material para preservar a memória dele. A biblioteca foi eventualmente doada para São Leopoldo depois da morte de minha mãe. Depois, houve mais de uma pessoa que pediu para pesquisar no acervo que estava comigo. Acabei achando que o melhor era colocar tudo à disposição dos pesquisadores. Nisto, suas démarches junto à Unisinos foram providenciais. Tive também a ideia de fazer eu mesma uma foto-biografia, com cartas, trechos de cartas mais significativos, tanto dele quanto dos correspondentes, juntando retratos das pessoas com quem meu pai conviveu ao longo de quase um século. Creio que seria um rico depoimento sobre um século da vida intelectual, política e diplomática do pai. Talvez ainda faça isto.¹⁶

A documentação empírica proveniente do acervo pessoal de Moog servirá como fonte primária no decorrer da pesquisa. Em razão disso, há uma preocupação no sentido de garantir uma seleção e hierarquia mínima no tipo de produção textual a ser analisada, de modo que isso possa contribuir com certa coerência de acontecimentos, fatos e sua relação com o tempo histórico e a atuação de Vianna Moog.

4. Capítulos e fontes primárias

Como sabemos o acervo pessoal de Moog foi organizado inicialmente por ele e, posteriormente a sua morte, pela família. Apesar da excelente condição do material pertencente ao acervo, ele mantém a condição de pessoal, de privado, o que remete para inúmeras características, a exemplo das que são mencionadas por Luciana Quillet Heymann:

Como se pode depreender da definição de arquivo privado, a unidade de cada um deles é conferida pela pessoa ou instituição que o constituiu, ou seja, por quem acumulou determinados documentos dentro do universo daqueles produzidos e recebidos. No caso dos arquivos privados pessoais, cabe a uma pessoa física, o titular do arquivo, escolher os documentos que, no fluxo dos papéis manuseados cotidianamente, merecem ser retidos e acumulados. É a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo. Por um lado, porque sua vida, suas atividades e suas relações vão determinar e informar o que é produzido, recebido e retido por ela ou sob sua orientação. Por outro lado, e fundamentalmente, porque cabe a ela determinar o que deve ser guardado e de que maneira.¹⁷

¹⁶ Entrevista concedida por Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog, em setembro de 2009. Sessão entrevistas do acervo do autor. Biblioteca da Unisinos.

¹⁷ HEYMANN, Luciana Quillet. *Indivíduo, Memória e Resíduo. Uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso de Felinto Muller. Estudos Históricos*. Vol. 10. n 19, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, 1997. p. 2.

Isso significa dizer que não estaremos submetendo a investigação a uma construção enrijecida, como se uma crônica de jornal publicada na época em que ele ainda era estudante não possa aparecer, eventualmente, no primeiro ou quarto capítulos. A intenção de tal classificação visa, antes de qualquer coisa, tentar captar a melhor expressão emitida pelo autor em relação ao período e acontecimentos históricos em que estava inserido, o tipo privilegiado de veículo pelo qual se comunicou e expressou suas ideias. Seguindo as palavras de Heymann, podemos dizer que “buscamos destacar o que há de social na produção deste tipo de memória dos indivíduos, localizando neste tipo de fonte um campo estratégico para a exploração de um tema "clássico" nas ciências sociais, qual seja, o da relação entre indivíduo e sociedade.”¹⁸

A utilização de variadas fontes documentais extraídas do acervo pessoal de Vianna Moog surge como sinalização de outra característica presente na abordagem do autor, que são as diferentes expressões que apresenta na produção escrita. Em determinado momento nos reportamos ao literato ou romancista, no momento imediato quem se apresenta é o ensaísta ou, por vezes, o cronista de jornal. Sem contar os relatórios escritos e enviados ao governo brasileiro, em que nos deparamos com o representante político, algo como um “diplomata”. Nesse sentido, Priscila Fraiz, ao estudar o arquivo de Gustavo Capanema, salienta a construção de uma subjetividade com a finalidade de afirmar certa identidade.

No caso específico de Capanema, tenho pretendido mostrar que a tentativa de constituição de sua identidade será buscada, igualmente, no ato de organizar seu arquivo, num movimento simultâneo ao da escrita. Não é preciso insistir no fato de que a construção de um arquivo pressupõe o ato da escrita ou que a escrita precede o arquivo. Contudo, convém lembrar que um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular, como também a acumulação de discursos de outros. Ou seja, é também pela acumulação de discursos produzidos por terceiros que Capanema busca construir sua identidade, realizando esse movimento simultâneo: produz seu próprio discurso mediante a apropriação, pela escrita, de outros discursos, ao mesmo tempo em que acumula organizadamente tantos outros que lhe servirão para a mesma finalidade.¹⁹

Esse modo de observação das diversas faces do autor talvez sirva mais como forma de identificação do texto em questão, ou ainda, como ferramenta que permite situá-lo no meio em que está inserido, seja entre intelectuais contemporâneos de geração, seja no meio

¹⁸ Idem, p. 3.

¹⁹ FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, Vol. 11, n. 21, 1998. p. 69.

jornalístico, ou político, em detrimento de uma expressão que vise enquadrá-lo numa determinada condição pré-estabelecida e reconhecida como sendo unicamente do romancista, do ensaísta, do cronista. A este respeito Edward Said diz que devemos “falar de intelectuais precisamente como aquelas figuras cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido.”²⁰

Talvez a atribuição da condição de intelectual à Moog corresponda a essa afirmação de Said, de modo que parece difícil enquadrá-lo em determinados compartimentos ou categorias, como se em determinado momento o romancista deixasse de pensar como ensaísta, ou como cronista.

O não enquadramento definido numa determinada chancela aparece ainda em sua condição de ensaísta a qual contempla a possibilidade de movimentação entre diversas áreas do conhecimento, contrariamente ao que seria um enfoque localizado ou especializado. Em última análise, essa era uma característica do intelectual na geração de Moog. No dizer de Russel Jacoby²¹, o intelectual norte-americano das primeiras décadas do século XX se comunicava com um público que se permitia o tempo necessário para escutar debates radiofônicos, por exemplo. Algo semelhante ocorria no Brasil, em que uma parcela da sociedade (letrada) também se informava por meio de jornais, revistas e livros.

Diferentemente dos tempos atuais, em que as universidades ou os institutos de pesquisa praticamente centralizam a produção intelectual, a geração de Moog gozava de certa liberdade produtiva, daí a circulação por diversos espaços das letras, como literatura, ensaísmo ou crônica.

Em face disso, a análise aqui proposta, será conduzida em quatro capítulos, conforme segue.

No primeiro capítulo, procuraremos analisar a inserção de Vianna Moog no meio literário e intelectual brasileiro, bem como sua trajetória nos diversos espaços, especialmente nos políticos e de sociabilidade, como cargos de representação brasileira no meio internacional. Para tanto levantamos uma série de questões, tais quais: Como a formação

²⁰ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12.

²¹ JACOBY, Russel. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 19.

intelectual de Vianna Moog se expressa em suas reflexões políticas? De que forma ele expressou seu descrédito quanto a teorias sociológicas ou historiográficas, consideradas por ele, como unilaterais ou enrijecidas?

Se a história não é apenas uma consequência da geografia, como insinua Ratzel, que será então? Será o progresso indefinido, como queria Spencer? Simples marcha dos povos, partindo do estado teológico para chegar ao estado positivo, através do metafísico, como assegurava Augusto Comte? Tese, antítese e síntese, como sustentava Hegel? Simples estrutura do fator econômico, como juram os marxistas de mão estendida sobre O Capital, de Karl Marx?²²

Vianna Moog parece transitar na fronteira entre a sociologia weberiana, a antropologia, a literatura e a filosofia, especialmente quando se expressa no terreno intelectual. Exemplo disso aparece na sua reflexão política, em que discute a formação do Brasil e dos Estados Unidos²³.

Segundo Jessé de Souza, o discurso de Vianna Moog está alinhado ao entendimento de Max Weber, para quem o racionalismo ocidental, como o conhecemos, está relacionado com a religiosidade ocidental. Segundo este entendimento, ao calvinismo teria cabido a liderança nas grandes mudanças culturais dos países capitalistas e na condução de uma vida mais ascética, enquanto ao catolicismo caberia a defesa de outra concepção de divindade, mais próxima do desejo contemplativo, de uma tendência ao ócio²⁴. Diante disso, Vianna Moog se posiciona em favor do pensamento reformista quando o tema em discussão é o sentido de modernização e desenvolvimento de países ocidentais, em especial o Brasil. Entretanto, quando a abordagem ressalta a positividade do espírito contemplativo ou da mestiçagem da sociedade, a opinião de Moog aparece mais alinhada com o que ele mesmo atribui ao catolicismo.

Um dos autores que permite uma interlocução acerca da atuação de Vianna Moog enquanto parte do grupo de intelectuais que “pensou o Brasil” nas décadas centrais do século XX é Sérgio Miceli²⁵. Ao discutir a formação dos intelectuais brasileiros, Miceli alude, entre

²² MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 50.

²³ Um exemplo dessa discussão aparece no texto *Humanismo e Tecnologia*, em que Moog retoma a análise de pensadores europeus como Jean Jacques Rousseau, Thomas Morus e Thomas Campanella para discutir a questão do índio americano e brasileiro e sua disposição diante do Estado.

²⁴ SOUZA, Jessé. *O malandro e o protestante*. Brasília, DF: UNB, 1999. p. 19 a 37.

²⁵ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 215, 217 e 218.

outros temas, à sua relação com a Academia Brasileira de Letras, com o Estado e com o governo, precisamente o de Getúlio Vargas. A respeito dos intelectuais eleitos para a Academia no período de 1930 a 1945, o autor assinala que, do total dos trinta acadêmicos eleitos, dentre eles Moog, 70% pertenciam a diversos escalões do serviço público no Brasil, notadamente aos mais altos estamentos burocráticos.

A análise de Miceli sugere, no entanto, que no caso dos intelectuais selecionados para a Academia, havia um sentido de troca mais pronunciado, e a intenção do Estado era utilizar os servidores desta qualidade com fins de fazê-los celebrar os interesses da nacionalidade por meio do empreendimento cultural, como se quisesse questionar: “literatura nacional, que outra coisa é senão a alma da pátria”?²⁶ Em troca, os autores tinham garantidos diversos benefícios que variavam de remuneração financeira, possibilidade de inserção num círculo de notáveis, ingresso ao seletivo plantel das grandes editoras, como a José Olympio, além da oferta de prêmios e condecorações²⁷.

Outro autor que permite dialogar com este período é Fernando de Azevedo, especialmente com a obra *Cultura brasileira*²⁸. Neste texto Azevedo constrói um breve histórico da intelectualidade brasileira ao analisar diversos personagens e intérpretes da formação cultural brasileira, como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Gilberto Amado e Ruy Barbosa. Dentre os temas estudados por Azevedo, figura a ascensão do bacharel no interior de uma sociedade ainda marcada pelos reflexos do período colonial e pela ruralização. Tributários de um novo estilo de vida, valorizada pela educação universitária e pelos ideais liberais e republicanos, os bacharéis, detentores do título de “doutores”, acabavam se aproximando do poder político e da intelectualidade.

Em certo sentido, Vianna Moog parece ajustar-se a este contexto, uma vez que sua inserção no meio político e intelectual ocorreu após sua diplomação na faculdade de Direito de Porto Alegre em 1929. Seus escritos inéditos, bem como as publicações jornalísticas de sua

²⁶ Citado por CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 367.

²⁷ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 217. Sobre o mesmo tema, Lúcia Lippi de Oliveira salienta: “vale notar que a separação entre cultura acadêmica e esfera pública, muito mais radical nos Estados Unidos, não se apresenta tão profunda no Brasil, onde a ideia de missão salvadora do intelectual tem lugar, mesmo que tenha sofrido alterações”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Os Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 37.

²⁸ AZEVEDO, Fernando. *Cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1963.

autoria, ou versando a seu respeito, parecem anunciar um advogado disposto a lançar-se em outros segmentos da vida urbana, como a do jornalismo, do serviço público, da vida política e literária, o que viria ocorrer ao longo do tempo. Esse leque de atuação parece ajustar-se a uma perspectiva flexível de Vianna Moog, cujas possibilidades de convívio e reconhecimento da diversidade cultural brasileira, diálogo com autores e políticos de seu tempo, concorreriam positivamente no sentido de firmar um olhar tributário a necessária modernização brasileira, fazendo lembrar, com isso, a simbologia de Aleijadinho. Todavia, motivado pela mesma circulação entre a crônica de jornal, o debate político, a produção de textos literários ou ensaísticos, Moog acabaria acessando outra via de relacionamento na sociedade brasileira, a qual pouco se vê compromissada com uma lógica burocrática racionalizada. Ao invés disso, mais vale a projeção no desvio, na aresta da legislação, a exemplo da malandragem ou do mazombo, ambos mencionados pelo próprio autor quando fala da ação escorregadia pelo jeito, pelo jeitinho brasileiro, bem como faz Malazartes. Moog não só reconhece esse artifício, como o descreve e, por vezes, se vale dele, seja no terreno intelectual ou político.

Essa variação oportuniza o desenvolvimento da pesquisa numa diversificada variação de análises acerca da formação cultural brasileira, conforme o autor faz publicar no decorrer do tempo, somado a discussões com escritores de seu tempo. Além disso deparamos com debates mantidos por meio de relatórios, cartas ou conversações com autoridades do meio político brasileiro em torno de questões propriamente políticas ou particulares, de modo que a tensão entre opositores acaba, muitas vezes, cedendo espaços à perspicácia de quem melhor expressa suas razões ou suas manhas.

A respeito das inovações que a década de 1930 projetava, e em meio às quais Moog estava inserido, José Carlos Reis menciona uma nova consciência que abordava o Brasil em suas peculiaridades formadoras²⁹. Alfredo Bosi, no mesmo sentido, indicou os expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922 como partidários do desejo de (re) construir o Brasil³⁰. Flávio Loureiro Chaves³¹ diz que o país acessível ao progresso é o mesmo que ainda reconhecia sinais de uma civilização arcaica nos anos de 1930.

²⁹ REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 118.

³⁰ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 344 e 345.

³¹ CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 15.

Assim, o pensamento literário de Moog surgiu no interior de uma nova perspectiva, a qual se voltava para o romance de cunho social e alinhado com as ciências sociais e, por extensão, com as reflexões que assumiam caráter acadêmico na recém-fundada Universidade de São Paulo³². Nesta leitura contribuem as afirmações de Antônio Cândido³³ e Thomas Skidmore³⁴.

Como fonte primária de pesquisa utilizaremos, neste capítulo, publicações jornalísticas, sobretudo inúmeras crônicas assinadas pelo autor em diferentes jornais. Esses textos situam o momento em que Moog conciliava as atividades de estudante de graduação na área do Direito com a expressão analítica da sociedade brasileira realizada em textos jornalísticos, na virada da década de 1920 a 1930.

No segundo capítulo, questionamos como Vianna Moog construiu sua inserção em determinado círculo e como dialogou com os demais intérpretes do Brasil, caso de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, além de autores e políticos contemporâneos de sua geração, como João Neves da Fontoura³⁵, Lindolfo Collor, Espártacus Vargas, Dionélio Machado, Manoelito de Ornelas, Moysés Vellinho e Érico Veríssimo.³⁶ Neste caso, a coletânea de cartas enviadas e recebidas pelo autor e livros inconclusos, como “*Cartas ao Itamaraty e Lindolfo Collor*” e a “*Revolução de 1930*”, servem como instrumentos importantes na análise, uma vez que registram a conjuntura intelectual daquela geração e a realidade política na qual o autor estava inserido.

Conforme salientamos, existem poucos trabalhos empenhados em abordar a produção de Vianna Moog, o que acaba por dificultar a possibilidade de analisar o diálogo do

³² Alfredo Bosi afirma: “Na década de 30, mais moderna do que modernista, (...) iria assumir o devido lugar com o advento de pesquisas antropológicas sistemáticas: uma nova visão do Brasil sairia dos ensaios de Artur Ramos, Roquette Pinto, Gilberto Freyre, Caio Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo.” BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 428.

³³ Citado por CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 367.

³⁴ SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 33. Ver também, OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 19.

³⁵ João Neves da Fontoura foi grande amigo de Moog e um de seus maiores interlocutores, notadamente no período em que esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores no segundo governo de Getúlio Vargas.

³⁶ Neste sentido, Moog produziu uma grande quantidade de cartas em que dialoga com esses autores. Com Érico Veríssimo, a conversa vai além da correspondência por cartas. A discussão se faz presente em discursos, conferências e livros, especialmente em relação ao período em que estiveram nos Estados Unidos na década de 1940.

autor com sua geração por outros ângulos ou por vias inversas. Nossa discussão, neste caso, talvez seja viável a partir da leitura feita de trabalhos cuja temática recorre à história intelectual, ou faça referência à história dos intelectuais, a exemplo de Ângela de Castro Gomes no texto *Essa gente do Rio...*³⁷. Neste trabalho, a autora contempla uma geração de intelectuais e sua relação com a cidade do Rio de Janeiro no decorrer das décadas de 1920, 1930 e 1940, destacando o debate acerca da identidade brasileira, as possibilidades de modernização e desenvolvimento do país e as contradições ou virtudes legadas pelo iberismo brasileiro. Esses temas, como veremos, são recorrentes na documentação inédita de Moog, bem como em seus livros.

Ângela de Castro alerta que seu estudo não visa nomear os autores da geração em foco. Ao invés disso, opta em centralizar a produção simbólica da mesma, situando-a no contexto urbano do Rio de Janeiro, então a capital do Brasil. Neste caso, a aproximação com a análise de Moog parece maior, pois mesmo sendo gaúcho, o autor estreitou laços de convivência com a capital brasileira a partir dos primeiros anos da década de 1930, ocasião em que militava no meio político por meio da Aliança Liberal de Getúlio Vargas. Esta era também a época em que ele começaria a publicar seus primeiros romances. Logo, Moog já fazia parte da mesma geração analisada pela autora.

As fontes primárias básicas para a investigação desse capítulo privilegiam, além da crônica de jornal, outras fontes de consulta, como as cartas emitidas e recebidas pelo autor, somadas a relatórios de participações em eventos internacionais. Lembramos que este foi o momento em que ele atuou de forma a produzir tais textos. Ou seja, estas fontes se constituem na medida em que Moog vai ampliando sua inserção em diversos espaços de pertencimento intelectual e político, como na sua eleição para a Academia Brasileira de Letras e ingresso no governo federal na condição de representante político em organismos internacionais.

No terceiro capítulo discutimos a metodologia empregada por Vianna Moog em alguns de seus textos mais importantes, isto é, a análise comparativa de que se vale quando observa, num primeiro momento, o Brasil e sua diversidade regional. Num outro passo, ele amplia o enfoque e observa a formação cultural brasileira frente à sociologia norte-americana.

³⁷ GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio...* Rio de Janeiro: FGV, 1999.

Isto lhe parece mais visível na medida em que reconhece a chegada dos Estados Unidos à vanguarda das nações modernas, enquanto o Brasil lhe parece atrasado e com futuro incerto.

A comparação estabelecida por Moog entre Brasil e Estados Unidos remonta ao estreitamento das relações entre os dois países a partir da década de 1930, o que possibilitou a construção do olhar em mão dupla entre as duas nações. Enquanto Vianna Moog visitou a sociedade norte-americana e por lá residiu, acadêmicos e intelectuais norte-americanos vieram conhecer e estudar o Brasil. Por isso, o olhar de Vianna Moog parece visualizar “dois Brasis”,³⁸ (um desejado e outro real), um moderno e desenvolvido, conforme o modelo norte-americano, e outro que se mantém retido no atraso da tradição ibérica. Como parte desse debate, o autor aborda conceitos acerca de razão, desenvolvimento, progresso, Estado nacional, identidade, miscigenação, liberdade e ócio. Em certo sentido, esse debate se prolonga acerca da modernidade enquanto conceito, um pouco como sugere Beatriz Domingues ao salientar a ausência de homogeneidade na modernidade de europeus reformadores e ibero-americanos.

Ainda que seja possível falar em "Renascimentos" anteriores, durante os séculos medievais, o sentimento de renascer que o século XVI presenciou adquiriu uma forma e uma força singulares. Mas não foi de forma alguma um sentimento homogêneo nem culminou no mesmo "modo" de modernidade. Na sua vertente principal, culminou no que Vaz (1991:158) denominou "modernidade moderna"; em outra vertente, culminou no que estou denominando "modernidade medieval". A primeira seria aquela chamada em geral simplesmente de modernidade, e a segunda foi uma alternativa contemporânea a ela que se constituiu no mundo ibérico e ibero-americano.³⁹

Avaliações sobre o período inicial da carreira de Moog, que corresponde à época de maior aproximação entre Brasil e Estados Unidos (décadas de 1930-1940), aparecem nas discussões desenvolvidas por Mirian Jorge Warde⁴⁰ e Lúcia Lippi de Oliveira⁴¹. Uma das consequências dessa aproximação levaria ao contexto que mais tarde faria de Moog um representante brasileiro nos Estados Unidos e na ONU, isto é, um intelectual, de alguma

³⁸ Exemplo desse olhar aparece no discurso *A integração psico-social do povo brasileiro*, pronunciado em 20 de setembro de 1959, em que Moog repassa questões como a paisagem brasileira, a religião católica, a língua portuguesa, a miscigenação da sociedade, a relação Brasil e Portugal, o latifúndio e a economia.

³⁹ DOMINGUES, Beatriz Helena. *Estudos Históricos*. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano. Rio de Janeiro, 1997. p. 197.

⁴⁰ WARDE, Mirian Jorge. *Americanismo e educação: Um ensaio no espelho*. Scielo. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200006&script=sci_arttext&tlng=pt. p. 38. Consultado em 10 de abril 2005.

⁴¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A ilusão Americana. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org). *Um Banquete no Trópico*. São Paulo: Senac, 2001. pp. 134-150, p. 136.

maneira, requisitado pelo governo brasileiro e colocado ao seu serviço. Numerosas cartas⁴² e relatórios testemunham este momento da vida de Vianna Moog e versam sobre os temas acima citados. Em 09 de maio de 1950, por exemplo, ele escreveu a João Neves da Fontoura, ministro das relações exteriores do governo brasileiro, exaltando sua própria participação em debates da ONU.

Moog se mostra inserido no debate travado entre os partidários da virtude de uma tradição pautada no iberismo e aqueles que a condenam em nome da “modernidade”. Este debate entre a tradição ibérica e a modernidade pode ser percebido já em autores contemporâneos de Moog, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Ele próprio se vale da relação com a ONU e com os Estados Unidos para posicionar-se frente a ele.

Se menos desenvolvido era o Brasil, porque seu desenvolvimento ocorreria apenas em “progressão aritmética”, isto decorria de sua tradicional herança ibérica. Moog entendeu que o avanço da modernidade e desenvolvimento norte-americanos ocorria em “progressão geométrica”, e atribuía como razão disto o pensamento moderno, tributário de uma formação cristã reformada. Assim, o autor segue a ótica de Sérgio Buarque de Holanda, segundo a qual o não desenvolvimento brasileiro se deve à estruturação da sociedade num tripé decorrente do iberismo: “aventura, desvalor do trabalho e catolicismo conservador”⁴³.

Entretanto, isto não significa dizer que Moog e Freyre se expressavam em sentido oposto. A análise de suas obras, bem como da correspondência que trocaram, indica diversos pontos de encontro em ambos, como é o caso da positividade na miscigenação brasileira, da herança lusitana na religiosidade, na construção de um convívio social isento de xenofobia.

Ao analisar o cruzamento destas discussões, Mozart Linhares⁴⁴ assinala que a relevância atribuída por Freyre e Moog, em certo sentido, em favor do iberismo, condiciona, por

⁴² Ângela de Castro Gomes assinala que “cartas são necessariamente escritas para um destinatário, seja uma única e particular pessoa, seja um conjunto maior de leitores, conhecido ou não pelo remetente que, por sua vez, também pode ser um indivíduo ou coletivo. Mas, de maneira geral, cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um pacto epistolar, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos. GOMES, Ângela de Castro. *Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de letras, 2005. p. 07.

⁴³ SILVA, Mozart Linhares. *Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre*. In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia, 2003, p. 85.

⁴⁴ Idem, p. 22-23.

um lado, a cordialidade, a intimidade e a tendência à sociabilidade. Por outro, ela inviabiliza o acesso à modernidade idealizada segundo o cânone europeu, uma vez que esta resulta de uma ideia de individualização, que permite a formalidade jurídica nas relações pessoais e sociais.

Como veremos, o indivíduo e as relações sociais no Brasil constituem algumas das temáticas mais estudadas por Moog, sobretudo na comparação com o que ele entendia marcar a trajetória dos Estados Unidos. O desenrolar dessas discussões remete a uma das propostas desse capítulo, que é discutir a percepção de Moog sobre uma das crises da modernidade revelada pelo excessivo utilitarismo. Em razão disso, dessa crise, o autor passa a ressaltar as virtudes do ócio, da relativização do valor do trabalho produtivo, do “desajustamento psicológico”, causado pela razão quase absolutista do trabalho e do utilitarismo vivenciada pela sociedade norte-americana.

O tema não se esgotou ou perdeu sua validade, como se pode perceber no debate transcorrido entre Richard Morse e Simon Schwartzman ainda nos anos de 1980. Para Morse, na Ibero-América existe um “sentido histórico comprometido com a sensibilidade, a solidariedade e, sobretudo, a capacidade assimilacionista em oposição ao modelo dos Estados Unidos”⁴⁵. Para Beatriz Domingues,⁴⁶ Richard Morse (1982:35) identificou uma perspectiva de liberdade nos países ibero-americanos por duas razões, a de não terem participado das revoluções religiosas e científicas, e de evocarem a inspiração da tradição medieval pluralista remanescente da cultura greco-romana, cujos efeitos se revelam, por exemplo, na dificuldade de afirmação do individualismo moderno, princípio caro à modernidade ocidental.

Lúcia Lippi diz que as reflexões de Morse tendem a contrastar as duas civilizações para concluir que os Estados Unidos estariam imersos numa crise para qual não haveria saídas; daí seu desapontamento com a moderna sociedade individualista e racional. Esses fatores, diz a autora, constituem, por certo, a motivação principal de Morse em eleger o iberismo como alternativa para o seu país⁴⁷.

⁴⁵ MORSE, Richard. Uma entrevista com Richard Morse. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.3, p. 77-93, 1989.

⁴⁶ DOMINGUES, Beatriz Helena. *Estudos Históricos*. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano. Rio de Janeiro. ano 1997. p. 197.

⁴⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 51.

Contra o pensamento de Richard Morse, ecoou o discurso de Simon Schwartzman⁴⁸. Para esse autor, Morse cometeu grave equívoco ao resgatar fundamentos históricos no mundo hispânico – como aparece na primeira parte do livro “Espelho de Próspero” (1988) – e aplicá-los ao contexto latino-americano, visando uma conotação de que “nós somos superiores, [de que] temos o segredo da vida e do futuro”...) “Sua visão é idealizada”⁴⁹, diz ele. Ainda para Schwartzman, Morse se fez acreditar na inverdade de que a contemplação dos ibéricos no espelho norte-americano os fazia perder sua essência, pois tal essência, na verdade, residia no seio da própria América Latina. A divergência entre Morse e Schwartzman reflete, em certo sentido, um pouco do desafio a que se submete o historiador ao abordar tal temática. Nesse sentido Beatriz Domingues diz que “é grande o desafio com que se depara o historiador que se aventura a tentar compreender a modernidade ibérica e ibero-americana, pois trata-se de uma cultura católica que não passou pela Reforma nem separou claramente ciência de religião.”⁵⁰

Para desenvolver o objetivo proposto nesse capítulo iremos recorrer ainda a documentos originais como cartas, relatórios enviados pelo autor ao Chefe do Itamaraty, coletâneas de cartas enviadas e recebidas, bem como livros inconclusos, em que o autor aborda inúmeras temáticas nas áreas políticas, sociais e culturais.

No quarto capítulo, nos ocupamos em analisar o relativo declínio do prestígio intelectual a que foi submetido Vianna Moog, especialmente a partir da década de 1960. Na segunda metade do século XX, Vianna Moog não gozava a mesma visibilidade que tivera antes no circuito intelectual. Os sinais disso aparecem nos reduzidos debates intelectuais de que participou, bem como na sua baixa produção escrita. A rigor, a grande maioria das publicações editadas do autor está registrada entre as décadas de 1930 e 1950. Além desses dois indicadores, podemos acrescentar ainda uma sensível redução na produção e emissão de correspondências a intelectuais de seu círculo de pertencimento, ao contrário do que fazia em tempos anteriores.

⁴⁸ Lúcia Lippi de Oliveira apresenta a discussão entre Morse e Simon Schwartzman acerca do iberismo e modernidade em três blocos, ou três *rounds* como ela define. No primeiro *round* Schwartzman elabora sua discordância em relação ao discurso de Morse. Em seguida, o autor de *Espelho de Próspero* retoma a defesa de sua obra, ao mesmo tempo em que protesta contra as declarações de seu opositor. Por fim, Schwartzman apresenta sua tréplica ao reafirmar seu antagonismo em relação às virtudes do iberismo advogadas por Morse. *Idem*, p. 55-67.

⁴⁹ SCHWARTZMAN, Simon. *O Espelho de Morse*. Novos Estudos CEBRAP, volume 22, p. 185-192, out 1988.

⁵⁰ DOMINGUES, Beatriz Helena. *Estudos Históricos*. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano. Rio de Janeiro, 1997. p. 196.

Dessa maneira, a análise buscará compreender alguns aspectos implicados nessa nova realidade, cuja possibilidade de aproximação com os movimentos das ciências sociais, a exemplo da ampliação dos meios acadêmicos e o surgimento do intelectual universitário, em detrimento do intelectual ensaístico, pode se mostrar profícua. Além disso, há outras possibilidades de investigação e associação com o tema, caso dos debates em torno da modernidade em sua configuração assinalada nas últimas décadas pelo prefixo “pós” (pós-modernidade) ou pela “crise” (crise da modernidade), conforme abordagem de autores como Stuart Hall⁵¹, Zigmunt Bauman⁵², Homi Bhabha⁵³, Alain Touraine⁵⁴.

Para analisar a crise da modernidade, tema discutido por Vianna Moog em suas conferências proferidas na ONU e OEA, bem como nos relatórios enviados por ele ao governo brasileiro, utilizaremos alguns recursos da história intelectual, como parte da fragmentação do conhecimento da cultura ocidental e a progressiva especialização do saber. Franklin Baumer⁵⁵ afirma que a história das ideias não somente reconhece a especialização, como atua visando a inter-relação, como se abrisse portas nos muros do saber fragmentado.

Neste capítulo, iremos utilizar fontes relacionadas também com a produção pessoal e profissional do autor, cujo destaque recai sobre a coletânea de correspondências enviadas e recebidas, textos publicados e inéditos e relatórios endereçados ao Itamaraty.

⁵¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁵² BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁵³ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

⁵⁴ TOURAINE, Alain. *A crítica da modernidade*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

⁵⁵ BAUMER, Flanklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Rio de Janeiro: edições 70, 1977. p. 19.

Capítulo – 1

A PROJEÇÃO INTELECTUAL DE VIANNA MOOG NO DIÁLOGO COM LEITORES, AUTORES E POLÍTICOS

Tenho cá minhas razões para acreditar que a nossa época há de ser ainda profundamente revolvida e estudada. Primeiro por ser uma época de transição e, secundariamente, pelo forte motivo de que os historiadores têm revelado até aqui mórbida curiosidade pelas fases em que um ciclo histórico se encerra e outro se inaugura. Como nada indica que eles venham a mudar, o que seria contrário à natureza das coisas, é mais do que provável que este momento do mundo, do Brasil e do Rio Grande do Sul, seja vastamente vasculhado no futuro. (Vianna Moog, 1938)

Considerado um dos intérpretes do Brasil⁵⁶ e tributário da geração de 1930-1950, Clodomir Vianna Moog publicou seus primeiros escritos (crônicas de jornais) por volta de 1927. Posteriormente, Moog tornou-se romancista e ensaísta com visibilidade nacional e internacional, sobretudo com a publicação de *Um rio imita o Reno*, em 1938. Nas décadas seguintes, ele ocupou diferentes espaços no cenário das letras no Brasil, produziu romances, biografias, ensaios e tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. No exterior, assumiu cargos políticos como representante do Brasil em organismos tais como a Organização dos Estados Americanos, a Delegacia do Tesouro nos Estados Unidos e a Organização das Nações Unidas. Mesmo assim, seus escritos e acervo literário foram pouco explorados no meio acadêmico e intelectual brasileiro.

A ideia central nesse capítulo é a de analisar os escritos de Vianna Moog à luz da história intelectual e história dos intelectuais. Interessa também avaliar os caminhos percorridos pelo autor nos anos em que iniciou sua trajetória de escritor e intérprete da realidade brasileira. Neste sentido, estaremos atentos ao quadro de referências intelectuais em que ele pode ter se formado, bem como aos papéis sociais que eram atribuídos a aqueles que, como Moog,

⁵⁶ Dentre as definições atribuídas a Vianna Moog, há uma de Gilberto Freyre que exalta a capacidade interpretativa do ensaísta em relação à formação brasileira. Crônica publicada “Jornal do Brasil.” RJ, 06 abr. 1955. Também no sítio: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/vianna_moog.htm.

apresentavam-se no cenário nacional na qualidade de seus analistas, seja em crônicas e ensaios, romances e contos.

1. Vianna Moog em seus Primeiros Escritos: Sinais do Intelectual em Paralelo à Historiografia

As últimas décadas do século XX registraram o retorno do intelectual enquanto objeto de estudo às ciências sociais. O intelectual sai do “ângulo morto da pesquisa”, diz Jean François Sirinelli (2004). Este renascimento corresponde ao interesse renovado notadamente pela História política, pelas elites políticas e pelo voto; daí o reencontro com o universo da história dos intelectuais.

Entretanto, a ascensão do intelectual na esteira da história política tal como propõe Sirinelli (2004) não corresponde à ação propriamente do intelectual no meio social nesses últimos tempos.

Os registros parecem denunciar a “ausência dos intelectuais”, conforme o questionamento de Russel Jacoby⁵⁷: “onde estão nossos intelectuais”? No mesmo sentido Aduino Novaes lamenta “O silêncio dos intelectuais”⁵⁸, enquanto Elide Bastos e Walquíria Rego⁵⁹ dizem que o papel do intelectual foi deslocado pela força do mercado e pela mídia. Essa questão da “crise” dos intelectuais será retomada no quarto capítulo desse trabalho. Por enquanto tentaremos observar a adequação deste objeto de estudo - o “intelectual” - trazido pela história política para o centro da historiografia, e seus possíveis cruzamentos com a história cultural e social, além da própria história intelectual. Segundo Sirinelli,

foi, de fato, a partir da segunda metade da década de 1970 que a história dos intelectuais começou a superar sua indignidade e que pesquisas em andamento ou já publicadas adquiriram legitimidade científica e, aos poucos, mereceram o interesse da corporação dos historiadores. Aqui também as causas do fenômeno são múltiplas, algumas delas, novamente, ligadas unicamente à história dos intelectuais, outras relacionadas mais amplamente à evolução dos status da história política e da história recente.⁶⁰

⁵⁷ JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 09.

⁵⁸ NOVAES, Aduino. (org). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

⁵⁹ BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão. A moralidade do compromisso. In: BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão (orgs). *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 14.

⁶⁰ SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In: RENÉ, Rémond. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270. p. 237.

Enquanto essa realidade se faz presente na atualidade, retrocedemos o olhar à década de 1930, época em que Vianna Moog estreava seus primeiros escritos no meio intelectual. Apesar de não evocar uma identidade de historiador, o então aluno do curso de Direito de Porto Alegre publicava sua primeira crônica de jornal, cuja temática anunciava o claro sentido de ascender ao meio intelectual e tomar partido nos debates da época, de modo a evitar, já naquele tempo, o “ângulo morto da pesquisa”. Nessa crônica o autor, propositadamente ou não, menciona o tema político ao salientar a eleição presidencial do Rio Grande do Sul, ocorrida no ano de 1927.

Pouco falta, para que mais um desses fatos periódicos, na vida das democracias representativas, venha não somente confirmar, à luz meridiana das realidades iniludíveis, a pujança e a força inelutáveis do partido republicano riograndense, se não também assinalar, ao longo de sua história diamantina, um dos seus marcos imortais. (...) Os candidatos eleitos, Drs. Getulio Vargas e João Neves da Fontoura, impuseram-se pelos méritos, virtudes e talentos inconfundíveis, qualidades que bastam para que se possa entrever, que serão dignos continuadores de uma obra benemérita. Aliás, a necessidade indeclinável de continuidade administrativa, formal de se canalizar energias possivelmente inúteis em sua ação dispersiva, o Dr. Getulio Vargas já a proclamou em sua magnífica plataforma de governo, a qual é bem o espelho fiel de uma mentalidade de escol. Há! S. Ex. não se socorre de evasivas, nem de reticências disfarçadas no carnaval de palavras ressonantes; ao invés, franca e decididamente anulava com a segurança do sociólogo e do estadista as necessidades do momento, tudo varando no estudo claro e sóbrio dos que se habituaram a prolongar a palavra até às ações. (...) A estes dois cidadãos Drs. Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, contou o Rio Grande do Sul, em boa mão seu destino. Depositamos nesses dois ilustres riograndenses, a melhor e mais confiante esperança. Por certo saberão estar ao nível da alta investidura, um exemplo de elevação moral e cívica, sustentando o velho modelo de liberdade e tolerância, que são nossas instituições, fazendo de nossas leis a bíblia da razão e da verdade, de nossas realizações uma sementeira de progresso. (...) Um partido como o Republicano Riograndense, organismo dentro dos cânones da mais sadia e consciente disciplina, que acode sem timidez nem vacilações ao rebate do comando, tanto para os prelos pacíficos das urnas, como para os cruentos na defesa do regimen, jamais soube o que são crises de homens.⁶¹

No ângulo vivo em que o jovem Vianna Moog encaminhava sua visada intelectual, provavelmente pouco sentido causava-lhe a movimentação fronteira entre a historiografia e as ciências sociais, no princípio dos anos 30. Se por um lado, a história buscava ascender a novos objetos de estudos, o que faria com a inauguração da Escola dos Analles, e com isso garantia maior visibilidade ao território do historiador, por outro, não reunia instrumentos que permitissem breçar ou desqualificar a produção de outros estilos de análise da própria história, como a ensaística, por exemplo.

⁶¹ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-6, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.

Vianna Moog se vale desse recurso, o ensaio, e publica também em forma de crônica seu discurso realizado como orador na formatura de sua turma de direito.

A inexistência de formações partidárias, como princípios e ideais definidos, em quase todos os quadrantes do território brasileiro, o mais que pode dar como resultado são movimentos apaixonados em torno de personalidades, que cessam logo que os homens possuem. E a luta, deste modo, que deverá ser exclusivamente cívica, degenera em comemoração a caudilhismo e não tarda que a fé cívica das populações se fatigue, comprometida pelo ceticismo dissolvendo-se em apatia. (...) na cátedra, na tribuna, no jornal, nas associações e por toda parte que fora dos templos também há lugar para a palavra dos evangelhos, exercitemos com coragem estes deveres, pelos exercícios da pena e da palavra. Dentro do determinismo que dirige os acontecimentos de nossa pátria, o empenho máximo das classes intelectuais deve ser o de integrar a nacionalidade nas suas verdadeiras finalidades, influenciando sobre as massas populares, cujas necessidades devem constituir, no momento, a matéria prima exclusiva de suas elaborações doutrinárias. (...) No dia em que o Brasil organizar a opinião pública, pela formação de partidos nacionais, e a direção das elites intelectuais começar a ser decididamente fecunda provendo a canalização necessária dos esforços individuais, a conjugação e a confluência das energias fazendo cessar o regime de dispersão e da inutilidade, já menos preocupadas com questiúnculas de pragmatismo libertário, quantas vezes vazias de sentido no terreno sociológico, e não mais considerar a atitude política o refúgio dos incapazes, dos cortejadores de posições, dos egressos de todas as sinagogas, dos apóstatas de todos os cultos, mas a recomendar como religião do patriotismo aos homens de boa vontade, capazes de esquecer-se um pouco de si mesmos pelo bem comum, então deixaremos de ser um povo a tatear nas trevas em busca de finalidades salvadoras.⁶²



Colaço de Grau da Turma de Bacharéis em Direito, da Faculdade de Direito de Porto Alegre, em 1929. Vianna Moog é o primeiro da segunda fila, da esquerda para a direita.

⁶² Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-6, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.

Nesse texto, o autor mantém a expressão calcada, também, na abordagem política, e isto não seria por acaso; a circulação pela discussão e participação política se tornaria uma realidade na trajetória de Vianna Moog nos anos seguintes.

O relativo descompromisso do autor com as ciências sociais e a história permite a ele certa liberdade para desenvolver suas ideias, inicialmente por meio da produção jornalística, e posteriormente pela via do ensaio. Todavia, não há grande distanciamento entre os temas abordados por um e por outro, especialmente naquele cenário nacional e internacional movimentado da década de 1930, e por isso destacado no espaço de historiadores, cientista sociais, ensaístas. Tratava-se de temas incomuns e polêmicos para os debates da época: revolução política no Brasil em 30, nazismo, fascismo, desenvolvimento, modernização brasileira e intercâmbio cultural com os Estados Unidos. Talvez por isso, Tristão de Athayde tenha definido Vianna Moog, em 1940, como “um crítico consagrado, ensaísta, pensador, que nos oferece uma série de livros escritos em pouco tempo”⁶³.

Dessa forma, revisitar a temática dos intelectuais, conforme François Sirinelli, remete à alternância vivida pela historiografia nas últimas décadas, num movimento de vai e vem do sujeito, acrescido do surgimento de novos objetos de estudo e como parte da fragmentação dos paradigmas previamente estabelecidos no território do historiador.

Tais inovações apontadas por Sirinelli (2003) sugerem o movimento na historiografia francesa iniciada de maneira mais contundente na década de 1930, período em que Moog iniciava suas publicações. Naqueles anos se iniciava a primeira geração⁶⁴ dos *Annales*, sobretudo em suas ideias originais lançadas na historiografia francesa, as quais apontavam para o afastamento da história considerada “tradicional”, a dos grandes chefes

⁶³ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-2, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.

⁶⁴ Ao discutir a relação de Moog com seus contemporâneos estarei utilizando a noção de geração de Sirinelli, para quem “os efeitos da idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que, por isso mesmo, adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 255. Ver também geração e contemporaneidade em SILVA, Helenice Rodrigues. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 22 e 23.

militares e heróis políticos, em favor da história-problema. No Brasil as inovações historiográficas européias causaram maior impacto somente nas décadas seguintes.⁶⁵

Peter Burke (1997) analisa este contexto pelas três gerações da Escola dos Annales. A partir da década de 1970, período da “terceira geração”, época de que fala Sirinelli, estaria havendo uma ampliação nas fronteiras da história, de modo que a matriz de análise econômica, social e quantitativa dos anos anteriores, cedeu espaços para novos objetos de pesquisa acerca da sociedade e do homem, caso da infância, do sonho, do corpo, da morte e mesmo da renovada história política em seu retorno.

Como já ressaltamos, Moog não se assinava como historiador, mas se permitia o direito de questionar o papel da história seguindo o alinhamento dos mesmos termos debatidos pela historiografia no seu empenho de definir novos rumos para a pesquisa nos anos a partir de 1930. Numa dessas análises, o autor salienta o sentido inexpressivo do historiador em acumular datas, nomes e fatos, uma vez que lhe falta inteligência para descobrir o ritmo capaz de ajustar-se à aspiração das ciências sociais de conhecer para prever, a fim de prover. Com efeito, ele questiona: “que haverá de definitivo na história? Será ela progresso indefinido, segundo o evolucionismo de Spencer? Providencialismo, segundo Bossuet? Decadência continua, segundo Klages? Agitação em torno do amor? Ou simples movimento em torno do instinto de conservação?”⁶⁶

A liberdade concedida a si de analisar o território do historiador e do cientista social talvez corresponda à condição de ensaísta, notadamente em seu desapego a diferentes áreas do saber, como se existisse certa independência no olhar do ensaísta. Pela mesma razão, advoga a primazia de sucessos e acertos à sua área de observação, o ensaio ao passo que à história e às ciências sociais recai o prejuízo de desacertos e insucessos. “Onde, porém, o desencanto devia tomar proporções alarmantes era nos domínios da ciência social. Os seus casos e problemas

⁶⁵ Sobre a diferença de tempo entre as inovações historiográficas e suas ressonâncias no Brasil, Ronaldo Vainfas diz: “a propósito de como os ‘modismos’ estrangeiros não têm uma aceitação imediata, sendo obviamente filtrados de acordo com as condições históricas da recepção no país, vale lembrar (...) o relativo ostracismo a que estavam relegadas as obras de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, talvez os únicos que, em certo sentido, atuaram como precursores de uma história cultural no Brasil.” Observa-se que Freyre e Buarque pertencem à mesma geração de Moog. Eles lançam suas obras e discutem o Brasil, também, nas décadas de 1930 e 1940. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 159.

⁶⁶ MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934. p. 174.

são como cálculos indeterminados nas equações algébricas de alta exponenciação, em que as incógnitas variam umas em função das outras.”⁶⁷

Uma das questões largamente debatidas por Vianna Moog no decorrer de sua trajetória foi a submissão do intelectual e da própria ciência a sistemas quadriculados de observação. No seu primeiro livro, *Heróis da decadência*, essa discussão já aparece. O autor se diz inimigo dos sistemas, embora admita que o homem, por índole, seja um ser eminentemente sistemático. Segundo ele, subordinar a vida a uma concepção global do universo sempre constituiu a mais absorvente de suas cogitações. Além de criticar a submissão aos sistemas, Moog também não vê com bons olhos o desejo de dominação do conhecimento por parte da mesma ciência,

Houve um momento no século XIX em que o desequilíbrio parecia seriamente ameaçado de desaparecer num eclipse definitivo. Foi quando a ciência, deslumbrada de suas certezas, não duvidava esgotar o conhecimento, pela revelação integral das leis que regem os fatos e as coisas do universo. Nesse tempo Augusto Comte surpreendia o nexos existente entre os fenômenos, desde os mais simples e elementares aos mais complexos e transcendentais, logrando classificar as ciências numa escala que vai da matemática à física social.⁶⁸

Rejeição à dependência de formas e normas não era exclusividade de Moog; outros autores contemporâneos seus, como Érico Veríssimo, também eram partidários dessa perspectiva. Segundo Tristão de Athayde, Veríssimo não escondia seu gosto pela

independência, pela flutuação, pela hostilidade a enquadrar-se em uma escola, em um movimento, em um grupo, em um momento social a até mesmo em uma filosofia sistemática ou uma fé religiosa definida. Tem horror as amarras, sejam elas quais forem. Esse gosto da liberdade de movimentos e das aventuras da imaginação, sem quaisquer compromissos de ordem filosófica, política ou estética, é típico do espírito amadorístico. Assim como o é sua vocação extra-literária para a música e para o desenho.⁶⁹

Apesar desse posicionamento contrário de Moog, a tendência de especialização na área das ciências se tornou realidade, acarretando mudanças e alternâncias no terreno dos intelectuais no decorrer do século XX. O próprio Vianna Moog não ficaria isento a tais mudanças, seja como beneficiário delas, seja como deficitário. Naquele momento, início de sua trajetória, a possibilidade do escritor expressar-se de maneira independente a quaisquer

⁶⁷ Idem, p. 175.

⁶⁸ Idem, p. 173.

⁶⁹ ATHAIDE, Tristão. Érico Veríssimo e o machismo. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 84.

áreas do conhecimento, provavelmente, foi benéfico ao seu interesse de projetar seu nome como intelectual no interior da geração. Portanto, na década de 30, Moog estava surgindo para o círculo intelectual, enquanto o outro extremo de sua intelectualidade, nas décadas de 1960-80, correspondente à análise de François Sirinelli, passava por reformulações, uma vez que buscava renascer do ostracismo a que fora submetido.

O mencionado ostracismo da história política e da história intelectual ocorreu com mais veemência no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, (Sirinelli, 2003). Dentre algumas razões que justificam tal afastamento, o autor menciona o temor do historiador em sucumbir junto ao “fogo mal-extinto” dos debates recentes. Além disso, os intelectuais compunham um grupo reduzido, e suas preocupações pareciam pouco significativas frente a uma historiografia comprometida com as “massas”. Ao mesmo tempo, o amálgama desse domínio – o político e o intelectual – se mostrara decisivamente nefasto para o segundo (Sirinelli, 2003).

A virada para o século XXI, portanto, sinaliza para a reversão desse panorama. Segundo Marco Antônio Lopes (2003, p. 9): “a história intelectual ganha evidência a ponto de se tornar desconcertante o número de orientações teóricas surgidas no interior deste domínio. As concepções que delineiam o desenvolvimento da História Intelectual são quase tantas quantos são os historiadores”. Lopes acrescenta ainda o largo campo de estudos que a história intelectual,⁷⁰ antes conhecida como história das ideias, mantém ao longo do tempo, notadamente na historiografia anglo-saxônica, embora suas vozes ecoem outras correntes de análise, como a francesa de Jean François Sirinelli, Michel Winock e Roger Chartier, ou a inglesa, com Quentin Skinner, John Dunn e John Pocok, alinhadas ainda com o segmento norte-americano expresso pelos autores Robert Darnton, Martin Jay e Dominique LaCapra⁷¹.

⁷⁰ A incerteza em localizar a história das ideias e a história intelectual no campo da historiografia também aparece no enfoque de Francisco Falcon, de modo que a expressão “ideias” lhe produz um efeito ambíguo: “que vem a ser exatamente a história das ideias? Uma disciplina que tem as ideias como seu objeto? Ou se trata de investigar a existência e trajetória das ideias, de algumas ideias apenas, quem sabe da própria história?”⁷⁰. Falcon entende que alguma definição mais precisa acerca dessa temática não reside na tradição francesa, mas em outras matrizes historiográficas, caso da germânica, italiana e principalmente anglo-saxônica. Neste sentido, o autor apresenta a definição construída por Robert Darnton, para quem a história das ideias é estudada por quatro disciplinas diferentes: a história das ideias propriamente; a história intelectual (estudo do pensamento informal, climas de opiniões, movimentos literários); história social das ideias e história cultural (estudo da cultura no sentido antropológico). FALCON, Francisco. “História das ideias”. In: VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 92-93.

⁷¹ LOPES, Marcos Antônio. (org). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9.

Se considerarmos, pelo menos provisoriamente, a afirmação dessas possibilidades de fragmentação no território do historiador no final do século XX, cuja base remonta à geração de 1930, ocasião em que a história iniciava seu movimento no sentido de ampliar seus objetos de análise, talvez possamos dizer que Vianna Moog já antecipava esse tempo, uma vez que optava por uma expressão pluralizada como forma de atuação do intelectual em seus espaços.

Os primeiros escritos do autor já anunciavam essa intenção plural, ao mesmo tempo pessoal e social, de modo que a vontade de testemunhar as inquietudes de sua geração parece maior do que a ação meramente narrativa ou descritiva. Há nisso uma interferência ou coexistência das histórias de que fala: a do social, dos grupos, com a sua pessoal, na medida em que não deixaria de projetar-se no meio intelectual em consequência da visibilidade alcançada por seus escritos.

2. Ressonâncias do modernismo

Sob o ponto de vista mais literário, terreno ao qual Vianna Moog iria tributar por longos anos na fase inicial de sua projeção, boa parte dos romancistas da geração de 30 passou a conviver com questões do realismo, ou neo-realismo, socialista ou não, além da incorporação do que as vanguardas do decênio anterior tinham proposto como inovação. A época também acompanhava um grande surto de romances, ligados aos pontos de vistas postos na moda pela sociologia e antropologia, como um triunfo social contraposto às tendências espiritualistas e religiosas. Em razão disso, houve disputas com a formação de um antipólo metafísico e as polêmicas que marcaram o meio, em linhas gerais. Segundo Antônio Cândido,

naquele tempo, 1930 e 1940, alguns modernistas se empenharam na reflexão ideológica ou mesmo na ação, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. E isto nos aproximava deles, porque o nosso entusiasmo pela Semana de 22 era em parte devido ao fato de terem esses próceres feito semelhante evolução, e ao fato de se ligar ao espírito deles o grande poeta político que foi naquele momento Carlos Drummond de Andrade, um de cujos livros, *Sentimento do Mundo*, teve de sair em

edição restrita e privada, e cujos poemas posteriores sobre matéria social circulavam datilografados.⁷²

A Semana de Arte Moderna marcou o surgimento de uma arte que aspirava ser genuinamente brasileira. Havia entre os romancistas desse período um desejo de afastamento das produções importadas da Europa. A ideia de pensar o Brasil conduz a produção literária para a temática nacional; além disto, entende-se que a ação moderna é também social, diz Bosi (1984). Mário de Andrade falava que o momento era de defesa da “arte interessada para os países que estão principiando o seu roteiro dentro da cultura moderna. Reagindo contra a arte pela arte parnasiana, (...) Mário de Andrade revelava um senso de modernidade que transcendia as posições modernistas”.⁷³

Sobre o decênio anterior, marcadamente o período da Semana de Arte Moderna de São Paulo, Beatriz Domingues analisa o trabalho do brasilianista Richard Morse e dele recolhe a seguinte observação:

os modernistas brasileiros prescreviam a retomada simbólica da antropofagia dos índios, uma ingestão ritualística dos estrangeiros e dos seus poderes. Os ensaístas, romancistas e neo-naturalistas constataram que a história não-cumulativa está imersa numa geografia pré-histórica. Os oncológicos perguntavam se os europeus realmente “descobriram” o Novo Mundo ou se a América ainda estava sendo “inventada”. Os realistas maravilhosos imaginam um tempo circular que funde o mito com as circunstâncias atuais. Tudo isto leva a crer que o homem “natural”, anterior ao contrato social, ainda habita a América Latina. Onde encontrá-lo?⁷⁴

Segundo Beatriz Domingues, o discurso dos modernistas brasileiros talvez pudesse oferecer respostas ao questionamento do autor. Isto porque Morse a “considerava em franca sintonia com a conjuntura política e social: não se tratava, nem de longe, de uma (devoração) acrítica da última moda européia, mas de um instrumento ainda útil para se pensar as relações interétnicas formadoras das identidades americanas”⁷⁵.

Em razão disso, os escritos de Vianna Moog, sejam a crônica jornalística, romance ou ensaios, estariam sujeitos, como efetivamente estiveram, à submissão de uma produção

⁷² CÂNDIDO, Antônio. Érico Veríssimo de 1930 a 1970. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 69.

⁷³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 387.

⁷⁴ Citado por DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição: a Modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora: COPPE/UFRJ, 1997.

⁷⁵ Citado por DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição: a Modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora: COPPE/UFRJ, 1997.

ocupada com a beleza, com a retórica, e ao mesmo tempo com a ordem prática. Daí o traçado que se alinha pelo panorama da sociedade brasileira, como faz ao abordar seguidamente temas da esfera política, sem desprezar o regramento do romance e o papel artístico literário da literatura brasileira a partir da década de 1940.

Em boa parte das crônicas e livros de Moog, nos primeiros tempos de sua trajetória, aparecem personagens investidos de papéis sociais cuja habilitação para os debates os faziam presentes em questões pertinentes ao romance da época, que eram de encarnar os dois pólos, a beleza e a ordem prática. Em *Novas Cartas Persas*, o autor transitou nessa dualidade ao produzir inúmeras correspondências num diálogo de três pontas, Brasil, Europa e Pérsia. Por meio dessa construção, Moog pareceu atrair o leitor para os problemas sociais, políticos e culturais da sociedade brasileira, na medida em que a confrontava com os outros dois casos internacionais. Num outro momento dialogou com Érico Veríssimo por meio de cartas sobre os mesmo temas. Veríssimo escreveu-lhe mencionando características que julgava ideais ao romance dos anos de 1930:

Que importa que um romance tenha arte se não tem humanidade? O que importa é a humanidade. Ninguém bocejará se você fizer uma história humana. Deixe de literatura. Faça um romance moderno. O romance deve ser um hino... hino não, é um termo muito convencional, deve ser uma exaltação da coragem, do espírito de camaradagem. Deve ser uma esperança de dias melhores para os que sofrem e para os que lutam... e deve também ser um libelo [...] aos que por egoísmo, por descuido, por ganância ou por qualquer outra razão não compreendem que todos têm o direito de viver decentemente.⁷⁶

A resposta de Vianna Moog ao amigo, colega da mesma geração, salientou a importância do espaço intelectual alargado, de modo que o romancista ou ensaísta de seu tempo não se deixasse levar pela tendência especializadora da intelectualidade, como da mesma forma, não deixaria de evocar a ressonância modernista da década anterior.

Não há como descobrir-lhes o valor exato. Eis porque, códigos, bíblias e constituições. Vêm, um a um, ruidosamente fracassando. Acarreta-lhes a ruína a impossibilidade de acompanhar na vida as oscilações vertiginosas dessas incógnitas exasperantes. Diante disso, será para admirar a intranquilidade contemporânea? Será de causar espanto e surpresa o fato de que a generalidade dos espíritos não possa identificar-se inteiramente com nenhuma doutrina, filosofia ou religião? Não devia ser por outra forma.⁷⁷

⁷⁶ Carta de Érico Veríssimo a Vianna Moog, de 25 de junho de 1936. Pastas 1-2, seção correspondências. Biblioteca Central da Unisinos.

⁷⁷ Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, de 15 de julho de 1936. Pastas 1-2, seção correspondências. Biblioteca Central da Unisinos.

Ao discutir o pensamento de Richard Morse acerca do modernismo brasileiro, Beatriz Domingues salienta que

o que importa é exatamente o fato de os modernistas brasileiros terem sido forçados a absorver e reconciliar, de uma forma bastante complexa, elementos provenientes da Europa com aqueles da tradição e do jeito de ser da nação, a fim de proverem uma compreensão do primitivo, do moderno e da fusão deles. Portanto, não havia como as soluções brasileiras não serem únicas, singulares. E a estética modernista lhe parecia ser aquela capaz de reconhecer tanto as propriedades nutritivas da cultura européia quanto o processo transformativo de apropriação por sociedades periféricas.

Todavia, a produção intelectual de Moog começou quando o modernismo já estava vivendo sua segunda fase, em que o romance se mostrava mais atento à realidade, ao analisá-la e denunciá-la.

O Brasil e o mundo viviam profundas crises nas décadas de 1930 e 1940; nesse momento o romance brasileiro, em grande medida, se colocava a serviço da análise crítica da realidade, seja ela de caráter social, econômico e político. O Nazi-fascismo, a crise da Bolsa de nova Iorque, a crise cafeeira, o combate ao socialismo, eram temas que exigiam dos artistas uma nova postura diante da realidade; uma nova posição ideológica.

Uma das tendências na escrita inicial de Vianna Moog se encaminhou por essa via, uma vez que revela certo realismo acrescido de pessimismo, como fez aparecer nos seus primeiros escritos,⁷⁸ bem como na obra *Novas Cartas Persas*. Neste texto expressa a ironia de modo a desdenhar dos que chama de tolos e maus.

O autor compara o Xá Palevi, conduzido ao poder pela revolução no oriente, ao presidente vencedor de 1930 no Brasil. O leitor adivinha logo, nas sátiras do autor, qual foi, no Brasil, a dinastia prepotente dos Czares... Teerã, nessa obra, é o Rio de Janeiro, cheio de encantamentos no passado. Agora, nos anos 30, amarga desilusão. “Mesaderanenses” são os nascidos no Rio Grande do Sul, capazes de roubar a um cego, de lucrativa peregrinação esmoleira, o “emprego” precioso, diz o autor.⁷⁹

⁷⁸ Ver notas 67 e 68.

⁷⁹ Crônica *Novas Cartas Persas* de Nelson Werneck Sodré. Jornal *Correio do Povo*. Dia 25 de agosto de 1937. Sessão publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.

Num determinado momento da obra, Moog, por meio de “Iben”, exclama a “Rustan”: “tamanho é meu desespero que, com todas as minhas reservas de crença nos destinos da Pérsia, sinto-me por vezes inclinado a admitir que tudo está definitivamente perdido, pois que a Pérsia há de ser sempre a Pérsia, com os seus Xás e os seus vizires.”⁸⁰

O que se observa, segundo Tristão de Athayde, é que Moog, mesmo sem mencionar o papel do modernismo na intelectualidade brasileira, busca sempre o equilíbrio entre a desordem moral e a ordem estética, entre a valorização da formação cultural brasileira frente a modelos internacionais. “Tudo em Moog é equilíbrio, mesmo ferindo os assuntos mais ingratos, como ciência, filosofia, política, sociologia, arte, literatura e psicologia”⁸¹.

A relativa liberdade temática do modernismo da geração de 1930, se reflete em Moog pelo gosto da expressão atualizada ou inventiva, notadamente anti-acadêmica, cujo encontro com o homem brasileiro, ou no desejo de conhecer a formação cultural brasileira, coincidia com a leitura das culturas regionais, naquilo que Moog, mais tarde, iria definir como “ilhas de culturas regionais no Brasil.”

O humor, como fonte de análise em Moog, aparece nesse alinhamento; não somente o dele, mas o humor de outros autores, como o de Carlos Drummond de Andrade, que por sua vez recebera influências de Mário e Oswald de Andrade. Moog centraliza esse tema em *Heróis da decadência*. Embora seja um humor reconhecidamente crítico, uma vez que analisa a perspectiva decadente de autores como Petrônio, Cervantes e Machado de Assis. Segundo o autor: “não será o humor outro sinal dos tempos? (...) o humor representa na literatura o que a variação representa na musica: um sinal de esgotamento. Pois é esse esgotamento que domina soberanamente a literatura ocidental”⁸².

3. Vianna Moog: “Qué es un Intelectual?”

⁸⁰ Crônica de jornal de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário de Notícias*, dia 29 de maio de 1937. Sessão publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.

⁸¹ Crônica de jornal de Paranhos Antunes. Jornal *Correio do Povo*, dia 02 de junho de 1937. Sessão publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.

⁸² MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934. p. 182 e 183.

Com esta interrogação Patrícia Funes⁸³ inicia sua reflexão a respeito do intelectual e seu papel social. A autora reconhece a dificuldade de fixar uma definição acerca de quem seja o intelectual, embora mencione a existência de vasta bibliografia a respeito. Aliás, a alta contingência de escritos atuais, sobretudo de caráter sociológico, ou mesmo dos intelectuais, gera certa dificuldade, pois além da natural controvérsia reflexiva, os autores, em linhas gerais, são membros dos mesmos grupos intelectuais que analisam, diz Funes.

Alinhado a este pensamento, Russell Jacoby alerta para os riscos da proximidade entre ele próprio e intelectuais de sua geração: “não escrevo como um estranho. Quando digo ‘eles’, ou os intelectuais mais jovens, quero dizer ‘nós’. Quando me refiro à geração ‘ausente’, estou discutindo a minha própria geração. (...) Minha crítica dos intelectuais ausentes é também autocrítica”⁸⁴. Ou ainda: “quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, mesmo se por uma curiosa duplicação da personalidade acabam por falar da própria confraria, como se a ela não pertencessem”⁸⁵.

Além desse aparente entrave surgido da proximidade do intelectual que fala de si e de seus pares, Funes salienta outra dificuldade em defini-los. Trata-se da inexistência do intelectual enquanto representante das ideias de um tempo histórico isolado. Ao contrário, sua existência aparece pontilhada em diferentes tempos e civilizações. Aquele que fala de política nos últimos séculos perfaz o intelectual criado pela modernidade e o faz com a mesma autoridade dos profetas bíblicos, sofistas gregos e filósofos clássicos do século V a. C., diz a autora⁸⁶.

Nesse sentido, Funes analisa o surgimento da função intelectual no contexto da modernidade, notadamente quando a sociedade do Antigo Regime encaminhou a passagem dos padrões tradicionais para o que chamamos de “cultura moderna”, de modo que os princípios de ordem e poder racionalizado em favor da recomposição das bases sociais, em detrimento do antigo sistema de ordenação monarca, contribuíram para o surgimento e

⁸³ FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 39.

⁸⁴ JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 12.

⁸⁵ BOBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 8.

⁸⁶ FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 39 e 40.

afirmação do intelectual. Neste caso, a modernidade presenciou o surgimento do intelectual e da história intelectual, conforme afirmação de Franklin Baumer acima mencionada.

Também pertence à modernidade a função do intelectual de intervir no debate político, muitas vezes assumindo a responsabilidade de assistir ao governante em ideias e ações, mediante a dotação de algum saber não específico e auto-credenciado.

Relativamente a esta vocação para o debate político, observamos que, no caso de Vianna Moog, ela já aparece nos textos de 1927 e 1930⁸⁷, em que o estudante, mais tarde advogado, encaminha o leitor para alguns temas efervescentes naquele período final da década de 1920. Os debates antecipavam o cenário político eleitoral de 1930 no Brasil, produzindo um discurso, em certa medida, estratégico sob o ponto de vista de um modelo político partidário permeado por valores éticos e morais julgados aceitáveis, cuja condução caberia a homens conscientes de seus papéis sociais. Estes seriam afiançados por currículos e agremiações partidárias ilibadas, conforme o autor reconhecia no partido Republicano Riograndense.

Todavia, reconhecer o intelectual como o personagem descendente dos primeiros dias da modernidade não encerra a discussão acerca de quem ele é. Já Gérard Leclerc entende que associar o intelectual ao tempo do iluminismo é um anacronismo, uma vez que sua presença é reconhecida em outras civilizações como a da Grécia Antiga, da Babilônia, ou mesmo do Oriente Médio com seus escribas e a da China com os mandarins-letrados. Funes (2006) e Leclerc (2003) concordam, entretanto, quanto ao surgimento da expressão “intelectual”, a qual é recente e remonta ao caso Dreyfus⁸⁸, ocorrido no início do século XX, na França.

José Beired salienta que o termo “intelectual” derivou de outro termo, “intelligentsia”, de origem russa, o qual definia um novo grupo social surgido também no final do século XIX, na Rússia, cujas características apontavam para uma camada de indivíduos nobres e cultos, preocupados com os principais assuntos de domínio público.

⁸⁷ Ver notas 67 e 68.

⁸⁸ Alfred Dreyfus era um capitão francês de origem judia que lutava pela revisão do processo que o condenou injustamente de espionagem em favor dos alemães, evento que é tido como representativo do clima de anti-semitismo que vigia na França nos finais do século XIX. Com o título *Manifesto dos intelectuais*, jornais franceses publicaram abaixo-assinados de autores, artistas, romancistas e professores em protesto ao caso movido contra o oficial. Tais assinaturas tomaram o corpo de petições dos “intelectuais” clamando justiça e verdade, e denunciando as bases fraudulentas do processo; todavia, um grupo antagônico se organizou, também com listas de nomes e razões, o que motivou uma batalha de ideias de ambos os lados.

“Aqueles homens começaram a ter consciência enquanto categoria social específica. (...) Os europeus – mais precisamente os franceses – apropriaram-se do conceito de *intelligentsia* e criaram a palavra intelectual para definir o indivíduo que integrava esse grupo”, diz Beired⁸⁹.

Além daqueles, dos escribas e mandarins, o intelectual moderno pretende ter herdado ensinamentos de sacerdotes, profetas e do clero letrado, cujas lições mencionavam “a busca e conservação da verdade, dos valores coletivos e sagrados, aqueles que governam um grupo, uma sociedade, uma civilização”⁹⁰.

Leclerc⁹¹ toma emprestado de Lipset e Coser duas definições de intelectual. Para Lipset, os intelectuais “criam, distribuem e põem em prática a cultura, ou seja, o mundo simbólico próprio da humanidade, o qual compreende a arte, a ciência e a religião”. Coser define “os intelectuais como indivíduos concernidos pelos valores centrais da sociedade ou que se interessam pelo mundo simbólico constituído pela cultura”.

A possibilidade de pensar as raízes intelectuais de Vianna Moog segundo as definições de Leclerc ganha visibilidade, especialmente se levarmos em conta a categoria “intelectuais independentes”, em oposição a “intelectuais acadêmicos”, de Russell Jacoby. Segundo esse autor, os intelectuais independentes,

que escreviam para o leitor educado, estão em extinção; não há dúvida de que, muitas vezes eles escreviam para pequenos periódicos. Mas estas publicações participavam, ainda que fosse apenas através da esperança, da comunidade ampla. Nós considerávamos a arte como uma participação na vida, declarava em 1917 o editorial de despedida de *The Seven Arts*. (...) os colaboradores encaravam a si próprios como homens e mulheres de letras, que buscavam e apreciavam uma prosa concisa. Eles escreviam para intelectuais e simpatizantes de todas as partes; pequenos em tamanho, os periódicos estavam voltados para o mundo. Por essa razão, seus escritores poderiam ser lidos pelo público educado, e mais tarde o foram. Treinados nos pequenos periódicos, os Max Eastmant, os Dwight Macdonald ou os Irving Howe transferiram-se com facilidade para revistas e públicos maiores⁹².

Salientamos que a definição “intelectual independente”, de Russel (1990), pressupõe o desapego do intelectual de demandas sociais e da docência, sobretudo universitária. Quanto ao desapego de questões sociais, talvez não seja condizente com a trajetória de Moog, uma

⁸⁹ BEIRED, José Luís Bendicho. A Função social dos intelectuais. In: AGGIO, Alberto. *Gramsci: atualidade de um pensamento*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 123.

⁹⁰ LECLERC, Gérard. *Sociologia dos Intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 15.

⁹¹ Idem, p. 16.

⁹² JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 19 e 20.

vez que o exame da realidade brasileira aparece em suas primeiras crônicas e caracteriza uma das preocupações do autor. A dicotomia “independência” e “ação social” do intelectual em geral é analisada por Antonio Gramsci, com o qual Russel (1990) discorda, como veremos à frente.

As duas já mencionadas manifestações de Vianna Moog⁹³ revelam o apego do autor a temas da cultura social, de arte e religião, do mundo simbólico, conforme preconiza Leclerc. Tanto no seu discurso de formatura quanto na crônica política, Moog se ocupa em analisar o cenário político brasileiro, de modo a visualizar políticos e práticas partidárias em alinhamento com princípios e ideias definidas, como bem convém à vida das democracias representativas.

Fala, também, na determinação das classes intelectuais em contribuir com os bons rumos da nacionalidade, além da necessidade de conjugação de esforços contra a influência de pessoas incapazes e inábeis. Ou seja, o autor se pronuncia sobre valores que julgava centrais à formação cultural brasileira na época.

Mesmo assim, pode-se dizer que Moog dirige suas exposições a um público minimamente educado e politizado, por meio de uma narrativa de bom gosto e do domínio da escrita em prosa, denotando preocupação com o estilo, com os recursos artísticos no texto: “arte como uma participação na vida”, diz Russell (1990, p. 19). Neste caso, aparece outra característica do que seria o “intelectual independente” em Moog, que é o sentido de treinamento da escrita, como se o jornal fosse um laboratório. Foi por meio do jornalismo que o autor encontrou aceitação para seus primeiros escritos. Isso ocorreu inicialmente com participações esporádicas, passando a regulares em seguida, de maneira que os resultados certamente serviriam-lhe como preparação na caminhada futura de romancista e ensaísta.

Como “intelectuais independentes” podemos categorizar a geração de escritores, ensaístas e romancistas nascidos por volta dos primeiros anos do século XX, a exemplo de Vianna Moog, nascido em 1906. Segundo Russell (1990), essa geração não via a docência como real possibilidade profissional, mesmo porque o sentido de discussão intelectual da época es-

⁹³ Ver notas 67 e 68.

tava direcionado ao público letrado em geral, em detrimento da metodologia especializada da academia.

O intelectual com inserção no meio acadêmico seja na defesa de teses ou vinculado ao ofício de professor, só vai existir na geração de intelectuais das décadas posteriores a 1920, garante Russell⁹⁴. Moog, por sua vez, distanciou-se do espaço acadêmico no instante em que se formou advogado.

Em linhas gerais, tais intelectuais, nascidos no início do século, obtinham suporte financeiro por meio da crítica literária, venda de livros e discussões jornalísticas; daí o interesse de Moog na publicação de crônicas em jornais e romances, embora sua trajetória profissional se encaminhasse pelo exercício de função pública e pelos serviços inerentes à advocacia. Sobre a remuneração recebida pelo escritor, em geral, Moog salienta:

o que acho condenável é o escritor que, de caso pensado, procura agradar o povo e corteja a popularidade fácil, faz concessões ao gosto momentâneo das massas. Aliás, aí precisamente é que o escritor se distingue do escriba. Este é o que acompanha sempre a volubilidade do grande público, o que se aluga, o que não tem convicções, o que põe sua habilidade, seu virtuosismo a serviço não de sua chama interior, mas dos interesses do momento. Que o escritor, sem trair sua missão, procure ganhar o mais possível com o que produz, parece-me coisa perfeitamente normal. O intelectual, para ter liberdade, dever ser emancipado economicamente. Ora, um dos caminhos para isso é procurar auferir com seus livros boa quantidade de direitos autorais⁹⁵.

As questões de ordem profissional, de alguma forma, distanciavam Vianna Moog da caracterização de intelectual independente, uma vez que mantinha vinculação profissional com o Estado, além disso, obteve patrocínio de Agências internacionais e do governo brasileiro para se deslocar e permanecer em países como os Estados Unidos por longos anos, especialmente na década de 1940. Efetivamente, outra condição de “intelectual [independente] correspondia à possibilidade de mudar para Nova Iorque ou Chicago, e escrever livros e artigos, (...) [e] algo mais: [eles eram] iconoclastas, críticos e polemistas que não se submetiam a ninguém.”⁹⁶

⁹⁴ Idem, p. 31.

⁹⁵ Entrevista concedida ao *O Jornal*, no Rio de Janeiro, dia 28 de outubro de 1945.

⁹⁶ Idem, p. 29 e 30.

Embora Vianna Moog só tenha viajado para os Estados Unidos em 1942 (época em que já detinha reconhecimento como romancista e ensaísta), sua coletânea de artigos, crônicas e discursos, aumentava na medida em que variavam seus espaços de pertencimento. Ele viveu experiências diversificadas em diferentes condições: depois de estudante, foi servidor público e depois político, uma vez que ingressou na Aliança Liberal em 1930, tendo inclusive sofrido dois anos de exílio na Amazônia por ordem do presidente Getúlio Vargas. Moog transitou com publicações em diferentes jornais do Rio Grande do Sul, sem estabelecer vinculação com algum deles, o que favorece compreendê-lo dentro da ideia de cronista colaborador e apreciador da prosa em diferentes temas. Abaixo seguem alguns dos jornais em que o autor publicou textos ou colaborou de maneira regular:

Periódico	Data	Título
Diário de notícias	10 de janeiro de 1930	Discurso proferido pela ocasião da colação de grau de sua turma de direito
	18 de maio de 1930	A decadência de um estilo
	01 junho de 1930	Um caso de polícia
	15 de fevereiro de 1931	Graça Aranha
	01 de março de 1931	O esperado
	18 de junho de 1931.	Roupa Velha
O Rio Grande	21 de abril de 1929	Tiradentes
Jornal da Noite	12 de novembro de 1931	Liberdade profissional
	13 de novembro de 1931;	Liberdade profissional II
	17 de novembro de 1931	Liberdade profissional III
	04 de dezembro de 1931;	Oportunidade ou proteção
	07 de dezembro de 1931	Epílogo paradoxal
	09 de dezembro de 1931.	Programa da ditadura
A Federação	13 de abril de 1928	Júlio de Castilhos
	09 de maio de 1930	Do interesse político
cinco de abril	18 de dezembro de 1927	A sucessão presidencial

Relação dos periódicos e textos publicados por Vianna Moog no decorrer de 1927 a 1931. Quadro organizado pelo autor.

A partir de 1932, ocasião em que se encontrava na Região Norte do Brasil, Moog deu início a uma coletânea de textos versando sobre a formação cultural da sociedade amazônica. Por meio desses textos o autor abriu espaço em outro periódico de Porto Alegre, o jornal “Correio do Povo”, da empresa jornalística Caldas Júnior.



Foto em que Vianna Moog, na condição de diretor da “Folha da Tarde”, entrevista o General Flores da Cunha, interventor do Rio Grande do Sul, em 1936.

Em entrevista concedida em 1945, o autor relatou que a chefia do jornal “Correio do Povo” estava convencida da qualidade dos seus textos e por isso garantiu-lhe espaço de publicação regular, o que implicava remuneração pelo trabalho. Segundo Roni Almeida, “após a publicação dos dois livros iniciais, Vianna Moog consagrou-se ao jornalismo militante. Na imprensa diária seus artigos produziram larga repercussão e como só acontece com os jornalistas de fina estirpe, deram-lhe uma popularidade que tanto tem de notável como de merecida”⁹⁷.

Na referida entrevista, Moog assinalou os primeiros rendimentos financeiros gerados por esses escritos versando sobre sociedade, cultura e recursos naturais da Amazônia. Esta

⁹⁷ Crônica *A sátira política de Vianna Moog*, de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário Associados*. Dia 29 de maio de 1937.

experiência seria ainda a base para a construção do livro *O ciclo do ouro negro*, o qual resultou da organização dessas crônicas,

Ora, desde que desembarquei em Manaus e, por dever do ofício de viajar pelo Estado, comecei a sentir-me inclinado a escrever alguma coisa sobre aquele mundo novo com o qual estava travando relações. Alias, é conhecida a fascinação que o inferno verde exerce sobre os viajantes nacionais e estrangeiros: veja Euclides da Cunha, Inglês de Sousa, Tavares Bastos, Alberto Rangel, Gastão Cruls... Sem falar em Wallace e Humboldt. Também eu, portanto, não pude deixar de pagar meu tributo ao sentimento cósmico que inspira aquela região. (...) comecei então a escrever, para um jornal de Porto Alegre, uma série de artigos sobre a realidade amazônica. (...) Qual não foi, porém, minha surpresa, quando, por cartas fui informado de que meus artigos estavam agradando...Continuei, porque aquele era um novo meio de ganhar dinheiro e eu não me achava, em absoluto, em boa situação econômica no Amazonas, e quando dei por mim estava feito escritor⁹⁸.

Dentre algumas dessas crônicas, aparece, *A capital do Amazonas*, de 30 de outubro de 1932; *As lendas amazônicas*, de 28 de maio de 1933; *O êxodo e o servo da gleba na Amazônia*, de 12 de junho de 1933 e *Os autóctones da Amazônia*, de 27 de outubro de 1933. Nestes textos Moog se ocupou em registrar a compreensão que formara em torno da sociedade da região norte do país.

Ao regressar do exílio, o autor estreitou relações com a empresa *Caldas Júnior*, ocasião em que assumiu a direção do *Jornal Folha da Tarde*. Tem-se assim, a possibilidade de alinhar mais uma vez a trajetória de Moog às definições de Russell (1990), quando este menciona situações de autores publicarem textos em periódicos eventuais, e fazerem disso um estágio visando espaço de maior visibilidade. No caso de Vianna Moog, o passo à frente viria por meio da regularidade nas publicações jornalísticas e a inserção no círculo das editoras livreiras. Isto ocorreu inicialmente com *Heróis da decadência*, reflexões sobre o humor, publicado pela editora Guanabara, em 1934 e, depois, com *O ciclo do ouro negro*, conjunto de impressões sobre a Amazônia, publicado pela Livraria do Globo, em 1936. A passagem para a Livraria do Globo representou o início de um longo período de publicações do autor e de afirmação de suas relações com o meio editorial, bem como da ampliação de seus diálogos com outros romancistas e ensaístas.

Outro argumento expressivo na tarefa de encontrar respostas acerca de quem seja o intelectual Vianna Moog está na orientação literária presente no próprio desejo de Moog de tornar-se escritor. Conforme ele mesmo demonstrou a partir de “A sucessão presidencial”, sua

⁹⁸ Entrevista ao *O Jornal*, 28 Out 45. Pastas 1-6, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

primeira crônica, “obedecendo ao imperativo de uma necessidade inconsciente e inelutável, por volta de 1927, comecei a escrever”⁹⁹.

Dentre os autores arrolados por ele como sendo seus prediletos e inspiradores, suas fontes de conhecimento ou suporte da formação por onde transitou o estudante secundarista, o acadêmico de direito e escritor, aparecem nomes como Cervantes, Voltaire, Ibsen, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Anatole France e Somerset Maughan. A estes se somam Montesquieu, especialmente com a obra *Cartas Persas*, a qual inspirou um dos livros de Moog, *Novas Cartas Persas*, resultado de coletânea de artigos jornalísticos.

O autor salienta o forte ritmo de leitura e estudos que desenvolvia, especialmente no período de 1925 a 1934, numa listagem de autores e obras na relação com nomes brasileiros. Além desses, “influíram também sobre mim os escritores que constituíam, nos meus tempos de ginásio e acadêmico de Direito, os grupos dos novos de Porto Alegre: Teodomiro Tostes, Vargas Neto, Darci Azambuja, Moisés Velhinho, João Pinto da Silva, Augusto Meyer”¹⁰⁰.

Em críticas literárias publicadas entre os anos de 1930 e 1931, Moog revelou conhecimento acerca de autores e artistas como Balzac, Renan, Cornelle, Hugo, Pirandelo, Cervantes. Nestes escritos ajuizou indignação com alguns aspectos da arte brasileira, sobretudo em relação à decadência do teatro. No mesmo espaço, inaugurou uma de suas frentes de atuação, a qual esteve voltada à análise da produção literária brasileira ao discutir obras recentes de autores como Graça Aranha, Plínio Salgado, Benjamin Costallat e Othelo Rosa.

Além desses nomes, Moog citou a influência de algumas pessoas, cujo exemplo de sabedoria, capacidade de diálogo e trânsito nos diversos espaços públicos, contribuíram em sua formação intelectual, caso do seu amigo Lindolfo Collor. Moog se diz leitor e profundo admirador dos textos jornalísticos de Collor, os quais foram publicados a partir de 1923, ocasião da campanha presidencial do Rio Grande do Sul: “achava seus artigos a suprema sabedoria. Era um homem de bem, em toda a extensão da palavra, com perfeita compreensão e forrado por invulgar cultura humanística”¹⁰¹.

⁹⁹ Idem,

¹⁰⁰ Idem,

¹⁰¹ Idem,

Neste mesmo nível de reconhecimento e admiração, lembrou o nome do professor ginásial, padre Werner Von Miller, jesuíta que lecionou filosofia e formou inúmeras gerações no Rio Grande do Sul. Lembrou, também, os irmãos salesianos da cidade de Canoas, irmão João e irmão Bernardo, “cujos nomes ficaram para sempre associados em minha memória, talvez pelo enorme contraste que havia entre o temperamento de ambos, pois enquanto um parece São Tertuliano, o outro sugeria antes São Cipriano”¹⁰².

Portanto, dentre os autores preferidos de Moog, aparecem nomes de circulação na intelectualidade européia, especialmente francesa. Alfredo Bosi faz um pequeno levantamento acerca da influência cultural européia junto aos intelectuais brasileiros do final dos anos 1920:

Em nível cultural bem determinado, o contato que os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. Começam a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses. Ouve-se a nova música de Debussy e de Millard. Assiste-se ao teatro de Pirandello, ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris, o expressionismo plástico alemão. Já se fala da psicanálise de Freud, do relativismo de Einstein, do institucionismo de Bérghson. Chegam, enfim, os primeiros ecos da revolução russa, do anarquismo espanhol, do sindicalismo e do fascismo italiano¹⁰³.

Neste inventário de intelectuais, professores e amigos influentes em sua formação, Moog cita com maior destaque Érico Veríssimo, reconhecendo contribuição que este dera para sua formação e a amizade da qual desfrutara. Além disto, avaliou ter sido o romancista quem: “acabando com a lenda romântica do intelectual boêmio, sujo e faminto, valorizou no Rio Grande a profissão do escritor”¹⁰⁴.

¹⁰² Idem,

¹⁰³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 343 e 344.

¹⁰⁴ Entrevista ao *O Jornal*, 28 Out 45. Pastas 1-6, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.



Com os escritores Érico Veríssimo e Rivadávia de Souza, em Porto Alegre, 1935.

4. O lugar do intelectual: universalismo e/ou particularismo

O conceito de intelectual, apesar de flexível e controverso, merece talvez o ajustamento sugerido por Johann Gottlieb Fichte¹⁰⁵, segundo o qual intelectual ou erudito é alguém que se dedica ao domínio do desenvolvimento das disposições do ser humano. Isto pressupõe a obtenção do conhecimento em três estágios: inicialmente o conhecimento das necessidades humanas (as disposições); em seguida o de somá-la ao conhecimento dos meios utilizados para satisfazer tais necessidades e, por último, o de conhecer o nível cultural da sociedade em que está inserido.

A compreensão sobre o alinhamento intelectual de Vianna Moog talvez encontre respaldo neste enfoque de Fichte, na medida em que seus escritos iniciais (crônicas de jornais) revelam o desejo em reconhecer a formação cultural brasileira ao discutir ideias entre o nível cultural da sociedade e suas demandas, ou seja, o primeiro e o terceiro grau de conhecimento apontados por Fichte. O segundo conhecimento, o das ferramentas de satisfação social, sugeridas por Fichte, pode ser percebido na reflexão de Moog acerca de valores universais e particulares, ou próximos a estes.

¹⁰⁵ FICHTE, Johann Gottlieb. Sobre a missão do erudito. In: BASTOS, Elide R. e REGO, W. Leão (orgs). *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 46 e 47.

Esta discussão em torno das ferramentas para os intelectuais corresponde ao papel dos mesmos na sociedade à qual pertenceram, e seu olhar sobre a universalidade e o que é particularista. Em linhas gerais, os autores ocupados com esta discussão assinalam o mencionado caso Dreyfus como ponto de partida neste debate, isto no final do século XIX.

Até este episódio, os intelectuais tinham uma função social de apoio às causas universais; “o intelectual deveria ser o depositário dos valores espirituais e universais”¹⁰⁶. Dessa forma, qualquer ação do intelectual (sábio) que não fosse inerente à defesa da razão e da universalidade, como se estivesse sentado numa torre de marfim, alheio às demandas sociais, fazia dele um apoiador de paixões políticas, a exemplo do caso Dreyfus. Todavia, as circunstâncias de crises sociais, a revelação ao mundo da injustiça envolvida na condenação de Dreyfus, inaugurou a participação do intelectual na esfera política, como até então não havia ocorrido. Além disso, os intelectuais levantaram aí o discurso em defesa dos valores democráticos da França.

Em contrapartida, os antagonistas destes (os intelectuais que se posicionaram contra Dreyfus), alegaram questões nacionalistas para desqualificar o discurso de seus oponentes, uma vez que este “bando de pseudo-intelectuais” e “gênios incompetentes” estaria pondo em risco a unidade da pátria francesa¹⁰⁷.

Segundo Michel Winock¹⁰⁸, o caso Dreyfus, apesar de ter fornecido aos intelectuais esta notoriedade, não conferiu a eles qualquer missão particular. Em outros termos, o redimensionamento que adquiriu o termo intelectual a partir do processo Dreyfus, acompanhado, portanto, de sua concepção original, ganhou um imperativo moral, mas não determinou necessariamente uma função ao intelectual. Esta função surge com Julien Benda, na publicação de *Trahison des clercs*¹⁰⁹ (A traição dos intelectuais), em 1927. Benda acusava os intelectuais de terem aderido às paixões particulares ou paixões políticas, perdendo de vista sua visão universal. Portanto, a partir da crítica aos intelectuais que tomaram partido a favor da defesa da re-

¹⁰⁶ WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 792.

¹⁰⁷ BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão. “A moralidade do compromisso.” In: BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão (orgs). *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d’Água, 1999. p. 24.

¹⁰⁸ Idem, p. 791.

¹⁰⁹ Ver em BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

visão do processo Dreyfus, era traçado outro perfil deles: o “intelectual desinteressado”, o “intelectual puro”, e “cuja atividade, em sua essência, não visa a objetivos práticos”¹¹⁰.

Em *A traição dos intelectuais*, Benda define-os como estritos defensores da justiça, da razão e da verdade. Quem, eventualmente, deslizesse dessa tríade em nome de outros valores, recebia a designação de “traidor”. O desvio dos valores acima enunciados seria uma traição dos intelectuais. Com este rótulo ele classificou os intelectuais defensores do caso Dreyfus, uma vez que estes submeteram seus ideais ao Estado desejoso de autoritarismo, em detrimento das instituições baseadas na liberdade. Desejariam um Estado de preponderância militar e forte, “em desprezo ao poder civil”, que “zomba do ser justo”, diz o autor. “Deixemos a política aos diplomatas e aos militares, ou se comentarem essas paixões, adotem em relação a elas uma atitude crítica, não as retém para si enquanto paixões”¹¹¹.

O trabalho de Benda gerou discussões naquela e nas décadas posteriores. A exemplo de Michel Winock (2000), Edward Said salienta que os intelectuais de Benda “devem correr o risco de ser queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos. Por isso, não podem ser numerosos, nem desenvolver-se[sic] de modo rotineiro”¹¹².

Na abordagem de Benda a traição parece mais visível na medida em que o intelectual se dedica ao debate de questões relativas à instituição do Estado e da política; daí a contrariedade do autor a três aspectos em especial: a ordem estatal, a negação dos princípios democráticos e o fanatismo patriótico, os quais contribuíram para a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Com respeito à ideia de “ordem”, Benda afirma que ela está associada a movimentos bélicos, cargas da cavalaria; lembra o povo em estado de miséria, balas que matam famílias e espalham povos. Em razão disso, o autor diz saudar os homens pelo mérito de erguerem estátuas em nome da justiça, liberdade, ciência, artes, caridade, e paz, mas nenhuma em nome da

¹¹⁰ Idem, p. 791.

¹¹¹ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. p. 145.

¹¹² SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 22.

ordem. “A ordem é um valor essencialmente prático. O intelectual que a venera traí estritamente sua função”¹¹³.

Outra questão proposta por Benda reside no seu alerta de que o “espírito livre”, garantido pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e pela Declaração de Independência norte-americana, estaria fragilizado, permitindo a visibilidade assumida pelo ideário fascista do início dos anos 1930. No entender do autor (1927), boa parte dos intelectuais estava somando forças em uma campanha propagandista da ordem por meio dos regimes totalitários a partir da década de 1920, em detrimento da democracia. “Está longe o tempo em que Platão pedia que prendessem o filósofo com correntes para forçá-lo a preocupar-se com o Estado”¹¹⁴.

Quanto ao fanatismo patriótico, Julien Benda o condena por considerá-lo um equívoco reproduzido pela adesão dos intelectuais inicialmente alemães. “O intelectual nacionalista é essencialmente uma invenção alemã”¹¹⁵.

Em suma, a traição dos intelectuais que denuncio consiste em que, ao adotarem um sistema político voltado a um objetivo prático, eles são obrigados a adotar valores práticos, os quais, por essa razão, não são intelectuais. O único sistema político que o intelectual pode adotar, permanecendo fiel a si mesmo, é a democracia, porque, com seus valores soberanos de liberdade individual, de justiça e de verdade, ela não é prática¹¹⁶.

A perspectiva de um intelectual desapegado do debate político, como se a ele coubesse somente o zelo de valores universalistas e o papel de produtor de artes associada à inteligência talentosa, talvez não identifique o trabalho de Vianna Moog. A época de lançamento das ideias de Julien Benda coincide com os escritos iniciais de Moog, todavia não há por parte deste autor qualquer condenação à participação do intelectual nas questões políticas, sobretudo com valores práticos, conforme sugere Benda.

Talvez haja exatamente o contrário. No discurso mencionado na conclusão de seu curso de graduação¹¹⁷, Moog advogou a necessária atuação das elites intelectuais em nome da

¹¹³ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. p. 48.

¹¹⁴ Idem, p. 146.

¹¹⁵ Idem, p. 153.

¹¹⁶ Idem, p. 89.

¹¹⁷ Ver nota 68.

moralização da política brasileira, do patriotismo, tal como religião aos homens de boa vontade.

Contemporâneo de Benda, Jean Paul Sartre publicou suas primeiras obras na contramão de *A traição dos intelectuais*, ou seja, entende ele que ao invés de manter-se numa torre de marfim, o intelectual deveria voltar-se para a análise concreta da realidade em que estava inserido, de maneira a solidarizar-se com os acontecimentos e personagens políticos, o que convém a um “engajamento político”. Segundo Sartre, “se encontro essas coisas, se me defronto com elas, assumo as minhas responsabilidades. Engajo-me, e este engajamento político corresponde à própria imagem que me faço do intelectual; ele deve se colocar diretamente a serviço das massas. As verdadeiras forças são as da consciência e da liberdade”¹¹⁸.

Enquanto Benda se mostrava influenciado pelo debate acerca do lugar do intelectual inaugurado no início do século XX e estendido aos movimentos eclodidos na década de 1930, Sartre tomou como base de seu enfoque os acontecimentos marcados pela ocupação nazista na França e eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Luiz Carlos Maciel¹¹⁹ salienta que Sartre é um intelectual pequeno-burguês que, aproximando-se do marxismo, aderiu à causa do proletariado. Mesmo assim não considera tarefa fácil classificá-lo, haja vista o trânsito simultâneo de Sartre entre a ficção, filosofia, dramaturgia, crítica literária em revistas e jornais, além de certa panfletagem política, somado às aspirações de tornar-se sociólogo e psicanalista. Segundo Michel Winock,

Sartre, em sua “Apresentação dos temps modernes”, ataca, de saída, a irresponsabilidade dos escritores. Queiramos ou não, todo escrito “possui um sentido: para nós, o escritor, de fato, não é nem Vestal, nem Ariel: o que quer que faça, ele está em atuação, marcado, comprometido, até sua mais remota aposentadoria”. Já que o escritor “não tem como escapar”, mesmo quando se cala, então é preciso “que ele abrace firmemente sua época: não queremos perder nada de nosso tempo”. E Sartre cria um conceito que se tornará familiar aos leitores: “o escritor está em situação com sua época: cada palavra tem repercussões. Cada silêncio também”. O escritor é chamado a uma missão: dar sentido a seu tempo, contribuir para as mudanças necessárias. O imperativo do engajamento é levado ao máximo. Não se trata mais de exigir do romancista ou do filósofo que, à margem de sua obra, escrevam artigos políticos ou assinem petições. Sartre afirma que toda literatura, mesmo a de ficção, “é utilitária”, toda literatura engaja. As palavras são “pistolas carregadas”, portanto, convém mirar com segurança e não atirar ao acaso como uma criança¹²⁰.

¹¹⁸ NÁZARIO, Luiz. Jean Paul Sartre: uma entrevista inédita concedida a Jacques Chancel, do programa radioscope no lançamento do Jornal *Liberación*. Cultura Vozes. Petrópolis, v. 93, n.3, jul., 1999. p. 98.

¹¹⁹ MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 12 e 13.

¹²⁰ WINOCK, Michel. *O Século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 518.

Antonio Gramsci (1891 – 1937) também se ocupou da discussão acerca do lugar do intelectual como intérprete da realidade social. Gramsci, em linhas gerais, apareceu próximo ao pensamento de Sartre na medida em que sua análise se constrói com elementos de concepção marxista. Gramsci, a exemplo de Benda e Sartre, vivenciou os acontecimentos históricos de sua época, como as duas guerras mundiais, a Revolução Russa, os regimes totalitários, o levante de operários na Europa e a afirmação da supremacia dos Estados Unidos, iniciada posteriormente ao evento da crise de 1929.

José Luís Beired¹²¹ salienta que poucos autores, sobretudo de esquerda nos anos 1920, conferiram tanta importância ao papel social do intelectual quanto Gramsci. Nessa condição de agente social, Gramsci nomeou a intelectualidade de professores, militantes políticos, líderes religiosos, jornalistas, artistas e cientistas. A estes agentes caberia o encargo de organizar homens e mediar a relação destes com o Estado, com o mundo. “Todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”.¹²² Em face disto, Gramsci estaria indo de encontro à concepção do intelectual independente, desligado dos interesses sociais, conforme afirmou Russel Jacoby (1990). O intelectual de Gramsci precisa estar ligado à classe a qual representa, sobretudo as classes subalternas, de modo que possa garantir-lhes integração com o coletivo, e assim realizar alianças voltadas para o interesse comum. José Beired sintetiza isto ao dizer que,

a análise de Gramsci detém-se na demonstração do papel – conservador ou transformador – do intelectual como figura que organiza a cultura e os homens; que articula o centro do aparelho estatal de poder com o restante do corpo social; e que ao produzir ideologia fornece consciência e homogeneidade às classes que representa¹²³.

Se por um lado parece inadequado classificar a escrita de Vianna Moog numa condição de intelectual alienado da realidade social, distante das paixões políticas, como sugere Benda, por outro também é pouco razoável pensá-lo como escritor disposto a fazer da crônica um espaço de adesão às paixões particularistas, como se fosse a “pistola carregada” de Sartre.

¹²¹ BEIRED, José Luís Bendicho. “A Função social dos intelectuais.” In: AGGIO, Alberto. *Gramsci: atualidade de um pensamento*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 124.

¹²² SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 19.

¹²³ Idem, p. 127.

Ou, menos ainda, atribuir-lhe o papel de militante político inserido na disputa entre grupos “dominantes” ou “dominados”, conservadores ou transformadores, conforme Gramsci.

As manifestações já citadas de Vianna Moog¹²⁴, além de revelarem a disposição do autor em ir além do que se esperava de um cronista e orador, como desejando outros espaços para si, evocam a defesa de valores de caráter universal como liberdade, justiça, razão e verdade. Mas também de outras demandas menos “universalistas”, a exemplo do “caudilhismo”, das questões partidárias, ou na cobrança às classes intelectuais.

Entretanto, na trajetória que o levou a ser um reconhecido romancista, talvez existam mais elementos complicadores no sentido de classificá-lo em determinado “lugar do intelectual”. Por exemplo, não se tem clareza quanto às demandas que teriam motivado a escrita de Vianna Moog, no sentido de elogio que faz a Getúlio Vargas, João Neves e ao Partido Republicano. Ou seja, o autor teria cumprido meramente uma pauta jornalística, ou escreveu visando futuras atuações no campo político? Ou ainda, teria redigido por conveniência dos nomes citados?

Essa característica de quem transitou entre um espaço e outro continua aparecendo nos lugares ocupados posteriormente pelo autor, cuja assinatura de cronista cede lugar à de escritor, romancista e ensaísta. Daí a possibilidade de pensar a inserção da escrita jornalística de Moog, também, em um projeto pessoal, de lançar-se no círculo das letras, do enredo literário e nos debates acerca da realidade brasileira e internacional, diferentemente de somar forças unicamente na legião de intelectuais universalistas ou engajar-se em paixões ou militância política. Segundo Edward Said, “falar de intelectuais [é falar] precisamente como aquelas figuras cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido”¹²⁵.

A perspectiva de pensar a escrita de Moog no trânsito entre três terrenos, o da universalidade, o das paixões políticas e o do interesse pessoal, talvez corresponda mais ao projeto intelectual do autor. A intenção de um projeto pessoal, neste caso, se faz distintamente do utilitarismo ou paixão política expressa por Julien Benda (1927). Neste sentido, Moog pode discutir acerca da realidade brasileira segundo um enfoque utilitário; ao mesmo tempo, pode elaborar suas crônicas visando obter retorno financeiro e prestígio, a exemplo das publicações

¹²⁴ Conforme notas 67 e 68.

¹²⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12.

remuneradas na *Folha da Tarde* quando de seu exílio na Amazônia, de modo que uma coisa não invalida a outra.

Por esta via, podemos compreender quando Moog ressalta a falta de homens disciplinados e formações partidárias no Brasil, a qual não contribuía com a formação de uma sociedade organizada conforme a lógica da nacionalidade e dos ideais de progresso, daí o sentido universalista de seu discurso. Com isso o autor se mostrava inserido nos debates daqueles anos, especialmente no ideal de consolidar a nacionalidade brasileira com o Estado republicano e democrático por meio da agenda de uma política oficial. Neste caso, a sucessão presidencial do Rio Grande do Sul¹²⁶, de 1927, assinalava grande exemplo, de modo que, para ele, a data de tal eleição “iria incorporar ao acervo das que valem como expressão fiel da vida de uma agremiação cívica, e tanto mais grata aos republicanos, quanto é certo haver sido alcançada, sem resistência, nas lides pacíficas das urnas”¹²⁷.

A década de 1920 se apresentava sob questionamentos, dúvidas e alternativas por parte de romancistas, autores e cientistas. Tratava-se de um tempo em que um novo modelo político estatal se consolidava no Brasil, fazendo distanciar os interesses individuais e regionais em favor da “ordem nacional”.

Patrícia Funes¹²⁸ diz que os debates acerca da realidade brasileira e da América Latina estavam ligados aos eventos da Primeira Guerra Mundial, os quais acarretaram dúvidas e incertezas aos países de uma América Latina cuja imagem no cenário internacional ainda carecia de maior definição. A busca dessa afirmação, interna e externa, tornou-se uma das principais ocupações dos intelectuais diante de uma geografia internacional instável – uma civilização fragilizada em seus valores ligados à razão, progresso e ciência, diz a autora.

Dessa forma, a possibilidade de existirem mais elementos na perspectiva intelectual de Moog, a exemplo de um projeto pessoal, um olhar acerca da realidade brasileira e internacional, permitem compreender as aproximações e afastamentos de seus escritos em relação a Benda, Sartre ou Gramsci, mais como instrumento ou parâmetro de referência de estudo.

¹²⁶ Conforme nota 67.

¹²⁷ Conforme nota 67.

¹²⁸ FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política em los anos veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 18.

Neste sentido, a tentativa de estabelecer uma exata correlação entre os posicionamentos assumidos por Vianna Moog (na defesa das doutrinas universalistas ou em um engajamento político) e as definições de quais seriam os papéis sociais esperados de um intelectual, pode redundar em erros, uma vez que exceda ou sufoque tanto a qualidade das ideias do autor, como as orientações dos autores mencionados.

De fato, Moog não menciona estes autores entre suas opções de leituras. Outro indício de aproximação apenas parcial às definições acima apontadas se deve à formação educacional do autor, cujo desenvolvimento ocorreu unicamente no Brasil. Ou seja, o autor não frequentou círculos de discussões na Europa, ao passo que Benda, os intelectuais pró-Dreyfus, ou anti-Dreyfus, além de Jean Paul Sartre, Gramsci e outros, residiam na Europa e por lá se reuniam em seus círculos de debates.

Poderíamos reconhecer que Moog não precisaria estar na França para discutir os mesmos temas. Além disso, sua agenda de autores e leituras revela o gosto pela importação de ideias, em boa parte francesas. Mesmo assim, não há evidências de que estivesse ocupado com o tema do papel dos intelectuais, conforme propunham os autores citados.

Dessa maneira, tal aproximação talvez funcione mais como uma espécie de ferramenta de estudo para pensar a atuação de Vianna Moog em diferentes enfoques. Nesse sentido, Gerard Leclerc¹²⁹ menciona a questão ideológica fortemente presente tanto como fonte ou produto do intelectual, invocada pela fusão da política, cultura, história e utopia, sobretudo na década de 1920, na Europa. A polarização ideológica dessa época trazia consigo demandas conservadoras e ao mesmo tempo revolucionárias ou fascistas, cujas motivações faziam frear ou acelerar o tempo.

Max Weber diz que a modernidade instalou certa instabilidade no meio intelectual, despertou sentimentos de desconfiança entre os intelectuais e o sentido de modernização cultural, sobretudo na esfera capitalista.

Os intelectuais olham com desconfiança a abolição das condições tradicionais da comunidade e o aniquilamento de todos os inumeráveis valores éticos e estéticos ligados a essas tradições. Duvidam de que a dominação do capital possa dar garantias superiores e mais duradouras à liberdade pessoal e ao desenvolvimento da cultura intelectual, estética e social que representam... Sucede, pois, hoje em dia, nos países

¹²⁹ LECLERC, Gérard. *Sociologia dos Intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 106.

civilizados, que os representantes dos interesses superiores da cultura voltem sua espada e se oponham com profunda antipatia ao inevitável desenvolvimento do capitalismo¹³⁰.

Em face disso, ganhava amplitude a discussão dos conceitos de democracia, comunismo, socialismo, nazismo, sobretudo com a chegada dos anos 1930. Uma crônica jornalística de Vianna Moog, publicada em 1928, intitulada *Júlio de Castilhos: a propósito de um livro notável*¹³¹ sinaliza para a sua preocupação relativamente a temas de alguma forma ligados a esta esfera da “política”.

Nela, o autor enalteceu a recente publicação de uma biografia de Castilhos de autoria de Othelo Rosa. Segundo Moog, a trajetória política de Júlio de Castilhos, detalhada na obra, nada mais era do que o retrato da formação cultural Riograndense, onde a chama mal extinta de ódios e paixões do passado, fazia pouca sombra à simpatia e admiração conferidas a Júlio de Castilhos, o “Patriarca do Rio Grande”. Para Moog essa correspondência entre Castilhos e a formação política da sociedade gaúcha revelava um acentuado vigor cívico: “talvez seja essa a razão por que o eminente sociólogo Oliveira Vianna afirma que no Rio Grande foi onde primeiro se formou e melhor se radicou a ideia do Estado”.

Moog ressalta o civismo de Castilhos e da sociedade gaúcha, e ainda tece elogios ao autor da obra em análise. Para Moog,

se para bem escrever-se sobre um motivo, um objeto como preconiza Rénan, é preciso, condição preliminar, estudar este motivo com amor e simpatia e se possível, com fé, a Othelo Rosa não faltam essas condições condensadas no seu entusiasmo nativo pelo homem expoente legítimo de uma raça, orgulho e símbolo de um partido, gloria de uma pátria, Júlio de Castilhos, patriarca na acepção mosaica de chefe do povo. Pela leitura do seu livro, não se sabe o caráter predominante de Othelo Rosa, o que mais sobressai, se o sociólogo, se o biógrafo, se o historiador, se enfim, o republicano convicto, tanto essas modalidades se compenetraram e integram¹³².

Nesta crônica, Moog expressa deferência a três segmentos diferentes: Júlio de Castilhos, a sociedade gaúcha e Othelo Rosa. Os elogios conferidos a estes seguem o estilo da crô-

¹³⁰ Citado por LAHUERTA, Milton. Gramsci e os intelectuais: entre Clérigos. In: AGGIO, Alberto. *Gramsci: atualidade de um pensamento*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 136.

¹³¹ Crônica jornalística publicada em *A Federação*, em 13 de abril 1928. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

¹³² Crônica jornalística publicada em *A Federação*, em 13 de abril 1928. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

nica *Sucessão presidencial*¹³³, publicada um ano antes, em que os nomes de Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, além do Partido Republicano Riograndense, também foram fortemente agraciados com citações elogiosas por parte do autor.

Diante de um tempo movido por inúmeras incertezas Moog acenou com uma formação que lhe parece modelar. Como se o Rio Grande do Sul pudesse servir de exemplo à esfera política, social e cultural de outros segmentos nacionais e internacionais. Em face disso, o autor acabou por assumir certo engajamento, uma vez que se revelou um cronista empenhado com a matéria política. Beatriz Sarlo diz que os intelectuais “sentiram-se representantes. (...) E, por isso, acreditaram que essa representação, esse dizer o que os outros não podem nem sabem dizer, era um de seus deveres: o dever do saber. Deviam então libertar os outros das travas que lhes impediam de pensar e o agir”¹³⁴.

A relevância da questão política no Rio Grande do Sul, conforme observa Vianna Moog nas duas crônicas citadas, dos anos de 1927 e 1928, traduz um sentimento regionalista. O regionalismo era, também, marca da literatura da época.¹³⁵ Relativamente aos gaúchos, Antônio Cândido afirma o quanto o regionalismo esteve presente nas questões políticas desde o século XIX. De certa forma, as posições defendidas por Vianna Moog nestes dois textos traduzem a sua avaliação sobre as “virtudes cívicas” do Rio Grande do Sul frente ao Brasil.

Ao lado destas preocupações, Moog não perdia de vista a discussão literária, como se vê nos escritos, *A decadência do estylo* e *Um caso de polícia*, ambas de 1930, e em *Graça Aranha* e *Roupa Velha*, publicadas em 1931.¹³⁶

Nas crônicas *Graça Aranha* e *Roupa Velha* Vianna Moog avalia desfavoravelmente o romance *A Viagem maravilhosa* de Graça Aranha e a obra, em geral, de Benjamin Costallat. Para Moog, Aranha pecou porque não soube cultivar a estética como bem convém ao escritor comprometido com a arte da escrita; além disso, perdeu-se nas discussões de cunho sociológico no decorrer do romance.

¹³³ Ver nota 67.

¹³⁴ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 161.

¹³⁵ Ao destacar o sentido regional da literatura brasileira, Antônio Cândido assinala o pioneirismo do romance nordestino. Ele surgiria como parte do sentimento de autonomia cultural daquela região reproduzida pela confederação do Equador, que, por sua vez, se espelhava na República Piratini dos gaúchos. CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 298.

¹³⁶ Os três textos pertencem à coletânea *textos jornalísticos* de Vianna Moog. Pastas 1-7. seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Aos romances de Benjamin Costallat ele acusa de serem “roupa velha” da literatura internacional. Compara-os ainda com um prato comum nos cardápios de restaurantes brasileiros conhecido por “guisamento da comida de véspera”. Ou seja, embora obtendo sucesso de vendagem, Costallat se destaca por seguir antigas veredas da trama romanceada, sobretudo na construção de personagens que reproduzem características de autores consagrados como Balzac e Eça de Queiroz.

A decadência do estylo, talvez seja o texto mais significativo de Moog nesta linha de análise até aquele momento, uma vez que discorre sobre conceitos de arte, de literatura, da relação entre arte e ciência. Ao mesmo tempo, sinaliza diversos pontos sob os quais manteria a coerência de seus escritos posteriores, especialmente no ensaio e no romance. No olhar de Vianna Moog a arte pode ser:

ideação através de um temperamento, conforme o conceito clássico: um resumo da natureza feito pela imaginação, como a conceitua Fradique Mendes [pseudônimo de Eça de Queirós] caso que seria de plágio se não houvessem inventado os casos de memória latente, que são uma espécie de imunidade literária. A frieza das definições geométricas me aniquila. Para mim, que misturo Taine e Guyan, a arte está antes de tudo, naquele aspecto ou característico essencial resultante das coisas, mais clara e completamente do que nos objetos reais, capaz de estimular a vida por um desejo de ação. Neste sentido o maior artista de todos os tempos foi Cristo. (...) Nos séculos que sucederam a arte grega só apareceu de novo a forma. No caso particular da literatura, o estylo. Fora daí é inútil buscar a arte.

Expressando seu entendimento acerca da relação arte e ciência, diz:

Não acredito no prejuízo de que a verdade fora da arte e por si mesma seja bela. Teimo por isso em considerar as ciências, mero repositório de lugares comuns. A verdade fora da arte é prosaica e inexpressiva. Qualquer livro de física está cheio de verdades. Quem não prefere a mentira dos versos, quando belos? Renan difundiu mais o cristianismo que todos os doutores da igreja. Quando o homem de ciência, saturado de certezas, me afirma que Roma foi uma notável nação guerreira e a maior mestra do direito, não contesto, mas confesso que não me tenta a sua história. Agora, se o historiador, artista, sobe a montanha dos séculos e me proclama lá do alto, que Roma foi a soberana dominadora do mundo antigo, sinto ímpetos de escrever uma epopéia. Já é alguma coisa...

Em *Um caso de polícia*, Moog menciona a falta de interesse do poder público com o teatro brasileiro, o que somado à crítica descompromissada, estavam conduzindo o teatro a tal estágio de indigência que, ao invés de manter-se como escola de bom gosto, iria se transformar em escola de perversão.

As publicações jornalísticas marcaram o ponto de partida do ofício de escritor para Vianna Moog. Portanto, pensar sua trajetória remete a este início, numa reflexão para articulá-la de acordo com diferentes parâmetros conceituais do que seria o “intelectual” e qual seria sua atuação no seio da sociedade.

Vimos que o autor circula seus escritos entre as artes, enquanto produção literária, e o debate político, sobretudo quando enaltece a política gaúcha, cuja consciência de bem público representado nos princípios éticos e cívicos dos personagens Riograndenses chegou a oferecer como exemplos à nacionalidade e formação brasileira.

No período de 1927- 1930, Moog não compôs romances nem ensaios, porém o texto jornalístico não indica uma concepção do tipo “escrita pela escrita”. Ao contrário, na produção da crítica literária o autor encaminha o diálogo com outros autores, ao mesmo tempo se manifesta junto ao público leitor, cliente do jornal, em debates acerca de temas diversos. Edward Said diz que “O que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sintam bem: o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável”.¹³⁷

Nesse movimento de múltiplos diálogos, parece existir a sobreposição de interesses, o de teor público, seja de caráter universal ou das paixões políticas conforme sugerem Benda, Sartre e Gramsci, com o projeto pessoal de Moog, de abrir espaços na frente literária e política. A respeito do interesse pessoal, Norberto Bobbio diz: “é natural que os intelectuais escrevam sobre si mesmos. Se eles não se ocupassem de si mesmos, quem o faria? (...) Torna-se um intelectual até mesmo aquele que se põe a escrever sobre os intelectuais apenas para dizer todo o mal possível a respeito deles”¹³⁸.

Todavia, isso não anula o sentido de independência atribuída por Russel Jacoby aos intelectuais pertencentes à geração de Moog. A independência assim advogada existe se considerarmos especialmente dois espaços de pertencimento: o jornal como veículo de publicação e o distanciamento da docência.

¹³⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 25 e 26.

¹³⁸ BOBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 68.

Uma das alternativas para pensar essa questão está relacionada com a inexistência de um modelo definitivo, um “tipo ideal” de intelectual, cuja “independência” ou pertencimento ao terreno do universalismo, ou ainda do engajamento político, fosse regra para definição. Em face do exposto, talvez fosse recomendável não buscar um juízo de valor, uma categorização que definisse a atuação de Moog nos anos iniciais de vida adulta.

Neste sentido ressaltamos a contrariedade de Norberto Bobbio¹³⁹ ante as definições do intelectual conduzidas por Jean Paul Sartre, segundo as quais “será verdadeiro intelectual o revolucionário, falso o reacionário, verdadeiro será aquele que se engaja, falso, aquele que não se engaja e permanece fechado na torre de marfim”. Em outro momento Bobbio se volta para Julien Benda e questiona: “falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez: a uma afirmação peremptória como “os intelectuais traem”, deve-se imediatamente perguntar: precisamente todos? E se não todos, quais?”. (1997; p. 67).

Ao questionamento, (quem trai?), sugerido por Bobbio, pode-se acrescentar outro: em que circunstância histórica o intelectual define seu posicionamento de traição, seja ele ideológico, político, social, literário? Moog é filho de seu tempo, e expressa às idiossincrasias deste tempo. Sua voz não é pioneira, nem mesmo singular dentre seus contemporâneos letrados.

Devemos esclarecer nossa insistente menção aos literatos, como se coubesse a eles o papel da intelectualidade brasileira. No enfoque de Thomas Skidmore¹⁴⁰ era isso mesmo que se via no Brasil. O autor explica que uma das medidas para reconhecer o nível de desenvolvimento de um país é observar seu nível cultural, daí ele considerar a intelectualidade brasileira concentrada no terreno literário. Apenas em menor medida a cultura nacional se expressou na música, na pintura, dança, folclore, diz o autor.

Vianna Moog se mostra cauteloso em analisar o momento literário nacional, fazendo-o com maior insistência em relação ao Rio Grande do Sul. A mesma relevância concedida ao cenário político Riograndense, Moog concederia à literatura e escritores gaúchos. Além do próprio PRR, alguns nomes do meio político merecem sua constante atenção, caso dos já cita-

¹³⁹ Idem, p. 9 e 14.

¹⁴⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. p. 105.

dos Júlio de Castilhos, Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura. Entre os literatos gaúchos, homens das letras, contemporâneos de uma literatura regional, iniciados na escrita jornalística e leitores de mestres europeus incomuns, ele se ocupou de forma particular com Alcides Maya¹⁴¹.

Alcides Maya, nascido na segunda metade do século XIX, também se inscreveu no terreno das letras mediante o texto jornalístico. Segundo Cyro Martins, Maya “madrugou para o espírito. Aos dezoito anos começou a militar na imprensa política e literária com destaque, (...) assumiu a direção do jornal *A República*, órgão da dissidência republicana no Rio grande do Sul. Posteriormente dirigiu o jornal da Manhã. Ambos de Porto Alegre”¹⁴².

A aproximação entre os dois não se restringe ao fato de terem operado no texto jornalístico. Cyro Martins enumera autores e pensadores nacionais e internacionais mais expressivos na formação intelectual de Maya nas diversas áreas do saber, como filosofia, sociologia e literatura¹⁴³, os quais, em linhas gerais, constituem-se nas mesmas referências utilizadas por Moog anos mais tarde.

Cyro Martins refaz a trajetória de outros autores gaúchos das primeiras décadas do século XX, como João Otávio Nogueira Leiria. Foi uma época marcada pela efervescência na política gaúcha e nacional. Em 1923 iniciou-se a Coluna Prestes, seguida, depois, do conflito armado de 1930. Leiria critica estes movimentos ao expressar o tom severo de repugnância aos conflitos políticos e armados¹⁴⁴.

O próprio Cyro Martins inaugurou sua trajetória escrevendo artigos a jornais e contos no decorrer dos anos 1920, embora mantendo certo afastamento dos debates políticos.

Dentre os nomes daqueles que lhe foram contemporâneos, talvez o mais próximo de Moog tenha sido Érico Veríssimo, cuja formação intelectual passou, em grande medida, pela inspiração e leitura dos mesmos mestres de Moog e Maya, tal como Émile Zola, Dostoievski, Tolstoi, Eça de Queirós, Nietzsche, Omar Khayam, Ibsen e Verhaeren; entre os brasileiros

¹⁴¹ Eleito para a Academia Brasileira de letras em 1945, Moog assumiu a cadeira número quatro, pertencente à Maya desde 1912. Ver Boletim do Conselho Federal de Cultura. Out/Nov/Dez de 1979, n. 37.

¹⁴² MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981. p. 09.

¹⁴³ MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981. p. 09.

¹⁴⁴ Idem, p. 44.

destacam-se Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Afrânio Peixoto, Afonso Arinos e Monteiro Lobato.

Ao contrário de Moog, Veríssimo declinou da escrita jornalística e do debate político no decorrer dos anos 1920. A respeito dos laços de amizade entre ambos, Moog declarou em entrevista:

Quando Érico morreu, nossa amizade tinha 42 anos. Há 42 anos que nos conhecemos. Durante todo esse tempo travamos um diálogo permanente, tanto oral quanto escrito. Por vezes, quando releio as cartas que ele me escreveu, tenho a impressão de que estou na sua presença e que lhe ouço nitidamente a voz inconfundível. E aqui faço a você uma confidência: tenho a impressão de que me fiz romancista por espírito de emulação com o Érico e pelo muito que o admirava¹⁴⁵.

A geração de autores nascida por volta de 1900 usou preferentemente a imprensa como primeiro veículo de publicação de seus textos. Posteriormente, ao publicarem seus primeiros livros e acumularem algum reconhecimento, eles nem sempre optaram por dar continuidade a esta atividade.

Thomas Skidmore ao estudar a intelectualidade brasileira no final do século XIX, aponta o espaço literário como reduto central dos primeiros intelectuais do Brasil, embora não existisse ainda uma escrita genuinamente brasileira. Em certa medida, prevaleciam ou as medidas do texto jornalístico, ou as do romance europeu, essencialmente francês. Alfredo Bosi define a postura desta geração como partidária de um “estilo mundano”, alimentada por correntes que viviam em torno de jornais e da boemia carioca, admirados com um modelo literário ainda fortemente tributário da cultura francesa. O movimento de 1922 começaria o rompimento com esta situação¹⁴⁶.

Pode-se cogitar de certo preciosismo por parte de Benda ou Sartre ao exigirem posicionamento por parte da comunidade intelectual. Isto talvez se deva ao ambiente político das décadas de 1920 a 1940, quando parecia ser necessária uma tomada de posição frente ao crescente clima de tensões internacionais e debate ideológico que marcaram a época.

¹⁴⁵ MONTELLO, Josué. *Vianna Moog deu um romance, Tóia*. Porto Alegre: IEL, 1989. p. 8.

¹⁴⁶ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 220.

Sobre o papel dos intelectuais neste panorama, talvez a definição que melhor se aproxime daquilo que percebemos nas concepções e nas práticas de escrita de Moog seja a de Edward Said: “a questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (...) Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito”¹⁴⁷.

5. As Primeiras Obras e o Diálogo com os Mestres

A análise das crônicas jornalísticas de Vianna Moog revela inúmeras menções do autor a intelectuais europeus, notadamente franceses, dos quais ele toma de empréstimo boa parte das temáticas sobre as quais discorre. Observar alguns destes escritores talvez contribua na empreitada de entender a formação intelectual de Moog.

A produção literária de Vianna Moog se vale da diversidade, de modo a contemplar inúmeras modalidades. Da crônica jornalística, ele passou ao romance. Transitou pela escrita biográfica e pelo ensaísmo. Em 1945, quando foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, Moog havia produzido, a rigor, somente um romance, *Um rio imita o Reno*. Além deste, fecharia a lista de sua produção ficcional com *Uma jangada para Ulisses e Tóia*. Antes destes romances, porém, publicou obras de análise social, como o *Ciclo do ouro negro*, *Novas Cartas Persas* e *A ONU e os grandes problemas do nosso tempo*. Produziu uma obra falando de humor, *Heróis da decadência*, e outra de teor biográfico, *Eça de Queiroz e o século XIX*.

Quando obteve seu maior sucesso - com o ensaio *Bandeirantes e Pioneiros*, nos anos cinquenta e, posteriormente, com a biografia de Abrahan Lincoln, *Em busca de Lincoln*, Moog já gozava de reconhecimento nacional e internacional. Esta consideração era advinda, sobretudo, do prestígio de *Um rio imita o Reno* e da repercussão alcançada pelo discurso *Uma interpretação da literatura brasileira*, de 1942. Sobre seu pendor para o ensaísmo e o

¹⁴⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 25 e 26.

romance, Moog declarou em entrevista: “sei que sou um ensaísta. Mas, quando me acontece cair em estado de graça como romancista, dou-me a maior pressa em aproveitar”.¹⁴⁸

Apesar de publicar somente um romance na década de 1930, os caminhos da ficção são marcas consistentes na formação intelectual do autor em seus primeiros anos, haja vista a predominância de romancistas e obras ficcionais em sua bagagem de leituras.

Em face disso, buscamos observar a relação de Moog com alguns intérpretes das ciências sociais, filosofia e literatura, sem perder de vista as fronteiras que se estabelecem entre os lugares da crítica literária, da ciência social e da história. O interesse central neste caso é reconhecer as lições que ele toma de seus “mestres” e a forma pela qual se vale delas em seus meios de atuação. Isto especialmente quando ele aparece em cena não mais limitado ao texto jornalístico, mas adotando a trama literária e o ensaio sociológico.

A listagem de autores mencionada e utilizada por Vianna Moog encerra inúmeros nomes do meio literário, como críticos, romancistas, poetas, linguistas, ficcionistas, dentre os quais aparecem Flaubert, Guy Maupassant, Émile Zola, Anatole France, Eça de Queiroz e Machado de Assis, além de pensadores como Taine e Renan.

As referências a estes “mestres literários” servem como ferramenta legitimadora da análise conduzida por Moog em diversas crônicas em que avalia romancistas brasileiros. Ao mesmo tempo, elas potencializam idealizações e discursos do autor sobre a “formação cultural” brasileira. Encontramos aí o intelectual modernista dos anos 1920 que, como diz Alfredo Bosi, “na sua vontade de acertar o passo com a Europa, sem deixar de ser brasileiro, [...] criou como pôde uma nova poesia, um novo romance, uma nova arte plástica, uma nova música, uma nova crítica; e a seu tempo se verá o quanto ainda lhe devemos”¹⁴⁹.

As crônicas de Moog já citadas servem como amostra desta situação. É o caso da conferência de colação de grau de 1929, cujo enredo aborda demoradamente o alinhamento político brasileiro com modelos europeus, a exemplo do “desenvolvimento das instituições inglesas e seu poder de representatividade”.¹⁵⁰ Nesta afirmação, Moog pinça uma passagem

¹⁴⁸ MONTELLO, Josué. *Vianna Moog deu um romance, Tóia*. Porto Alegre: IEL, 1989. p. 7.

¹⁴⁹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 233.

¹⁵⁰ Ver nota 68.

de Hipólite Taine (1828-1873): “o inglês não abandona os negócios públicos, considerando-os como seus próprios negócios: não vive afastado deles; arde, ao contrário, por partilhar da sua gestão; e sente-se na obrigação de contribuir de qualquer modo em favor dos interesses comuns”.¹⁵¹

O historiador citado por Moog se destacou dentre os autores positivistas mais reverenciados da França, depois de Comte.¹⁵² Todavia, foi na Inglaterra que o autor encontrou eco para suas ideias, cujas origens ele situava em John Stuart Mill (1806-1873). Taine atribui à França e ao contexto de crise pós-1871, um sistema considerado pessimista e elitista, o qual foi criticado e rejeitado na época.

No texto *A decadência do estylo*, Moog recuperou o pensamento de Taine, desta vez, ao lado de Guy de Maupassant, com o fim de legitimar as ideias que desenvolveu sobre o conceito de arte. Ele salientou que a arte não prescinde da concepção cientificista, advogada por Taine, bem como não sobrevive sem a capacidade criativa de Maupassant. Assevera ainda que a maior relevância da arte e do artista reside no talento de conduzir o entrelaçamento da objetividade e da ação criativa, realização que julga muito difícil. De modo que “só Cristo, o maior artista de todos os tempos, conseguiu atingir tal perfeição. Daí o equilíbrio: a verdade fora da arte é prosaica e inexpressiva”.¹⁵³

Em dois temas diferentes (realidade brasileira e concepções de arte), Moog lança mão de dois intelectuais europeus, contemporâneos da segunda metade do século XIX, mas que provêm de campos diferentes, haja vista que Maupassant se dedica ao gênero literário, ao passo que o positivismo de Taine é uma doutrina filosófica. Todavia, é sob esses dois enfoques que Moog fez transitar seu olhar entre a crônica de teor político e de análise literária. No mesmo sentido, pode-se pensar na reprodução desse modelo por ocasião de sua adoção do ensaísmo, estilo que marcaria a escrita do autor nas décadas seguintes, conforme veremos à frente.

Noutro momento, novamente escrevendo no terreno literário, Moog rastreia a orientação da maioria dos romances de Benjamin Costallat. No entendimento de Moog, Costallat

¹⁵¹ Crônica publicada em *A Federação*, 9 de abril de 1936. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos

¹⁵² Ver: TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: Edusc, 2000. p. 94.

¹⁵³ *Jornal Correio do Povo*, 10 Jun 37. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos

peça pela incapacidade de inovação em seus personagens, pela ausência de enredos originais. Ao invés disso, se limita a transportar para seus livros características de escritores consagrados como Balzac (1799-1850), Pitigrilli (Dino Segre 1893-1975) e Eça de Queirós (1845-1900), denotando, desta forma, uma espécie de apropriação da “roupa velha da literatura internacional”. Com este tom, Moog conduz o texto pontuando a relação que identifica entre os romances de Costallat e os dos europeus, de modo que os paradoxos de Pitigrilli, as indagações psicológicas de Balzac e a ironia de Eça, seriam meramente ressignificados pelo brasileiro.¹⁵⁴

A literatura do italiano Dino Segre (Pitigrilli) tinha como característica central a opção pela escrita pautada em paradoxos, como ele demonstra no romance *O homem que inventou o amor*, de 1929¹⁵⁵. Essa trama remete ao conflito de consciência de um magistrado que se preocupa com o destino de uma mulher que havia condenado. Ou seja, trata-se de explorar os conflitos de um juiz que não abre mão da consciência profissional, ao mesmo tempo em que ela o aflige. Essa publicação corresponde a um possível desejo de Pitigrilli em metaforizar a cena social, especialmente a racionalidade, a necessária impessoalidade estabelecida entre as instituições estatais, os operadores do Direito e a sociedade sobre a qual atuam¹⁵⁶.

Para Moog, as reflexões de Pitigrilli sobre as ambivalências, sobre as contradições a que estamos sujeitos, fazem sentido, especialmente pela sua condição de advogado e de cronista. Pitigrilli sugere o abandono da observação dogmática do positivismo em favor do olhar que circula nas ruas, por entre as relações de homens e mulheres no cotidiano.

Pitigrilli era um judeu católico, que foi acusado de aproximar-se de Mussolini, embora isto nunca tenha se comprovado. Em razão dessa acusação, viveu grande desconforto, além do ostracismo no meio intelectual. Isso sugere outro ponto de semelhança, ou de inspiração para Moog, uma vez que a ingerência política e a imposição da censura à Pitigrilli se parecem com o ostracismo impingido por Getúlio Vargas a Vianna Moog na ocasião em que o transferiu para a Amazônia, em 1932.

¹⁵⁴ Crônica jornalística, de 15 de julho 1936. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos

¹⁵⁵ Ver Segre, Dino (Pitigrilli). *O Homem que inventou o amor*. Rio de Janeiro: Casa Vecchi Ltda, 1929.

¹⁵⁶ O ponto nodal do romance é descobrir que a procura pelo amor não é diferente da procura pela justiça, tanto que seu personagem central termina seus dias novamente como juiz, em distante colônia francesa.

O autor demonstra apreço pelas ideias de Pitigrilli, um romancista atento às realidades sociais: “os paradoxos que em Pitigrilli são corrosivos, irritantes, implacáveis, amaciam-se para adquirir mais encanto, polidez e elegância”¹⁵⁷.

Outro autor mencionado por Benjamim Costallat em suas obras e que mereceu frequentes considerações de Vianna Moog foi Honoré Balzac que, vivendo apenas cinquenta anos, escreveu oitenta e cinco romances. Ruth Guimarães¹⁵⁸ enumera alguns comentadores de Balzac, cujas avaliações se mostram divergentes. Marcel Bouteron se diz admirado por cada um dos romances do escritor, e afirma que o menor deles teria sido suficiente para construir uma reputação, ao passo que Hipólito Taine o descreve como um escritor de ideias amontoadas, de enredos complicados, dotado de um estilo penoso. Para o próprio Moog, as indagações psicológicas do francês soavam monótonas e cansativas.

Independentemente das opiniões desencontradas acerca de Balzac, existe um entendimento quanto à representatividade do escritor em seu tempo, especialmente no meio literário, haja vista a permanência dele e sua obra nos tempos atuais. Ruth Guimarães¹⁵⁹ assinala que Balzac passou pela revisão do tempo, enquanto que a maioria de seus contemporâneos, muitos aquinhoados com prêmios jamais recebidos por ele, sucumbiram. Sua representatividade no cenário francês desperta a admiração de Moog, notadamente em sua tarefa de tentar retratar as mazelas sociais francesas.

Vianna Moog se mostra fascinado com a qualidade singular do realismo de Balzac, com a sensibilidade pela qual ele observa a cena cotidiana. Isto é, não somente pela sua produção literária, mas pela expressão audaciosa frente ao tempo e à realidade em que estava inserido.

Em relação a Eça de Queirós, Moog não se faz comedido e expressa sua admiração e reconhecimento ao escritor português. Esta admiração rendeu-lhe uma de suas primeiras obras, uma biografia que é quase uma homenagem: *Eça de Queirós e o Século XIX*. Moog publicou ainda uma crônica (1936) com o mesmo título, em que destaca a positividade do século

¹⁵⁷ Crônica jornalística, de 28 de junho 1931. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos

¹⁵⁸ GUIMARÃES, Ruth. *Vidas ilustres XI – os romancistas*. São Paulo: Cultrix, 1961. p. 84 e 85.

¹⁵⁹ Idem, p. 86.

XIX em contar com autores da fortuna intelectual de Eça, que percebe dentre os mais representativos e identificados com a alma de seu tempo ¹⁶⁰.

Para embasar tal afirmação, Moog traçou, neste texto, um comparativo entre os homens, os fatos e as ideias do século XIX com os homens, os fatos e as ideias apresentadas pelo escritor português nos seus livros. Essas duas dimensões sociais, uma real, outra ficcional, revelam, segundo ele, a capacidade do escritor em não se contagiar pela euforia do tempo, nem se deslumbrar pelos feitos dos seus contemporâneos.

Para ele, Renan e Anatole France não obtiveram o mesmo brilho de Eça. Suas passagens pelo círculo literário no século XIX teriam se assemelhado aos cometas, rápidos e quase invisíveis. O erro de tais escritores, segundo Moog, estava em serem mobilizados por questões como a filosofia escolástica do século XVIII, e não pelas questões urgentes dos tempos em que viveram. Dessa forma, enquanto esses dois autores perdiam o compasso do tempo, Eça de Queirós brilhava, diz Moog,

Eça conseguiu fixar-se. Na grande revolução mecânica, industrial, biológica, intelectual e estética da época, no século de Darwin e de Haeckel, de Lamarck e Le Varrier, não ficou, como Renan e os pensadores da fase anterior, nem clássico, nem humanista, nem enciclopedista. Foi darwinista com Darwin, romântico com Hugo e Chateaubriand, realista com Zola, naturalista com Flaubert, conforme as predileções medulares ou superficiais do momento. Fixou-se precisa e paradoxalmente em razão de sua volubilidade, que lhe permitiu fizesse de sua obra uma imagem do seu tempo. Do século XIX é que lhe vem o cientificismo, o naturalismo, o gosto pelos problemas biológicos. Daí ainda o narcisismo, o orgulho da razão, a suficiência, a fatuidade, o cinismo, a leviandade, a arrogância, a paixão pelo bizarro, o dandismo e o culto meio ingênuo dos ideais democráticos. ¹⁶¹.

Entrevistado pela revista *Preto e Branco*, em 1938, a respeito do livro que iria lançar em breve (*Eça de Queirós e o século XIX*), Vianna Moog reconheceu que as biografias se constituíam em produto literário de boa aceitação no segmento livresco. Além disso, o gênero em si o atraía, pois: “não é possível ao homem isolar-se por completo do passado. Vivendo com imagens e ideias filtradas até ele através das anteriores gerações que estuam no seu sangue, não é sem ajuda de outros elementos que vem conseguir uma libertação parcial ou total da trama que o prende ao pretérito”. ¹⁶²

¹⁶⁰ Crônica jornalística, 1º de outubro 1936. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁶¹ Idem,

¹⁶² Idem,

Outra razão, segundo o autor, para escrever sobre Eça, referia-se a sua preocupação com o presente, com os fantasmas da realidade brasileira, de maneira especial com os rumos políticos do país e, de alguma forma, com os da política internacional, haja vista a afirmação dos regimes totalitários, a crise econômica internacional e os conflitos diversos que anteciparam a Segunda Guerra Mundial. Para Moog, escrever sobre Eça significava exorcizar fantasmas e preocupações cotidianas que insistiam em se manter na pauta de discussões. O próprio Eça se utilizava deste expediente de construir viagens retrospectivas, diz Moog. Em suas últimas páginas, lembra ele, o português se dedicou a escrever sobre os santos que mais o impressionavam. Então, “o que ele fez com os santos, resolvi fazer com ele, que é o meu fantasma de cabeceira.”

Não menos importante para compreender a produção de Vianna Moog foram os estudos que ele realizou sobre “escritores e humor”. Neste caminho, ele seguiu a abordagem de autores, leituras, ideias, inspirações e exemplos de escritores famosos, de modo a subsidiar algumas de suas crônicas jornalísticas. Como parte dessa reflexão, destacou três nomes, Petronio, Cervantes e Machado de Assis. Aprofundou a pesquisa sobre o tema e transformou-a em seu primeiro livro, *Heróis da decadência* (1934), cuja análise se desenvolveu em toque humorístico. Num texto entre sátira e ironia, por vezes, quase sarcástico, transcorre sua detalhada observação sobre os referidos escritores¹⁶³.

Assim Moog estabeleceu correspondência entre escritores, heróis, humor e decadência, dando a entender que a extinção de velhos heróis, em nome de novos heróis, novos símbolos, caracterizaria um processo permanente de sucessão no interior da civilização. Isto, sobretudo na transição de uma época para outra, como o fim da antiguidade clássica ou o fim da Idade Média, ou o caso do surgimento e posterior desaparecimento dos profetas, clérigos e sacerdotes, cujo heroísmo cedera lugar a outro herói, o humorista.

O humorista, nesse caso, seria sinônimo de intelectual, alguém cujo perfil, de acordo com Moog, se pareceria com o escritor de seu tempo; o intelectual, então, seria o herói do

¹⁶³ Sobre Cervantes e o humor, Hernani Donato diz que o espanhol havia criado “à sua imagem e semelhança, o genioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha, escrevendo o primeiro dos romances modernos, o último dos romances medievais, a bíblia do humorismo universal” DONATO, Hernani. *Vidas ilustres XI – os romancistas*. São Paulo: Cultrix, 1961. p. 40.

momento. O humor definiria a capacidade do intelectual de navegar frente à decadência de outros heróis de maneira isenta, compreensiva.

Supérfluo é falar dos feitos de Cronwell ou de Napoleão, heróis como reis e como guerreiros. Restam ainda os poetas. Mesmo eles, Dante ou Shakespeare, são inspiradores de paixões que desencadeiam tempestades. Em contraste, só o humorista é um herói incruento. Só ele não levanta legiões. O seu culto não pede sacrifícios, dispensa arcos de triunfo, templos e altares. Não crê, não quer proselitismo, não levanta os punhos para o ar em atitude ameaçadora. Não faz guerras, nem promete paraísos no céu ou na terra. Sorri ao dogma, à certeza, à razão. Só de uma coisa não se cansa e não se aborrece: é de compreender¹⁶⁴.

A indicação de que o humorista sorri frente ao dogma remete a outro mestre de Moog, Anatole France, que se diz contrário à inspiração dogmática e a toda a especulação filosófica.

Duas crônicas de Moog versaram sobre o tema, ambas publicadas em 1933, um ano antes da primeira edição de *Heróis da decadência*. A passagem de um círculo a outro, do jornal ao livro, permite pensar o gradativo envolvimento do autor com a palavra escrita, o qual se fazia acompanhar de certa maturidade. Um pequeno indício do cuidado do autor com a palavra escrita aparece no grifo “muito melhor!” anotado a mão por Moog junto ao título de uma dessas crônicas, *Ensaio sobre o humor*¹⁶⁵, a qual foi destacada do jornal e arquivada pelo autor.

Manifestando sua concordância com a utilização do humor como instrumento para pensar as sociedades, ele enumera autores que, na sua ótica, assim o fizeram, entre os quais estavam Anatole France, Bernard Shaw, Eça, Machado de Assis, Mário Brandt, Álvaro Moreira e Tobias Barreto. Os russos, por outro lado, “cujas convicções degeneraram em fanatismo, que vêem nas bombas o melhor argumento para provar a superioridade de suas ideias, são incompatíveis com o humor, a menos que se queira identificar com ele a ironia”.¹⁶⁶

A segunda crônica sobre este tema, cujo título antecipa o livro *Heróis da decadência*, publicada um mês depois da primeira, revela a sincronia de Moog com escritores mais

¹⁶⁴ Crônica jornalística, 07 de junho de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁶⁵ Crônica jornalística, 11 de maio de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁶⁶ Idem,

clássicos, a exemplo de autores como Cervantes, Rousseau, Lutero e Karl Marx, talvez prenunciando o passo seguinte, o do livro, no qual desembocaria a reflexão, no ano seguinte.

No ano de 1933, quando escreveu e publicou essas duas crônicas no jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre, Moog estava residindo na Amazônia, onde cumpria exílio político e trabalhava na condição de fiscal de impostos de consumos. Em *Ensaio sobre o humor e Heróis da decadência*, o autor conclui o texto declinando o local de onde escreveu: “Amazonas, Manacapuru”.

A convivência com a realidade histórica e sociológica da Amazônia certamente atuou como mais um elemento da fortuna intelectual de Moog. A Amazônia é apresentada no texto na perspectiva da diversidade cultural e biológica, que refletia as mazelas da realidade brasileira, pouco conhecida por outras regiões, governos e mesmo pelos homens de letras. Moog não discutiu nelas as coisas que observava e vivia naquela região. Todavia, nada impede de pensarmos a Amazônia como inspiração em seus escritos, sobretudo no que tange à diversidade, aos contrastes, conforme ele mesmo expressa, “já não se fazem grandes coisas. Contenta-te com dizer coisas belas. Crer na beleza, sugerindo-a no efeito dos contrastes. O belo como o feio, o bem como o mal, são matéria prima da beleza universal na harmonia esplendida do conjunto”¹⁶⁷.

Sobre *Heróis da decadência*, o romancista R. Magalhães Júnior¹⁶⁸ assinala o interesse gerado pela obra, apesar de Moog ser um estreante, quase desconhecido. Contou a seu favor a habilidade em conduzir satisfatoriamente a expressão de três autores tão distantes no tempo e no discurso, Petrónio, Cervantes e Machado de Assis. A empresa se mostrava ambiciosa, uma vez que o reconhecimento da personalidade, concepção e trabalho de cada um desses escritores já seria um grande feito. Tratava-se de uma provocação sugerida pelo próprio Moog e da qual ele soubera dar conta.

Além destas duas crônicas versando sobre o humor, é da Amazônia que vêm outros textos jornalísticos que, ao serem reunidos, se transformam no segundo livro de Vianna Moog, *O ciclo do ouro negro*. São diversos escritos em que o autor aborda a formação social da

¹⁶⁷ Crônica jornalística, 07 de junho de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos

¹⁶⁸ JUNIOR, R. Magalhães. Prefácio. In: MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

Amazônia, suas lendas, estuda as migrações, a relação dos brancos com os indígenas e a geografia, entre outros aspectos. Ele os produz como ensaios, no sentido de analisar a formação cultural brasileira pela ótica da comparação, do espelho.

O método comparativo se fazia frequente em suas obras futuras, conforme se percebe no romance *Um rio imita o Reno* e no ensaio *Bandeirantes e Pioneiros*. Por meio de contrastes, caso do romance, é possível analisar a diversidade cultural brasileira através de personagens e enredos ambientados na Amazônia e Sul do Brasil, num movimento de culturas, costumes, falas, conceitos e preconceitos raciais de um lado, seguido de reações de outro.

No ensaio *Bandeirantes e Pioneiros*, Moog ampliou a lente utilizada no romance, e passa analisar não mais o Brasil em suas regiões, mas o Brasil frente ao espelho internacional. Assim, o mote do livro é o contraste entre a formação cultural brasileira e a formação cultural norte-americana.

Na crônica *O êxodo e o servo da gleba na Amazônia*¹⁶⁹, o autor ponderou sobre a ocupação territorial e social da região amazônica em comparação com o extremo Sul do Brasil. Enquanto na região Sul as imigrações italiana e alemã se radicavam ao solo e à nova forma de vida, na Amazônia, com exceção do índio e do caboclo, as diversas levas de imigrantes viveriam em um quadro de instabilidade devida à incapacidade de adaptação do homem aos rigores da natureza. Somava-se a isto a ausência de um modelo produtivo regular, ligado a terra ou à indústria.

Ao contrário, a possibilidade produtiva da região é dada pela atividade cíclica: os ciclos da borracha, da castanha e das drogas naturais. Com a decadência do ciclo da borracha, decai o ciclo do “ouro negro” da região, diz Moog. O autor compara este caso com o ocorrido na Califórnia, nos Estados Unidos: “repetia-se na Amazônia o espetáculo estonteante da Califórnia dos dias de Hans Suter. Com uma diferença. O ouro da Califórnia improvisou uma grande e rija civilização. O ouro negro, se construiu Manaus e Belém, desmantelou a vida das colônias do interior”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Crônica jornalística, 1 de julho de 1933. Pastas 1-5, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁷⁰ Idem,

O olhar de Vianna Moog para a realidade sociológica da Amazônia, conforme demonstra em seus escritos jornalísticos e, depois, em livro, rendeu-lhe o reconhecimento de Monteiro Lobato, o qual fez publicar em jornal uma homenagem ao autor de *O ciclo do ouro negro*:

Estou literalmente encantado com seus livros, embora só tivesse tempo de ler um, o sobre a Amazônia. O sangue holandês entremostra-se na solidez da visão, na boa qualidade da cultura científica e histórica, na preocupação da justa medida, do exato, do instintivo repúdio a metáfora tropical, tão sonora quanto oca. Chego a abençoar a revolução de 32, já que foi ela a determinante do O ciclo do ouro negro. (...) Pena foi que a ditadura não condenasse Vianna a viver lá uns dez anos, porque então, sim, a Amazônia encontraria, afinal, o seu perfeito e completo amazonida. Este livro despertou-me o apetite para os demais, que a seu tempo serão igualmente ingeridos. Ma tenho uma queixa de você meu caro Moog: não ter me procurado para uma conversa longa e reveladora. Nem sempre esconder o leite da certo – e enquanto estive aí você egoisticamente escondeu o leite. Só aqui, ontem, domingo, descobri o seu valor.¹⁷¹

Também resultante de uma coletânea de crônicas jornalísticas, surgiu a terceira obra de Vianna Moog, *Novas Cartas Persas* (1937). Nesse trabalho o autor inspira-se no famoso livro de Montesquieu para dissecar o contexto político brasileiro com fina ironia e boa dose de humor.

Um dos comentadores dessa obra na época, Roni Lopes de Almeida, disse tratar-se de uma “sátira política de Moog”. Moog recriou nela cenário e personagens (Iben, Rustan e Usbek) pelos quais zombava de políticos e dos rumos da ditadura de Vargas. Para Lopes de Almeida a obra dizia, “com doçura de morcego, as grandes verdades, os segredos religiosamente conservados na intimidade da política revolucionária de outubro, a fisionomia moral de certos ídolos de barro, os erros dos vencidos e dos vencedores, a nobreza dos que deixaram o mau caminho”¹⁷².

Nelson Werneck Sodré também comentou o novo livro de Vianna Moog. Para ele, a estratégia narrativa do texto serviu para driblar a vigilância e a censura imposta pelos agentes do governo. De fato, a obra recorre ao recurso das figuras de linguagem, especialmente da ironia e sátira, como se pode observar no trecho da carta de Khayam: “nunca te abandones à cólera ou sorri ao destino que te fere, ou quando se passa os olhos pelas palavras de Anatole, a

¹⁷¹ Carta de Monteiro Lobato para Vianna Moog. Jornal *Correio do Povo*. 15 de março de 1938.

¹⁷² Crônica *A sátira política de Vianna Moog* de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário Associados*. Dia 29 de maio de 1937.

ironia que eu invoco não é cruel. Não zomba do amor, nem da beleza. É doce e benevolente, seu riso acalma a cólera, e é ela que nos ensina a desdenhar dos tolos e maus.¹⁷³

Segundo Werneck, a ironia de Moog permite visualizar a realidade brasileira em dois momentos. O primeiro marcado por observações mais epidérmicas, passando em seguida para um estágio de impressões mais medulares. Dessa forma, Moog utilizou a ironia em duas faces. Enquanto um dos persas falava do Brasil, em cartas para Teerã, o outro enviava suas impressões de Teerã para o Brasil, fazendo parecer a situação de uma pessoa que se coloca entre dois espelhos, de modo que, a um só tempo, pode-se ver o rosto e as costas. Na carta que vai e que vêm, revela-se um pouco dos problemas e erros do Brasil e de seu governo marcado por contradições: “a empregocracia, por exemplo, Palevy veio dos confins da velha e tradicional província de Masanderam. Foi elevado por uma subversão. Foi destinado a salvar a pátria, a dar novos rumos aos misteres do governo. Que fez, entretanto? Empregou, empregou e empregou”.¹⁷⁴

6. “Vianna Moog arteiro, borboleteia de tema em tema no mundo largo das ideias”¹⁷⁵

A tarefa de analisar o pensamento de Vianna Moog, especialmente nos primeiros anos de sua trajetória, parece nos conduzir de forma inapelável para o terreno literário. É no círculo da produção literária, do romance, que Moog assenta as linhas mestras de sua formação intelectual. Em face disso, pode parecer intrigante ou mesmo contraditório, mencionar um Moog tributário da escrita literária, e vê-lo expressar-se neste terreno, no terreno do romance, somente no quinto livro, *Um rio imita o Reno*.

As quatro obras anteriores se enquadram, em linhas gerais, numa ótica de observação sociológica, haja vista tratar-se de dois textos de análise de escritores consagrados, (tanto em *Heróis da decadência* (Petrônio, Cervantes e Machado de Assis), quanto na biografia *Eça de Queirós e o século XIX*), e outros dois voltados à observação social, cultural política (*O ciclo do ouro negro* e *Cartas persas*).

¹⁷³ Crônica *Novas Cartas Persas*, de Nelson Werneck Sodré. *Jornal Correio do Povo*. 25 de agosto de 1937.

¹⁷⁴ Idem,

¹⁷⁵ Crônica *Novas Cartas persas*, de Paranhos Antunes. *Jornal Correio do Povo*. Dia 01 de junho de 1937.

É curioso que atraído pelas “medidas da literatura”, ele tenha se valido por tanto tempo apenas da crônica jornalística, tardando seu ingresso no campo do romance. Se por um lado a publicação de *Um rio imita o Reno* esperou quase seis anos após a primeira obra do autor para vir a público, por outro, pode-se admitir que as ferramentas que iriam forjar sua construção estavam sendo utilizadas desde o período anterior, quando Moog se dedicou à crônica.

Sem exageros, talvez possamos ir um pouco mais longe e identificar os primeiros passos de *Um rio imita o Reno* sendo alinhavados nos seus escritos jornalísticos. Lá aparecem discussões sobre a formação cultural brasileira de forma comparativa, bem como o olhar afiado sobre as diferenças entre a cultura da sociedade amazônica e sulina, com especial atenção para as concepções étnicas ou raciais existentes no Sul. Sem contar o debate acerca de questões políticas, da produção e desenvolvimento da região que também estão ali. Neste quesito, a comparação Norte-Sul de Moog revela a predominância dos temas políticos no Rio Grande do Sul. Predominância essa inexistente no terreno literário, em que pese o sucesso de alguns autores a nível nacional. Segundo Moog,

A predominância das preocupações políticas, resultantes de uma civilização caldeada e temperada na luta dos partidos, e o imperativo das exigências materiais decorrentes de uma prosperidade cartaginesa, são por demais absorventes para permitir a fuga dos espíritos aos domínios da alta cultura e da ficção. Vivendo em profunda harmonia com os fatos, cujo destino deve marcar rumos ao nosso próprio destino, é natural que nos falem longos vagares para encarar demoradamente o mundo e a vida, fora e acima do estreito ângulo regional. Basta observar o quadro dos nossos escritores, onde predominam historiógrafos e regionalistas, para verificar que ainda nos intervalos das campanhas políticas, o ‘leitmotiv’ de nossas cogitações é sempre o Rio Grande. Aliás, este narcisismo literário é próprio dos povos em evolução. No norte, porém, as coisas já não se passam da mesma forma.¹⁷⁶

Moog é contemporâneo da literatura modernista que buscou a valorização de uma linguagem estética brasileira, em detrimento das formas provenientes da Europa que predominavam até então no cenário das letras do país.

Podemos afirmar que o fato de o autor residir na Amazônia no início dos anos 30 (o que pressupõe um afastamento sob o ponto de vista geográfico em relação ao centro da vida

¹⁷⁶ Crônica de jornal, 06 Out. 35. Pastas 1- 4, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca central da Unisinos.

política, econômica, social e cultural brasileira), não significou um estado de alienação, sobretudo no terreno literário e das inovações advindas do pós -30.

Alfredo Bosi¹⁷⁷ salienta as transformações no Brasil naquele tempo. Uma delas teria ocorrido no interior da própria literatura e certificada pelo movimento político que levou Getúlio Vargas à Presidência. A eclosão da Revolução de 30 por conta de contradições sociais, políticas e culturais, seguida dos projetos colocados em andamento no sentido de reformular tal contexto, levou consigo a perspectiva de fincar novas bandeiras na construção literária brasileira. As ideias da Semana de Arte Moderna de 1922 só serviram como ponto de partida deste processo. Somada a isso, a revolução também é anunciadora de nova orientação econômica, política e social para o Brasil, o que representa a superação de velhos ranços da realidade brasileira, (Bosi, 1984).

Dizer que Moog é filho de seu tempo implica, do mesmo modo, reconhecê-lo como um autor atento aos mestres europeus, porém sem a tentativa de reproduzi-los com a mesma ênfase dos “anatolianos”, grupo assim definido por Sérgio Miceli¹⁷⁸. Álvaro Moreira, um dos pertencentes a este grupo, viveu em Porto Alegre, mas se considerava integrante de uma “geração estrangeira”: “Estávamos exilados no Brasil. Achávamos tudo ruim aqui. [...] Foi Anatole France, com oitenta anos, que deixou a excelente lição: faço o possível para evitar na vida tudo que me parece feio. Amou a vida, e nos mostrou que a vida é bela”.¹⁷⁹

A época de Moog não invalida a importação de ideias. Todavia o espaço de circulação dos anatolianos segue um curso declinante, especialmente nos decênios de 1930 e 1940, em que “houve uma convergência de fatores que fez do romance o gênero privilegiado, com profissionalização (relativa) do escritor graças à indústria do livro e à substituição de importações no tipo de leitura, no momento da entrada maciça dos padrões norte-americanos.”¹⁸⁰

¹⁷⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 431.

¹⁷⁸ Os “anatolianos” se caracterizavam pela escrita e vida literária durante a República Velha, no período entre o final da geração de 1870 e a eclosão do movimento modernista. Para boa parte dos autores dessa época pré-modernista, a fascinação pela escrita remetia à importação de gêneros literários franceses, cuja demanda orientada pela imprensa, principal instância de publicação e circulação literária da época, absorvia reportagens, crônicas, entrevistas e demais novidades recém-chegadas da França. Um dos autores europeus que mais gerava influência entre os escritores brasileiros era Anatole France, daí o termo “anatolianos”. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.13-63.

¹⁷⁹ Citado por MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 63.

¹⁸⁰ CÂNDIDO, Antônio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 75.

A década de 1930 estava indicando novos caminhos, novos olhares, outros dizeres. Talvez não houvesse mais espaços somente para os “anatolianos”. Moog percebe as mudanças e escreve:

Tenho cá minhas razões para acreditar que a nossa época há de ser ainda profundamente revolvida e estudada. Primeiro por ser uma época de transição e, secundariamente, pelo forte motivo de que os historiadores têm revelado até aqui mórbida curiosidade pelas fases em que um ciclo histórico se encerra e outro se inaugura. Como nada indica que eles venham a mudar, o que seria contrário à natureza das coisas, é mais do que provável que este momento do mundo, do Brasil e do Rio Grande do Sul seja vastamente vasculhado no futuro. Instituições agora vigentes, leis, costumes, organizações sociais, concepções políticas, concepções literárias. E nada será deixado em silêncio, nem mesmo a literatura, embora seja de presumir que nesses distantes tempos ela já tenha sido abolida, como ocupação perturbadora e ociosa, uma inutilidade social experimentalmente comprovada¹⁸¹.

Esta citação nos oferece uma pequena mostra do envolvimento do autor com as leituras da época, do passeio que fez entre as diversas áreas do conhecimento, da crença de que tal passeio será ainda mais caro nos tempos vindouros. Com isso, o ofício de analista tendia a exigir-lhe habilidades não fixas numa ou outra abordagem. Moog não descarta, inclusive, uma possível confusão como resultado disso: “É porque prevejo a confusão que me apresso a incluir este artigo nas coleções do jornal (*Correio do Povo*), que certamente você, historiador, terá o cuidado de manusear com vagar e volúpia, como se manuseiam as coisas sagradas, os grandes colecionadores de épocas passadas, os espelhos fiéis do seu tempo, dos homens e das imagens”¹⁸².

Além disso, o autor revela preocupação com os dizeres de romancistas e historiadores do futuro. Os romancistas poderão estar às voltas com uma literatura menor, cambaleante, ao passo que os historiadores (uns “mórbidos curiosos”) ao vasculharem o passado, poderiam tecer olhares e posicionamentos como se fossem juízes do tempo. Entre o literato “perturbador e ocioso” e o historiador atuante, entre um ciclo de tempo e outro, parece existir uma hierarquia de papéis, cujo privilégio estaria reservado ao historiador. Há nisso, parece, um misto de constatação e receio por parte do autor, acerca do juízo de valor que o futuro possa atribuir aos eventos e ações de seu tempo.

De alguma maneira Moog induz o leitor a se convencer de que a interpretação da-quele tempo exigiria outras ferramentas, que não somente uma teoria da moda ou ideia impor-

¹⁸¹ Crônica de jornal, 26 Jan. 1938. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁸² Idem,

tada. Por extensão, a construção escrita também estaria à mercê de nova orientação. Neste caso, cabe ressaltar a discussão do autor acerca das tendências universalistas ou especializadas que surgem entre escritores a partir do século XX.

Ressaltamos que esta dicotomia “universalismo e especialismo” não segue a mesma análise desenvolvida acima entre concepções de “universalismo” e “particularismo” na definição do papel dos intelectuais. No caso desta abordagem, a oposição “universalismo e especialismo” ressalta as vertentes de estudos acionadas pelo escritor, seja ele romancista ou analista social, acerca da realidade brasileira.

O autor não vê com bons olhos o crescimento dos “especialismos”, uma vez que o especialista constrói seu conhecimento de forma unilateral e, como se não bastasse, providencia em ocupar o espaço até então reservado aos universalistas, sobretudo os apreciadores das ideias universais do século XVIII.

Por meio de crônica, Moog comenta o trabalho de Alcides Bezerra que, por sua vez, discute a produção de Silvio Romero.¹⁸³ Moog enaltece em Bezerra a capacidade, segundo ele, rara na literatura e em autores de seu tempo, de construir textos “arejados pelas correntes de ar do humanismo, da universalidade e da síntese”. Ele se diz contrariado ao perceber o declínio da inteligência universal em favor de um mundo em que as exigências da técnica vêm preterindo gradativamente os reclamos da espiritualidade.

O homem, mas o homem no sentido clássico de totalidade, espécie embora fugitivamente comemorativa de um Goethe ou daquelas esplêndidas florações humanas da Renascença, esse anda em verdade muito pouco encontrado. Por toda parte só encontramos indivíduos mais ou menos especializados, gente que fora dos limites de seu ambiente específico, são primitivos, primários, elementares: verdadeiros bárbaros, na expressão de Ortega Y Gasset. Incapazes de entrever o universo como unidade cósmica estética, unilaterais, só tem olhos para ver o pequeno mundo doméstico de sua especificidade. Tudo mais eles procuram reduzir, com cândido simplismo, a meros capítulos da ciência de sua predileção. Fora disso, em terreno neutro, dificilmente se entendem entre si, porque numa mesma língua falam linguagens diferentes¹⁸⁴.

Todavia, a rejeição do especialismo em Moog vai de encontro não somente às novas exigências técnicas, mas ao surgimento de cursos acadêmicos e universitários no decorrer da década de 1930 e 1940 no Brasil. Além disso, “a necessidade de conhecimentos técnicos au-

¹⁸³ Crônica de jornal, 25 Mar. 36. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

¹⁸⁴ Idem,

mentou na sociedade moderna. (...) É evidente que um Estado não pode tomar providências contra a inflação sem o parecer de economistas ou realizar uma reforma sanitária sem o parecer dos médicos”.¹⁸⁵

Neste sentido, parece compreensível a preocupação do autor, uma vez que as especialidades, afiançadas pelas tendências de Ensino Superior, iriam gradativamente suplantam as grandes sínteses universais e, por extensão, o próprio estilo ensaístico. Para Roberto Ventura, “enquanto na Europa a separação entre história e etnologia ocorreu por volta de 1800, no Brasil ela só se deu a partir de 1930, com o início da especialização científica, mesmo assim de forma parcial, já que as descontinuidades culturais são intrínsecas à sociedade nacional”.¹⁸⁶

Para Vianna Moog, que se mostra um ambicioso leitor de autores nacionais e internacionais, a ponto de lamentar a falta de oportunidade de ler outros tantos, “hoje me penitencio de não ter incorporado aos meus conhecimentos, à minha cultura, a leitura dos autores e filósofos alemães no original”¹⁸⁷. Talvez não pudesse sustentar outra reação diferente desta, de contrariedade diante da “linguagem diferente, enquanto todos falam a mesma língua”, pois assim procedendo mantinha coerência com sua formação intelectual, com a sua geração, a de “autores independentes”¹⁸⁸. “Aconselho aos que me lerem a prestarem atenção: nem sempre tenho a isenção suficiente para ver as coisas. Procuo ser o mais sereno, o mais imparcial, mas sempre a dialética do meu sentimento interpretativo está presente”¹⁸⁹.

Ao afirmar que Alcides Bezerra não se encastela contra nenhuma filosofia e nem tampouco ciência ao analisar a produção de Silvio Romero, Moog aproveitou para somar seu desagrado contra este crítico e seu estilo “rixento e caudilhesco de letrado que se presumia nascido para detentor exclusivo da verdade, da razão e do bom gosto”.¹⁹⁰

O desacordo de Moog com o estilo de Silvio Romero serve como uma espécie de senha para observar mais um traço seu. Os textos que escrevera até então já evidenciavam uma perspectiva de observação culturalista, negadora de afirmações deterministas, a exemplo

¹⁸⁵ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73.

¹⁸⁶ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 40.

¹⁸⁷ Trechos do depoimento de Vianna Moog ao jornalista Cláudio Todeschini para o Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, em 01 de maio de 1976.

¹⁸⁸ JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 29 e 30.

¹⁸⁹ Trechos do depoimento de Vianna Moog ao jornalista Cláudio Todeschini para o Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, em 01 de maio de 1976.

¹⁹⁰ Crônica de jornal, 25 Mar 36. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

das teorias raciais em evidência a partir do final do século XIX. Moog focaliza as teorias raciais, naturalismo, evolucionismo como sendo leituras unilaterais, as quais desprezariam os ensinamentos universalistas de um Voltaire.

Esses princípios fazem parte integrante de uma ciência que corre mundo com um rotulo de belo efeito – a antropogeografia – convenho em que os problemas do nosso tempo não podem ser os mesmos do século XIX, quando a preocupação predominante era a garantia das liberdades e que a essas preocupações devem somar-se as de ordem econômica. Mas resolver estas, sem continuar o aperfeiçoamento daquelas, é reincidir no absurdo da unilateralidade que se procurou combater. E o perigo de hoje, embora em outros setores, continua a ser o de ontem: está no valor absoluto que os ortodoxos da antropogeografia pretendem dar aos seus preceitos. Neste caso, o erro não é propriamente da antropogeografia, mas dos antropogeógrafos especialistas, que incidem no mesmo vício dos teóricos do naturalismo e do evolucionismo: deslumbrados com suas teses, andam a procura de fatos que se ajustem as suas leis, não de leis que efetivamente se acomodem a totalidade dos fatos. Para esses seria recomendável relerem um pouco Voltaire, que como todo o espírito universalista, gostava de ver as coisas por todas as faces.¹⁹¹

As teorias ou doutrinas unilaterais eram tidas como ferramentas explicativas da formação cultural brasileira e, se levadas a efeito, trariam soluções para a questão étnica da sociedade brasileira. Evolucionistas e neodarwinistas como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues defendiam a transformação do negro e do mestiço brasileiro em brancos. Neste caso, a mestiçagem desempenharia o papel de “melhorar” a sociedade, de livrá-la das raças inferiores, às quais pertenciam o índio e o negro, este último recém-liberto do escravismo. A respeito disso, Thomas Skidmore salienta que “a doutrina neodarwinista do triunfo das raças fortes, assim como sua tese da degenerescência dos mestiços, eram produtos de um diletantismo científico, (...) que as raças, embora diversas entre si, não seriam nunca inferiores ou superiores. Eis aí a grande ilusão de Euclides; considerou inferior gente que só era atrasada”.

192

O universalismo de Moog, neste caso, está associado a um olhar em diversas faces acerca da formação cultural brasileira, e que ganharia evidência justamente no tempo em que ele pronunciava suas ideias, na década de 1930. O universalismo acaba sendo uma expressão que sinaliza para a mudança de enfoque, do trânsito das doutrinas raciais ou unilaterais, para uma nova concepção de cultura, refletindo assim a mudança no pensamento antropológico que vinha ocorrendo nos Estados Unidos e Europa.

¹⁹¹ Idem,

¹⁹² SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. p. 207.

O principal impacto desse novo olhar no Brasil ocorreu com a publicação da obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. Freyre foi um dos primeiros autores a ressignificar a miscigenação brasileira ao deslocá-la da condição de degenerência das raças inferiores e reafirmá-la como fator de positividade. Com isto ele trazia um novo enfoque para a interpretação da diversidade cultural. O antropólogo constrói aí um olhar tributário da escola culturalista de Franz Boas nos Estados Unidos, onde permaneceu boa parte da década de 1920. Já Vianna Moog dialoga com sua geração a formação sociológica brasileira sem ser sociólogo, antropólogo ou historiador.

A aproximação em Moog e Freyre, portanto, ocorre quando Moog afirmou o universalismo¹⁹³ decorrente de ideias e escritores do século XIX, e o utilizou na tarefa de interpretar a formação cultural brasileira, em suas diversas faces, comungando dessa forma, com a concepção culturalista de Freyre.¹⁹⁴

Para o romancista e ensaísta Vianna Moog, a liberdade condicionadora da produção intelectual pressupunha distanciamento de sinais limitadores, do especialismo. Daí a contrariedade do autor com as teorias raciais advogadas como possibilidades de pensar e resolver a formação cultural brasileira, sobretudo nos primeiros anos do século XX. Neste sentido, podemos incluir as ponderações de Julien Benda dentre as limitadoras da liberdade do escritor. Quanto à afirmação da liberdade do intelectual, Edward Said salienta: “Essa é uma questão muito relevante no desempenho do intelectual, já que ser grosseirão e desmancha-prazeres não leva a lugar nenhum. O objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.”¹⁹⁵

¹⁹³ Embora escreva na década de 1930, Vianna Moog remonta à “crítica e a historiografia, produzidas no Brasil a partir de 1870, que foram marcadas por modelos etnológicos e naturalistas e por formas reatualizadas de história natural, que levaram à aspiração a unidade do saber e a exclusão da especialização científica ou disciplinar. Daí a importância do ensaio literário, histórico e cultural, como forma de expressão dos letrados e bacharéis, que tornava possível uma concatenação eclética de teorias e conhecimentos díspares, apresentados como saber universal. A crítica literária e a história social se orientaram até 1930 pelas noções de raça e natureza, o que explica a grande recepção do positivismo, do evolucionismo e do racismo.” VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 41.

¹⁹⁴ A expressão “cultura brasileira”, segundo Sérgio Miceli, ganhou relevância nos anos de 1930 com a atuação de intelectuais que se dispunham a assumir a tarefa de compreender as origens da nacionalidade brasileira. “É nesse contexto, sem dúvida, que tomou corpo a concepção de cultura brasileira, sob cuja chancela, desde então, se constituiu uma rede de instâncias de produção, distribuição e conservação de bens simbólicos.” MICELI, 2001, p. 216.

¹⁹⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 31.

Contra o especialismo, Moog defendia o universalismo, de modo que se pudessem debater querelas sociais e políticas, ou seja, militar entre os particularistas. Nesta via de concepção universal acompanhada de liberdade de atuação e manifestação, transcorre boa parte da trajetória de Moog. Ele pegou em armas em apoio a Getúlio Vargas em 1930, e contra Vargas dois anos depois, desta vez a favor da revolução constitucionalista.

Em decorrência disto foi levado ao exílio na Amazônia, de onde trouxe o livro *O ciclo do ouro negro*, em que retrata um pouco da realidade social, econômica e cultural daquela sociedade. Com a mesma atenção à formação sociológica brasileira, pôs-se a sorrir maliciosamente, à maneira de Montesquieu, ao produzir *Novas Cartas Persas*, texto em forma de epístolas, que revela um pouco das desventuras da ditadura de Vargas. “Em suma, o intelectual encarna ora o espírito de seriedade, próprio da religião e da política, ora o espírito de derrição, que toma a forma do riso, da ironia ou do humor, que abre a possibilidade do blasfemo, do sacrílego, da profanação”.¹⁹⁶ Além de suas manifestações contrárias às doutrinas raciais do início do século XX, encontramos nele uma recusa da valorização de um conhecimento cada vez mais técnico a partir da década de 1930.

Norberto Bobbio define duas categorias de intelectuais: os tradicionais e os técnicos e políticos. “o intelectual tradicional é o humanista, o literato, o orador, cujo modo essencial de ser é a eloquência; o novo intelectual, ao contrário, será simultaneamente especialista (ou técnico) e político”¹⁹⁷. Talvez pudéssemos considerar a presença de Vianna Moog no primeiro grupo, o que permite explicar sua aversão à interpretação unilateral e tecnicista, como se visualizasse nisso um movimento de consequências nefastas, tal qual Friedrich Nietzsche definiu como “vontade de potência”. Esta “vontade de potência” significaria um progresso científico e material que estivesse desacompanhado do progresso espiritual e moral. De fato, a humanidade assistiria a um golpe crucial nestes valores com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, conflito sem precedentes pela violência que gerou.

Nessa linha talvez Moog tenha melhor identificado seu estilo enquanto intelectual. “Venho chamando de intelectuais: indivíduos cuja capacidade de pensamento e discernimento

¹⁹⁶ LECLERC, Gerard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 21

¹⁹⁷ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 131.

os torna adequados para representar o melhor pensamento – a própria cultura – fazendo-o prevalecer”.¹⁹⁸

No próximo capítulo tentaremos acompanhar um pouco da movimentação de Vianna Moog nos espaços intelectual e político, uma vez que o autor se tornou representante do governo brasileiro em organismos internacionais a partir da década de 1940. Em consequência, há um alargamento do diálogo com a geração à qual pertence, na medida em que, aos temas mais propriamente “intelectuais”, ele acrescenta outras discussões, sobretudo do campo político.

Capítulo – 2

VIANNA MOOG: ENTRE O INTELECTUAL E O POLÍTICO

Como o direito sem sanção se torna precário, a verdadeira democracia floresce somente no regime da opinião organizada. Democracia e opinião são elementos que se buscam e devem compenetrar-se. (Vianna Moog/ 1930)

A ação de Vianna Moog enquanto intelectual e funcionário vinculado ao Estado permitiu-lhe vivenciar e projetar inúmeras possibilidades de ascensão no cenário intelectual e político brasileiro. Na condição de intelectual analisou a formação cultural brasileira sob olha-

¹⁹⁸ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 41.

res em referências nacionais e internacionais, ao passo que, no papel de funcionário estatal, aproximou-se dos escalões mais elevados da hierarquia governamental; teceu debates, advogou demandas sociais em organismos internacionais.

Retomar a análise desse autor sob a perspectiva da história intelectual, especialmente em seus diálogos com pessoas de sua época acerca de questões intelectuais e profissionais, remete o enfoque para alguns aspectos relevantes a essa área da historiografia. Um exemplo disso é a inexistência de um ponto pré-determinado que sinalize a origem ou a chegada à narrativa intelectual. Conforme Carlos Altamirano, “A História intelectual, como se sabe, é praticada de muitas maneiras e não possui em seu âmbito uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, nem para interpretar seus objetos.”¹⁹⁹

Contudo, parece existir outro aspecto não menos importante na definição da história intelectual; trata-se de sua vinculação social a bens simbólicos, uma vez que esta privilegia a decifração da história por meio dos fatos do discurso e, estes, por sua vez, permitem observar pontos do passado, A este respeito, Altamirano diz,

Como postulado geral, não encontro frase mais adequada que esta afirmação de Paul Ricouer: "Se a vida social não possui uma estrutura simbólica, não é possível compreender como vivemos, como fazemos coisas e projetamos essas atividades em ideias, não há como compreender de que modo a realidade possa chegar a ser uma ideia, nem como a vida real possa produzir ilusões..." (1991, p. 51). O próprio Ricouer reforça em seguida essa afirmação com outra, que assume a forma de uma pergunta: como os homens podem viver esses conflitos – sobre o trabalho, a propriedade, o dinheiro etc. – se não possuem de antemão sistemas simbólicos que os ajudem a interpretá-los (cf. *Idem, ibidem*)?²⁰⁰

Tomando de empréstimo algumas ideias da história intelectual, esse capítulo se ocupa em analisar a circulação de Vianna Moog entre os espaços da intelectualidade e do meio político, de modo a compreender sua atuação e ascensão, notadamente nesses dois espaços de pertencimento.

¹⁹⁹ ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. *Tempo Social*. São Paulo, v. 19, n. 1, junho/07. p. 02.

²⁰⁰ *Idem*, p. 03.

6. Entre o público e o privado: uma fronteira flexível

Com os encargos assumidos em organismos internacionais a partir da década de 1940, Vianna Moog alargou seu pertencimento aos espaços de atuação intelectual, de representações profissionais e políticas, debates, relacionamentos. Não obstante, sua vida pessoal e familiar seguia os mesmos movimentos, na medida em que sua esposa e filhos, em geral, o acompanhavam nas diferentes cidades onde residia.

Coerente com o propósito de atender à atividade pública e aos interesses familiares, o autor parece assumir com determinação sua trajetória profissional, neste caso, a tarefa de representar os interesses brasileiros em esferas políticas e sociais. No mesmo sentido, participou na construção e na afirmação de ideias em debates intelectuais, conforme revelou em diálogos com autores, amigos e, particularmente com o ministro das relações exteriores do Brasil, como o que encontramos na sequência de cinco longas cartas²⁰¹ datadas de setembro e outubro de 1950.

Além dessas cartas enviadas ao ministro, Moog se correspondeu com outras pessoas de sua época, o que sinalizou para a formação de uma teia de relacionamentos que lhe fosse benéfica no curso da trajetória política e intelectual. Nesse sentido, o envio de cartas se dá de maneira direta, do político Moog a outro político, do intelectual a um colega intelectual e, de maneira cruzada, do Moog intelectual a um político, ou do Moog falando em política a um contemporâneo romancista, ensaísta. A ideia implícita nessa malha de cartas diretas e cruzadas parece estar associada à possibilidade de solidez no terreno de atuação e minimizar conflitos e disputas de modo que o acesso aos domínios da vida pública, especialmente na política, e atendimentos das demandas privadas, lhe fosse viável ou facilitado.

Vianna Moog foi um dos primeiros delegados a representar os interesses brasileiros na Organização das Nações Unidas, fundada em 1948. Neste sentido, o autor foi favorecido pela circunstância de já estar residindo nos Estados Unidos, o que preenchia um dos quesitos

²⁰¹ Segundo Ângela de Castro Gomes, “tal tipo de escrita [a correspondência] é entendido e tratado como um elemento que pode iluminar a compreensão da obra de um intelectual. Ela é um documento – uma fonte – para contextualizar sua produção, fornecendo informações sobre questões que tem a ver com a criação, a circulação e a recepção de sua obra. Uma perspectiva rica e acertada, que se sofisticou com o crescimento da história cultural e, em seus domínios, da história de intelectuais e da leitura. Uma perspectiva que transformou a correspondência, além de fonte, em objeto privilegiado de pesquisa. [Além disso] a correspondência de intelectuais, independentemente de sua abundância, é, com certeza, um dos produtos marcantes no conjunto da obra de um autor.” GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 12.

estabelecidos pelo governo brasileiro de aproveitar alguns de seus funcionários residentes nos locais dos eventos, e assim minimizar custos com envio e permanência de representantes no exterior.

Enquanto se preparava para as discussões parlamentares da Quinta Assembléia Geral da ONU em 1950, Moog aguardava sua confirmação como representante do Brasil naquele evento: “estou aguardando setembro e com setembro minha nomeação para a Assembléia Geral. Segundo o Berenguer, que está atualmente no Rio, o Raul Fernandes²⁰² continua firme no compromisso que assumiu comigo.”²⁰³ Todavia, Moog foi surpreendido com a reprovação de seu nome pelas autoridades brasileiras.

Com isso, o autor escreve ao amigo João Neves da Fontoura com quem compartilha a notícia: “anteontem encontrei em minha mesa esta singular mensagem telegráfica do Fernando Lobo: ministro desejoso de incluí-lo como Delegado da Quinta Assembléia da ONU. Entretanto apenas dispõe posto de assessor que me manda perguntar se lhe conviria.”²⁰⁴

Diante da impossibilidade de prosseguir com as atividades e debates que vinha desenvolvendo junto à ONU, notadamente na Sessão de Comissão Social, Moog recorre à prática epistolar como tentativa de reverter o quadro desfavorável ou projetar outras possibilidades na sequência dos acontecimentos.

Com esse fim escreve ao ministro Raul Fernandes, dizendo que deseja expor-lhe os motivos de sua recusa ao cargo de assessor: “para justificar-me perante V. Ex^a. da recusa e da renúncia [de representante brasileiro na ONU na condição de assessor], terei que fazer o histórico de ambos.”²⁰⁵ Daí a série de cinco cartas com aproximadamente vinte e cinco páginas cada uma, a que nos referimos acima

Entretanto, antes de escrever ao ministro, Moog solicita um favor de dois amigos seus, João Cardim e João Neves da Fontoura. Ambos residiam no Brasil e gozavam de livre

²⁰² Foi ministro das Relações Exteriores durante o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), e governo de João Café Filho (1954-1955). Conforme consta no site: <http://www.mre.gov.br/>. Consultado em 10 abr 09.

²⁰³ Carta de Moog a João Neves da Fontoura, em 16 ago. 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁰⁴ Carta de Moog a João Neves da Fontoura, em 24 ago 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁰⁵ Carta de Moog a Raul Fernandes, 04 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

acesso a setores do governo federal, especialmente na esfera burocrática, onde poderiam obter certezas quanto à veracidade do telegrama recebido por Moog: “por isso é que lhe estou escrevendo, como escreverei também ao Cardim no mesmo sentido. Só depois da confirmação é que darei às minhas baterias ordem de fogo. Munição e gana não me faltam. Esse coreano [ministro Raul Fernandes] não perde por esperar.”²⁰⁶

Na mesma oportunidade Moog escreveu ao amigo João Neves da Fontoura novamente. Nessa carta pareceu sentir-se mais à vontade ao expressar sua contrariedade com a situação, especialmente quando acusa o recebimento do telegrama de convite ao cargo tão somente de assessor. Prezado João Neves,

Quer o senhor saber o final da história? (...) Este amável telegrama quase me siderou. Não sei como não acabei fulminado com um ataque de apoplexia. No meu atordoamento, tudo quando eu podia fazer era xingar mentalmente a mãe do ministro. Mas, como isto não resolvia o caso, assim que consegui recobrar-me, reunindo-me a mim mesmo, articulei esta resposta lacônica: almoceve não. Abraços.²⁰⁷

Obtidas as devidas confirmações, saiu a primeira carta (o primeiro disparo) ao ministro com inúmeras cobranças. Sem ultrapassar os limites diplomáticos, o autor se diz tomado pelo desagrado, pela ira, e questiona de forma provocativa as atitudes do ministro,

Incorri no pecado da ira, Sr. Ministro. Seria mesmo pecado? Talvez não fosse, pois segundo os teólogos, entre os quais o padre Manuel Bernardes, - estou citando de memória – nem toda a ira é pecado. Se ela às vezes rebenta agressiva e daninha, muitas outras, oportuna e necessária constituem o específico da cura. Vezes em que não é irando que se peca, mas não se irando. Porque não se irando, a gente tenta a perseverança dos bons e fomenta a insolência dos atrevidos. Seria o meu caso?²⁰⁸

Moog inicia o diálogo com Raul Fernandes rememorando o histórico de sua indicação como delegado brasileiro na ONU. Além de acreditar no reconhecimento de sua própria capacitação profissional e seus pendores para representar as demandas brasileiras, o ensaísta elenca a possibilidade de seu aproveitamento a título de economia, o que já era previsto pelo próprio governo brasileiro,

Pelo lado exclusivo do financiamento da Delegacia, a vantagem era evidente. Nomeando-me a mim V. Ex^a. lograria, por um lado, a vantagem de pôr-me mais uma vez de acordo com a presidência na recomendação expressa que não me consta tenha sido revogada, de aproveitar nas reuniões internacionais os funcionários que se en-

²⁰⁶ Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 ago 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁰⁷ Idem,

²⁰⁸ Carta de Moog a Raul Fernandes, 04 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

contram no local em que elas se realizam, e, por outro lado, pouparia ao Itamaraty, no mínimo, a apreciável despeza de ajuda de custo e preparos de viagem de mais um delegado. Em suma: eu seria um delegado barato, e mais barato nunca o encontraria V. Ex.^a, por mais prático e real que seja o seu proclamado espírito de poupança.²⁰⁹

Em seguida, relembrou ao ministro alguns projetos discutidos na Assembléia anterior da ONU, sendo que a aprovação do que considerou o principal deles – o Fundo Internacional de Socorro à Infância – contou com a participação decisiva de sua representação. “Enfilei-rei-me, pois, correndo talvez o risco de desgostar a V. Ex.^a, entre os que se opunham à extinção do Fundo,” e assim venceu-se parcialmente a oposição norte-americana, mantendo a decisão de socorrer crianças especialmente dos países vitimados pela Segunda Guerra Mundial. Novos debates e decisões a respeito do tema ficaram agendados para a Assembléia seguinte, a quinta assembléia, para a qual sua presença estava sendo preterida.

Moog se mostrou convencido da importância de seu papel na pré-aprovação daquele tema, de tal sorte que conseguira incluir o Brasil no rol dos países beneficiados pelo Fundo de apoio à infância. E esse parece constituir um dos seus argumentos mais vigorosos junto ao ministro:

Estava tão persuadido disso – hoje vejo que fui mesmo muito ingênuo – que não me produzia nenhum calafrio o pensar que o meu nome estivesse naturalmente indicado para integrar, como delegado, a nossa delegação à próxima Assembléia Geral, na qual seria decidido em última instância o caso do Fundo Internacional de Socorro à Infância, cujos benefícios, seja dito de passagem, já se estenderam ao nordeste do Brasil numa primeira distribuição de crédito de 500.000 dólares. Uma vez que o Brasil consolidara e definira comigo a sua política relativa ao Fundo.²¹⁰

Por fim, Vianna Moog ressaltou ao ministro Raul Fernandes que não obtivera nenhuma vantagem pessoal financeira por ocasião da Assembléia anterior. Ao contrário, teria a contabilizar prejuízos, à medida que recepcionou boa parte dos debatedores numa atividade social por ele organizada e financiada: “ofereci um cocktail às demais delegações na Comissão Social, mas esse mesmo, contrariamente aos hábitos da casa, ocorreu por minha conta. Creio que nunca em sua vida, Sr. Ministro, V. Ex.^a que tem infundada fama de pechinheiro, fez maior pechincha do que essa.”²¹¹

²⁰⁹ Idem,

²¹⁰ Idem,

²¹¹ Idem,

A negativa quanto a seu aproveitamento era incomum, apesar das divergências que mantivera com o governo de Getúlio Vargas no período anterior, tanto que, já fazia cinco anos que residia nos Estados Unidos conjugando os interesses de representação do país e os seus próprios. Ana Maria Moog concorda:

Em 45, com a queda de Getúlio Vargas, no governo do General Dutra, meu pai foi nomeado, como fiscal do imposto de consumo, para a Delegacia do Tesouro em Nova Iorque. Enquanto lá estava, foi indicado pelo Ministério das Relações Exteriores para representar o Brasil na Comissão Social da ONU. Em pouco tempo, seus pares o elegeram presidente da comissão. É claro que quando Getúlio voltou ao governo em 50, deu-se conta de que não convinha ao Brasil revogar o mandato do presidente da comissão. A partir daí, vieram novas indicações para representações em organismos internacionais como o Comitê de Ação Cultural da OEA, com sede na Cidade do México, tendo sido escolhido pelos demais representantes dos países das Américas. Com o passar dos anos, a hostilidade do meu pai com relação à pessoa do Getúlio Vargas foi se diluindo. Em sua posse na Academia Brasileira de Letras fora sincero ao afirmar que não guardava ódios nem rancores no coração: “Já hoje não sei de ninguém a quem não possa apertar fraternalmente a mão.”²¹²

A menção de Ana Maria Moog à hostilidade de seu pai em relação a Getúlio Vargas remonta à década de 1930, ocasião em que Moog foi conduzido ao exílio político por determinação de presidente Vargas, em represália à oposição que o autor fizera ao seu governo por meio da participação na Revolução Constitucionalista de 1932. A reaproximação entre ambos é retomada somente no início da década de 1940.

No ano de 1945, na oportunidade em que Moog foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, cujo somatório de votos contava, inclusive, com o voto do acadêmico Getúlio Vargas, talvez existisse, para ambos os lados, interesses pessoais mais expressivos do que razões políticas universais ou éticas, suscetíveis à oposição e hostilidades. Por conta disso, parece plausível supor que as partes tenham relaxado seus dissabores em benefício mútuo, que se revelou no fraternal aperto de mão.

Moog dialogava com autoridades da administração governamental paralelamente a outras conversas mantidas com amigos e parentes. Isso evidencia a conciliação de uma agenda de interesse público com demandas de ordem pessoal e familiares, uma espécie de projeto privado permeando as relações que ia estabelecendo com membros da cadeia política. Exemplo disso pôde ser observado nos diversos manuscritos de seus livros, os quais eram enviados a escritores e romancistas de seu relacionamento, caso frequente de Érico Veríssimo.

²¹² Entrevista concedida pela filósofa Ana Maria Moog, filha do autor. Arquivo Vianna Moog. Pasta 15.

O propósito do envio desses textos a autores contemporâneos visava um parecer, uma aquiescência acerca do trabalho concluído ou em fase de conclusão. Nas correspondências que seguem abaixo, Érico Veríssimo retorna a “encomenda”:

Meu caro Moog, recebi tua carta aqui em São Paulo. Viva. Foi uma grande alegria saber que estás curado. Agora é preciso que não saias de Porto Alegre. E que penses logo no próximo livro. A turma te admira muito aqui. Os teus amigos são muitos. O reitor da Faculdade de Direito elogiou entusiasticamente o teu livro “O Rio que imita o Reno”.²¹³

Velho Moog, um sem vergonha como tu não merece uma carta. Em todo o caso não pude deixar de bater este bilhete para te dizer que a tua “interpretação da literatura brasileira” é das melhores coisas que tenho lido nestes últimos tempos, tanto pela forma como pelo fundo, grande prosa! Li-a me babando todo e com raiva de ti. Podias fazer, baseado naquele plano, uma Literatura Brasileira para deixar longe todas as outras, inclusive a do Ronald.²¹⁴

Caro Moog, Como vai a vida? Li e gostei de teu artigo sobre o Lindolfo Collor, cuja morte lamentei bastante. Como vai a “Jangada para Ulisses?” É preciso não desistir. O mundo tem que continuar. Fazer essas coisas de que o nazismo tem raiva – livros, quadros, música, etc. – é uma maneira de reagir contra o espírito hitlerista. Nem há dúvida. Às vezes eu me deixo dominar pelo desânimo. Mas reajo. E a dúvida não dura mais de um dia.²¹⁵

No mesmo sentido do relacionamento pessoal, Moog escreve ao amigo Spartacus Vargas (Pataco), um dos irmãos de Getúlio Vargas.²¹⁶ Na carta, Moog atualizou seu interlocutor sobre alguns temas. No primeiro deles, falou do andamento de seu último livro *Bandeirantes e Pioneiros* o qual estava por sair em breve. Nesse sentido, ressaltou as vicissitudes de escrever um livro, assemelhando isto à construção de uma casa, em que a mudança de uma parede requer o deslocamento de aberturas ou a adaptação de colunas e vigas, etc.: “quando depende de modificar várias páginas de um capítulo, ficamos desconfiados de que como estava antes era melhor. Aí, então, a vontade que se tem é de deitar na cama, tapar a cabeça e morrer.”

Na sequência da correspondência transmitiu notícias da filha de Pataco, Iara, que estava residindo com a família de Moog no México, e trabalhava como professora de língua portuguesa em universidade daquele país, além de responsabilizar-se pela tradução de textos e

²¹³ Carta de Érico Veríssimo a Moog, 18 mai 1940. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²¹⁴ Carta de Érico Veríssimo a Moog, 27 abr 1943. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²¹⁵ Carta de Érico Veríssimo a Moog, 07 out 1942. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²¹⁶ Carta de Moog a Pataco Vargas, 02 out 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos. Afora isso, Pataco e Moog eram compadres e foram vizinhos por ocasião em que ambos residiram no hotel Majestic, atual Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre.

discursos no escritório de Moog. Vale ressaltar que o ingresso de Iara naquele país, bem como sua ocupação profissional, ocorreu por intervenção²¹⁷ direta de Moog em atendimento à solicitação do amigo e compadre Spartaco.

Mais uma vez Vianna Moog pareceu conciliar uma demanda de caráter privado com atividades da instituição pública a qual representava no México. Numa circulação de interesses, ora do campo intelectual, ora do político, o jogo de favores se impunha como via de mão dupla. Na década passada, precisamente no ano de 1932, Pataco Vargas havia intercedido junto ao irmão, Getúlio Vargas, visando atender ao desejo de Vianna Moog de cumprir o seu tempo de exílio na região Norte do Brasil, ao invés da fronteira Sul do Brasil. Na ocasião, essa região era considerada altamente arriscada, de modo que o cumprimento de exílio entre Brasil, Argentina e Uruguai representava quase garantia de não regresso, diferente do que ocorria em relação à Amazônia brasileira.

Outro amigo pessoal e colega no terreno político era João Neves da Fontoura, a quem Moog também endereçava inúmeras cartas²¹⁸ versando ora sobre questões públicas, ora sobre questões privadas. Numa dessas missivas, o autor se dirigiu a Fontoura, então ministro do governo Getúlio Vargas, a quem fez chegar informações acerca de enfermidades e outras dificuldades que enfrentava com sua família,

Para começar, houve o caso da minha dispensa de três meses antes do prazo que eu tinha previsto. Tudo muito certo e muito legal, se eu não tivesse levado a sério um despacho do presidente mandando cortar os quatro anos de Delegacia, para efeito de dispensa, não a partir do decreto de designação, mas a partir da data do exercício. Como a dispensa precipitada, precipitou-se também o ritmo da minha vida. Toca a fazer tudo às carreiras e quanto mais fazia mais tinha a fazer. Se eu lhe disser que a família embarcou no dia 10 para o Brasil. No meio de tudo isso, meu caro Dr. João Neves, uma unha encravada. Eu mal podia andar. Latejava-me o corpo todo. Febre, um começo de infecção geral. Terminou no pediatra, operado, com anestesia local.²¹⁹

²¹⁷ Em carta ao ministro João Neves, Moog solicita: “Não quero terminar esta sem lhe fazer um pedido, que não sei se chega ou não com oportunidade: trata-se da nomeação da Yara Vargas, filha do Pataco, para assistente do professor Cyro dos Anjos, no curso de estudos brasileiros da Universidade do México.” Carta de Moog a João N. Fontoura, 26 mai 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²¹⁸ Ângela de Castro Gomes assinala que “cartas são necessariamente escritas para um destinatário, seja uma única e particular pessoa, seja um conjunto maior de leitores, conhecido ou não pelo remetente que, por sua vez, também pode ser um indivíduo ou coletivo. Mas, de maneira geral, cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um pacto epistolar, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos. GOMES, Ângela de Castro. *Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de letras, 2005. p. 07.

²¹⁹ Carta de Moog a João N. Fontoura, em 16 Ago 50. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Em outro momento ele se correspondeu com a embaixada brasileira nos Estados Unidos e pediu a intercessão do poder público, do embaixador brasileiro, no sentido de prestar-lhe um favor,

Esta é para lhe fazer um pedido em que ponho todo o empenho. Trabalha aqui na Delegacia o meu amigo Edgardo Manuel Erichsen, que deseja, se possível, ser contratado para trabalhar na Embaixada do México. Trata-se de um excelente funcionário. Inteligente, ativo, pontual, sempre de boa vontade, seria, estou certo, o contrato ideal. Como Erichsen é casado e tem um filho de 13 anos, não pode manter-se em Nova Iorque com o que ganha na Delegacia. Daí o seu desejo de transferir-se para o México, onde a vida é bem mais barata. Na certeza de que o prezado amigo fará o possível para atender o meu candidato, envia-lhe um afetuoso abraço o seu amigo e admirador.²²⁰

Afora isso, o acervo pessoal de Vianna Moog revela a existência de relatórios e discursos analisando questões da OEA e ONU, entrecruzadas com telegramas e cartas em que negou ou atendeu ao pedido de votos a candidatos postulantes à Academia Brasileira de Letras. “Exmo. Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras. Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex. o meu voto, nos quatro escrutínios, para o preenchimento do vago do nosso saudoso confrade Roberto Simonsen.”²²¹. Sobre o mesmo tema, escreveu a João Neves da Fontoura em 1953, pedindo que o mesmo conferisse o recebimento de alguns votos por ele enviados a candidatos a ABL,

Tem visto o Danton? Esse bandido fechou-se num silêncio de canhão de praça pública. Até parece que é dos novos da academia. Sim, porque a turma recém-eleita é que contrai o mau hábito de não acusar o recebimento de votos e mensagens cordiais. Para não falar no meu caso consigo, há os casos do Afonso Pena e agora o do Aníbal Freire comigo. Mande o meu voto para os dois e o resto era silêncio. Não estou me queixando. Queria somente saber se o Aníbal Freire recebeu o meu voto? Quer fazer-me o obséquo de tirar isto a limpo?²²²

Transitando entre a tessitura pública e privada, o autor escreveu, dessa vez, ao próprio presidente da República, a quem fez constar a relevância de suas participações em eventos internacionais em que representava o Brasil e ao próprio presidente Getúlio Vargas. Assim, iniciou pedindo desculpas e agradecendo a confiança nele depositada:

Meu caro presidente, sai tão apressadamente do Rio para chegar a tempo de poder participar desde o início dos trabalhos da presente Sessão da Comissão Social da ONU, que tive de me privar do prazer de subir a Petrópolis a fim de apresentar-lhe

²²⁰ Carta de Moog à embaixada brasileira nos Estados Unidos, 19 jan 1948. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²²¹ Carta de Moog ao presidente da ABL, 24 jul 1948. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²²² Carta de Moog a João N. Fontoura, em 24 Jan 53. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

as minhas despedidas. Ora, como esse prazer correspondia também a um dever e este dever não foi cumprido, espero que V. Ex.^a Possa encontrar nas suas comprovadas reservas de boa vontade para comigo a maneira de me desculpar. De me desculpar não só pelo fato de não me haver despedido, como também e principalmente pelo fato de não lhe haver ainda agradecido a confiança que em mim depositou, confirmando-me no posto de Representante do Brasil na Comissão Social. Creia-me, meu caro presidente, que nem por não lhe haver ainda agradecido, me considero menos obrigado. Agora, para terminar, só me resta pedir-lhe se é que não estou pedindo demais a bondade de ir desde já considerando a possibilidade de me receber a minha volta, pois muito gostaria de revê-lo e dar-lhe contas do desempenho do meu mandato. Com estima pessoal de sempre, subscrevo-me mui respeitosamente.²²³

Boa parte da correspondência mantida por Moog com seus interlocutores – Érico Veríssimo, o ministro João Neves da Fontoura, Pataco Vargas e Getúlio Vargas – especialmente as que destacamos aqui, parecem escritas numa propositada observância de temas que atendiam aos interesses do Estado e aos seus próprios interesses. Ao mesmo tempo em que revela um pouco de si ao manifestar-se em algumas frentes de atuação, como as da Literatura ou Diplomacia, ele se mostrou atento em amparar o interesse do amigo e da filha do amigo.

Dessa forma, às falas sobre inúmeros episódios de sua vida, independentemente da envergadura, como a publicação de livros, discussões políticas na ONU, ou briga com um dos filhos por deslizes em estudos escolares, correspondiam inúmeras cartas, relatórios e discursos enviados e recebidos, o que ressaltou o cidadão Vianna Moog, focado em múltiplas faces, as quais surgem intercaladas num instante, ou simultâneas em outro.

2. Relações Intercaladas ou Simultâneas

No caso dessas relações simultâneas ou intercaladas, aparece o diálogo com Érico Veríssimo, com quem o ensaísta debateu o cenário político e econômico brasileiro. Não por coincidência, o laço de amizade trouxe consigo outra relação, a relação intelectual. É ao amigo reconhecido como intelectual que Moog confiou a leitura de seus manuscritos e rascunhos de livros e textos. Essa troca de correspondência vinha acompanhada de outra perspectiva, que é a busca de afirmação num cenário e numa geração de contemporâneos. Ao abordar essa questão, Ângela de Castro Gomes salienta:

²²³ Carta de Moog a Getúlio Vargas, 09 abr 1951. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso.²²⁴

No relacionamento com integrantes de sua geração, o autor buscou não somente legitimar seus escritos, suas ações, mas, ao mesmo tempo, produziu registros reais, caso dos textos, manuscritos, cartas, como legitimação de juízos de valores, de opiniões.

Moog, Veríssimo, Freyre, Lins do Rego, dentre outros, são contemporâneos da mesma geração, cuja afirmação dos espaços do público, do privado, do indivíduo, estava em andamento. Isto permite pensar a formação de uma teia de relacionamentos, ora intercalada, ora simultânea, direcionada a obter soluções sempre que acionada. Ainda que tais soluções remetessem à ação do indivíduo (intelectual ou político) na esfera estatal, fazendo prevalecer projetos, objetivos pré-estabelecidos, em detrimento de situações ocasionais.

Vianna Moog, em particular, utilizava-se de relatório da OEA ou da ONU para fazer-se presente enquanto intelectual ou representante político aos olhos do ministro das relações exteriores, e mesmo aos do governo. Somado aos relatórios, o autor tornou público seus discursos proferidos junto aos organismos a que prestava serviço, de modo que o meio político brasileiro tomasse conhecimento das atividades de seu representante político na esfera internacional. Neste caso Vianna Moog atuou como uma espécie de diplomata.

Por meio de cartas, os mesmos políticos, ou alguns deles, acabaram acessando as outras faces desse representante, as que mencionaram seus interesses pessoais²²⁵, suas fragilidades, até mesmo físicas, como a enfermidade sofrida numa das pernas, ou na unha encravada.

²²⁴ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro, FGV, 2004. p. 13.

²²⁵ Em carta enviada a João Neves da Fontoura, Moog exclama: quer dizer, se a dispensa corta-me três meses de vencimento em dólares e obriga-me adquirir às pressas, pagando ágio, aquilo que eu poderia adquirir com vagar por preços de tabela. Carta de Moog a João N. Fontoura, 03 jul 1950. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.



Em Lima, Moog aparece com a delegação brasileira na segunda reunião do Conselho Interamericano Cultural em 6 de maio de 1956.

Neste particular talvez possamos nomear a face do escritor romancista, pois construir inúmeros parágrafos numa mesma carta e enviá-la ao ministro de Estado no Brasil falando de desconfortos físicos provocadas por uma unha encravada, febre, dores no corpo, etc., por certo, requer um prévio conhecimento dos limites entre a paciência e a gentileza do leitor, neste caso, o ministro, seu chefe. Se não bastasse, Moog encerra a missiva em tom humorístico, assinalando que foi consultar um “pediatra” a fim de tratar seu achaque na unha do pé.

Esse indivíduo que se faz aparecer em múltiplas faces assemelha-se à definição de Ângela de Castro Gomes acerca da trajetória individual e seu “percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.”²²⁶

Em face disso, talvez possamos pensar essa fragmentação das atividades do dia-a-dia em diversos estágios – trabalho, casa, círculo intelectual – como sendo as inúmeras possibilidades de atuação do autor, de modo a legitimar suas diferentes faces.

²²⁶ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13.

Sabemos que nenhum escrito é inocente. Toda correspondência, relatório, crônica, leva consigo uma inevitável, quando não disfarçada, intenção ou desejo. Vianna Moog, por certo, conhecia as tensões que rodeavam os campos de possibilidades de sua esfera de pertencimento, de maneira que fazia circular, por exemplo, seu projeto individual de ascensão intelectual, cujo enfoque acerca de questões políticas, do tipo modernidade e tradição ibérica, concorria para sua afirmação.

3. “Prefiro o Solilóquio, Sr. Ministro. Fujo do Colóquio.”

Numa das cinco longas cartas enviadas ao ministro Raul Fernandes, Vianna Moog explanou longamente sobre as expressões “colóquio” e “solilóquio.” A intenção do autor era certificar o ministro de sua negativa para atuar meramente como assessor em Assembléia geral da ONU, ou representar o Brasil na condição de debatedor em outro evento internacional, uma espécie de colóquio acerca de temáticas sociais, econômicas e políticas.

Ao convite de assessor, Moog declinou reclamando ao ministro maior consideração do Itamaraty aos seus préstimos de representação política. Agradeceu o convite sob a alegação que se sentia mais atraído pela arte do solilóquio.

Os dicionários de língua portuguesa, em grande medida, definem colóquio como sendo uma conversação, uma palestra entre duas ou mais pessoas, ao passo que solilóquio nomeia o oposto, o monólogo. Em face disso, Moog parece indicar maior habilidade para a construção escrita, literária ou ensaística, em relação a uma capacitação para a arte política: “A mim o que me convém é mesmo soliloquiar. Do solilóquio, ainda que sob a forma de livros, ou relatório, nunca me resultaram grandes complicações. Agora, coloquiar para mim é dançar sobre o abismo”²²⁷ Vem daí, por certo, a prática epistolar do autor. Sua coletânea de cartas revela o cuidado do autor em escrevê-las com regularidade quase diária ou semanal, de modo a manter extensos diálogos com interlocutores diversos – familiares, autores, políticos – acerca de variados temas, sobretudo da realidade brasileira.

²²⁷ Carta de Moog a Raul Fernandes, 28 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.

Nesse sentido, Moog rememora ao ministro, na mesma carta, acima aludida, algumas passagens de sua infância e adolescência, o que parece fazer num propósito legitimador de seu posicionamento, de sua condição firmada de intelectual e representante político do Brasil. Num desses relatos Vianna Moog recorda sua meninice, em ocasião que saiu de férias da escola religiosa onde permanecia durante o ano letivo em sistema de internato. Livre dos estudos, o menino viajava para um sítio no interior do Rio Grande do Sul, onde passava uma temporada na companhia de primos e tios.²²⁸

No decorrer do texto, o autor vai narrando inúmeras travessuras vividas com os parentes, além das atividades rotineiras de trabalho, convívio e demorados diálogos com os tios. Todavia, a decisão de escrever sobre férias de verão vividas na época de menino, provavelmente, não se deve unicamente a uma memória saudosa; seu alvo era outro, (o próprio ministro), tanto que a narrativa não é parte de um romance ou crônica de jornal, mas parte de numa correspondência enviada ao ministro chefe do Itamaraty.

Assim, ao refazer a trajetória de seu próprio passado, o autor alinhavava tons de protestos, de reminiscências e certo ressentimento. Ao mesmo tempo, se servia desse período de férias no sítio, como parâmetro, uma medida referencial, à qual submetia inúmeros aspectos de sua realidade pessoal e profissional. Aos dissabores da disciplina religiosa sofrida na escola interna, evocava a liberdade e a proximidade com a natureza. No lugar da comida ruim e sem gosto, oferecida pelas freiras, o menino saúda a mesa farta e saborosa do tio. Aos castigos disciplinares impostos pelos religiosos, mencionava a conversa de edificação moral do tio no entorno da mesa. Não só de edificação moral, diz Moog, falavam também da positividade do trabalho, da persistência na busca da riqueza, na vida saudável, em detrimento de um espírito desapegado de bons valores, negadora de ideias progressistas, conforme observa no comparativo com o brasileiro de seu tempo, (Moog e seus parentes eram descendentes de teuto-

²²⁸ O deslocamento do menino Vianna Moog para o sítio do tio não era caso raro em sua época. João Neves da Fontoura, contemporâneo de Moog, embora um pouco mais velho, ressalta que o regresso dos meninos para o interior ocorria também pela inexistência de maiores atrativos nas cidades maiores, caso de Porto Alegre. Uma inexistência era o jogo, qualquer espécie de jogo. Nesse sentido João Neves também fala de uma passagem de sua meninice: “ao instalar-me em Cachoeira, não sabia sequer a bisca. No meu tempo de estudante, não havia cabarés, ou mesmo roletas clandestinas. Nossa geração, nas Faculdades, não se distinguiu nem por amor ao jogo, nem ao álcool. Cada um de nós foi aprender a jogar no interior. E era inevitável que isso acontecesse. Nenhuma distração social, ou muito raras. O inverno no Sul sempre foi de longas e frias noites. O caminho do clube era a única possibilidade, sobretudo para os solteiros. FONTOURA, João. Neves. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 180.

brasileiros). Ao contrário, ressalta o autor, ao brasileiro parece fazer sentido a reclusão do espírito, o elogio da doença,

As nossas suscetibilidades, as nossas idiossincrasias, as nossas alergias morais e físicas, os nossos padeceres reais ou imaginários, esses sim não temos o menor constrangimento em exibí-los, ruminá-los, discuti-los, vivisejá-los à frente dos outros. É o nosso fraco. Exibimo-los em nossas palestras, na constância de nossos suspiros, nas erupções de nossos melindres. Porque a perola é a doença da ostra, não estar doente ou infeliz entre nós, de alguma doença real ou imaginária, é quase prova de pobreza de espírito e de debilidade mental, uma falta de respeito para conosco.²²⁹

Em outro momento, o ensaísta relatou a investida comercial idealizada por ele e os primos quando decidiram vender produtos, em geral frutas da região, na estação de trem que havia próximo ao sítio. Para essa atividade os meninos contavam com a ajuda de um jumento, destacado para transportar os cestos com as mercadorias até a estação. A essa reunião de três meninos e um jumento, Moog chamou de “três almocreves e um jumento”. Foi, segundo diz, um período de dificuldades e ensinamentos. As tarefas de colher, transportar, comercializar os produtos, somada aos desgastes físicos, à alimentação em horários irregulares, sem contar os contratempos quando o jumento resolvia empacar, surgiam como obstáculos totalmente estranhos a eles. Talvez o que menos sofresse fosse o jumento, diz o autor.

Vianna Moog segue na descrição dessas desventuras e diz ao ministro que elas correspondem a uma renovada investida em atividades menos importantes e desgastantes, como atuar em Assembléia Geral da ONU no humilhante posto de assessor ou mesmo como debatedor em colóquio internacional, como sugerira o chefe do Itamaraty. Essas atividades equivalem ao trabalho de um almocreve, alguém que conduz ou pastoreia jumentos, diz o autor.

Por fim, o ensaísta evoca um novo comparativo, desta vez com a formação cultural norte-americana, quando fala da capacidade de sorriso do brasileiro. Para Moog, o brasileiro ainda reluta nesse terreno, ao passo que a sociedade americana aprendeu a absorver as mazes de suas vidas com desenvoltura singular,

E apenas alguém se apercebe de nossas alegrias internas, meus primos e eu já nos encolhemos, já nos compomos, contrafeitos, como criminosos surpreendidos na prática de algum delito. Onde devíamos gargalhar, apenas sorrimos. Aquela nossa ampla e gostosa gargalhada de Portão, a mesma que Homero transmitiu a Rabelais, a gargalhada saudável da Renascença, aos poucos a fomos abandonando e hoje não

²²⁹ Carta de Moog a Raul Fernandes, 28 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.

mais a usamos. Fica feio. O nosso sorriso hoje é antes o sorriso que Luciano de Sarmosata legou a Swift e Machado de Assis, um riso que vem antes dos erros e dos ridículos alheios e dos contrastes entre o ideal e a realidade, do que da euforia das alegrias próprias. (...) Ah, Sr. Ministro, como os americanos estão atrasados nesta questão de sofrimentos, condecorações e doenças. Imagine V. Ex.^a Que esses monstros não têm vergonha de se dizerem felizes e contentes do seu estilo de vida. Já viu V. Ex.^a Uma coisa dessas? Com a mesma paciência, decisão e desenvoltura com que esquecem o passado, quando o passado se lhes torna incômodo, reagem contra o desespero, a tragédia, a doença, a morte e a dor. Para a dor, que é a única alegria do poeta, para a dor que dá prestígio, inventam todos os dias novos sedativos.²³⁰

Na análise de Vianna Moog conduzida sob um enfoque comparativo, ora é a realidade brasileira, ora é o modelo internacional que se faz projetar no espelho das memórias vividas no sítio do tio. Tais memórias parecem revelar não somente o autor ocupado em justificar sua ausência em atividades agendadas pelo Itamaraty, uma vez que se dissera contrário à atividade do colóquio. Moog evoca uma das características do solilóquio que é a isenção do debate, do aborrecimento, de contrariedades e complicações, segundo diz. “No colóquio há o perigo dos choques pessoais, dos apartes mal intencionados, cortando o fio de uma ideia clara; há o perigo (...) dos grandes exibicionismos, do conflito das personalidades, em que o mais forte, ainda que menos inteligente, acaba suplantando o mais fraco.”²³¹

Portanto, ao mesmo tempo em que Moog agradeceu o convite para participar do colóquio internacional, ele evitou a conversação com o próprio ministro. Para dizer de sua preferência pelo solilóquio, o autor construiu um demorado solilóquio.

Talvez não se possa afirmar a intencionalidade do autor nesse sentido. Entretanto, é possível observar a extensão da correspondência, e a liberdade de construção inerente a quem não está imerso em um embate de ideias. Se por um lado é certo pensar que o autor alimentava certa mágoa ou restrição quanto à atitude do ministro por ter truncado sua continuação no cenário nacional e internacional, não é menos notória a disponibilidade do autor em alongar-se num texto, cuja abordagem apanha dois tempos de sua vida (o passado, enquanto menino, e o presente, enquanto intelectual), e assim tonificar inúmeras questões da realidade em que está inserido. Como se aquele curto espaço de tempo vivido pelo menino no sítio reservasse respostas ou legitimação para suas idiossincrasias na atualidade. Segundo Franklin Baumer “o passado dá-nos respostas, sutis ou mesmo radicalmente diferentes das nossas próprias respostas a estas questões, pelas quais necessariamente conservamos um interesse vital. Apesar do

²³⁰ Carta de Moog a Raul Fernandes, 28 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.

²³¹ Idem,

nosso conhecimento superior em muitas áreas, vemo-nos a nós próprios e ao mundo a partir da nossa peculiar perspectiva.”²³²

Nessa perspectiva do solilóquio, Vianna Moog alinha o diálogo e expõe suas contradições, num misto que fala de si e do Brasil. Assim, talvez o autor tenha se valido de duas escolas distintas em sua formação. Uma é o domínio disciplinar, provavelmente herdado da metodologia religiosa marcante no colégio interno onde passou boa parte de seu período escolar, em que pese deitar demoradas queixas contra os rigores daquele mesmo sistema disciplinar. Outro segmento dessa formação, por certo, viria pela capacidade ou desenvolvimento criativo. Um pouco como a ideia defendida por Wilhelm Dilthey, quando ampliou o leque de observação visando melhor compreender a história das ideias. Dilthey incluiu não somente o pensamento racional e científico, em ascensão na modernidade, mas também os produtos da imaginação e vontade humana, personificados na literatura, na arte, na religião e na filosofia.²³³

A união da disciplina e da criatividade parece funcionar como ferramenta nessa construção que protesta, mas não desacata, diz não a um convite ou convocação, mas não dispensa oportunidades futuras, que discute inúmeras questões, mas não reclama a manifestação do interlocutor. Neste caso, o próprio autor se faz interlocutor de si, precisamente no momento em que evoca a vivência do menino durante as férias no sítio, como se o Moog da atualidade discutisse com aquele do passado. Passado não somente do menino, mas de outras pessoas, de outras ideias e circunstâncias. Segundo Franklin Baumer, isso caracteriza um dos papéis do intelectual,

Desse modo, o intelectual é capaz de, por meio de um ensaio, uma peça, um poema ou uma pintura, chamar a atenção de outras pessoas para aquilo que experimentaram e que estão empenhadas em revelar. O intelectual reflete as ideias de outras pessoas, mas também as aperfeiçoa e esclarece. Por consequência, a história das ideias propriamente dita concentra-se, sobretudo, nos intelectuais, porque eles articulam melhor as ideias e as crenças que circulam numa sociedade.²³⁴

Quando mencionamos as diversas temáticas levantadas pelo autor nessa correspondência enviada ao ministro Raul Fernandes, estamos pensando não somente nas suas queixas ao ministro, mas também no diálogo mantido por Moog junto a sua geração. Este diálogo

²³² BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. p. 25.

²³³ Citado por BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. p. 19.

²³⁴ BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. p. 23.

transcorreu por meio de várias publicações, sobretudo em alguns de seus livros, cuja linha é a do pensamento moderno ocidental, notadamente a expectativa de consolidar uma sociedade racional, edificada na ideia modernizadora de progresso. Este é o caso dos Estados Unidos, que se apresenta como o inverso das sociedades desapegadas dessa ideia de modernização, cujo maior exemplo são as sociedades ibéricas, caso do Brasil.

O menino é submetido à análise do intelectual, de modo que nem um e nem outro se afastam dessa leitura acerca dos efeitos da modernidade. Como leitor de clássicos, especialmente do século XIX, e participante em atividades da esfera intelectual, o autor demonstra reconhecer o movimento de modernização em países ocidentais, embora sob níveis e medidas variadas. Sobre tal modernização refletiu Alain Touraine:

A grande maioria dos países do mundo se empenhou em modernizações bem diferentes onde a vontade de independência nacional, as lutas religiosas e sociais, as convicções de novas elites dirigentes, portanto de agentes sociais, políticos e culturais, desempenharam um papel mais importante que a própria racionalização, paralisada pelas resistências das tradições e dos interesses particulares. (...) O Ocidente, portanto, viveu e pensou a modernidade como uma revolução.²³⁵

A comparação entre a formação cultural brasileira e norte-americana, conforme desenvolvida na correspondência, é largamente ampliada no livro *Bandeirantes e Pioneiros*, cuja problemática central é justamente a projeção do Brasil no espelho internacional, no espelho dos Estados Unidos. Em tal comparativo, Moog não cita as aventuras de sua meninice, mas remete inúmeros debates aos mesmos diálogos dos dias de férias no sítio, a exemplo do valor edificante do trabalho, de uma vivência em proximidade com a natureza, do desapego do brasileiro a princípios caros à modernidade, como a racionalização dos meios produtivos.

A ideia de liberdade de que gozava no sítio contraposto ao aprisionamento disciplinar da escola aparece sob análise em momentos diversos ou em situações como sua declinação do convite para participar de um colóquio, de modo a escamotear o enfrentamento e a censura. Aparece também na incriminação do que considerava exagero disciplinar de padres e freiras; na ação discriminatória e racista das comunidades teuto-brasileiras, conforme arrola no romance *Um rio que imita o Reno*. Neste romance, o autor segue esta discussão e fala em

²³⁵ TOURAINE, Alain. *A crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 19.

conceitos de liberdade, os quais não estavam distantes das premissas colocadas em movimento pela Revolução Francesa, logo, pela modernidade, diz o autor.²³⁶

Talvez possamos pensar ainda numa digressão do autor quanto à dualidade posta entre os termos da modernidade e da tradição ibérica sob uma condição mais direta como fez, por exemplo, nas discussões posteriores de *Bandeirantes e Pioneiros*. Nessa obra, Moog cria personagens, metáforas, imagens, como a do mazombo, do malandro, do jeitinho brasileiro, dentre outros, que vão sendo utilizados em sintonia com o tema em discussão. Caracterizada pela leitura paralela entre duas formações sociológicas – Brasil e Estados Unidos – essa obra destaca como pano de fundo o período pré-moderno das duas nações.

Mesmo ciente de que a discussão de Moog com o meio político brasileiro, conforme consta especialmente nestas cinco cartas de 1950, ocorreu anteriormente à publicação de *Bandeirantes e Pioneiros*, podemos pensar no interesse do autor por tais temáticas, haja vista sua vivência internacional já marcada por vários anos. Outra indicação que mostrou a tendência de Moog em construir um olhar comparativo nessas cartas, seja no tempo, (da infância com a atualidade), ou entre formações culturais (Brasil e Estados Unidos), também remetem ao objeto de *Bandeirantes e Pioneiros*, o qual já estava em andamento nessa época. Segundo o autor, os primeiros escritos dessa obra são de 1945, alongando-se até a publicação em 1954 de forma a cobrir, portanto, quase um período de 10 anos.

De modo que parece facultativo compreender nesses escritos não somente o desejo de protestar pela sua exclusão em eventos de grande repercussão internacional, mas a manifestação do intelectual que se valeu dessa capacitação e/ou experiência para expressar um olhar sociológico, ou histórico, do Brasil.

Mais do que protestar como um ato isolado, a possibilidade de falar da formação cultural brasileira talvez permitisse visibilidade de si como intelectual aos governantes do país. O que lhe permitiu dizer, em última análise, que sua atuação na área diplomática não se encerrava em si, mas era uma de suas possibilidades. De modo que, por um lado, o diplomata perdia espaço, mas por outro, afirmava-se o escritor, o intelectual.

²³⁶ Neste sentido, Baumer salienta que: “simplesmente não é possível imaginar a história moderna sem a ideia de liberdade e igualdade que, a partir da Revolução Francesa, estimulou todas as pessoas – liberais, nacionalistas e socialistas, negros e brancos – a toda a espécie de ação. BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. p. 24.

Nesse plano o ensaísta pareceu incorporar um pouco de seus personagens; do malandro, ao construir meios e instrumentos de acesso, de mostrar-se ao interlocutor sem causar-lhe grandes embaraços burocráticos ou constrangimentos de qualquer ordem. Ou ainda valer-se do “jeitinho”, uma vez que, reconhecendo a fronteira flexível entre a esfera pública e privada no Brasil, moveu-se por uma escrita em que uma esfera não invalida a outra; ao contrário, as conduz no sentido de que uma revitalize a outra.

Nessa linha de compreensão talvez nos seja permitido pensar as manifestações de Vianna Moog um pouco na linha do seu contemporâneo Sérgio Buarque de Holanda, especialmente naquilo que se lê em *Raízes do Brasil*. Pedro Meira Monteiro²³⁷ assinala que Buarque despertou, nessa obra, inúmeras reações e interpretações, uma vez que dialogava sobre a possibilidade de construir uma nação pela via da modernização secularizada, “desencantada” segundo a perspectiva weberiana, cujos sinais se refletiam na afirmação do individualismo, na formalização das relações entre o público e o privado. Ao mesmo tempo, pareceu advogar uma janela permissiva a uma América Latina enigmática, visível sob um plano de reencantamento e mitológico do mundo. Ou seja, Monteiro visualiza a análise de Buarque sob duas faces contrárias, uma “desencantada” e outra “reencantada.”

Nesse segundo ponto (reencantamento) reside um dos encontros entre as interpretações de Buarque e de Moog, ou seja, a sedução pela Ibero-América e, sobretudo, a disposição de observá-la num passado europeu mais remoto, anterior à fronteira da reforma religiosa e dos descobrimentos ultramarinos. Segundo Pedro Monteiro,

a sedução pela via ibérica convida o estudioso à extensão, no espaço e no tempo, de concepções – sobre o indivíduo, sobre as razões de Estado, ou sobre a possível missão dos povos – que teriam sido gestadas e elaboradas numa era passada. Esta é a principal zona de coincidência entre *Raízes do Brasil* e *O espelho de Próspero*: o reconhecimento de que uma história das Américas deve necessariamente dialogar com a história européia mais remota. Evidentemente, a fé depositada nos ibéricos e em seu universalismo supostamente mais poroso, aberto à diversidade e à variedade do gênero humano, é algo que encontra os seus extremos em Richard Morse, enquanto Sérgio Buarque de Holanda parece mais cauteloso.²³⁸

No texto *O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Íbero-Americano*, Beatriz Domingues refaz o caminho de volta da modernidade ao período inicial do medievalismo,

²³⁷ MONTEIRO, Pedro Meira. As raízes do Brasil no espelho de Próspero. *Novos Estudos*. Rio de Janeiro. n. 83, março 2009, p.159-182.

²³⁸ Idem,

visando mapear as diferentes características ou as diferentes faces que a modernidade ocidental acabou gerando. Segundo a autora,

ainda que seja possível falar em "Renascimentos" anteriores, durante os séculos medievais, o sentimento de renascer que o século XVI presenciou adquiriu uma forma e uma força singulares. Mas não foi de forma alguma um sentimento homogêneo nem culminou no mesmo "modo" de modernidade. Na sua vertente principal, culminou no que Vaz (1991:158) denominou "modernidade moderna"; em outra vertente, culminou no que estou denominando "modernidade medieval". A primeira seria aquela chamada em geral simplesmente de modernidade, e a segunda foi uma alternativa contemporânea a ela que se constituiu no mundo ibérico e ibero-americano.

Para Beatriz Domingues, a heterogeneidade entre a “modernidade” herdada pelos anglo-americanos e a “modernidade medieval”, legada aos ibero-americanos, localizava-se fundamentalmente na complexa ocupação e formação de povos, grupos étnicos e religiosos na Europa, bem como nas diferentes leituras e apropriações que fizeram de autores e obras clássicas. Em relação à modernidade medieval, a autora salienta:

Desde o século VII a Ibéria foi caracterizada pela coexistência de judeus, muçulmanos e cristãos, e teve um precoce acesso aos escritos de Aristóteles no século XII, quando os mesmos ainda eram desconhecidos na Europa. Esses textos lá chegaram através dos árabes e desempenharam um papel decisivo no conjunto da história ocidental. Nesse sentido, a Ibéria pode ser considerada uma "ponte" entre o legado antigo e a Europa medieval. Não somente o pioneirismo dos ibéricos em assimilar Aristóteles, mas o fato de terem produzido diferentes interpretações do mesmo, ajudamos a entender por que, no século XVI, eles leram os "Aristóteles medievais" ao invés do Platão então apresentado como alternativa à filosofia escolástica tomista - o que concedeu ao seu Renascimento a peculiaridade de ser um Renascimento aristotélico-tomista, ao invés de neoplatônico. Mas, embora se tenha esquivado da releitura de Platão, é indiscutível que o Renascimento aristotélico ibérico, como os outros renascimentos que leram Platão, moldou uma modernidade. Como os demais, ele se caracterizou pela heterogeneidade: nele encontramos erasmistas (Vives), averroístas a João de Barros), céticos (F. Sánchez), nominalistas (franciscanos) e tomistas (Vitória, os dominicanos e os jesuítas).²³⁹

A julgar pela leitura que Moog realizava de autores e obras clássicas circulantes na Europa, pode-se pensar em sua aproximação com tais debates, especialmente com as inquietações acerca da formação e modernização brasileira. Em outros escritos, Vianna Moog expressou o compromisso do pesquisador em sair do plano raso da observação e mergulhar numa análise tanto mais aprofundada possível, o que remeteu ao vínculo da formação ibérica com as matrizes medievais e greco-romanas.

Onde há vida – convém repeti-lo – não há unilateralidade de causas, mas concausas e passado. Daí porque nunca se compreenderão suficientemente os fatos sociais, as

²³⁹ DOMINGUES, Beatriz Helena. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Íbero-Americano. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. vol. 10, n. 20 (1997). p. 196 e 197.

ações e as reações humanas, sem recorrer aos seus antecedentes históricos, como o faziam, aliás, os pensadores da Idade Média que, para explicar qualquer fato, remontavam sempre aos primeiros dias da criação. No princípio era o verbo. É na história, no fundo dos tempos e não na superfície das aparências atuais que se ocultam os segredos de sua origem e estrutura. E quanto mais se lhes resolvam os antecedentes, tanto melhor, pois, assim como os fatos que se repetem pertencem à natureza, os fatos que se sucedem pertencem à história.²⁴⁰

Quando o autor expressava na carta ao ministro a preferência do brasileiro pela conversa sobre doenças, ao invés de abordar questões edificantes da natureza humana, dos bons valores, ou quando disse que sua atividade de almocreve (alguém que pastoreia jegues), era mais honrosa do que representar o Brasil no encargo de assessor em evento internacional, ele mencionou certo demérito da sociedade brasileira. Tal demérito estaria localizada no desapego de conceitos fundamentais da “modernidade moderna”. O mesmo estaria se passando com o ministro, uma vez que se mostra desamparado de uma leitura recomendável a quem ocupa tal função. Essa razão, o despreparo do ministro, justificaria o não aproveitamento de Moog em congresso da ONU.

Sutilmente o autor conduz o leitor (ministro) a pensar a sociedade e a si mesmo numa condição de inferioridade, se comparada com outra formação social, nesse caso, os Estados Unidos. O elogio que faz à formação norte-americana na carta, não resume, todavia, sua percepção acerca daquele país, e mesmo do Brasil. O olhar comparativo que desenvolve entre esses dois países, revela uma expressão flutuante. Por vezes a positividade aparece mais do lado anglo-americano; em outros momentos o encantamento fica mais com o Brasil e os brasileiros.

Se o tema em debate é o sentido de desenvolvimento e modernização, então a referência positiva é a América do Norte; porém, se a discussão aborda a possibilidade de formação social isenta de quistos raciais, aberta a miscigenação, elege-se o Brasil como bom modelo.

Vianna Moog não assume um alinhamento mais definido em sua observação, o que pareceu fazer por convicção. Seu posicionamento obedeceu a uma série de fatores ou circunstâncias. No caso das cartas enviadas ao ministro, a preponderância talvez não esteja na discus-

²⁴⁰ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969. p. 63.

são da formação cultural brasileira propriamente, mas no desejo de desabafo e de marcar uma determinada posição, nesse caso, a do intelectual.

Em vista disso, é possível pensar numa possível associação entre o pensamento de Vianna Moog emitido nas cartas que enviou ao ministro e algumas características do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda. Em *Raízes do Brasil*,²⁴¹ o autor identificou a cordialidade associada ao homem que se sentiu mais ligado ao iberismo, à “modernidade medieval”, uma vez que suas características remetem à escolástica aristotélica tomista. O homem cordial é refratário à afirmação do indivíduo moderno; antes, opta em constituir no social, no comunitário. Da mesma forma, não vê com bons olhos a definição formal de espaços entre a esfera pública e privada. Segundo Mozart Linhares,

Nestes termos, o homem moderno se caracteriza pelo individualismo, pelo caráter formalizador das relações entre público e privado e pela ideia de dever, cujo corolário ético situa-se na responsabilidade, uma responsabilidade talhada num ascetismo que ritualiza a *politesse* civilizacional. Caracteriza-se também pela crença no reconhecimento pessoal através do mérito próprio, o que revela uma ética do bastar-se a si mesmo.²⁴²

Em certo sentido, as cartas que Moog fez chegar ao chefe do Itamaraty levavam um pouco do espírito cordial. Diferentemente de Buarque, que se utilizou da imagem do homem cordial para pensar a formação cultural brasileira, Moog incorporou a cordialidade, e o fez, provavelmente, de “caso pensado”, como costumava dizer.

Como um estudioso da formação brasileira, o ensaísta gaúcho certamente conhecia o pensamento do autor de *Raízes do Brasil*, da mesma forma que conhecia os meandros em que se articulava a administração pública brasileira, especialmente na flexibilidade fronteiriça do público e do privado.

Os sinais de sua “cordialidade” apareceram na malha de relacionamentos que manteve por meio de uma densa rotina de correspondências, trocada especialmente com intelectu-

²⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 31.

²⁴² Ver SILVA, Mozart Linhares. Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia. 2003. Ver também em Pedro Monteiro: “a imaginação plausivelmente weberiana de Sérgio Buarque de Holanda, a entrega ao mundo nunca se deu, entre gente ibérica, por meio da anulação ou sublimação dos poderes e apetites do indivíduo. Jamais terá havido entrega àquela dimensão que, originalmente religiosa, terminaria por laicizar-se, até o ponto em que o indivíduo mergulha com todo fervor no mundo do trabalho. Momento em que o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros, segundo a imagem célebre de Weber.” Citado por MONTEIRO, Pedro Meira. As raízes do Brasil no espelho de próspero *Novos Estudos*. Rio de Janeiro. n. 83, março 2009, p.159-182.

ais e políticos, o que denota o desejo de inserção comunitária, de pertencimento à geração da qual obteria, por certo, legitimação para suas demandas, ideias, idiossincrasias. É da cordialidade, ainda, que deriva a estreita aproximação que alinhavava entre o particular e o público. O que separa o comunicado de dores físicas e os relatos de discursos proferidos na Assembléia da ONU é a narrativa e a construção da carta.

O homem cordial de Buarque descrê na fixidez dos opostos, na rigidez da hierarquia governamental. Ante a fronteira territorial e racial de negros e brancos, ele optava pelo terceiro espaço, o híbrido, a miscigenação.²⁴³ Segundo Sérgio Buarque de Holanda,

no fundo, o próprio princípio de hierarquia nunca chegou a importar de modo cabal entre nós. Toda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios. E a verdade é que, bem antes de triunfarem no mundo as chamadas ideias revolucionárias, portuguesas e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade específica, a injustiça social de certos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários. O prestígio pessoal, independente do nome herdado, manteve-se continuamente nas épocas mais gloriosas da história das nações Ibéricas.²⁴⁴

Seguramente o autor tinha consciência e domínio do que fazia. Portanto, as longas cartas assumiam forma de estratégias; ao reconhecer a perda de espaço político, lançava-se na afirmação de outra face, a do escritor, do ensaísta. Além disso, deixava claro ao chefe sua capacidade, ou talento, como se evocasse sutilmente outra metáfora sua presente em *Bandeirantes e Pioneiros*: “Você sabe com que está falando?”²⁴⁵

Por meio dessa imagem o autor analisava justamente o caráter arredo do brasileiro diante da estrutura hierárquica reguladora da relação entre cidadão e Estado, bem como no interior da burocracia governamental.

²⁴³ Segundo Moog “Como quer que tenha sido, neste ponto podemos estar tranquilos: a indiscriminação racial no Brasil não foi fisiologicamente um mal. Paradoxalmente, terá sido antes um bem e virá a ser, com o tempo, se já não o é, um dos melhores, senão o melhor acervo da cultura luso-brasileira, apesar do alto preço que por ele temos pago e ainda tenhamos de pagar. MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 29.

²⁴⁴ Citado por SILVA, Mozart Linhares. “Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.” In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia. 2003.

²⁴⁵ O Brasil estrangeiro, do imigrante, nunca teve a preocupação de apagar-se, pois, em lugar de querer modestamente nacionalizar-se ou aculturar-se a toque de caixa, assume, por meio do europeu no Brasil, por vezes, o ar a um tempo benemérito e impertinente de quem ainda vem colonizar e civilizar. (...) Ademais, o mazombo não ressentido nem o peso nem a magnificação da autoridade. Pelo contrário, ao mesmo tempo que procura ele mesmo investir-se da autoridade – você sabe com quem esta falando? – Nunca dá mostra do apreço e acatamento que possa ter ao homem público tratando-o pelo apelido ou diminutivo, por mais intimidade que tenha com este. MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 297 e 298.

A afirmação de Sérgio Buarque acerca da nossa predisposição conservadora e tradicionalista, logo, contrária ao projeto de países investidos no projeto da modernidade, se reflete na expressão de Moog. Aparece também em outros autores, como Érico Veríssimo quando aborda o folclore brasileiro e alguns de seus heróis. Segundo Veríssimo, os personagens representados por Pedro Malazartes e pelo Jabuti, cuja simbologia indica astúcia, esperteza e malícia, são alguns de nossos heróis mais lembrados no Brasil. Ao tentar explicar o sentido característico de nossos heróis, Érico Veríssimo descobriu o que ele chamou de “fio dessa complicada meada que é o caráter de nosso povo”²⁴⁶.

Neste jogo em que a possibilidade de cruzar o público e o privado tem precedência diante da racionalidade legal, ficam reduzidos os espaços para o “não”, para a negação do atendimento aos anseios do amigo, do parente. É nesta circunstância que o sujeito invoca seu tradicionalismo mediante o recurso da intimidade. É assim que Moog recorre ao fluxo de cartas e solicitações de informações e favores aos amigos pessoais e políticos, por exemplo, ao informar ao amigo Pataco Vargas sobre o desempenho da filha em atividades que ele, Moog, agenciara para ela no exterior.

Diante de uma eventual negativa, ele alçava mão de outra ferramenta, a que age pela verticalização da relação de poder sob o “você sabe com que está falando?”²⁴⁷. No caso de Vianna Moog, essa verticalização se dava de baixo para cima, ou seja, é o diplomata preterido em evento internacional tentando inverter a hierarquia ao dizer para o chefe que ele (o chefe) está falando não com um mero assessor, mas com um intelectual, cujos conhecimentos do cenário histórico e sociológico brasileiro são superiores. Mesmo que invertida a estratégia, o sentido é o mesmo: o desejo de afirmação do poder, da autoridade, remetendo para a conquista de um espaço de pertencimento.

Ao situarmos Moog na modernidade medieval ou ibérica, o fazemos de maneira provisória, atendendo a uma faceta da reflexão do próprio autor, uma vez que a adoção de

²⁴⁶VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do Gato Preto*. São Paulo: Globo, 1998. p. 149

²⁴⁷ Segundo Roberto da Matta, nessas relações se comunicam os cidadãos entre si em determinado momento, ou com o Estado, em outro, recorrendo a uma dinâmica comprometida pela intimidade, ou na manifestação de autoridade, evidenciando seu desdém à racionalidade contratada. MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 139 a 158

uma metodologia engessada visando à análise histórica e sociológica era refutada por ele.²⁴⁸ Mantendo a coerência, exploramos suas ideias transitando nas duas faces da modernidade.

Seguindo a compreensão no terreno das imagens ou metáforas, talvez possamos dizer que Vianna Moog olhava o cenário como se fosse um jogo, em que dava as cartas e espreitava os jogadores. Ao falar com o ministro, optava pelo monólogo, ou solilóquio, de modo que declinava da contestação e possível confronto com o superior. Quando analisava a formação cultural de sociedades como a brasileira ou a norte-americana, o fazia pela via do ensaísmo, em detrimento da métrica científica e de metodologias enrijecidas. Da mesma forma focalizava a análise comparativa entre Brasil e Estados Unidos, aventando a positividade de uma e outra em diferentes momentos e para diferentes interlocutores.

No mesmo sentido da abordagem que centralizava as vicissitudes do modernismo, Moog ressaltava o espírito do pioneiro norte-americano,

As linhas mestras das culturas protestantes produziam homens harmoniosos e perfeitamente integrados no sistema geral de concepções que lhes correspondiam: Washington, Jefferson, Adams, Emerson, William James. Nos países latinos isto só acontecia por exceção. Por quê? Porque desde o início surgia uma antinomia insuperável: base católica, e superposições capitalistas e protestantes. Consequência: homens inquietos, atribulados, contraditórios: Bolívar, Juarez, Sarmiento, Rui Barbosa... Ruy! Já viste na tua vida maior feixe de contradições?²⁴⁹

Ao passo que o iberismo, impregnado no bandeirante, sinalizava a aptidão para a contemplação, para uma vida mais compassada, risonha, logo, pouco habilitada para reproduzir o espírito do pioneiro norte-americano, por exemplo. Nesse sentido, Moog disse em outra correspondência: “prefiro os dias vagarosos do Brasil a essa agitação e trepidação que sacode um homem como um chocalho, para acabar desindividualizando-o e sugando-lhe o melhor de sua personalidade e substância interior”.²⁵⁰ Nesse caso, o próprio autor se investiu da roupagem do bandeirante, em sua vertente alheia à modernização, e com isso parecia optar, também, pelas benesses do ócio herdado do iberismo.

²⁴⁸ Segundo Moog: “Já por aí se vê que a história tem sempre muito mais que nos dizer a respeito dos fatos sociais do que as explicações unilaterais do determinismo geográfico, étnico, biológico ou econômico. Uma coisa, portanto, é examinar e interpretar os fatos sociais em termos de causa e efeito, de quantidade e estatística ou de resultado e outra, bem diversa, é interpretá-los em termos de vida e de história.” MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969. p. 62 e 81.

²⁴⁹ Carta de Moog a Érico Veríssimo, 03 ago 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁵⁰ Carta de Moog ao amigo Liebe Max, 26 out 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Afora isso, não há revelações por parte do autor de que essa possibilidade constituísse estratégia por parte do bandeirante, todavia as evidências apontam para esse caminho. Moog se cercava de pessoas por vínculos intelectuais, culturais, familiares e mesmo políticos, com os quais conduzia o diálogo numa perspectiva de concordância, de compatibilidade de opiniões, em detrimento do conflito, o que facilitava suas investidas, numa clara ação de quem controla o jogo.

O pertencimento à esfera privada e/ou pública, nesse caso, é apenas uma parte do jogo, cujos desdobramentos implicam a ação de inúmeros jogadores, suas relações, interesses, níveis de conhecimento, postura intelectual, além da consciência da existência de uma fronteira que os colocam um de cada lado; entretanto, tal fronteira parece não ser inflexível e impermeável na mão de bons jogadores.

4. O Arquivamento da “Memória de Si” no Cenário Intelectual e Político

Uma das preocupações de Vianna Moog e sua família foi a de reunir seus escritos no que viria a constituir seu futuro acervo pessoal. O autor parecia saber a real significação, sobretudo para a pesquisa e a construção do conhecimento, de armazenar e ordenar os papéis que manuseava, recebia, escrevia, reproduzia, desde suas primeiras publicações jornalísticas.

O retorno dessas ações seria positivo aos seus anseios, que remontam aos anos de 1940, quando seus sucessos começaram a surgir. Neste sentido, Moog e sua família tiveram o cuidado de coletar em seu acervo pessoal todas, ou quase todas, as publicações jornalísticas a respeito do autor e seus feitos.

Há nele, por exemplo, um álbum personalizado pela Livraria do Globo, em que constam recortes publicados em torno de seus escritos. A respeito de *Um rio imita o Reno*, por exemplo, contam-se aproximadamente sessenta e sete recortes de jornais, produzidos por comentaristas brasileiros e norte-americanos sobre a qualidade, conteúdo e conceitos literários da obra. Em alguns desses comentários, Tristão de Athayde e Carlos Lacerda, por exemplo, avaliaram o romance como sendo uma obra plena de falhas e dificuldades de ordem literária.

Por outro lado, Manoelito de Ornelas, Rubem Braga, Mário Filho, Moacyr Werneck, Nelson Werneck, dentre outros, revezaram-se em argumentos elogiosos. Nota-se, nas diversas exposições, o confronto aberto ou mesmo velado entre aqueles que se perfilaram em favor do elogio e aqueles que optaram em assinalar o que lhes pareciam equívocos, contradições e desvios da obra.

Parece que, a cada livro lançado, havia uma corrida, tanto da crítica literária quanto dos colegas autores, ao espaço jornalístico, com a intenção de não somente expor uma análise acerca do produzido, mas de deixar ali depositado parte do que pensava, do que fazia. No caso dos autores, essa aparição na página jornalística poderia representar, em última análise, a afirmação de um projeto pessoal, pois tratava-se de um campo de possibilidades, aparentemente, marcado pela tensão, pela concorrência de interesses variados no círculo de escritores e intelectuais.

A procura pelas redações jornalísticas, sensivelmente nas ocasiões de sucesso editorial, bem como o fluxo de cartas, confirma o sentido de redes de relacionamentos construídas entre os escritores. Neste sentido, é volumosa a coletânea de correspondência, por exemplo, entre Vianna Moog, Álvaro Lins do Rego, Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, entre outros. Outra situação é a comunicação entre os autores intercalada, ora cartas, ora crônicas jornalísticas. Logo após o lançamento de *Bandeirantes e Pioneiros*, em 1954, Gilberto Freyre dedicou em um jornal seu reconhecimento ao trabalho de Vianna Moog:

O escritor Vianna Moog acaba de publicar um ensaio em que se reafirma homem de letras não apenas belas, porém fortes: voltado para a análise, o estudo, a consideração de problemas brasileiros de base. Problemas de formação social do Brasil, interpretados como problemas de um passado de tal modo essencial, que se projeta sobre o futuro da gente brasileira.

A um ensaísta da inteligência viva e atual do Sr. Vianna Moog não era possível que o passado interessasse como conjunto de fatos tristemente mortos. E não interessa. Para ele, o que há de sedutor no estudo da história brasileira é o que nessa história é antecipação de um futuro que começa a ser assunto de cogitação sociológica, não apenas para os brasileiros como para os demais povos do Continente Americano, da Europa, de Orientes, de Áfricas.

O ensaísta Vianna Moog compara os fatos de pioneirismo característicos da expansão brasileira com os fatos que distinguem o pioneirismo da América Inglesa. E escreve sobre o assunto páginas que vêm dar novo vigor à sua reputação de ensaísta preocupado, dentro da melhor tradição brasileira - a dos José Bonifácio, a dos Euclides, a dos Alberto Torres, a dos Nabuco, a dos Oliveira Lima, a dos Capistrano, a dos Sílvio Romero - com os problemas nacionais do Brasil, vistos não apenas como problemas estreitamente nacionais, mas na sua confluência com os problemas de outros povos, de outras nações, de outras culturas.

É essa amplitude de critério que dá a este novo livro brasileiro virtudes de ensaio ao mesmo tempo literário e sociológico. Digno, por conseguinte, de ser lido pelos americanos e brasileiros que não se contentam em ler os puros beletristas, para deleite ou

regalo estético, mas precisam, em sua dieta intelectual, de acrescentar a tais leituras a dos autores que movem ideias, provocam divergências, fazem pensar.²⁵¹



Em companhia de Gilberto Freyre, em 1949.

Meses depois, Moog escreveu a Gilberto Freyre com a finalidade principal de externar seu agradecimento pela crônica elogiosa do amigo:

Meu caro Gilberto, já é mais que tempo que eu te agradeça o artigo com que prestigiaste pelo jornal do Brasil o meu *Bandeirantes e Pioneiros*. Este agradecimento estava sendo retardado além de toda a medida. Mas, que queres? À saída do artigo eu estava no México, desfrutando a agradável companhia do nosso Aurélio Buarque de Holanda, que não fica muito atrás do Luiz Jardim na arte de imitar aqueles a quem quer bem, e nenhuma alma caridosa teve a lembrança de me enviar. Apenas o meu compadre Mário Torres de Melo me deu notícias dele, do Recife, mas sem dar indicação do jornal e da data de publicação. De sorte que, foi só a minha volta do México que, graças à ajuda do Aníbal Freire, pude deliciar-me com o teu artigo. Ah, mestre Freyre, quando não valesse a pena escrever por outros motivos, valeria a pena fazê-lo só pra merecer um artigo como o teu. (...) que gozo! Estou aqui e ainda estou revendo tudo, com delícia: o célebre almoço dos Almeida em Rio Pardo, a procura do negrinho do pastoreio, a inconveniência do José Lins do Rego na casa do Panatiere.²⁵²

Pode-se observar, neste fragmento, não só o claro manifesto de agradecimento à Freyre, mas a explicitação ao amigo de seu relacionamento com outras personalidades do meio intelectual. O diálogo não fica circundado aos interlocutores, pois há referências a outros

FREYRE, Gilberto. Vianna Moog, ensaísta literário e sociólogo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 abr. 1955. Ou pelo sítio: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/vianna_moog.htm. Acessado em 15 mar. 2009.

²⁵² Carta de Moog a Gilberto Freyre, 28 out. 1955. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

nomes, muitos dos quais pertenciam ao círculo de relacionamento de ambos. Assim, Moog escreveu a Veríssimo, por exemplo, falando de seus diálogos com Freyre e Lins do Rego, ou Veríssimo escreveu a Mário de Andrade contando novidades de si, de Moog, de Freyre, etc.

Essa prática apareceu com frequência na coletânea de correspondência de Moog e outros autores, e, da mesma forma, não era incomum a manifestação de cortesia, o pedido de favores, a solicitação de apadrinhamento em causas pessoais, profissionais, culturais e intelectuais. Exemplo disto encontramos em correspondência enviada por Moog ao ministro e amigo João Neves:

E como esta é de certo modo a minha luta, eu gostaria de nela poder tomar parte em todas as suas fases. Resumindo: estou me inculcando como candidato à próxima assembléia Geral e Conselho Econômico e Social: não, é obvio, como suplente, mas como delegado. Tenho a impressão, não sei se certa, errada, ou apenas exagerada de que minha candidatura e os interesses do Brasil talvez coincidam, pelo menos neste ponto. Ao que sei, ou estaria enganado? Suas relações com o Raul Fernandes continuam excelentes. Faço votos que o senhor chegue à mesma conclusão, porque estou contando com sua ajuda para influir a meu favor, direta ou indiretamente. Pode ser ou está difícil? Pois então, meu caro Dr. João Neves, dissolva os gelos da Sibéria com os calores do seu entusiasmo e de sua eloquência.²⁵³



Da esquerda para a direita, com os embaixadores Juracy Magalhães, João Neves da Fontoura e o escritor Peregrino Junior.

²⁵³ Carta de Moog a João N. Fontoura, 09 mai. 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Além da escrita endereçada por conveniência pessoal, o acervo pessoal de Moog, em grande medida, revela a dedicação do autor em reconhecer a formação histórica e sociológica brasileira. Essa ocupação o acompanhou em boa parte de sua trajetória pública, como fez constar em relatórios, manuscritos de livros publicados e inconclusos.

Essa documentação revelou suas ideias e abordagens de conceitos como ciência, desenvolvimento, racionalidade, bem como as possibilidades de modernização e progresso no Brasil. Desenvolveu comparações, sob a ótica weberiana, entre a formação católica predominante na sociedade brasileira e o calvinismo norte-americano, além de desenvolver um mapeamento da constituição geográfica do Brasil em clima, vegetação, riquezas minerais e vegetais. Somado a isto, também enumerou os padrões produtivos do país diferenciando-os pela caracterização regional.

Com a mesma atenção, boa parte do acervo, especialmente em rascunhos de relatórios e manuscritos de livros, analisaram a diversidade cultural brasileira buscando reconhecer suas vicissitudes, dramas, virtudes, “ajustamentos e desajustamentos psicológicos.” O autor encontrou na ação irracional do bandeirante em ocupar o território brasileiro uma das principais razões do nosso “atraso”, que lhe pareceu evidente quando comparado ao que se gerou nos EUA a partir do trabalho do pioneiro em seu avanço para o oeste do território.

Inúmeras cartas trocadas com romancistas sinalizam para a construção de metáforas e imagens. Por meio dessas, o ensaísta observou a história brasileira como um grande cenário, e seus personagens, casos de Pedro Malazartes e de Aleijadinho, ou do mazombo e do malandro, sujeitos e sistemas sociais que bem revelam, a seu ver, a negação da moderna racionalidade ocidental. Falou também de desenvolvimento em “PA” (progressão aritmética) versus desenvolvimento em “PG” (progressão geométrica). Talvez essas expressões tomadas da matemática constituam a principal ou uma das principais metáforas do autor em seus escritos.

A coletânea documental que vai constituindo o acervo pessoal do autor traz consigo a análise que anuncia seu esforço de, como outros autores contemporâneos, discutir a “heterogeneidade da sociedade brasileira, cujo objetivo maior – a integração nacional – pressupunha

forjar uma identidade: a do povo brasileiro. (...) tal como a ideia de povo, a noção de identidade tem suas raízes em tempos da História.”²⁵⁴

Retomar o século XIX com a finalidade de melhor compreender as motivações que fazem o escritor colecionar a documentação produzida ou recebida em subdivisões de temas e assuntos, resultando na formação de seu arquivo pessoal, explica-se, pelo menos em parte, pelo sentido de afirmação do individualismo, do indivíduo voltado para si, como diz Ângela de Castro Gomes:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários com suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso.²⁵⁵

Para Moog, pensar a organização social a partir da significação do indivíduo talvez represente a afirmação da imagem de si frente à geração intelectual, política ou literária. Se o social é resultado da congruência do individual, Vianna Moog cumpre com sua parte no que tange à busca de um espaço, notadamente no caso da correspondência pessoal, a qual era fiadora de relações, de sociabilidade. “É através dela [sociabilidade] que as pessoas, mesmo distante fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares.”²⁵⁶

Em face disso, é possível pensar a constituição do arquivo pessoal de Moog sob um propósito maior, que seja o da eternização da memória, visando o reconhecimento de si ou facilitar a tarefa do pesquisador no futuro. Talvez a intenção de compilar documentos correspondesse ao desejo de grifar no tempo e no espaço suas ações de maneira efetiva, que o fizeram intelectual e representante político reconhecido pela crítica em esfera nacional e internacional.

²⁵⁴ BRESCIANI, M. Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*. SP: UNESP, 2005. p. 16 e 22.

²⁵⁵ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13.

²⁵⁶ VENÂNCIO, Giselle Martins. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história.” In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 113.

Isto não significa afirmar o inverso, ou seja, o insucesso cultural, intelectual e político de algum escritor em razão do não arquivamento de sua produção textual, de sua correspondência. Nesse caso, não é a existência ou a dimensão do arquivo pessoal em si que demarca fronteiras ou determina níveis de sociabilidade, de ações sociais, por parte do escritor, mas o efeito das relações conduzidas pelo indivíduo nas esferas privadas e públicas. Os documentos – relatórios, cartas, crônicas jornalísticas, discursos, livros, dentre outras – atuam como ferramentas, como uma espécie de cartão de visita. O arquivamento, assim, pode garantir ao detentor uma amostragem de si, como um currículo atestando feitos e conquistas, por vezes, desilusões. Segundo Philippe Artières,

Michel de Certeau sublinhou que a prática escriturária assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos. [...] a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias. “O progresso é de tipo escriturário”, escreve de Certeau. “De modos muito diversos, definimos assim pela oralidade aquilo de que uma prática ‘legítima’ – científica, política, escolar etc. – deve se distinguir. É ‘oral’ aquilo que não trabalha para o progresso. [...] Da mesma forma poderíamos ler nos frontões da modernidade inscrições como: ‘Aqui, trabalhar é escrever’ ou ‘Aqui só se entende aquilo que se escreve’. Esta é a lei interna daquilo que se constituiu como ‘ocidental’”, conclui de Certeau.²⁵⁷

Se por um lado a emergência do indivíduo se coloca como fonte inspiradora na trajetória do escritor e no anseio de colecionar seus escritos nas primeiras décadas do século XX, por outro, é o ressurgimento desse mesmo indivíduo que faz despertar o interesse historiográfico, notadamente na história do político e na história intelectual nas últimas décadas do século XX.

5. O intelectual com a vontade do político

Com a frase “parelheiros já estão pulando na fita, mas ainda há muito cusco atravessando na cancha”²⁵⁸ empregada em forma de metáfora, Moog encerra uma de suas

²⁵⁷ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998/1. p. 02.

²⁵⁸ Seguindo as definições de Batista Bossle: parelheiro: cavalo de boa raça, tratado para a disputa de carreiras; cavalo de corridas. Cusco: cão pequeno, de raça comum; guaieca, guaipé, guaieva. Pessoa de pequena estatura e sem importância, inútil, imprestável. Cancha: Lugar plano e preparado especialmente para as corridas de cava-

cartas em que dialogava sobre as possibilidades eleitorais do Brasil em 1950. No entendimento do autor, o jogo político visando à corrida presidencial estava praticamente desenhado, uma vez que os partidos políticos existentes na época partiam para a disputa de votos junto ao eleitorado mediante demoradas negociações e conchavos entre os candidatos. Diante disso, Moog recorreu à metáfora ao mencionar as corridas de cavalos em cancha reta, prática comum no Rio Grande do Sul naquela época, e lamentava que no exato momento dos candidatos considerados fortes (parelheiros, alazões) “darem a largada” no pleito eleitoral (na corrida), ainda havia discursos ínfimos, de políticos sem expressão (“cuscos”, cães de menor pedigree), provocando embaraços nos competidores (atravessando as raias da cancha).

Em 1945, Moog afirmou²⁵⁹ que chegou a pensar em seguir a vocação política em detrimento da literatura, como muitos desejavam e ele próprio se sentia atraído. “Naquele tempo eu não sonhava senão com a tribuna da Assembléia. O dom que eu mais pedia a Deus era o dom (...) do poder mágico do verbo. E cá entre nós e que ninguém nos ouça, nunca consegui completamente consolar-me de não ter sido contemplado com esse dom.”²⁶⁰

De modo que, logo em seguida à sua primeira participação política, ocorrida na Revolução de 1930, o escritor filiou-se novamente a outro grupo político revolucionário, o dos “constitucionalistas” de São Paulo. Portanto, de aliado de Getúlio Vargas, Moog passou a seu inimigo político. Segundo Ana Maria Moog, “meu pai compartilhava do ideário do grupo que lançou o movimento da Aliança Liberal e participou com entusiasmo do movimento de 1930. E quando aquele ideário, ao ver dele, foi traído pelo governo do Getúlio, participou do movimento de 1932.”²⁶¹

lo, em geral com duas a seis quadras de comprimento. BOSSLE, Batista. *dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2003. p. 115, 179 e 374.

²⁵⁹ Entrevista concedida ao *O Jornal*, no Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1945.

²⁶⁰ Carta de Moog a João N. Fontoura, 14 mar. 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁶¹ Entrevista concedida pela filósofa Ana Maria Moog, filha do autor. Arquivo Vianna Moog. Pasta 15.



Foto em que Vianna Moog, a esquerda, aparece como soldado da Revolução de 1930. Ao seu lado, Hélio Palmeiro da Fontoura, em Ponta Grossa.

Na ocasião se deslocavam para a capital do Brasil, Rio de Janeiro, em 1930.

Em face dessa inclinação para questões políticas, ou desejo mesmo de ingressar na esfera da política partidária, Moog encaminhou correspondência a João Neves da Fontoura, dizendo-se disposto a debater a sucessão presidencial brasileira a realizar-se no dia 03 de outubro de 1950. Sob a interrogação de “quem será o próximo presidente?” ele elaborou demorada análise do panorama político brasileiro visando às candidaturas em diferentes arranjos partidários, com a esperança de obter um posicionamento esclarecedor de seu interlocutor. Segundo Moog: “O *New York Times* diz que vai adiantada a articulação em torno do Oswaldo Aranha. (...) que lhe parece? A mim parece-me ótima a candidatura. Receio, entretanto, esteja sendo lançada extemporaneamente. O nosso Oswaldo seria o homem ideal para decidir um caso de impasse.”²⁶²

²⁶² Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 jan 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Ao mostrar-se atraído pelo cenário político, Vianna Moog mencionou algumas expressões centrais nessa esfera, de modo que sua análise não se limitava ao processo eleitoral brasileiro e ao arranjo partidário. Este tema abarcava outros aspectos no campo da política, a exemplo do Estado Nacional Moderno e o arcabouço normativo democrático, das monarquias e sistemas de governos ditatoriais no decorrer da modernidade. No mesmo sentido falava em poder político, Estados conservadores, identidade nacional, partidos e ideologias políticas.

Se projetássemos o discurso de Vianna Moog sob o ponto de vista da historiografia, sobretudo a historiografia europeia, poderíamos perceber certo descompasso. René Rémond, por exemplo, analisou o final da década de 1940 numa perspectiva de transição da história política para a história econômica e social. Resultante de inovações conduzidas por uma geração de historiadores desapegada da hegemonia do político, essa renovação assevera à história do político a pecha de “história tradicional”, de leitura superficial dos eventos ou, no máximo, das conjunturas, logo, desconforme com as demandas sociais e com a leitura voltada às estruturas.²⁶³ O historiador francês fala ainda de uma nova orientação filosófica harmonizada com o ambiente intelectual e político da época, de modo que

o advento da democracia política e social, o impulso do movimento operário, a difusão do socialismo dirigiam o olhar para as massas. A compaixão pelos deserdados, a solidariedade com os pequenos, a simpatia pelos esquecidos da história inspiravam um vivo desejo de reparar a injustiça da história para com eles e restituir-lhes o lugar a que tinham direito: (...) a grandeza do reino fora edificada sobre o sofrimento dos humildes, a solidez dos regimes apoiava-se na obediência dos povos, e o crescimento das economias no esforço de multidões trabalhadoras.²⁶⁴

O discurso de Moog acerca de questões inerentes ao movimento operário, sobre solidariedade, não assumiu o ponto de vista econômico e social, de estrutura e infraestrutura, conforme preconizava a historiografia ascendente.

Acerca disso, há uma carta enviada pelo autor ao Itamaraty, cujo tema trata de sua atuação na Comissão Social da ONU em conformidade com as demandas sociais brasileiras: “como o senhor sabe, a obra de recuperação da criança brasileira não depende do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), do nosso governo, ou do representante do Brasil na Comissão social. Depende antes de tudo da formação de nossa consciência social.”²⁶⁵

²⁶³ RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 15 e 16.

²⁶⁴ Idem,

²⁶⁵ Carta de Moog ao Itamaraty, 17 jun 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

Com base nisso, a abordagem de Moog voltada ao social pareceu transcorrer no alinhamento do diálogo político ao invés de uma pretensa bandeira acionada pelas ciências sociais. O autor não disfarçou seu entusiasmo pelo estudo do Estado, da política, do pensamento contemporâneo, cuja discussão elenca as possibilidades de disputas de poder no próprio terreno político.

Na ótica do historiador, caso de René Rémond, as transformações ocorriam na temática política como parte do contexto historiográfico, ao passo que no olhar do ensaísta²⁶⁶, caso de Moog, a leitura do tema político pairava essencialmente no âmbito do Estado.

Nas avaliações do cenário político eleitoral de 1950, o autor não dispensou qualquer atenção à realidade social, aos possíveis anseios, às angústias sociais ou às plataformas partidárias em níveis de alinhamento com as demandas do público eleitor. Seguindo essa compreensão, as eleições presidenciais de 1950 pareciam se decidir nos bastidores, antes mesmo do escrutínio eleitoral, haja vista a relevância dispensada por Moog aos acordos partidários em torno de candidatos, nominatas e legendas.

Meu palpite: o Nereu. Por quê? Porque não creio em candidato único. Isto de esquecer as diferenças do passado e pensar em termos de Brasil e só Brasil, isto não funciona. A UDN, por nada deste mundo, querará perder as comodidades e vantagens correspondentes a sua posição de oposição de sua Majestade, sobretudo depois da morte do Virgílinho. O Mangabeira irá articular com o presidente. E dessa articulação surgirá ou ele, Mangabeira, ou Canrobert, ou ambos. Aceitará o PSD a solução Mangabeira-Canrobert? Não. Desse momento em diante o candidato natural do PSD será o Nereu, pela simples razão de que não se combate uma preterição com outra preterição. Até aqui não falei na candidatura do Getúlio. Faço-lhe apenas justiça, não acreditando que ele embarque numa nova aventura para perder. Sem a absoluta certeza de uma vitória esmagadora, dessas capazes de siderar qualquer inconformidade militar, ele não se lança. Ora, como vitória esmagadora não me parece provável, tenho que ele continuará atrás do pau, para embarcar na undécima hora contra o candidato oficial.²⁶⁷

Nesse sentido, Vianna Moog parece contrariar observação de Michel Winock,²⁶⁸ segundo a qual o século XX assistia ao gradativo declínio do Estado fortalecido em nome da democracia liberal. O tempo era de abertura às sociedades plurais, modernas, pelo crescimento do urbanismo e da competição de ideias, em detrimento dos sistemas fechados, de Estados

²⁶⁶ Vianna Moog se declara um ensaísta: “Sei que sou um ensaísta. Mas, quando me acontece cair em estado de graça como romancista, dou-me a maior pressa em aproveitar.” MONTELLO, Josué. *Vianna Moog: autores gaúchos*. Porto Alegre: IEL, 1989. p. 7.

²⁶⁷ Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 jan 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁶⁸ WINOCK, Michel. “As ideias políticas”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 272.

conduzidos sob formas unilaterais, diz Winock. No olhar de Moog, portanto, o caso brasileiro se posicionava na contramão dessa tendência.

Assim sendo, talvez possamos observar a diferença entre um e outro, entre o desapontamento dos historiadores pela história política e o entusiasmo do ensaísta pelo mesmo tema, a partir da análise do próprio ensaio enquanto enfoque sociológico. A opção autodeclarada de Vianna Moog de pronunciar-se por meio do ensaio e do romance indica seu distanciamento do movimento historiográfico da época. Além disso, o autor lembrou repetidamente ao leitor que preferia não submeter sua escrita a qualquer metodologia preestabelecida. Antes preferia sentir-se livre para recorrer às múltiplas ferramentas disponibilizadas pelas ciências sociais e pela escrita literária.

A via que apresentava tais características era o ensaísmo. Segundo Theodor Adorno²⁶⁹, o ensaio não se ocupa em construir conceitos próprios a partir de um princípio inicial, não visa uma convergência final, nem se apropria de interpretações rígidas. Isso corresponde à expressão que encontramos nos textos de Moog. Especialmente no debate político, uma vez que não se mostra apegado aos movimentos científicos, seja da historiografia ou das demais áreas do conhecimento, como se depreende de sua desconfiança para com as proposições de Ratzel, Hegel, Spencer, etc.

Além disso, não parecia restringido por uma narrativa de cunho objetivo, protocolar; ao invés disso, empregava metáforas ou figuras de linguagem para representar a realidade à qual estava inserido ou sob análise, como no caso de “parelheiros, cusco e cancha reta”; ou na carta oficial enviada ao ministro, em que o adverte quanto às vantagens do diálogo em forma de solilóquio. Esses exemplos revelam antes o espírito de liberdade narrativa (algo próximo do literário) do que a submissão à determinada metodologia inerente às ciências sociais.

Se na ótica historiográfica a dimensão política sofria restrições por motivos diversos, na construção ensaística de Moog ela ganhava fôlego, como se observa em seus debates com autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Érico Veríssimo, José Lins do

²⁶⁹ Segundo Adorno, no texto *Ensaio como forma*, “Sua opção preferencial [do ensaísta] aponta para a liberdade criativa, equilibrada entre o não científico e a narrativa literária. Por esta via o ensaísta reflete o espírito que dialoga amores e ódios, que fala de seus entusiasmos até o final, ainda que seja um final arbitrário seu, e não o silêncio natural como se nada mais restasse a dizer conforme pressupõe o método científico.” ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p. 16 e 17.

Rego, João Neves da Fontoura, dentre outros. Nessas conversas a perspectiva de Moog parecia expressar-se em múltiplas faces, fosse no papel de analista da realidade política, fosse no pertencimento à mesma esfera política.

Nesse interior o autor fazia e refazia seu diálogo em conformidade com o interlocutor e a circunstância presente. Uma carta enviada a João Neves da Fontoura não seria a mesma enviada ao presidente Getúlio Vargas, ainda que o assunto se repetisse. Se por um lado Moog era ensaísta, conforme dizia, e como tal se fazia escritor, por outro, estava submetido a mais uma fronteira condicionante, ou seja, o autor era também um servidor público designado no alto escalão de apoio ao governo brasileiro. Em meio a essa condição, de escritor e funcionário burocrata, Moog observava o movimento político brasileiro relativamente desprendido de um instinto de objetividade científica.

Por causa desse desapego à ciência, a exposição de Vianna Moog assegurava a presença do sujeito, fazendo aflorar uma expressão subjetiva, cuja atribuição de juízo de valores no interior da análise caracterizava um sinal, a exemplo de “parlheiros e cuscos.” Neste caso, Moog diferenciou um determinado grupo de políticos dotado de certa distinção – “parlheiros” – de outro grupo – o dos “cuscos” – formado supostamente por políticos de menor prestígio ou relevância na mesa de debates.

A liberdade do método acadêmico permitiu ao ensaísta utilizar-se da ciência e da arte, como se agisse pela intuição e pelo conceito, imagem e signo, algo quase impossível num tempo cujo sentido de objetivação do mundo parece a única saída para o conhecimento, diz Adorno.²⁷⁰

Que o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, sobretudo, contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual este é novamente condenado no conceito. O ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma, que atribui dignidade ontológica ao resultado da abstração, ao conceito invariável no tempo, por oposição ao individual nele subsumido.²⁷¹

²⁷⁰ Idem, p. 20.

²⁷¹ Idem, p. 21.

A possibilidade de pronunciar-se pela via ensaística – no intervalo entre a narrativa literária e a produção científica – permitiu a Vianna Moog ajustar-se intelectualmente como escritor de livros e viabilizar sua condição de profissional, já que havia uma sobreposição no tempo do burocrata e do escritor. No tempo reservado ao funcionário e às atividades de representação do governo brasileiro no meio internacional, o desejo da escrita ensaística ou literária se manifestava, por impulso ou inspiração, resultando na construção de cartas, relatórios e livros. Da mesma forma, redirecionava, por vezes, o tempo reservado à produção intelectual para as demandas funcionais inerentes ao Brasil. Em carta enviada ao seu advogado, Moog, ainda residente nos Estados Unidos, mencionou a construção de um de seus livros sob esse cruzamento entre o tempo do escritor e o tempo do servidor público.

Meu caro Anor, parei de escrever artigos para o jornal. Aquele *A procura de Lincoln* engrossou e vai acabar livro, um livro de 500 a 600 páginas. A pretexto de Lincoln, vou dar um balanço completo na civilização americana. Todo o material da gorada *Civilização passada a limpo* vai entrar, ou melhor, já encontrou o seu lugar no *A procura de Lincoln*. Ando numa embalagem maluca. Duzentos e cinquenta páginas estão no papo, depois da última vez que escrevi. (...) De sorte que a coisa está assim: até o fim do mês termino o livro. (...) Tomo minhas férias e vou ler de lápis na mão e tomar nota e encher os interstícios com fatos e dados históricos, para ilustrar a parte interpretativa que está a bem dizer pronta.²⁷²

Da mesma forma, sob o prisma ensaístico, encaminhou-se a análise que fez da política. Suas funções de representação no cenário internacional não o impediram de discutir e projetar, por exemplo, os destinos do processo eleitoral brasileiro²⁷³, bem como não o submeteram a uma vinculação partidária. Nesse caso, é o representante do Estado se servindo da paixão política, sobretudo a política brasileira, com o fim de analisá-la. A legitimação para isso vem de sua formação intelectual.

Nesse sentido, o ensaísta se serve de sua condição de funcionário de carreira, e funcionário político. No texto *Vocação política*, Max Weber²⁷⁴ fala da política no Estado Moderno, cujas exigências decorrentes da luta pelo poder conduziram a uma divisão no quadro funcional do Estado em duas categorias. Na primeira delas, os funcionários de carreira; na segunda, os funcionários políticos. Enquanto o funcionário de carreira é retido em seu posto de trabalho, sem maiores possibilidades de remanejamento, transferências ou promoções, o funcionário político tem como característica central a flexibilidade de movimento. Assim como pode ser

²⁷² Carta de Moog ao advogado Anor, 12 jul. 1948. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

²⁷³ Ver nota 68.

²⁷⁴ WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 76.

colocado à disposição, também está sujeito a remoções de seu posto de trabalho ou mesmo da localidade onde reside e presta serviços.

Segundo Weber, outro fator marcante nesta categoria, e que a distancia em relação à primeira, é a formação profissional legitimada por diplomas universitários. A qualificação superior indica o nível ocupacional relativo “a velar pela administração interna, que é essencialmente política, importando, acima de tudo, em manter a ordem no país e, portanto, em manter o existente equilíbrio de forças.”²⁷⁵.

Essas categorias funcionais identificadas por Weber em países como Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, correspondem, em grande medida, ao modelo burocrático brasileiro em vigor nos anos próximos a 1950. Sérgio Miceli,²⁷⁶ entretanto, ressalta que no Brasil a inserção nos quadros dirigentes do Estado é validada por outros fatores como a pertença a algum parentesco proeminente no meio político, social, econômico e mesmo intelectual. A relevância do grau de parentesco é tanto mais válido quanto maior a inserção do escritor na atividade jornalística, ou cargo público, diz o autor.

Vianna Moog parece não ter parentes influentes no cenário público brasileiro, todavia preenche os demais requisitos analisados por Max Weber e retomados por Miceli.

Seu ingresso na função pública deu-se a partir de concurso público em 1930. Essa condição seria determinante para estabelecer sua posição de “funcionário de carreira”, que cederia lugar para o “funcionário político” anos mais tarde. Na realidade, Moog não se desvinculou da categoria “funcionário de carreira”, embora deixasse de exercer as funções pertinentes à atividade. A diferença em relação ao modelo explicitado por Weber reside na requisição demandada pelo governo brasileiro para que Vianna Moog passasse a ocupar a outra categoria, a do político, uma espécie de cooptação de uma categoria para outra. Para essa transferência concorre favoravelmente outro dispositivo, o pertencimento do autor ao meio jornalístico e intelectual, mencionados por Sergio Miceli.

²⁷⁵ Idem, p. 77.

²⁷⁶ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 51.

Conforme Adriana Coelho²⁷⁷, essa prática era corriqueira no governo de Getúlio Vargas. O funcionário público federal habilitado no círculo das letras, em geral com formação superior, e reconhecido no meio intelectual como jornalista ou escritor, ficava qualificado para o estreitamento de relações com o governo em esfera especial, na “categoria de funcionário político”, de modo a estabelecer um diálogo de reciprocidade. O funcionário põe sua fortuna intelectual a serviço do Estado, ao passo que este lhe retribui em ofertas diversas. Neste sentido Miceli²⁷⁸ aponta: “as retribuições pecuniárias parecem desprezíveis se comparadas àquelas cujos lucros materiais e simbólicos derivam das eleições para a Academia Brasileira de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico, e das designações para o desempenho de representações oficiais no exterior.”

O discurso de Getúlio Vargas na ocasião em que tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 1943 permitiu perceber seu interesse na aproximação com o meio cultural. Segundo Vargas,²⁷⁹ “O Brasil realizou sua emancipação política, constrói agora a sua emancipação econômica e inicia, finalmente, a sua emancipação cultural. As responsabilidades dessa magna tarefa têm de recair necessariamente sobre os intelectuais e os homens de pensamento.”

Sergio Miceli²⁸⁰ ressalta, nesse sentido, que o período do governo Vargas, 1930-1945, diferenciou-se em relação a outros momentos no que diz respeito ao diálogo com os intelectuais, uma vez que o domínio da cultura tornou-se para Getúlio Vargas uma questão de “negócio oficial”, com direcionamento de orçamento próprio, conservação e ampliação da atividade intelectual e artística, da criação de uma inteligência com intervenção em diversos setores da esfera cultural.

²⁷⁷ Segundo a autora: “a esmagadora maioria dos escritores brasileiros desta geração, mesmo os mais engajados, ganhavam a vida como funcionários do Estado. Temos assim Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge Lima, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e muitos outros. O caso de Carlos Drummond de Andrade tornou-se emblemático: membro do PCB, ocupou durante o Estado Novo o cargo de chefe de gabinete do Ministério de Educação e Saúde, a convite de Gustavo de Capanema, seu amigo de infância. Nos anos de 1930 e 1940, o estatuto de escritor-funcionário, segundo a expressão do próprio Drummond, era considerado apenas como uma estratégia de sobrevivência, necessária à expansão da vida literária na época.” FLORENT, Adriana Coelho. “Roupa suja se lava em casa: Graciliano Ramos, escritor e comunista na Era Vargas.” In: BASTOS, Elide Rugai. (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 144.

²⁷⁸ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 210.

²⁷⁹ VARGAS, Getúlio. “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”. In: *Cultura política. Revista mensal de Estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ano IV, n. 37, fevereiro de 1944, p. 19.

²⁸⁰ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 197 e 198.

Essa via de aproximação do escritor com o poder público, por certo, merece inclusão no inventário dos fatores que contribuíram para a ascensão intelectual de Vianna Moog no decorrer das décadas de 1930-1940. Na eleição para a Academia Brasileira de Letras o autor contou com o voto do Presidente. Antes disso, já se tornara representante do Brasil em instituições internacionais sob aquiescência do mesmo Vargas. Outra iniciativa de promoção apadrinhada pelo Estado era o ingresso dos intelectuais mais renomados ao plantel das grandes editoras particulares, a exemplo da Editora Globo, pela qual Moog publicou a maior parte de suas obras literárias e ensaísticas.

Sergio Miceli menciona a existência de um seletivo grupo de escritores e artistas ocupados em atender encomendas do governo, tanto na construção de prédios, como em livros, concertos, manuais escolares, dentre outras atividades. No caso de Vianna Moog, talvez seja mais correto associar seu nome dentre os apoiadores do governo Vargas, por meio da atividade de representação internacional. Afora essa função, não parece visível a existência, por exemplo, de alguma obra do autor com teor laudatório ao governo. Ao contrário, apesar de ocupar uma posição destacada no quadro funcional do Estado, a “categoria do político”, e obter benefícios com isso, Moog se mostrava reticente com a política ditatorial de Vargas.

6. Como alguém fala a verdade? Que verdade? Para quem e onde?²⁸¹

Com esse questionamento Edward Said aborda os temas da especialização e profissionalização do intelectual, e especialmente o relacionamento do mesmo com o poder político. Em grande parte, a atenção do autor recai na análise das medidas de comprometimento ou independência do intelectual frente à hierarquia governamental. Segundo Said, as trajetórias intelectuais e os eventos políticos, em linhas gerais, não ocorrem de maneira isenta, alienadas umas das outras, como se cada uma respondesse somente por sua existência. O mais comum é que haja cruzamentos em seus caminhos em algum momento do percurso.

²⁸¹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005. p. 89.

A preocupação, então, volta-se para esse encontro de ambas as trajetórias, uma vez que a aproximação do intelectual à esfera do político pode afastá-lo de suas atribuições eminentemente intelectuais do que seria a “enunciação de verdades”.

No caso de Vianna Moog tal aproximação ocorreu numa perspectiva de submissão funcional ao Estado, justamente na esfera do que preocupa Edward Said. Para ele, o diálogo do intelectual com o poder precisa seguir uma rota de mão única, ou seja, o intelectual não pode servir ao Estado e obter recompensas deste. Dessa forma, a rota de mão única levaria a uma relativa independência por parte do intelectual.

Essa independência remete ao comprometimento do intelectual com a busca da verdade e o encaminhamento que atribuí a ela. Como passo inicial, diz Said, dificilmente o intelectual servidor do Estado poderá manter coerência com sua crença de verdade, pois corre o risco constante de ver suprimido ou camuflado seu postulado de verdade em nome do vigor estatal e suas demandas.

Tomando em conta tais reflexões, nossa análise de Vianna Moog em seu papel de intelectual parece chegar a uma encruzilhada. De um lado, elas desautorizam a possibilidade de que um intelectual possa professar verdades por conta de sua situação de servidor do Estado. Por outro, é o funcionário público Vianna Moog, aprovado em concurso em 1930, que se fez intelectual nos anos subsequentes.

De qualquer forma, Moog acabou se constituindo num intelectual ocupado profissionalmente com as demandas do Estado e suas hierarquias. Assim sendo, e retomando as colocações de Said, poderíamos concluir pelo descrédito ao discurso de Vianna Moog, uma vez que o mesmo traz junto a rubrica do político?

Nossa análise das posições assumidas por Vianna Moog enquanto um intelectual que era, ao mesmo tempo, um servidor público, não referenda a posição de Edward Said para quem estas duas são esferas de atuação incompatíveis. Para este autor, a condição de funcionário do aparelho de Estado limita a autonomia de pensamento e expressão dos intelectuais, o que, como pretendemos demonstrar, não se aplica ao personagem que estamos estudando.

O caso de Vianna Moog não era único, boa parte, senão a maioria dos escritores e autores da geração de Vianna Moog desenvolvia atividades como funcionários estatais e assim obtinham seus rendimentos regulares. Para Said, "o intelectual propriamente dito não é um funcionário, nem um empregado inteiramente comprometido com os objetivos políticos de um governo, de uma grande corporação ou mesmo de uma associação de profissionais que compartilham uma opinião comum."²⁸²

Caso isso fosse suficiente para desacreditar a afirmação intelectual de Moog por coerência, talvez tivéssemos que proceder ao mesmo com os demais intelectuais de sua geração e colegas de trabalho na hierarquia do Estado. Isto não significa, por contrário, afiançar níveis de independência intelectual ou isenção ao cerco político desses escritores, funcionários públicos. Apenas interessa ressaltar a vinculação de Moog ao quadro funcional do Estado como parte de uma prática comum na época, em detrimento do que poderia ser um caso isolado.

Inclusive é possível observar certo júbilo quando do ingresso do intelectual no quadro funcional do Estado. Por isso, o nome daquele que era convidado, requisitado ou convocado por aprovação em concurso, merecia prestígio, conforme ocorrera com o próprio Vianna Moog. Assim publicou o anúncio de jornal:

Vianna Moog na diplomacia: Segundo conseguimos apurar em fontes autorizadas, o governo brasileiro vem de criar uma legação na União Sulafricana, cuja sede é Pretoria, onde vinha funcionando, há longo tempo, um consulado do nosso país. Fomos informados, ainda que, para ministro do Brasil será escolhido o Sr. Julio Diogo, antigo deputado riograndense, que se encontrava como adido comercial junto ao consulado dali, e para cônsul geral o escritor Vianna Moog, que atualmente desempenha importante função junto ao Conselho de contribuintes, na capital da República. A notícia da escolha do escritor Vianna Moog, que há dias circula nesta capital, embora sem ter sido até agora oficialmente conformada, foi recebida com geral satisfação, principalmente nos meios intelectuais, onde o autor de *Um rio imita o Reno* desfruta grande simpatia e prestígio.²⁸³

Said sugere, como forma de manutenção de certa autonomia de pensamento, o caminho do amadorismo e a utilização, para enunciação de ideias, de espaços como o livro, o artigo e a conferência, por exemplo. Segundo ele, este tipo de atuação estaria muito mais de acordo com o que entende por "papel originário do intelectual".²⁸⁴ A possibilidade de manter uma produção amadora para Moog e sua geração nas décadas de 1930-1950, por certo, não

²⁸² Idem, p. 90.

²⁸³ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-4, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

²⁸⁴ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 91.

teria a mesma significação se comparada com o período em que escreve Said, isto é, o final do século XX.

Na geração de Moog, a produção editorial de livros e os convites para conferências provavelmente não gerariam ganhos capazes de manter seus autores²⁸⁵. Além disso, a rede universitária brasileira estava apenas se iniciando naquela época, de modo que a convocação ou aprovação em concursos para atividades profissionais do Estado representaria a possibilidade de obter sustento para muitos, senão para a grande maioria dos intelectuais, como assinala Adriana Florent.

Edward Said salienta a dificuldade ou mesmo impossibilidade do intelectual funcionário tecer avaliações de determinados comportamentos políticos: “a tentação de bloquear o sentido moral, de pensar apenas do ponto de vista da especialização ou de reduzir o ceticismo em prol do conformismo são muito grandes para serem confiáveis”.²⁸⁶ Contrariamente a isto, entretanto, Moog publicou crônica jornalística alusiva a um de seus interlocutores, Lindolfo Color e, aproveitou para ajuizar avaliações severas a segmentos da política brasileira,

Quando confronto as ambições de Lindolfo Color com a sinceridade dos que o adotavam de ambicioso e político profissional, só peço a Deus que defenda o meu país destas duas pragas: dos políticos amadores e dos desambiciosos. Dos desambiciosos, porque acabam nos saindo sempre caros demais; dos amadores, porque achando que política é sinônimo de corrupção, começam logo por se corromper, para também eles passarem por profissionais. (...) porque ninguém se iluda: lá onde o caráter é abalado, a inteligência entra em colapso e a ação torna-se inibida.²⁸⁷

Além de celebrar a positividade de princípios políticos, esse fragmento complementa o anterior ao mencionar outro elemento pouco lembrado por Edward Said, que é a ambição. A ambição ligada ao desejo de projeção do intelectual no interior de sua geração ou no espaço de sociabilidade em que esteja inserido. Não causaria estranheza o desdém de um funcionário

²⁸⁵ Segundo Ângela de Castro Gomes, “no século XIX e na primeira metade do XX, as fronteiras entre os ofícios de jornalista, literato e pensador social eram fluidas, nesses espaços de reflexão já operavam critérios que hierarquizavam a produção cultural, sacralizando o livro em detrimento de qualquer outro tipo de suporte material. Por essa razão, os intelectuais que se exprimiam usualmente pela imprensa, quer porque utilizassem linguagens a ela pertinentes (como a charge, a caricatura, a crônica e o folhetim), quer porque não encontrassem espaço no estreito mercado editorial, quer porque precisassem e valorassem os ganhos (materiais e simbólicos) que as folhas ofereciam, foram (e alguns continuam sendo) identificados como menores. (...) A imprensa era um recurso estratégico em um país onde o número de editoras ainda era pequeno, razão pela qual era comum editar livros na Europa, e montar uma editora poderia fazer toda a diferença.” GOMES, Ângela de Castro. *Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 9.

²⁸⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 90.

²⁸⁷ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-5, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

intelectual mediante um convite para passagem da categoria “funcionário de carreira” para a categoria “funcionário político”? Essa passagem não representaria prestígio ou mesmo projeção na trajetória de escritor, de intelectual? Sem contar a possibilidade de estar próximo do diálogo político, ambição antiga de Vianna Moog. Nesse sentido Borges de Medeiros disse certa vez que “a ambição, em política, é como as substâncias tóxicas nos remédios: sem elas, nas necessárias dosagens, não se produzem as reações esperadas; com excesso, matam o doente”²⁸⁸.

Em 1943 o Diário Oficial publicou o despacho do presidente da República aprovando a viagem de Vianna Moog aos Estados Unidos a fim de realizar intercâmbio cultural²⁸⁹. Ao regressar da viagem de intercâmbio, um ano posterior, Moog concedeu uma entrevista analisando as circunstâncias envolvidas na eclosão da Segunda Guerra Mundial. Nela atribuiu responsabilidades às posições de Hitler, Mussolini e Franco em suas pretensões de fazerem renascer antigos impérios.

De resto, que o sentido da guerra para os europeus era de ressentimentos históricos, como se obedecessem a Augusto Comt, para quem os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos. Ao passo que, de acordo com Moog, nos Estados Unidos, ocorria o contrário. Sua atitude é orgânica. Aquele país não odeia o passado, mas não o respeita a ponto de considerá-lo intangível. Passar tudo a limpo é a paixão do norte-americano. É uma civilização com entrevista marcada com o futuro imediato e que está com pressa. Pressa de retificar os tempos, para que a nossa própria geração ainda possa viver num mundo de mais justiça, de mais igualdade, de mais liberdade, de mais fraternidade e de mais decência. Eis a civilização americana, segundo ele, o fato mais novo da história universal.²⁹⁰

Ao mencionar princípios caros à Revolução Francesa, por certo Moog estaria alinhado aos pressupostos de Said, no sentido de que advogava verdades num calibre universal, racional. Entretanto, o ensaísta acabara de chegar dos Estados Unidos, onde permaneceu por

²⁸⁸ Citado por FONTOURA, João Neves da. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 26.

²⁸⁹ O Ministro da Justiça propôs a ida do agente fiscal do imposto de consumo, Clodomir Vianna Moog aos Estados Unidos da América, com a finalidade de incrementar as nossas relações culturais com aquela República, através de um intercâmbio intelectual de sentido prático. Parecer: O DASP opina para que seja o processo encaminhado ao ministro das finanças para os devidos fins. Despacho: aprovado. Em 20-02-4-43. Assinado: Getúlio Vargas. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-5, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

²⁹⁰ Crônica de jornal, de 20 de novembro de 1946. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-7, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

mais de um ano pago pelo governo brasileiro. Portanto, seu provável aprimoramento intelectual talvez pouco concorresse para ideia de independência do próprio intelectual, uma vez que sua viagem de intercâmbio estava consorciada com o Estado.

Os conhecimentos capitalizados numa viagem internacional por certo se somam ao desejo de acessar um plano profissional estatal e partilhar, de alguma forma, do diálogo político. “Sempre quis fazer política. Quando não me deixaram fazer, caí na literatura”.²⁹¹ Nesse sentido, não só as experiências de intercâmbio cultural contam, mas outras expressões de conhecimento, como o acesso a fontes literárias, estudos em autores e obras clássicas, etc. No caso de Vianna Moog talvez se deva acrescentar ainda sua origem, cujo referencial acadêmico, social e político remetem ao Rio Grande do Sul, em particular a Porto Alegre, o que representava, segundo João Neves da Fontoura, uma singularidade na abordagem desses temas, notadamente, o político. Para Fontoura,

os acadêmicos dominavam realmente Porto Alegre; constituíam uma força à parte, influíram na sociedade, na literatura, nos jornais, nos teatros, nos cafés, nas ruas. Em breve iriam invadir a área dos partidos políticos, e iniciar, por um grupo de alta categoria, a marcha de uma tremenda reforma nas instituições, que ainda hoje perdura, com os caudais fora do leito antigo, mas sem se haver encontrado o novo, conveniente aos interesses do Brasil. Quem quiser buscas as nascentes do movimento de 1929-1930, afinal vitorioso, é ali e naquele tempo que vai encontrá-las. (...) os desacertos naturais à implantação do regime e os descabros, evitáveis ou inevitáveis, cunharam por aqui a ideia de republicanizar a República. A réplica, vinda dos fogões gaúchos, era mais dura: o que se impunha era rio-grandensizar o Brasil! Até esse ponto se iam enfurecendo as paixões!²⁹²

Em face disso, as verdades dialogadas pelo intelectual Vianna Moog não excluem a sua condição profissional de funcionário público. Esse parece constituir o primeiro ponto seguro e de desacerto ao postulado de Edward Said sobre a atuação do intelectual. É como intelectual e servidor do Estado que Moog constrói e publica boa parte de suas obras, emite relatórios, organiza a rotina de correspondência, profere conferências e atua em diversos espaços internacionais e nacionais como a OEA, ONU e Academia Brasileira de Letras.

Enquanto Said diz que: “falo e escrevo sobre assuntos mais amplos porque, como amador, sou instigado por compromissos que vão muito além da minha estrita carreira profis-

²⁹¹ Entrevista ao jornal “Correio do Povo”. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

²⁹² FONTOURA, João Neves da. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 13 e 39.

sional”²⁹³, Vianna Moog evoca sua condição de intelectual vinculado profissionalmente ao Estado para fazer transitar inúmeras demandas de natureza privada e pública. Solicita favores a amigos, colegas e políticos como João Neves da Fontoura. Não só solicita, mas retribui, dialoga ou agencia solicitações pessoais, transferências, viagens, empregos para amigos e parentes de amigos. Relata suas performances em organismos internacionais.

Por esse meio, da mesma forma, mantém ou aproxima debates com inúmeros autores de sua geração, notadamente aqueles com quem dialoga o tempo do trabalho – debates políticos, produção de textos diversos, manuscritos de livros – e o tempo da casa, reservado às diversas falas, pronunciadas em tom menos formal, cujos temas não se distanciam do círculo político, profissional e pessoal. Neste caso aparecem em relevo os nomes de Érico Veríssimo, João Neves da Fontoura, Spartaco Vargas, Gilberto Freyre e seu advogado, Anor. No dizer de Ângela de Castro Gomes²⁹⁴, o exame das redes de sociabilidade²⁹⁵ permite “pensar em uma espécie de ecossistema, onde amores, ódios, projetos, ideais e ilusões se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional”.

Se por um lado isso revela as diversas faces de Vianna Moog, por outro minimiza seu pertencimento a uma intelectualidade especializada, condição também desautorizada por Edward Said. Segundo Gérard Leclerc, “o intelectual é um indivíduo intrometido, curioso por natureza, que vai além, devido a seu espírito investigador e crítico, de toda implantação profissional.”²⁹⁶

Todavia, a relação substanciada pelos elos de amizade não minimiza o diálogo do autor com os segmentos da hierarquia governamental. As cinco longas cartas enviadas ao ministro Raul Fernandes mostram, em grande medida, sua incursão pela esfera de inúmeras verdades e o encaminhamento que oferece a elas. O credenciamento profissional de Moog anula-

²⁹³ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 91.

²⁹⁴ GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio...* Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 20.

²⁹⁵ Para “redes de sociabilidade”, estamos optando pela conceituação de Sirinelli. Segundo ele: tais redes “secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p 252 e 253.

²⁹⁶ LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 17.

ria a possibilidade e a independência de proferir verdades segundo as lições de Said, entretanto, “nenhum escrito é inocente”, diz Ângela de Castro Gomes.

Se por um lado Moog advoga em causa própria e protesta pela preterição de seu nome no Itamaraty, por outro evoca sua capacidade de escritor, seja com as ferramentas da literatura ou com as do ensaio, e investe em demorados solilóquios, cuja expressão não se restringe às demandas de ordem pessoal. Em detrimento do colóquio, Moog elege o solilóquio como veículo de comunicação para falar do Brasil e do brasileiro, para dizer o que lhe “falta”. A ideia da “falta” revela o sentido comparativo que o autor impõe para a formação cultural brasileira diante do espelho internacional, notadamente os Estados Unidos. É como se dissesse que nos falta um espírito orgânico, empreendedor, modernizante, conforme rememora na passagem dos diálogos de quando menino em férias no sítio do tio. Nesse meio, Vianna Moog opta pela escrita, furtando-se ao debate e ao colóquio: “no colóquio, os ministros de Estado tem sempre razão, enquanto que os assessores e auxiliares são passam de rematados imbecis.”²⁹⁷

Se a vinculação profissional impede o diálogo independente, a exemplo de um amador, em Moog, contudo, ela não elimina o sentido de protesto em nome de verdades camufladas ou empregadas indevidamente pelos agentes da hierarquia governamental. Na correspondência ao ministro, Moog questiona o poder de indignação do Congresso Brasileiro frente aos escândalos de contrabando, de modo que a entrada de produtos importados sem a taxação normativa tornara-se corriqueira no país, naquela época: “Escândalo é a lei permitir tudo isso, Senhor Ministro, escândalo é o congresso não se reunir para acabar com a possibilidade de tais lucros indevidos.”

Edward Said diria que mesmo ocorrendo tais protestos, não haveria ainda a devida isenção necessária ao intelectual. Vianna Moog não dialoga com tal independência, mas nem por isso inexistente uma capacidade de julgamento crítico, como fizera nos eventos de 1930 e 1932. Como já vimos, inicialmente Moog inscreveu-se como aliado à plataforma política da Aliança Liberal e às ideias de Getúlio Vargas, e juntamente com esse grupo revoltoso deslocou-se até a capital federal.

²⁹⁷ Coleções de cartas de Vianna Moog, pastas 8-13, seção correspondências. Biblioteca Unisinos.

Todavia, ao perceber o gradativo afastamento do governo Vargas dos ideais antes firmados, Moog retirou seu apoio e perfilou-se com as forças adversárias. Nesse sentido, a fala de João Neves da Fontoura sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul talvez contribua, mais uma vez, para melhor compreender as ações de Moog: “a formação histórica do Rio Grande e sua posição geográfica impuseram o exercício da política como variante da conscrição militar. No passado ali andaram, aliás, quase sempre de parceria, como lá se diz na gíria local, a política e as funções militares. Era o inevitável da condição fronteiriça.”²⁹⁸ Neste caso, a impossibilidade de independência talvez seja compensada pela origem e formação cultural de Vianna Moog, de modo que a vinculação à hierarquia do Estado não desautoriza suas afirmações em favor de concepções políticas formadas no decorrer do tempo e sob limites relativamente objetivos.

A decisão de opor-se ao governo de Vargas custou-lhe o exílio em tempo superior a dois anos na Amazônia brasileira. Contudo, o julgamento contrário às verdades do governo Vargas, seguido da tomada de posição nesse sentido, por certo agradaria ao ponto de vista intelectual de Said, uma vez que Moog estaria negando um sentido de conformismo diante da engrenagem política.

Este não conformismo aparece no diálogo desenvolvido no romance *Um rio imita o Reno*, em que o autor expõe os conflitos étnicos da cultura brasileira (teuto-brasileiros versus caboclos da Amazônia ou brancos versus negros da terra), principalmente na região sul do país.²⁹⁹

Neste texto Moog manifesta preocupação com a diversidade cultural brasileira, como se estivesse pressentindo certo sufocamento da cultura brasileira em suas origens pela cultura germânica.

O sentimento revanchista das comunidades teuto-brasileiras contra o romance e seu autor gerou repercussão nacional e ações na esfera jurídica visando à suspensão da publicação da obra, o que não aconteceu. Mesmo assim, esse sentimento de oposição talvez sirva, tam-

²⁹⁸ FONTOURA, João Neves da. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 32 e 33.

²⁹⁹ MOOG, Vianna. *Um rio que imita o Reno*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 124.

bém, como demonstração de inconformismo do autor diante de verdades desalinhadas com os ideais de liberdade e igualdade, os quais Moog tinha presente.

O romance denuncia não somente os conflitos étnicos brasileiros, mas a falta de atenção por parte das autoridades governamentais em relação aos vícios de um programa de educação frágil e descompromissado com as demandas culturais do Brasil. Em crônica jornalística, Limeira Tejo analisou essa questão na trama do romance e salientou: “ainda por aí o ethos das nossas líricas campanhas por uma alfabetização a todo custo, realizadas com um entusiasmo literário que era a própria confirmação de sua esterilidade.”³⁰⁰

Considerando esses casos em que o autor parece defender verdades seguindo uma coerência intelectual, a exemplo das promessas afirmadas pela Aliança Liberal e Getúlio Vargas, e violadas logo em seguida, bem como a disposição racial das comunidades teuto-brasileiras, revelam seu inconformismo.

Segundo Norberto Bobbio: “a primeira tarefa dos intelectuais deveria ser a de impedir que o monopólio da força torne-se também o monopólio da verdade.”³⁰¹

Com isso Vianna Moog acompanhava o alinhamento intelectual particularmente na América Latina, cujo movimento apontava para o gradativo deslocamento da vertente cultural em direção à esfera do Estado. Segundo Patrícia Funes, “se o lugar dos intelectuais está tensionado entre o campo da cultura e do poder, os homens de ideias latino-americanos dos anos vinte privilegiaram o campo da cultura e da sociedade, situação que se vai deslizando no final da década de vinte para a política convencionalmente considerada, em última análise, para o Estado.”³⁰²

Sob o ponto de vista da independência do intelectual, Edward Said, por certo, aplaudiria a postura de Vianna Moog no instante em que retirou seu apoio à expressão conservadora de Vargas, em 1932. Num segundo momento, tal independência se fragilizou, uma vez que faltou-lhe um posicionamento contrário frente ao sistema ditatorial de Getúlio Vargas, o Estado Novo, cuja supressão dos direitos democráticos vigorou até 1945. Verdadeiramente não é

³⁰⁰ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-9, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁰¹ BOBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 81.

³⁰² FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 16.

comum encontrar no acervo pessoal de Vianna Moog escritos seus que mencionem uma postura condenatória à ditadura varguista no período de 1937 a 1945.

Apesar do livro *Novas Cartas Persas* centralizar essa temática num enredo de correspondências mantidas entre personagens atentos à realidade brasileira e aos desmandos do governo Vargas, que eram ridicularizados por meio de metáforas e expressões irônicas e humoradas, o autor evita um debate maior em relação à disposição moral de Getúlio Vargas. De fato, ao regressar do exílio na Amazônia, Moog acabou por reconciliar-se com Vargas. Tal reconciliação redundaria em seu aproveitamento na “categoria de funcionário político” na década de 1940.

Seria o caso de pensar certo silenciamento propositado de Moog mediante a perspectiva de uma trajetória ampliada com o possível deslocamento da categoria de funcionário de carreira para a categoria de funcionário político? Também parece não existirem evidências mais concretas nesse sentido. Todavia, é razoável acreditar que o ensaísta estivesse consciente quanto às reais medidas de uma manifestação opositora ao Estado Novo. Daí a necessidade de buscar certo equilíbrio entre a fala condenatória e a possibilidade de diálogo e promoção funcional. Disso decorre outra observação, que é a da aproximação do Estado ao intelectual na modernidade. Segundo Norberto Bobbio,

a necessidade de conhecimentos técnicos aumentou na sociedade moderna, especialmente a partir do momento em que o Estado passou a intervir em todas as esferas da vida, particularmente na das relações econômicas e das relações sociais: é evidente que um Estado não pode tomar providências contra a inflação sem o parecer de economistas ou realizar uma reforma sanitária sem o parecer dos médicos. Os Estados sempre tiveram os expertos: basta pensar nos legistas e nos militares”.³⁰³

Vianna Moog é considerado um dos intérpretes do Brasil, círculo a que pertencem autores como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna. Esta afirmação não significa desprezar a ressalva de Maria Stella Bresciani,³⁰⁴ quanto ao risco de classificar autores e textos como interpretações canônicas do Brasil. Todavia, Moog aparece nesse círculo de intérpretes do Brasil, o que se deve, entre outras razões, pela manifestada opinião

³⁰³ BOBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73.

³⁰⁴ Com relação aos intérpretes do Brasil, Maria Stella Martins Bresciani diz: “quis sim indicar o perigo de transformar em clássicos e intérpretes definitivos do Brasil os textos de autores que souberam captar preocupações políticas e sociais suas contemporâneas e delas fazer seu campo de estudo e ação consciente. Considerar seus textos interpretações canônicas constitui, ao meu ver, uma traição a eles.” BRESCIANI, Maria M. *O charme da ciência e a solução da objetividade*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 16.

acerca da formação cultural brasileira, de modo que no período de 1930-1950 parece aceitável que sua compreensão acerca da realidade brasileira despertasse o interesse intelectual em diferentes segmentos da sociedade, autores, intelectuais e políticos.

A confessada atração de Moog pela política talvez funcionasse como um mecanismo de subordinação da arte da escrita à arte política. Conforme Carlos Altamirano, “na América Latina, há uma grande tradição literária que não é, paradoxalmente, literária. É a tradição de subordinar a arte de escrever à arte da política. Nesse século, nossa literatura esteve fascinada pela Medusa da política”.³⁰⁵

Nesse sentido da observação conduzida pela esteira da história intelectual, o diálogo de Vianna Moog com alguns autores e políticos de sua geração parece revelar um autor ocupado com a produção literária e ensaística, uma vez que não deixara de produzir seus trabalhos e, por esse meio, galvanizava prestígio e reconhecimento. Com isso viabilizava melhores espaços num “campo de possibilidades”, a exemplo do acesso ao quadro funcional do Estado, notadamente a “categoria do funcionário político”. Talvez por isso Moog não tenha se descuidado do diálogo acerca da esfera política, a qual apresentava implicações com seu pertencimento profissional.

Uma amostra disso aparece nas cartas, várias vezes mencionadas, que foram enviadas ao ministro Raul Fernandes, em que o autor protesta contra a preterição de seu nome como representante maior do Brasil em Congresso Internacional da ONU. Moog evoca sua capacidade e criatividade intelectual para lamentar não somente a sua exclusão do evento, mas ainda aborda inúmeros aspectos da realidade brasileira, como se quisesse anunciar de onde e de quem vem a fala. Ou seja, é possível que o autor tenha desejado deixar claro que ele não era um funcionário intelectual, mas, ao contrário, um intelectual que foi conduzido a “categoria de funcionário político”. Segundo Roberto da Matta,

como temos colocado, não basta apenas a posição no mundo dos negócios – diríamos hoje, no mundo empresarial. Isto será suficiente na França ou nos Estados

³⁰⁵ Nessa passagem, Altamirano cita o ensaísta argentino, H. A. Murena, a quem atribui tais afirmações. ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. *Tempo Social*. São Paulo, v. 19, n. 1, jun.07. p. 07.

Unidos. No Brasil, é preciso traduzir e legitimar o poderio econômico no idioma hierarquizante do sistema. E esse idioma revela as linhas das classificações fundadas na pessoa, na intelectualidade e na consideração por uma rede de relações pessoais. É necessário ser doutor, sábio, além de rico. E estar compenetrado por alguma instituição ou corporação perpétua, como ocorre com as forças armadas ou algum órgão do Estado.³⁰⁶

É possível que Moog tenha conduzido sua escrita ora ao amigo, ora ao político (governante), visando aproximação ou confusão de espaços numa ação aparentemente propositada. Ele parece revelar certa consciência equilibrada, como se escrevesse com a mão do malandro que reconhece na mistura do público e do privado o exercício de uma ferramenta de inserção simultânea na esfera do social e do pessoal. Inserção legitimada pelo título de intelectual, pelas redes de relações sociais e pelo pertencimento a uma corporação, a Academia Brasileira de Letras.

Como observador da cultura brasileira e conhecedor de tais recursos, Moog os utiliza ao conduzir o diálogo, especialmente com João Neves da Fontoura e Raul Fernandes, nas arestas do legal e do ilegal, o que faz numa erudição manhosa, de barganha e estratégia. É o que ocorre na negação de expor-se aos debates (sua recusa ao colóquio), optando pelo solilóquio e a possibilidade de expressar suas ideias sem entrar em conflitos diretos. Para Roberto da Matta, essa característica identifica a ação do malandro brasileiro, pois este “parece introduzir no mundo fechado da nossa moralidade uma possibilidade de relativização. De fato, no nosso mundo burguês-individualista, somos sempre ordenados por eixos únicos (da economia e da política), mas o malandro nos diz que existem outras dimensões e outros eixos.”³⁰⁷ Num outro território, o da intelectualidade, Vianna Moog estaria se servindo de alguns desses eixos em seu benefício.

As simbologias do malandro e do jeitinho brasileiro constituem algumas das abordagens desenvolvidas por Vianna Moog. Por isso, talvez, possamos reafirmar nossa perspectiva de que agisse, como ele mesmo diz, “de caso pensado.” Ou seja, ele estaria provando de seu próprio veneno ao vestir a roupagem do jeitinho brasileiro,³⁰⁸ de reclamar ao

³⁰⁶ MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 157.

³⁰⁷ Idem, p. 133.

³⁰⁸ Segundo Vianna Moog: “No Brasil, o homem teria de vencer a natureza tateando, contemporizando, contornando, desconfiando, coleando, negaceando, dando tempo ao tempo, aguardando as oportunidades, desenvolvendo sutilezas que, ao cabo, por mimetismo, comunicaria ao convívio social sob a forma de delicadeza. Daí o jeito, o célebre jeito brasileiro de fazer as coisas – vamos dar um jeito, é preciso encontrar um

ministro suas angústias pessoais, seja em viagens familiares mal sucedidas³⁰⁹, seja em dores físicas.

No instante seguinte ele retoma o debate acerca do panorama político eleitoral brasileiro, ou se encaminha para dissecar aspectos da formação cultural brasileira em comparação com os Estados Unidos. Segundo Da Matta, o mundo do malandro “sendo intersticial, é aquele universo onde a realidade sempre pode ser lida e ordenada por meio de múltiplos códigos e eixos.”³¹⁰

Em face disso, o protesto traz em si certa limitação, uma vez que a sociedade à qual pertence maneja laços pessoais e formais em permanente possibilidade de hierarquização. Por determinação de um amigo, por exemplo, Vianna Moog viu-se, em determinado momento, substituído em evento internacional, cuja participação sua era dada como certa. Para Da Matta,

numa sociedade assim constituída, onde as relações de trabalho somam-se a um conjunto de laços pessoais regidos pelos valores tais como a intimidade, a consideração, o favor, o respeito e apreciação éticas e estéticas generalizantes, existem possibilidades para uma hierarquização continua e múltipla de todas as posições no sistema, mesmo quando elas são radicalmente diferenciadas ou formalmente idênticas.³¹¹

Além dessas questões que, de alguma forma, remetem à dependência do intelectual à esfera do político, talvez permaneça o questionamento acerca do papel de conscientização moral desempenhado por Moog frente ao Estado ditatorial de Vargas. Se por um lado Moog se dizia um cético das verdades libertarias da Revolução Francesa, por outro, havia seu comprometimento com o poder estatal. Se não o comprometimento, havia, provavelmente, a consciência da repressão para o desafiante: de silenciamento, de prisões, do exílio, sendo este já vivenciado por ele quando havia se oposto a Vargas, em 1932.

jeito – que o estrangeiro jamais acaba consigo de compreender.” MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969. p. 258.

³⁰⁹ Segundo Moog: “Com a dispensa precipitada, precipitou-se também o ritmo da minha vida. Toca a fazer tudo às carreiras e quanto mais fazia mais tinha a fazer. Se eu lhe disser que a família embarcou no dia 10, no Brasil, levando mobília, carro, geladeira, rádio-vitrola, e mais o Rex, um vira-latas do qual os garotos por nada neste mundo queriam separar-se, o mais é fácil adivinhar. Um corre-corre infernal. Tudo pronto? Tudo providenciado? Ainda não. O Rex não pode embarcar sem certificado de vacina pelo Departamento de Indústria Animal.” Carta de Moog a João N. da Fontoura, 16 ago 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

³¹⁰ MATTÁ, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 133.

³¹¹ Idem, p. 148 e 149.

Afora essa submissão a tais riscos, parece existir certa conformidade de Moog à política varguista. Uma tentativa de explicação para isso talvez passe pela origem cultural da política à qual tanto Moog quanto Vargas eram tributários; trata-se da cultura política sulina, da tentativa de “rio-grandensizar o Brasil”. Tentativa alavancada pela Aliança Liberal e por Getúlio Vargas em 1930, segundo expressão de João Neves da Fontoura.

Mesmo que o futuro os tenha direcionado a caminhos diferentes – um advogando liberdade e igualdade e o outro impondo um Estado centralizador – haveria pontos de aproximação em seus enfoques, a exemplo do sentido modernizador que Vargas traria ao Brasil, a mesma modernização defendida largamente por Moog em escritos seus. Logo, sua abnegação pelos princípios morais talvez não tenha suprimido as paixões da esfera política, ou de outra forma, sua prática intelectual voltada às ações de Getúlio Vargas não chegou a constituir-se em diálogo de princípios morais, posto que havia um saber político isolando uma postura de cunho ideológico, de enunciação de verdades.³¹²

Visto por este ângulo, Moog teria assumido uma posição um tanto cautelosa em relação a Getúlio Vargas pós 1936, ocasião em que retorna do exílio, ao passo que outros autores dessa mesma época assumiram posições declaradamente a favor ou contrárias a Vargas. Maria Stella Bresciani³¹³ elenca alguns nomes cuja produção os conduzia a uma posição política assumida em favor de Getúlio Vargas e o golpe de 1937, a exemplo de Oliveira Vianna, Alberto Torres, Francisco Campos e Azevedo Amaral. A esses autores, principalmente a Oliveira Vianna, diz Bresciani, recaiu a expressão negativa de seus opositores e críticos, não somente pela sua postura tolerante a Vargas, mas pela explícita aceitação das teorias raciais em estudo no Brasil. Tais teorias vinham ao encontro do reconhecimento da heterogeneidade da sociedade, cujo ideal era a edificação da nacionalidade brasileira, o que demandava a consolidação da identidade brasileira.

Na sequência dessa discussão, no próximo capítulo, estaremos abordando algumas comparações construídas por Vianna Moog no decorrer de sua trajetória intelectual. Tais comparações, iniciadas pela análise da formação cultural brasileira ao confrontar as diversas regionalidades do país, seguidas, num segundo momento, pelo olhar acerca do Brasil frente a

³¹² RODRIGUES, Helenice. O Intelectual no "campo" cultural francês - do "Caso Dreyfus" aos tempos atuais. *Varia História*. Belo Horizonte, v.21, n.34, jul.2005.

³¹³ BRESCIANI, Maria M. *O charme da ciência e a solução da objetividade*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 9 e 22.

outros países, sobretudo os Estados Unidos, servem como mote para a discussão do autor em relação aos níveis de racionalidade versus opção contemplativa ou ociosa existente em determinadas sociedades, notadamente a norte-americana e brasileira.

Capítulo – 3

IMAGENS REFLETIDAS: O OLHAR COMPARATIVO DE VIANNA MOOG

Na trilogia *O tempo e o Vento*, há um momento, depois de Pedro Missioneiro ter contado a história da mulita que deu leite ao Menino Jesus, em que o patriarca da família Terra observa: “– bobagens, [...] é uma história que nunca sucedeu”. Mas a mulher contesta: “– Pode ser bobagem, [...] mas é bonita”. “– e sem serventia – comentou o marido, – mas serventia como quase tudo que é bonito,” finalizou ela.”

(Érico Veríssimo)

Algumas ideias elaboradas e publicadas por Vianna Moog em diferentes momentos de sua trajetória não pode prescindir de uma avaliação. Essa avaliação se volta, especialmente, para a maneira como traduziu ou discutiu algumas questões sugeridas por filósofos como Johann Gottfried Herder, Georg Friedrich Hegel, Emanuel Kant, Friedrich Nietzsche, dentre outros.

Com base na possibilidade endereçada por este cruzamento – o pensamento filosófico e a construção intelectual de Vianna Moog – propomos, desta forma, analisar algumas comparações construídas pelo autor com a finalidade de compreender as interpretações que desenvolve acerca de conceitos como “razão” e “liberdade contemplativa”, ou “liberdade ociosa”.

Algumas destas reflexões de Moog aparecem em estudos em que ele estabelece relações comparativas entre a região Amazônica e o Sul do Brasil, bem como entre o Brasil e Estados Unidos, oportunidade em que analisa a formação cultural brasileira frente à norte-americana. A utilização de um parâmetro de referência, como se fosse um espelho refletindo a imagem do outro, está presente em diversos escritos de Vianna Moog. É o que podemos observar em diálogos que manteve com intelectuais de sua geração, em obras inconclusas ou publicadas e em crônicas jornalísticas. Também é possível abordar o tema a partir de alguns

discursos que ele escreveu, a exemplo, de *Mensagem de uma geração, Integração psicossocial do povo brasileiro e Humanismo e tecnologia*³¹⁴.

1. Entre o Rio Amazonas e o Rio dos Sinos

Duas obras, lançadas na década de 1930, *O ciclo do ouro negro* e *Um rio que imita o Reno*, revelam um pouco da compreensão de Vianna Moog sobre o país, especialmente pela abordagem comparativa³¹⁵ desenvolvida em ambas. O ponto referencial de ambas remete a dois rios: o “Rio Negro” na Amazônia, na primeira obra, e o rio “dos Sinos” no Rio Grande do Sul, no segundo texto.

Publicado em 1936, enquanto residia na Amazônia, o ensaio *O ciclo do ouro negro* inicia um percurso de avaliação do autor acerca da formação brasileira sob um enfoque sociológico e histórico. Até aquele momento, Moog “falava o Brasil” em discursos, cartas e crônicas de jornais.

³¹⁴Moog, Vianna. *Mensagem de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945. Os textos *Integração Psico-social do povo brasileiro* e *Humanismo e tecnologia* compõem a coletânea de discursos pronunciados pelo autor na década de 1940. Tal coletânea compõe o acervo de Vianna Moog da Biblioteca da Unisinos.

³¹⁵ Neyde Thémel e Regina Bustamante analisam duas sugestões de história comparada, construídas respectivamente por Marc Bloch e Max Weber. Segundo as autoras, “Marc Bloch (1930: 31-39) apresentou a sua concepção de comparativismo: aplicar o método comparativo no quadro das Ciências Humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos. O comparativismo adotado por Marc Bloch se distinguia daquele proposto por Max Weber para as Ciências Sociais. Para este, através do cotejamento entre traços de um período e os encontrados em outros, procurava-se ver o que não estava lá, ou seja, entender a ausência específica. Weber, por sua vez, analisa aspectos parciais e selecionados dos processos em confronto, mesmo que distantes temporalmente, a partir de “probabilidades típicas de acontecer” (e eventualmente da formulação de *tipos ideais*), abordando certos temas, tais como a burocracia (que poderia ser analisada tanto no Império Chinês ou no Império Romano quanto na Espanha de Filipe II, por exemplo). A abordagem weberiana envolveria, portanto, sociedades francamente heterogêneas e/ou muito afastadas temporalmente, procurando desvelar o que é ‘peculiar’ a cada e não operando na busca do ‘comum’ a várias ou a todas as configurações históricas.” THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina. História comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, jun.2007.



Moog aparece acompanhado com índios do Amazonas, em 1934.

A perspectiva de analisar a realidade amazônica por meio do ensaio começa com sua extradição para aquela região, logo após se manifestar sobre os rumos tomados pela Revolução de 1930 e a instalação da ditadura varguista. Por conta disso, Moog recebeu como castigo o exílio e foi obrigado a fixar residência no extremo norte do país. No decorrer dos anos o autor transformou a contrariedade do exílio em satisfação pela oportunidade de travar conhecimentos acerca daquela região. Em pelo menos duas oportunidades Moog bendiz o exílio político. Numa delas:

Devo aos acontecimentos revolucionários de 1932 a excelente oportunidade de conhecer a Amazônia, que até então não havia entrado no domínio de minhas cogitações. A cumprir pena de exilado político, lá estive de outubro do mesmo ano a julho de 1934. Durante esse tempo fui obrigado a percorrê-la em vários sentidos e em épocas diferentes, circunstância esta que me permitiu observá-la de um modo e de outro modo, na multiplicidade de seus aspectos.³¹⁶

Em outro momento, referindo-se a si próprio no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, a 17 de novembro de 1945, Moog ressaltou:

Mas, fato estranho na sua singularidade: hoje ele não maldiz nem o exílio, nem o ostracismo. Antes egoisticamente os abençoa. Bendito exílio, abençoado ostracismo! Um e outro, impedindo-o de aspirar a situações eletivas, fizeram-no, em compensação, descobrir do outro lado de si próprio um dos aspectos do seu temperamento até então apenas vagamente entrevisto, mas sempre represado: a vocação literária. Do período amazônico surgiram os *Heróis da decadência*, sua estréia literária, 1934, e *O ciclo do ouro negro*, sobre a própria Amazônia, de 1936.³¹⁷

³¹⁶ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³¹⁷ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

Segundo Monteiro Lobato, só pela publicação deste segundo livro, *O ciclo do ouro negro* justificou-se a revolução constitucionalista de 1932, uma vez que a inserção de Moog nesse movimento resultou em seu exílio para a Região Norte do Brasil, e daí o surgimento do livro.³¹⁸ Além de Lobato, outros autores a exemplo de Dante Laytano, Alcides Maya e Eloy Pontes, registraram em crônica jornalística seus depoimentos acerca do ensaio sobre a Amazônia de Moog.³¹⁹ No *Jornal da Manhã*, em 20 de abril de 1938, Sílvio Soares de Souza³²⁰ constrói uma análise comparativa entre as interpretações de Moog, Euclides da Cunha e Raimundo Moraes³²¹ a respeito do mesmo tema. O cronista ressalta que, mesmo não querendo medir forças com os textos de Euclides da Cunha e Raimundo Moraes, por reconhecer o mérito desses autores no sentido de interpretar a Amazônia, Vianna Moog revelava virtudes em seu texto de modo a aproximá-lo deles.

Uma das razões para a relevância do estudo de Moog, segundo Sílvio Souza, estava relacionada com o longo tempo de permanência do autor naquela região, o que lhe oportunizou a formação de um círculo de relacionamentos e o acesso a informações, conhecimentos e viagens de estudos no interior da Amazônia. Sílvio Souza acrescenta que, ao desenvolver um olhar de reconhecimento da Amazônia, Moog projetou-se no terreno da análise sociológica, gerando surpresas em boa parte da crítica, uma vez que seu primeiro livro, *Heróis da decadência*, lançado dois anos antes, indicava uma trajetória pelo terreno literário.

³¹⁸ Carta de M. Lobato a Moog. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos. Um dos editores do *Correio do Povo* escreveu em 31 de julho de 1938: “Na obra (*O ciclo do ouro negro*), o pensador é substituído pelo enamorado da terra e do homem, num meio cósmico edênico, no mais empolgante e compreensivo dos estudos que já se escreveram sobre o rio-mar e a planície amazônica. Desde o aparecimento desse livro maravilhoso, o inferno verde já não tem mais mistérios, o véu foi violentamente rasgado. E, o que é mais curioso, por um homem do Sul.”

³¹⁹ Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³²⁰ Idem,

³²¹ Ao citar tais autores, Sílvio Soares Souza menciona especialmente as obras *A margem da história*, de Euclides da Cunha, e *Na planície Amazônica* Raimundo Moraes, ambas publicadas antes de *O ciclo do Ouro negro*, de Moog. Afora essas obras, há outro texto de Euclides da Cunha, *O Inferno Verde*. Nessa obra o autor parece disposto a surpreender, despertar, causar estranheza, uma vez que se utiliza de certa extravagância. Nas palavras de Artur César Ferreira Reis, escritas na apresentação do volume, “Euclides viu a Amazônia como um último capítulo do Gênese”. Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-nos uma Amazônia sob incontáveis aspectos parcelados.” *O Inferno Verde* foi extraído do livro *Um Paraíso Perdido*. Ensaio Amazônicos, de Euclides da Cunha. Organizado por Hildon Rocha. Publicado pelo Senado Federal – Coleção Brasil 500 Anos, Brasília 2000.

Em geral o ensaio de Moog segue os passos de Euclides da Cunha e Raimundo Moraes, na medida em que põe em relevo o cenário amazônico sob uma complexidade de formas geográficas e etnográficas, mas também atento ao pitoresco, a mitos e lendas. Os autores citados falam de economia, de arte, de cultura, sendo que o ponto referencial em todos é o estranhamento frente à inusitada realidade.

Mardoulo Coelho, um cronista da época, atribuiu a seguinte definição a Vianna Moog: “Filho de outras paragens, o autor gaúcho, ao perlustrar a Amazônia, foi assoberbado pela grandiosidade e ineditismo que o ambiente geográfico apresenta. Já amortecido o primeiro abalo, a atenção do autor é preocupada com a vida do elemento humano.”³²²

Ao falar da Amazônia, Moog projeta um olhar que vai ao encontro do humano e suas relações diversas, de modo a conduzir o elemento produtivo (a extração da borracha), a um lugar secundário na discussão, embora a atividade tratada como “o ouro negro” tenha movimentado intensamente a economia no corredor dos grandes rios amazônicos nas primeiras décadas do século XX. Se por um lado a coleta e o comércio da borracha eram o ponto congruente de boa parte das ações humanas no interior da selva, por outro, tais ações, a exemplo da diversidade étnica, ganhavam uma dinâmica própria na análise do autor. Isto é, elas serviam como suporte para os debates relativos ao estranhamento racial, conforme ele viria a discutir em outras obras, caso de *Um rio imita o Reno*. Em razão disso, podemos pensar uma delimitação propositada de Vianna Moog, isto é, “agiu de caso pensado”, como costumava dizer, ao eleger determinados temas para analisar em detrimento de outros, buscando nestes casos, um enfoque comparativo.³²³

³²² Crônica de Mardoulo Coelho, 20 mai. 1934. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³²³ Sob o ponto de vista da história e do historiador, José D’assunção Barros ressalta que a história comparada, “coloca em confronto duas realidades nacionais diferenciadas, estes campos podem ter até suas bases já admitidas por antecipação, é verdade, mas sempre é bom se ter em vista que os universos a serem comparados nas ciências humanas são sempre de algum modo construções do próprio historiador ou do cientista social – não são necessariamente conjuntos já dados ou passíveis de serem admitidos previamente.” BARROS, José D’Assunção. História comparada – um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*. – Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun.2007.

Associado à ideia de comparação, surgia o regionalismo como um dos temas candentes no período em que o autor elabora tais obras, no início da década de 1930. O olhar focado na região se apresentava como programa ou critério literário em favor da diversidade que presidiu a formação e o desenvolvimento da cultura brasileira. Antônio Candido ressalta a supremacia do regionalismo frente ao nacionalismo romântico, o qual acabou por perder espaços que detinha na defesa da terra, da natureza e dos feitos brasileiros. Em seu lugar sobressai o regionalismo literário, iniciado com o romance de Franklin Távora no nordeste brasileiro. Cândido observa em tal caráter regional nordestino, especialmente pernambucano, a performance não somente de romancistas, literatos, mas de nomes como Gilberto Freyre e Silvo Romero, autores mais afeitos a abordagem sociológica.³²⁴

A esse novo panorama literário brasileiro, iniciado no Nordeste, seguiu-se uma tendência de confronto e debates entre regiões, de modo que a literatura do Rio Grande do Sul ganhou destaque e motivou a vinda, para cá, de Gilberto Freyre e José Lins do Rego. A este respeito, o *Jornal do Estado* publicou: “Em Porto Alegre o maior sociólogo brasileiro e o grande romancista de ‘Banguê’: Gilberto Freyre e José Lins do Rego visitam o Rio Grande do Sul a convite do governo estadual”.³²⁵ No Rio Grande do sul, Freyre e Lins do Rego se juntaram a Dante Laytano e o próprio Vianna Moog numa sucessão de viagens de visita e reconhecimento da cultura gaúcha, conforme descreve Letícia Nedel:

Daquelas visitas ficaram amizades, anedotas e um repertório escrito (menos copioso, é verdade, do que o anedotário), no qual o recifense, conhecido por decifrar as diferentes formas de inclusão das regiões brasileiras na "civilização lusitana erguida nos trópicos", ocupava-se da menos tropical delas e da mais tardiamente incorporada ao império colonial português. Uma área conhecida, para desgosto de seus representantes, como o limite daquela civilização, o estado mais "estrangeiro" do Brasil; aquele que em 1967, em um artigo de Vianna Moog, ainda era descrito como um desconhecido dos brasileiros. E talvez tenha sido esta a maior revelação trazida a Freyre pelos gaúchos que conheceu: a decisão de se fazerem representar, a qualquer preço, dentro de limites luso-brasileiros.³²⁶

Nesse sentido da análise, parece factível observar o estudo de Moog sobre o contexto sociológico e histórico amazônico sob uma perspectiva comparativa, na medida em

³²⁴ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 298 e 299.

³²⁵ Publicado no *Jornal do Estado*, 23 jan. 1940. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³²⁶ NEDEL, Letícia. *Mana. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, v.13, n.1. 2007.

que ele toma o local e o regional como referência de observação, da mesma forma como faria Gilberto Freyre ao visitar o Rio Grande do Sul posteriormente. A este respeito, Antônio Cândido salienta o regionalismo de Franklin Távora:

O seu regionalismo parece fundar-se em três elementos, que ainda hoje constituem, em proporções variáveis, a principal argamassa do regionalismo literário do Nordeste. Primeiro o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estritamente a vida de toda a região, marcando o ritmo da sua história pela famosa ‘intercadência’ de Euclides da Cunha. Em seguida, o que se poderia chamar patriotismo regional, orgulhoso das guerras holandesas, do velho patriarcado açucareiro, das rebeliões nativistas. Finalmente, a disposição polêmica de reivindicar a preeminência do Norte, reputado mais brasileiro, onde abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.³²⁷

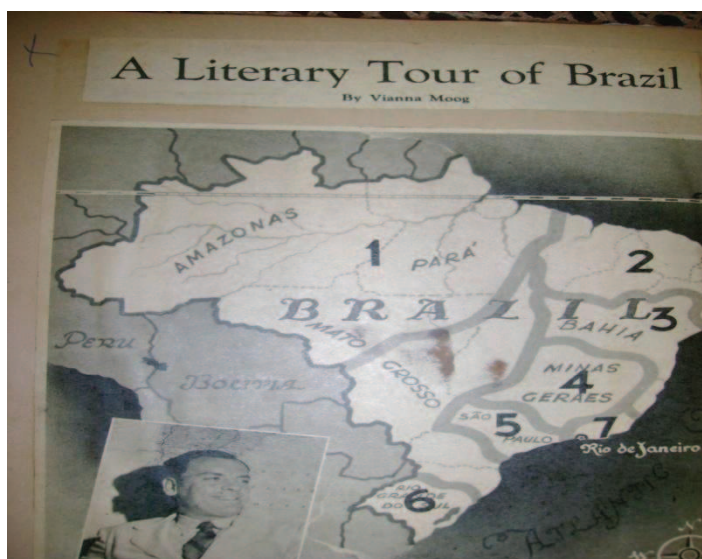
Outra sinalização da proximidade entre o olhar comparado e o regionalismo aparece no texto *Uma interpretação da literatura brasileira*³²⁸ escrito por Vianna Moog no início da década de 1942, o qual foi lembrado por Antônio Cândido na análise que realizou acerca da ascensão que teve o regionalismo nos anos de 1930. Segundo ele, “Moog procurou interpretar a nossa literatura em função do que chamou ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas, caracterizada cada uma pelo seu *genius loci* particular.”³²⁹

Em certo sentido, pode-se dizer que *Uma interpretação da literatura brasileira* revela a ampliação da lente antes detida na observação da Amazônia, uma vez que o autor tece um olhar em torno da literatura brasileira de maneira compartimentada. O destaque é concedido ao regional, a uma espécie de entrosamento das características sociológicas e históricas da região com a produção literária dos autores a ela pertencentes. O ensaísta chamou isso de “ilhas de culturas regionais” que, uma vez englobadas, dariam forma a um arquipélago cultural, isto é, a cultura brasileira.

³²⁷ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 299.

³²⁸ MOOG, Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.

³²⁹ Idem, p. 298.



A literatura brasileira em forma de “ilhas culturais”, segundo Moog.

Letícia Nedel acentua a atenção dedicada por Gilberto Freyre, em umas de suas visitas ao Rio Grande do Sul, a este estudo realizado pelo colega Moog. Segundo Nedel,

a ideia-mestra do trabalho [de Freyre] era a de que, ao lado do sentido continental do esforço colonizador na América, a "civilização atlântica" teria se forjado não só da forma comum – baseada na expansão de um centro dispersor para as áreas periféricas – mas através de "ilhas sociológicas" "de coagulação da energia lusitana em [...] áreas economicamente estratégicas, que depois se acentuariam em *regiões* mais amplamente culturais" (Freyre 1943:18). A sustentação da unidade de um império continental e submetido a precárias condições de povoamento seria devida, então, a terem os luso-brasileiros unido "o sentido de arquipélago [...] ao de ilha. O sentido de ilha ao de continente" (Freyre 1943:21); "um sentido completando, retificando, corrigindo o outro". (Freyre 1943:24). Na ponta meridional do Brasil, a colonização açoriana, feita a partir de casais, seria um fator de estabilização da conquista portuguesa sobre uma área conflituosa (Freyre 1943:25-26).³³⁰

As visitas de Freyre e Lins do Rego ao Rio Grande do Sul seriam retribuídas por Vianna Moog quando desembarcou em Pernambuco, em 1945, a fim de conhecer e ampliar a discussão acerca das características regionais de nordestinos e sulinos. Na ocasião, o jornal *Pioneiro*, de Recife, publicou:

Vianna Moog diz que há muito conhece a casca intelectual do Recife; agora espera conhecer o miolo. (...) sobre o binômio Porto Alegre-Recife, o autor diz que se trata das duas zonas literárias que se destacam no Brasil. O Recife, considerada como a capital do Nordeste. Os escritores do Norte, até certo ponto, aqui se fazem. Daqui

³³⁰ NEDEL, Letícia. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. *Mana*. Rio de Janeiro, v.13, n.1. 2007.

partiu a meu ver, o Zé Lins, o Graciliano, o Zé Américo. É verdade que a Raquel de Queiroz foge a esta observação. Mas é exceção. Aliás, Raquel de Queiroz é uma grande romancista, e a mais deliciosa cronista ou ensaísta do Brasil. Sou um entusiasta dos seus artigos. No dia em que o suplemento não traz um trabalho de Raquel, eu fico triste. Falando sobre Gilberto Freyre, entre outras coisas diz que o considera o iconógrafo da Escola do Recife dos nossos dias.³³¹

Com base nessa perspectiva de compreender a análise comparada de Moog sobre o caráter regional da cultura brasileira, procuramos observar a construção das duas obras do ensaísta gaúcho. A primeira discute a formação da Amazônia, a outra, é o romance que aborda a imigração teuto-brasileira no sul do Brasil.

No texto *Um rio imita o Reno* (1938), Moog prossegue na abordagem de temas próximos do estudo realizado na obra lançada há dois anos antes, *O ciclo do ouro negro*. A diferença se localiza no cenário, uma vez que a ação sai da Amazônia e se instala numa colônia teuto-brasileira – Blumental – no Sul do Brasil. Nessa colônia o “elemento indígena” acaba dominado pelo colonizador alemão. Segundo Moog, o negro ou mestiço quase esqueceram, inclusive, seu idioma, para falarem a língua dos “louros arianos”. De resto, a “colônia alemã” não se mistura: mantém suas tradições, sua língua, suas aptidões e tendências artísticas e religiosas. E se o brasileiro é tomado como intruso a ela, o próprio brasileiro se vê reduzido à situação de estrangeiro na sua terra. Tudo em Blumental lembra a Alemanha, inclusive o rio da cidade “imita o Reno” entre suas escarpadas margens.³³²

³³¹ Jornal *Pioneiro*, 18 mar. 1945. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos. Ver ainda: “Meu pai tinha grande admiração pelo Gilberto Freyre. Quando este foi conhecer o Rio Grande do Sul juntamente com o José Lins do Rego, foi meu pai um dos cicerones que, com Dante Laytano, os levou para conhecer diferentes regiões do estado. Gilberto Freyre dedicou depois ao meu pai um capítulo, *Uma Cultura Ameaçada, a Luso-Brasileira*, incluído na segunda edição do livro *O mundo que o português criou*, publicada em Portugal com prefácio de Antônio Sérgio. Mais de uma vez meu pai esteve em Apipucos. Gilberto Freyre e Madalena, mulher dele, iam à nossa casa sempre que vinham ao Rio. Também nos visitaram quando moramos em Nova Iorque. E há retratos ótimos dos quatro, Gilberto e Madalena, minha mãe e meu pai, quando estiveram juntos em Angola, a convite do governo português, em 1966. Entrevista com Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog. Coleção entrevistas de Vianna Moog, pasta 4, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³³² A respeito de *Um rio imita o Reno*, Ana Maria Moog diz: “*Um rio imita o Reno* foi escrito quando meu pai já havia estado no Amazonas. Ele tinha um entranhado amor pelo Brasil e pelas mais variadas facetas da realidade brasileira. Suas posições políticas manifestadas no livro refletem a total rejeição da mentalidade que vigorava em grande parte da comunidade teuto-brasileira que afirmava a superioridade da raça ariana. Quando da publicação do livro, foi convidado a ir à casa do cônsul alemão em Porto Alegre. Este apressou-se a lhe dizer que o Führer tinha grandes planos para os descendentes de alemães na América, mas que estava preocupado com o livro do meu pai; portanto, seria melhor para ele que recolhesse os exemplares que estavam espalhados pelas livrarias e suspendesse novas edições. Meu pai recusou-se, é claro. Saiu dali e foi alegremente para a Rua da Praia (centro de Porto Alegre) gabar-se aos amigos que tinha posto Hitler a perigo!” Entrevista com Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog. Coleção entrevistas de Vianna Moog, pasta 4, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

Os personagens da trama – que parece ter por objetivo colocar o leitor frente às premissas de várias dialéticas – servem como chave para pensar as gradações de atitudes e destino do homem brasileiro, sujeito aos enquistamentos da emigração. O ator central da obra é Geraldo, nativo da Amazônia que sente seu “brasileirismo” no sangue, e que não é permeável à sedução de outras civilizações, dado que a civilização tem o seu “quê” de universal. Seu drama maior é o amor que sente por uma menina alemã que está ligada ao seu grupo familiar e que, pelos preconceitos de sangue, não uniria seu destino ao dele.

De alguma forma, pode-se pensar o enredo de *Um rio imita o Reno* amparado nos estudos realizados pelo autor na Amazônia e que resultaram no ensaio *O ciclo do ouro negro*. Ou seja, o romance acaba seguindo as pegadas do ensaio publicado dois anos antes. Vianna Moog se permite essa construção literária na medida em que tem conhecimento da realidade amazônica. No romance, o amazonense Geraldo se transfere para o Sul do Brasil por razões profissionais. Essa disposição funciona como uma premissa na articulação do romance, cujo enredo realça as aproximações e distanciamentos culturais entre as regiões brasileiras, notadamente a questão racial.

Neste sentido, a comparação entre Norte-Sul, sob os aspectos colocados em foco pelo autor, parece realçar o modelo comparativista sugerido por Max Weber, de modo que inicia pela abordagem de características regionais incomuns, como imigração, do trabalho, das condições geográficas, produção e relações sociais.

Num segundo momento, conduz a análise visando compreender as especificidades de cada região: na Amazônia, o caboclo explorado na extração da borracha; no Sul, as relações discriminadas entre alemães e descendentes, e brasileiros, sobretudo brasileiros de outras regiões do país.

Com isso, Moog não deixa de perseguir uma imagem que retratasse certa identidade brasileira, ainda que fragmentada pelas fronteiras regionais. De certo modo, esse ideal não era exclusividade sua, ele atravessava as décadas de 1930-1940 como agenda do dia para muitos

intérpretes da formação brasileira, fossem do meio literário ou das ciências sociais. Letícia Nedel acrescenta:

Neste terreno, não é difícil reconhecer o sucesso alcançado por ele [Gilberto Freyre] e pelos representantes nordestinos da "segunda geração modernista", como José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Nos anos 30 e 40, esses autores não apenas contribuíram para especificar um padrão identitário propriamente nordestino – referente a uma região até então classificada genericamente como "Norte" – mas tornaram-se enunciadores privilegiados dos mitos fundacionais do Brasil. À mesma época (e talvez hoje não seja muito diferente), o Rio Grande do Sul era noticiado por um jornal do Recife como o estado "de onde saiu o regionalismo mais acirrado que se tem notícia na literatura nacional."³³³

Geraldo representa, em *Um rio imita o Reno*, a diversidade amazônica. Segundo Moog, quase tudo na região norte do Brasil se expressava pela extensão, pela multiplicidade, a começar pelo número das comunidades indígenas. Incertezas e dúvidas eram, desde sempre, as respostas mais recorrentes a quem se aventurava em saber a seu respeito. Moog cita uma passagem em que um chefe indígena se manifesta sobre isso:

A tradição regional recolheu de um dos muitos chefes indígenas da planície aquele gesto de encher a mão de areia e espalhá-la no ar, em resposta ao missionário espanhol descido dos Andes, que buscava saber o número das tribos do vale do Amazônico. Fabula ou verdade, remonta o caso aos idos do século XVI. Com um simples gesto conseguia o bárbaro materializar a ideia de como seria difícil conhecer o número exato das nossas tribos de então.³³⁴

Segundo o autor, ao censo variável e incerto da população indígena se somam outras variáveis ressaltando a diversidade das tribos, cada qual com suas características de linguagem, de dialetos, de usos e costumes, condensando graus diferentes de moralidade, de beleza física, como as mulheres, algumas com olhos verdes, outras azuis. Sem contar a antropofagia comum para algumas comunidades e desconhecida por outras, bem como a naturalidade de possuir vocação ou habilidade para algumas atividades em detrimento de outras. Para Moog, não havia “absurdo” nenhum nisso. O contra-senso se localizava na coisificação do nativo por parte do homem branco. Segundo o autor: “Maltratavam-no pelo que ele não sabia fazer, o que era tão absurdo como decepar uma laranjeira por não dar pêssego.”³³⁵ Em algum sentido, Moog parece concordar com a afirmação de Rousseau de

³³³ NEDEL, Letícia. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. *Mana*. Rio de Janeiro, v.13, n.1, 2007.

³³⁴ MOOG, Vianna. *O ciclo do ouro negro*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1936. p. 59.

³³⁵ MOOG, Vianna. *O ciclo do ouro negro*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1936. p. 62.

que, “quando se quer estudar os homens, é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem é preciso aprender a dirigir o olhar para longe; é preciso primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades.”³³⁶

Geraldo se apresenta munido das características do nativo de sua terra frente à cultura sulina do imigrante alemão, do teuto-brasileiro. Ao promover esse encontro, Moog refaz o caminho de volta em relação a sua estada durante dois anos na região norte. Em *O ciclo do ouro negro*, Moog conhece o povo de Geraldo em solo amazônico, ao passo que em *Um rio imita o Reno*, o autor recepciona o caboclo amazônico no Sul, como se estivessem trocando visitas. Moog não só o recepciona, mas direciona as ações e diálogos do texto para produzir um intercâmbio cultural entre as Regiões Norte e Sul, conforme bem as conhecem. Como se desejasse reproduzir no personagem a mesma reação pela qual passara na Amazônia. Geraldo, por meio de Vianna Moog, parecia seguir Rousseau em alguns de seus ensinamentos: “quando se conhece apenas seu país [região], seus próximos, toma-se por natural o que é apenas habitual.”³³⁷

Tal intercâmbio não significava somente aproximações, mas inúmeros conflitos, a começar pelo estranhamento do caboclo ao chegar ao Sul, estranhamento revelado na mesma medida da experiência vivida por Vianna Moog quando residiu às margens do rio Amazonas. Com isso, o protagonista visualiza outro mundo, além do seu, da sua cultura, em que o “primeiro impulso para buscar verdadeiramente essa natureza vem da descoberta de que duas formas podem corresponder à mesma essência, e que nossa forma não é, portanto, necessariamente, a essência”³³⁸.

Moog transfere a Geraldo essa percepção em claro indício de que ele próprio estava convencido de que não haveria uma essência fiadora da cultura sulina ou amazônica, mas em que ambas tivessem características singulares. O ponto nodal em *Um rio imita o Reno* residia na indiferença de Blumental para essa possibilidade, a diversidade. No pensamento de boa parte dos habitantes desta cidade, a essência de si era “a essência.” Em outras palavras, o comparativo com a Amazônia permitiu a Moog estabelecer níveis de conhecimento acerca de

³³⁶Citado por TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 30.

³³⁷ Idem, p. 31.

³³⁸ Idem, p. 30.

sua própria região e seu povo. Aliás, esse era um dos ensinamentos de Marc Bloch visando um bom emprego da história comparativa: “A história comparada, tornada mais fácil de se conhecer e de se utilizar, animará com seu espírito os estudos locais, sem os quais ela nada pode, mas que, sem ela, a nada chegariam.”³³⁹

Por aí se encaminha uma das primeiras preocupações de Moog no romance, e por certo, uma das maiores ocupações intelectuais daquela época: o tema da diversidade cultural na formação brasileira. O autor observou na Amazônia uma convivência relativamente pacífica – como era desejável a um meio civilizado – sobretudo entre as comunidades nativas e destas em relação ao homem branco (caso do próprio Moog), ao passo que o mesmo não transcorria no Sul, na relação entre os teuto-brasileiros e o caboclo amazonense. Para o imigrante alemão e seus descendentes, reclama o autor, pouco sentido fazia o acolhimento ao nativo em par de igualdade. Antes firmariam a ideia exclusivista, de intolerância, pois viam em Geraldo o signo de inferioridade, contrariamente ao que o autor experimentara em sua própria estada no Amazonas

O tema dos conflitos raciais não estava sendo analisado somente por Vianna Moog. Alfredo Bosi lembra o romance *Canaã*, de Graça Aranha, o qual põe em evidência a suposta

vitória dos arianos, enérgicos e dominadores, sobre o mestiço, fraco e indolente; aquele a pregar a integração harmoniosa de todos os povos na natureza maternal. É o contraste entre o racismo e o universalismo, entre a lei da força e a lei do amor que polariza ideologicamente, em *Canaã*, as atitudes do imigrante europeu diante da sua nova morada.³⁴⁰

Essa negação do diferente foi definida por Todorov sob o signo do etnocentrismo. Segundo o autor, “o etnocentrismo é, por assim dizer, a caricatura do universalista: (...) ele segue a linha do menor esforço e procede de maneira não crítica: crê que seus valores são os valores e isto lhe basta; nunca busca verdadeiramente prová-los”³⁴¹. Ana Maria Moog salienta a respeito de seu pai:

³³⁹ Segundo Marc Bloch: “Numa palavra, deixemos, por favor, de falar eternamente de história nacional para história nacional, sem nos compreendermos. Citado por BARROS, José D’Assunção. História comparada – um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun/2007

³⁴⁰ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 369.

³⁴¹ Idem, p. 21.

Havia a necessidade de compreender as diferenças que, em criança, meu pai vivenciara em sua própria casa, entre as tradições e a mentalidade de origem portuguesa da mãe e a alemã do pai. Julgava que nada provoca mais a necessidade de analisar e compreender do que vivenciar o choque de culturas desde a infância. Daí ter se identificado espiritualmente com o mulato Machado de Assis, com o mulato Aleijadinho... divididos entre a cultura negra da mãe e a branca do pai. Depois, quando foi enviado para o Amazonas, vivenciou as diferenças entre as diversas regiões do Brasil, as diferenças entre o norte e o sul, entre o leste e o oeste, o litoral e o interior.³⁴²

Entre o discurso ensaístico de *O ciclo do ouro negro* e a narrativa literária de *Um rio imita o Reno*, parece existir coerência entre o homem de pensamento e o romancista. O autor elabora as duas obras atento à realidade brasileira das décadas de 1930 e 1940. Na primeira escreve sobre a atividade da extração da borracha com mão de obra quase escravizada na Amazônia, enquanto na segunda aborda a intolerância racial no Sul do Brasil. Dessa forma, tanto o ensaio quanto o romance talvez reflitam a vida viva, estuante de originalidade, de força do pitoresco, a vida com os seus problemas, os seus mistérios. Ao mesmo tempo, a vida que não se vê, o mundo do raciocínio e do espírito, também com seus problemas agudos, também com as suas dúvidas.

Talvez devamos mencionar ainda o contexto histórico internacional marcado pelo iminente conflito armado entre as principais potências internacionais, que eclodiria em 1939, como um dos temas a reter a atenção do autor naquele período. Como sinalização disso, é possível perceber a ascensão do nazi-fascismo e suas implicações sociais como pano de fundo na abordagem de *Um rio imita o Reno*, na medida em que os habitantes de Blumental assistiam com entusiasmo as manobras vitoriosas daquele sistema na Alemanha e Itália. No que tange ao círculo da história e dos historiadores, José Barros observa uma crescente sensação de desânimo e constrangimento frente à proximidade da Segunda Guerra Mundial.³⁴³

³⁴² Entrevista com Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog. Coleção entrevistas de Vianna Moog, pasta 4, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁴³ Segundo o autor “Respirava-se, em parte significativa da intelectualidade européia, certo ar de desânimo em relação aos caminhos que tinham sido trilhados através do exacerbado culto ao Nacionalismo que tanto caracterizara a estruturação dos estados-nações nos séculos anteriores. Mais ainda, de modo geral os historiadores tinham desempenhado um papel bastante relevante na organização institucional dos estados-nações, na estruturação de arquivos para registro da memória nacional, na construção de narrativas laudatórias que exaltavam cada nação em particular, e que por vezes chegavam mesmo a conclamar indiretamente a Guerra. Alguns, como Guizot (1787-1874), tinham mesmo ocupado postos governamentais; outros, como Michelet (1789-1874), chefiaram arquivos nacionais em seus países. Agora, diante dos aspectos nefastos daquele processo de exacerbação nacionalista que resultara em tão terrível desastre, era compreensível que, no complexo e multidiversificado circuito

Um rio imita o Reno parte da imaginação e invade as preocupações de ordem étnica e social que se ligam ao problema da colonização teuto-brasileira: os núcleos étnicos fechados à penetração do elemento nacional, a conservação das tradições importadas com os homens louros que se estabeleceram nos Estados meridionais, a resistência desesperada ante o irremediável da assimilação.

Parece haver, portanto, uma aproximação entre o ensaio e o literário. A redação do jornal *A folha da Manhã* publicou, em 27 de janeiro de 1939, uma crônica sob o título *A fantasia e a realidade*, que analisa o movimento de Vianna Moog entre o ensaio e o romance. Segundo o texto,

a arte é a maior aliada à ciência, não obstante os protestos dos cientistas, que nem sempre veem com prazer a invasão dos seus domínios. Porque o artista é, em geral, levado apenas pela intuição, enquanto o homem de ciência só aceita uma verdade quando a pode demonstrar. Não é raro, porém que ambos se encontrem no mesmo ângulo, a afirmar uma tese ou a apresentar um invento, embora tenham seguido caminhos diversos: o artista, o da intuição, e o cientista o da experimentação. Nesse sentido, o senhor Vianna Moog conseguiu, com efeito, desenvolver, num romance, toda uma tese que vem preocupando há algum tempo os sociólogos brasileiros.³⁴⁴

Em certo sentido, Moog antecipava um dos temas presentes na pauta da historiografia nas décadas seguintes, como faz Márcio Seligmann Silva ao ressaltar “que não podemos mais contar com discursos puros, com divisões claras entre ciência e literatura, sem que isso signifique de modo algum uma relativização do evento histórico, mas apenas a complexificação do trabalho de registro do passado”³⁴⁵.

A trajetória na literatura de Vianna Moog se inicia com uma obra ficcional, *Heróis da decadência*; em seguida publica um ensaio com *O ciclo do ouro negro* e, posteriormente, retoma a ficção, embora *Um rio imita o Reno*, seja considerado pela crítica como uma “ficção de fundo sociológico”. Disso se depreende que o autor parecia disposto a treinar ou

dos historiadores profissionais, surgissem aqui e ali os vestígios de um certo ‘mal estar’ da historiografia.” BARROS, José D’Assunção. História comparada – um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun/2007.

³⁴⁴ Crônica do jornal *Folha da Manhã*, de Álvaro Lins. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁴⁵ SILVA, Sérgio Seligmann. *História, memória, literatura*. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 18.

desenvolver o pensamento por meio de experiências, as quais talvez correspondessem às suas conclusões literárias, ou empíricas. Sabemos, de antemão, que a profissão de Moog, a de fiscal de consumos, não o conduzia aos ideais de observação sociológica, e mesmo literária. Talvez, a ausência de relação entre uma coisa e outra seja mais evidente. Um dos comentadores de *Um rio imita o Reno*, escreveu: “não foi possível a Moog esconder nas malhas da ficção as excelentes qualidades de ensaísta reveladas em livros anteriores. Se suprimirmos do romance os personagens, nada perderá a obra como uma vigorosa e oportuna monografia política”³⁴⁶.

Por certo, o interesse do autor pela literatura contribuiu em grande medida em sua guinada para a análise no terreno das ciências sociais. Contudo, devemos compreender essa inserção de maneira parcial, uma vez que Moog não assume um postulado de cientista social, antes a de ensaísta. Uma das dificuldades enfrentadas pelo autor nesse deslocamento da ficção para as ciências sociais está relacionada com a imperiosa busca da objetividade no olhar, seguido da ruptura entre o sujeito e o objeto observado. Para um autor que se iniciava na construção literária, certamente não seria natural abster-se de julgamentos de valores, o que implicaria evocar a incoerência que reprovava nas pessoas a sua volta; evocar ainda a distinção entre viver e dizer. Tzvetan Todorov descreve dificuldade semelhante ao refutar a ruptura entre o sujeito e o objeto nas ciências sociais: “Isso não implica que nessas matérias se busque menos precisão, nem que se recuse o princípio da razão, mas que se renuncie a eliminar aquilo que faz sua especificidade, ou seja, a comunidade entre sujeito e objeto, e a inseparabilidade dos fatos e valores.”³⁴⁷

Quando Moog regressa da Amazônia para o Sul e assume o empreendimento de *Um rio imita o Reno*, o faz parecendo consciente de que “a literatura não pode ser pensada nem mais como um campo desligado da nossa vida cotidiana e sem efeito sobre ela (...), nem tampouco pode ser reduzida a um reflexo da história, como a teoria literária do século XX chegou a sonhar.”³⁴⁸

³⁴⁶ Crônica do *Jornal do Estado*. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁴⁷ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 21.

³⁴⁸ SILVA, Sérgio Seligmann. *História, memória, literatura*. Campinas, SP: Unicamp, 2003 . p. 43.

A comparação cultural entre as regiões Norte e Sul do Brasil, não ficaram restritas a essas duas obras. Nos anos seguintes, Vianna Moog ampliou a lente de sua observação acerca da diversidade cultural brasileira por meio da construção de outros textos, nomeadamente, o discurso em torno da formação literária nacional, sob o título *Uma interpretação da literatura brasileira*, cujo método é a fragmentação da literatura em conformidade com os estudos das regiões que compõem o país. Nesse discurso o autor percebeu a formação cultural brasileira em ilhas, as quais reunidas resultariam no “arquipélago cultural brasileiro”.

Largamente aplaudido por uns e rechaçado por outros, esse texto revela a coerência do autor com sua ambição intelectual, de estudar as manifestações artísticas e culturais do Brasil à luz de uma concepção mais sociológica. Sua preocupação parece voltada a explicar os fatores determinantes de nossa evolução no mundo das ideias. E, para tanto, estabelece novos conceitos, distinguindo no conjunto da literatura brasileira o que denominou de “sete ilhas culturais”. De acordo com esta divisão, o autor procura situar as diferentes correntes do pensamento brasileiro em relação às regiões do país, em que predominam vários fatores, não só de ordem social e econômica, mas, inclusive, de ordem geográfica e climática.

Paulo Arino ressaltou que Vianna Moog “aplica o espírito a tudo de que resulte o refinamento da sensibilidade e da inteligência e que, em consequência, irá prover o homem dos meios necessários à descoberta de si mesmo em face da vida, para melhor senti-la e compreendê-la.”³⁴⁹ Por certo, é por essa via que Moog compreende e pratica a cultura. Todorov assinala que “quando se ignora a si próprio jamais se chega a conhecer os outros; conhecer o outro e a si mesmo é uma e apenas uma única coisa.”³⁵⁰

Uma das críticas atribuídas a essa interpretação da literatura brasileira aponta a sistematização arbitrária de Vianna Moog em produzir encaixes de autores e intelectuais relativamente a fenômenos sociais, econômicos e artísticos das diversas regiões brasileiras. Álvaro Lins assinalou a respeito: “me parece menos exato achar que a região define todo o

³⁴⁹ Crônica do *Jornal do Estado*, 23 fev. 1939. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁵⁰ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 29.

caráter de um escritor, que determina a orientação, o sentido e o destino da sua obra”³⁵¹. Em linhas gerais, Lins e outros críticos, como Carlos Lacerda, entenderam que Moog exagerou em seus métodos de análise da literatura brasileira, bem como na intenção de englobar a sociedade nacional numa análise mecanicista. Todavia, Franklin Baumer ressalta que, “o escritor suficientemente audacioso para fazer tal tentativa, [escrever acontecimentos e movimentos do homem] não deve ser criticado pela sua ambição, não obstante pode merecer censura pela insuficiência do seu equipamento ou pela nulidade dos seus resultados.”³⁵²

Discursando sobre a formação cultural brasileira de maneira comparativa com o terreno ora literário, ora ensaístico, nas décadas de 1930 e 1940, Vianna Moog o faz em sintonia com alguns segmentos intelectuais de sua geração. Vilson Martins, por exemplo, manifestou-se a favor da edificação de uma história da literatura brasileira em conformidade com a história da sociedade brasileira: “É o que me faz pensar que agora teremos a verdadeira história da literatura brasileira, dado que a história de nossa civilização já está sendo feita por historiadores-sociólogos, que tem entendido muito bem as exigências dos novos tempos.”³⁵³ Sob o ponto de vista da historiografia, Baumer destaca a história das ideias ao dizer que enquanto as ciências sociais começavam sua marcha em direção ao processo de fragmentação nas áreas do saber, a história das ideias caracterizava-se pelo olhar inter-relacionado, de modo que se aproximou de historiadores, filósofos, sociólogos.

2. Dialogando sobre a “falta” e o “excesso” brasileiro³⁵⁴

³⁵¹ Crônica do Jornal *Correio da Manhã*, 25 jun. 1940. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁵² BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. p. 13.

³⁵³ Crônica do Jornal *O Dia*, 24 mai. 1941. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁵⁴ Mozart Linhares da Silva trabalha esses dois conceitos (a falta e o excesso) a partir da perspectiva de observação desenvolvida entre os olhares de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Segundo ele “as posturas de Buarque divergem das de Freyre, nomeadamente no que se refere às últimas consequências das análises: enquanto o segundo aponta para uma postura quase que contemplativa do Brasil; o primeiro aponta para uma postura propositiva, e à beira do normativismo, que é do Brasil que deve ser. Noutras palavras, Buarque e Gilberto se encontram provisoriamente, na fresta conceitual, cujas consequências levam para outros horizontes, bem entendido, no primeiro caso para uma modernidade inacabada (da falta) e no segundo para além do apenas moderno (excesso). SILVA, Mozart Linhares. *Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre*. In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia, 2003.

Um dos temas que mais despertou o interesse de Vianna Moog foi o da discussão dos níveis de desenvolvimento do Brasil em relação a outros países. Ele tratou da matéria a partir do método comparativo largamente empregado em seus diversos trabalhos sobre a formação cultural brasileira, de modo que já o utilizava desde os primeiros anos da década de 1930, quando redigiu crônicas jornalísticas sobre o complexo homem/natureza na Amazônia.

Todavia, enquanto viajava pelo Brasil por razões profissionais ou em cumprimento a penalidades políticas, o autor coletou impressões da sociedade brasileira e as transformou em fontes para suas construções ensaísticas, literárias e sociológicas. Essa prática viabilizou a Moog uma análise comparativa das regiões brasileiras entre si, num primeiro momento. Em seguida, deslocou sua lente comparativa do Brasil para confrontá-lo com outras realidades internacionais.

Antes mesmo da década de 1940, o autor já havia escrito algumas crônicas de jornais mencionando inúmeras características culturais de outros países, de maneira especial os Estados Unidos, com a finalidade de tomá-las como espelho para o cenário brasileiro. Exemplos disso aparecem em *O Pato Donald e Pluto, o cão fiel*.³⁵⁵

Seu enfoque comparativo para esta análise sociológica se vale de personagens simbólicos. Além do Pato Donald e do cão Pluto, Moog recorre a outras simbologias, através das figuras de Abraão Lincoln, do capitão John Smith e da índia Pocahontas, para analisar a formação cultural norte-americana, ou de Pedro Malazartes, o mazombo e Aleijadinho para falar do Brasil. Tais personagens surgem ou ganham dimensão na obra *Bandeirantes e Pioneiros*, a qual resultou das observações coletadas pelo autor no decorrer de sua permanência nos Estados Unidos durante a década de 1940. Moog repetia naquele país a experiência anterior de quando residiu na Amazônia e dela trouxe um livro versando sobre a região. Desta vez, nos Estados Unidos, a resultante seria similar”.

³⁵⁵ Os dois textos foram publicados pelo jornal *Correio do Povo*, 21 mar. 1942. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

Entretanto, os paralelismos agora não seriam mais buscados entre regiões do Brasil, mas entre a sociedade norte-americana e a brasileira. Em face disso, o autor colocou de um lado o anglo-saxão desbravador, o americano fundador do um “novo lar” e, de outro, o brasileiro seduzido pela riqueza fácil dos trópicos. Esta viria a ser a pedra angular de *Bandeirantes e Pioneiros* e a origem da discriminação racial nos Estados Unidos e do gosto pela acomodação, pelo “jeito” que deve tudo resolver no Brasil.

A utilização de personagens representativos é explicada pelo autor como recurso para obter a “cumplicidade” dos leitores. Afirma ele: “os romancistas não teriam obtido o mesmo reconhecimento por parte do leitor e seu permanente gosto de ver-se representado por meio de símbolos.”³⁵⁶

Em sua opinião, os gregos foram os primeiros a saberem disso, haja vista a forma pela qual personificaram a astúcia em Ulisses, a desventura em Édipo, a resignação em Antígona, o vigor da amizade em Castor e Polux, a aspiração humana com Prometeu. Posteriormente, em Shakespeare, encontramos novos personagens simbólicos, a exemplo de Romeu e Julieta para o amor, Othelo para o ciúme, Zago representando traição e deslealdade. Ou ainda, Hamlet para a dúvida e a indecisão, Caliban como signo da grosseria e do materialismo, estando a graça e a sutileza com Ariel. No final da crônica Moog acrescenta: “em literatura os que verdadeiramente contam são os grandes criadores de símbolos. Um símbolo bem achado faz a fortuna de qualquer autor.”³⁵⁷ Mais uma vez o autor segue transferindo recursos da literatura para o pensamento sociológico, seja criando símbolos ou se apropriando deles.

Moog vê em Donald a representação perversa do norte-americano, trata-se de uma determinada elite social, econômica e política, cujo triunfo não se obtém pelo emprego da força ou da inteligência, o que é normal aos padrões da época. Donald se move pelo ridículo, já que age sem propósito, sem projeto, não há beleza em suas ações, nem compostura.

³⁵⁶ Crônica do Jornal *Correio do Povo*, 11 jul. 1941. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.

³⁵⁷ Crônica do Jornal *Correio do Povo*, 27 fev. 1938. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

Para atrair a atenção para si, só sabe grasnar e xingar, além de sofrer da mania de perseguição. Vê trapaça e patifaria em tudo. Por outro lado, é vaidoso e pretensioso; a razão teria sido inventada para que ele a possuísse, com a exclusão de todos os outros. Donald não reconhece o equilíbrio político, a diversidade de ideias, a complexidade. A verdade, se é que existe, pertence a ele.

Ao passo que Pluto, o cão fiel, acredita nos aspectos morais da vida, ama seu próximo como a si mesmo, honra o buldog, seu pai, e a “vira-latas”, que é sua mãe. Não mata, não furta, “não deseja a cadela do próximo”, não peca contra a castidade, não levanta falso testemunho. Em troca só recebe os maus tratos da garotada e da patroa. Por vezes, sente impulso de castigar os atrevidos. Basta, porém, um aceno da dona da casa para colocar-se de novo no bom caminho, do qual, aliás, nem em pensamento chegou a afastar-se completamente. Para ele o que conta acima de tudo na vida são os valores morais. Ao contrário de Donald, Pluto é exemplo de conciliação, prima pela amizade, sonha com a paz entre os irmãos, com o discurso humanitário. Ele seria capaz de afirmar a utilidade da Liga das Nações, dos tratados e das convenções.

Para Vianna Moog, Donald simboliza um segmento da sociedade norte-americana marcada pelo descompasso com os princípios aceitos como adequados à civilização moderna, na qual os Estados Unidos se acham inscritos. A ideia aparentemente emitida pelo personagem de Donald é a possibilidade de recuperar para o convívio social mesmo aqueles aparentemente mal preparados para ele, desde que corretamente orientados. Se Donald precisa de uma referência legitimadora para suas ações, basta seguir os passos de Pluto, o cão politicamente correto.

Pluto entendeu a mensagem de uma sociedade amparada nas linhas mestras da ordem cristã calvinista, reformadora e crente nas formações modernas, nos valores normatizadores e racionais fiadores do bem-estar do cidadão, da família, da produção e desenvolvimento do país. Pluto é o lugar, o ajustamento do cidadão com os propósitos da ordem social e política, ao passo que Donald está no limbo, no “não lugar”, logo, na contramão de um processo comprometido com o progresso.

Os exemplos do Pato Donald e do cão Pluto elaborados na década de 1930 seriam retomados por Moog em discussões ensaísticas posteriores, sobretudo na obra *Bandeirantes e Pioneiros*, em que analisa a formação cultural brasileira sob o reflexo do espelho norte-americano. As desventuras de Donald nos Estados Unidos encontram correspondência em personagens brasileiras, as quais incorporam um caráter alheio no sentido de pensar a modernização do país. Nesse caso, Moog expressa o comportamento do mazombo, a quem menos interessava o empenho da força ou da inteligência. Antes disso, o mazombo, descendente direta ou indiretamente de europeus, opta em ligar-se às inovações recorrentes ao Velho Continente. Reside no Brasil, mas é na Europa que está presa sua atenção e vontade de viver. Segundo Moog,

no fundo, o mazombo, sem o saber, era ainda um europeu extraviado em terras brasileiras. Do Brasil e da América, de suas histórias, de suas necessidades, de seus problemas, nada ou pouco sabia, porque vivia no litoral, mentalmente de costas voltadas para o País. Iam mal as coisas no Brasil? Ah, isto não era com ele. Ademais, que poderia fazer, se era só contra todos? Na vida pública ou privada, nunca seria por sua culpa ou negligência que isto acontecia. Trabalhar? Bem, quer dizer... isto dependia. Se se tratasse de uma simples sinecura, com dinheiro certo para receber no fim do mês, à maneira de uma pensão vitalícia, muito bem. Na impossibilidade de uma mina de ouro, de um chefe ou de um protetor providencial, de uma concessão do governo para arrendar a terceiros, de uma advocacia administrativa graças à amizade de um ministro de Estado, não haveria fugir à sinecura. Nada, porém, que implicasse ter de trabalhar regularmente e organicamente, ou o que é pior, ter de confessar algum esforço às pessoas de suas relações, que trabalho duro foi feito para negro. Ganhar no jogo, eis uma das boas alegrias do mazombo.³⁵⁸

Se por um lado pensamos em Donald e certa correspondência sua com o mazombo brasileiro, por outro lembramos do cão Pluto, o qual representa o ajustamento e a confiança do bom cidadão para com o pensamento ordenador de seu país, características eleitas como essenciais às nações modernas. A ele correspondia Pedro Malazartes, personagem da cena brasileira a quem Vianna Moog atribuía virtudes de bom moço, todavia, desamparado de um espírito racionalista, agregador de valores éticos e morais.

Efetivamente, a Malazartes se liga uma série de desvalores, como para Donald e para o mazombo. Ele se vale do improvisado, da esperteza, da pilhéria, de truques e da busca de vantagens, de modo que lembra a ação do malandro em suas investidas, sempre por meio do

³⁵⁸ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 122, 124.

“jeitinho”. Ante uma ação planejada, racionalizada, Malazartes opta em assumir o ônus de construir soluções. Aliás, Moog ressalta que Malazartes não se constrói do nada, ao contrário, ele resulta de um contexto desagregador, cujo maior responsável foi o “bandeirante”. Ao contrário do “pioneiro”, que se expandiu para o oeste dos Estados Unidos acompanhado de sua grei e consciente de seu empreendimento, atualizado com o projeto de fundar um país, o bandeirante tratou de ocupar e explorar o território brasileiro desapegado de qualquer sentido edificador, de comprometimento com ideais de planejamento do país. Conforme Moog,

outras consequências destas restrições patricias e bandeirantes contra o trabalho orgânico: no plano econômico, os salários de mera subsistência, como se o assalariado fosse apenas o substituto do escravo; no plano moral, a intumescência dos melindres ante as tarefas ligadas aos vexames da antiga escravidão, as vaidades levadas a extremos doentios, o pedantismo, a suficiência, o culto nacional de Malazartes, o herói que sem esforço e sem trabalho, somente pela habilidade, a intriga, o cálculo, a astúcia, resolve todas as situações.³⁵⁹

O enfoque comparativo de Vianna Moog, sobretudo nesses personagens simbólicos (Donald/mazombo, Pluto/Malazartes, Bandeirantes/Pioneiro) sinaliza, mais uma vez, a metodologia weberiana de comparação, cuja observância apanha os traços de uma determinada sociedade para ressaltar ausências. Assim, ele coloca em relevo no comparativo Brasil-Estados Unidos aspectos parciais, como racionalidade, níveis de desenvolvimento, progresso, nacionalismo e miscigenação, ainda que tais aspectos se apresentem heterogêneos e distantes temporalmente entre as duas sociedades. No final de sua análise, parece destacar a peculiaridade de cada sociedade, seja no alinhamento do personagem Pluto ou do pioneiro com o modelo de nação desejada pelos norte-americanos, seja na ocupação aleatória do bandeirante no território brasileiro e no descompromisso do mazombo com a realidade brasileira. Uma expressão disso aparece em *Bandeirantes e Pioneiros*:

John Smith dizia dos Estados Unidos que o Céu e a terra nunca se puseram tão de acordo para criar para o homem num lugar habitável, sabia o que estava dizendo e o futuro lhe confirmaria as impressões.

Infelizmente, não é este o caso da célebre afirmação de Pero Vaz de Caminha, o cronista oficial do descobrimento, quando escreve que no Brasil a terra era tão boa que, querendo aproveitá-la, dar-se-á nela tudo. Vaz de Caminha foi, evidentemente, um exagerado. A melhor maneira, provavelmente a única, seria anunciar-lhe minas de ouro, pedras preciosas, riquezas faustosas, opulências como na Índia ou na Nova Espanha.³⁶⁰

³⁵⁹ Idem, p. 244.

³⁶⁰ Idem, p. 18.

A possibilidade de investigar a formação cultural brasileira sob a luz de parâmetros internacionais não era objetivo exclusivo de Vianna Moog. É possível pensar que o ensaísta tenha seguido a inspiração de outros autores que se utilizavam desse recurso, não somente naquele período de 1930-1940, mas em ocasiões anteriores. É o caso de Eduardo Prado, por exemplo, e de sua observação focada no espelho norte-americano, antes mesmo do início do século XX.

Ao contrário da grande maioria dos autores, Prado se refere ao modelo norte-americano como algo a não ser seguido. Ele o fazia até mesmo por convicção política, já que era um defensor da Monarquia no Brasil, recém-substituída pela República inspirada no modelo americano. Sob um discurso desejoso de ver restabelecido o regime anterior, Eduardo Prado escreve *A ilusão americana*³⁶¹, texto no qual busca rebater a proposta de estreitamento das relações dos Estados Unidos com os demais países latino-americanos. Por isso, ele analisa como falaciosa a “doutrina Monroe”:

Devemos declarar, por amor da fraqueza e das relações amigáveis que existem entre os Estados Unidos e aquelas potências européias, que consideraremos qualquer tentativa da sua parte para estender o seu sistema a qualquer parte deste hemisfério como coisa tão perigosa para a nossa tranquilidade como para a nossa segurança. Com as colônias existentes e as dependências das mesmas potências não termos intervindo nem interviremos. Em relação, porém, aos governos que declararam a sua independência e que a tem mantido, independência que, depois de grande reflexão e por justos princípios, nós reconhecemos, toda interferência, por parte de qualquer potência européia, como o fim de oprimi-los e de qualquer modo dominar os seus destinos, não poderá ser encarada por nós senão como uma manifestação pouco amigável para com os Estados Unidos.³⁶²

Sobre a relevância dos Estados Unidos enquanto parâmetro comparativo para muitos autores brasileiros, Lúcia Lippi de Oliveira³⁶³ assegura que eles têm despertado o interesse por inúmeras razões, dentre as quais a conquista da independência e a efetivação do modelo republicano à frente de todos os outros países do continente americano. Ela lembra que a dimensão geográfica, a população e os recursos naturais dos EUA muito se aproximam da realidade do Brasil. Nessa aparente semelhança entre as duas nações reside a base da perspectiva comparativa de autores como Vianna Moog. Deste modo, lhe parece mais

³⁶¹ Ver PRADO, Eduardo. *A ilusão Americana*. Brasília: Senado Federal, 2003.

³⁶² Idem, p. 17.

³⁶³ Ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

intrigante tentar explicar o desnível de desenvolvimento do Brasil em relação aos Estados Unidos, já que dispomos das mesmas condições favoráveis.

Monteiro Lobato, em *Mr. Slang e o Brasil*³⁶⁴, expressou opinião contrária à de Eduardo Prado. Na sua visão, “Tudo presta. Até um cego, um estropiado. A questão toda está em proporcionar-se-lhes condições para prestar. O nosso cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha seis dólares diários”.

Da mesma geração de Moog, Gilberto Freyre também compara as duas nações, conforme apresenta em *Casa Grande & Senzala*. Segundo ele, “o certo é que os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanências. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez de se retardarem como nas possessões tropicais de ingleses, franceses e holandeses”.³⁶⁵

Outro integrante desta geração, Érico Veríssimo também se vale da comparação com os Estados Unidos para melhor compreender a formação nacional ao discutir a identidade brasileira associada ao fracasso ou à virtude do brasileiro. Ao mesmo tempo, ele ressalta o embate entre a racionalidade americana e a espiritualidade dos latinos. Segundo ele,

alguns brasileiros que visitam este país e voltam para casa afirmando que os latinos são povos espiritualizados, ao passo que os americanos são grosseiros materialistas. Fazemos poemas enquanto eles fazem negócios. Cantamos modinhas à lua enquanto eles fabricam máquinas. Vivemos de acordo com o coração, e eles com o livro de cheques. Amamos a arte e eles amam o dinheiro. Cultivamos a amizade, mas os americanos, calculistas, vivem com o olho no lucro.³⁶⁶

Nas décadas seguintes muitos estudiosos se dedicaram a analisar e expressar aspectos positivos e negativos decorrentes dos estudos comparativos produzidos por alguns desses intérpretes. Olavo de Carvalho, por exemplo, salienta a preocupação das ciências sociais em atender ao desafio de buscar definições para os padrões formadores da pátria, a exemplo de suas identidades nos últimos cem anos, mediante estudos comparativos. Por isso ela teria estado sujeita a penalidades atribuídas pela avaliação, nem sempre relativizadora do

³⁶⁴ LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1946, p. 27.

³⁶⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: EDUnB, 1963, p. 77.

³⁶⁶ VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998, p. 472.

brasileiro, diante do parâmetro oposto³⁶⁷. Já Simon Schwartzman afirma que a “América Ibérica está desfocada por que ela se contempla no espelho da próspera América Inglesa e, na busca inútil da imitação do outro, perde a essência”.³⁶⁸

Por sua vez, Richard Morse, com quem Schwartzman teceu longo debate acerca da formação cultural de norte-americanos e brasileiros, reconheceu nas sociedades da América Latina a positividade que não via na sociedade de seu país, os Estados Unidos. Em razão disso, sugeriu que a imagem do espelho comparativo fosse invertida, de modo que o modelo brasileiro servisse de referência ao americano do norte, uma vez que,

o futuro que nos reserva o século XXI e mais além – a cumulativa racionalização da vida e coletivização das mentes; tempos, talvez, de rotinização, disfunção burocrática e entropia pura, pontuados por episódios apocalípticos – cabe perguntar se um certo leque de opções ocidentais que por muito tempo a Ibero-América manteve em custódia, sem honras nem louvores, não estará destinado a alcançar um reconhecimento cada vez maior.³⁶⁹

A pedra de toque dessas diferentes abordagens em grande medida revela a intenção desses intérpretes (Prado, Lobato, Moog, Freyre, Veríssimo), dentre outros, em assenhorearem-se do país e, na medida do possível, intervir nos destinos do Brasil ao proporem soluções visando à modernização e ao desenvolvimento. Tais soluções eram produzidas em estudos, observações e análises comparativas com outras nações, sendo o modelo mais lembrado o dos Estados Unidos.

Em suas manifestações eles discutem nacionalidade, identidades culturais, questões raciais, positividade da miscigenação, do iberismo, adoção de uma racionalidade modernizante, fundação de uma cultura utilitarista *versus* o ócio contemplativo, matrizes religiosas, produção, desenvolvimento. No interior de desafios e possibilidades do Brasil solidificar-se enquanto nação, surgem alguns intelectuais denunciando o déficit de recursos históricos, de vontade, ausência de posturas espirituais, morais. Ao mesmo tempo, advogavam medidas para resolver tais carências.

³⁶⁷ CARVALHO, Olavo de. Um povo sem espelho. *O Estadão*, São Paulo, 07 ago. 1997. Acessado em 15 out. 2003. <http://www.jt.estadao.com.br/notici97/97-08-07/artigos.htm>.

³⁶⁸ SCHWARTZMAN, Simon. *Novos Estudos CEBRAP*. O Espelho de Morse. 22 out. 1988, p. 185-192.

³⁶⁹ MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 25.

Por outro lado, um segmento divergente ressaltava o que eram positivities do Brasil, ou o que havia em excesso. O excessivo, nesse caso, expressa a ideia de que a formação brasileira não se localiza na modernidade, mas à frente dela. Lourenço Dantas Mota argumenta, assim, que

poucas vezes o Brasil esteve tão à procura de si mesmo quanto nos anos 20 e 30. No ano de 1922, quando se comemorava o centenário da independência, coincidem a realização da Semana de Arte Moderna, o início do movimento tenentista – que iria desembocar na Coluna Prestes e influir grandemente na Revolução de 30 – e a fundação do Partido Comunista do Brasil. Literatura, artes, política, estudos sobre nossa formação – tudo passa por um intenso trabalho de reflexão, contestação e revisão.³⁷⁰

Ao tentar compreender o Brasil, Moog se mostrava inserido neste debate. Uma questão talvez preponderante em seus textos comparativos, sobretudo em *Bandeirantes e Pioneiros*, revela o movimento do autor entre uma análise ora anunciadora das peculiaridades culturais da sociedade norte-americana, contribuintes no desenvolvimento daquela sociedade, ora preocupado com a inexistência de tais peculiaridades no Brasil. O sentido do que nos “falta” vem dessa segunda preocupação.

O desejo de riqueza rápida, o apego ao passado, a indiscriminação racial, o individualismo exacerbado, o preconceito contra o trabalho orgânico, a vitória do material sobre o moral e o espiritual nos triunfos do império sobre a fé, os traços marcantes da formação brasileira em tempo de progressão aritmética? A despeito de quatro séculos de história e do muito que superamos os aspectos negativos produzidos por tais tendências, são esses mesmos traços que ainda retardam a marcha de nossa civilização nos dias atuais. Foram a bíblia, o rompimento com o passado, o espírito associativo, a discriminação racial, primeiro o puritanismo, o culto das virtudes econômicas e da dignidade essencial do trabalho, os ingredientes que mais participaram nos primeiros tempos da formação norte-americana em tempo de progressão geométrica.³⁷¹

O outro lado dessa peculiaridade revela uma das faces de Vianna Moog, aquela em que anuncia as benesses do iberismo transferidas ao brasileiro no decorrer dos séculos de colonização. Neste sentido, ele escreveu:

de sorte que, de modo geral, o problema racial no Brasil, dissolvido no social, pode considerar-se se não resolvido, a caminho de solução. Neste particular, a posição do Brasil e a maneira de ver da grande maioria dos brasileiros não comporta dúvidas de qualquer natureza. Somos em conjunto contra qualquer preconceito de raça, não só porque não acreditamos em pureza étnica em termos absolutos, senão também

³⁷⁰ MOTA, Loureiro Dantas (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 2001. p. 15.

³⁷¹ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 211.

porque nos recusamos a aceitar superioridades ou inferioridades raciais como explicação exclusiva ou mesmo preponderantes nas diferenças entre civilizações.³⁷²

No primeiro momento, quando advoga a falta, Moog parece aproximar-se de algumas discussões de Sérgio Buarque de Holanda, nomeadamente quando este ressalta a inexistência de uma consciência formadora do sul-americano e sua terra, conforme ressalta Pedro Monteiro ao analisar a obra *Raízes do Brasil*, de Buarque:

Não cabe aqui, tampouco, arrolar os inúmeros autores hispano-americanos que caminham, com maior ou menor solenidade, a via dessa idealização de uma América latina, ou mais especificamente ibérica. Atenho-me apenas, dentro dos limites deste meu texto, à ideia desse sentimento interior, essa “unidade íntima” a que se refere Rodó, e que um leitor de Sérgio Buarque de Holanda associará imediatamente à sentença cortante de *Raízes do Brasil*: “o americano ainda é interiormente inexistente”. A falta desse duplo referente – uma América *nossa* e os próprios americanos – resulta, evidentemente, numa busca apaixonada, mas fadada, talvez desde o início, ao fracasso, atravessada como vai pela ambiguidade da refutação de outro que é também um objeto de estima inconsciente.³⁷³

A ideia da “falta” também aparece nos debates de Mozart Linhares da Silva, especialmente em seu olhar acerca de algumas interpretações de Buarque.

Nestes termos, o homem moderno se caracteriza pelo individualismo, pelo caráter formalizador das relações entre público e privado e pela ideia de dever, cujo corolário ético situa-se na responsabilidade, uma responsabilidade talhada num ascetismo que ritualiza a *politesse* civilizacional. Caracteriza-se também pela crença no reconhecimento pessoal através do mérito próprio, o que revela uma ética do bastar-se a si mesmo. Ora, isso tudo falta ao Brasil na ótica de Buarque.³⁷⁴

Num segundo momento, quando referencia a positividade da herança lusitana presente na sociedade brasileira, Vianna Moog parece compartilhar das ideias invariavelmente atribuídas a Gilberto Freyre. Este seu olhar móvel, ora de um lado, ora de outro, talvez pouco tenha contribuído no sentido de torná-lo uma referência no círculo dos intérpretes do Brasil, tema a que retornaremos com mais detalhamento no último capítulo deste trabalho.

Em grande medida, os intelectuais desta geração não se mostram indiferentes à relevância do trabalho do autor gaúcho em favor do próprio meio, e dos propósitos de melhor reconhecer a formação cultural brasileira. Todavia, parece não haver uma espécie de

³⁷² Idem, p. 30.

³⁷³ MONTEIRO, Pedro Meira. As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero. *Novos Estudos*. Rio de Janeiro, n. 83, mar/2009, p.06.

³⁷⁴ SILVA, Mozart Linhares. Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia. 2003. p. 03.

deferência ao seu nome no mesmo nível demonstrado a outros nomes, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.

Por essa razão talvez se possa dizer que Vianna Moog não tenha tido grandes seguidores e não tenha formado escola no meio intelectual, apesar do sucesso de seus escritos, de seus discursos, das suas participações em eventos e organismos internacionais. Lúcia Lippi de Oliveira ressalta que “a presença de eminentes teóricos como Weber e Sombart é notável [em *Bandeirantes e Pioneiros*], ainda que o autor não tivesse a formação reconhecida de um Gilberto Freyre ou de um Sérgio Buarque de Holanda, cujos ensaios marcaram os anos 1930.”³⁷⁵ Reconheço o terreno movediço em que assento tais observações, sobretudo quando leio a ressalva de Maria Stella Martins Bresciani ao lembrar os estudos de autores como Moreira Leite que, seguindo o exemplo de outros autores, vêm tentando elaborar o que Mariza Corrêa (1998, p.21) chama de “uma cartografia dos intelectuais brasileiros”. Isto para tentar

estabelecer alguma unidade sociológica num panorama social muito diversificado. O que certamente, não ocorre sem problemas, pois, como diz Corrêa, ao analisarem os interpretadores ou descobridores do Brasil, eles também, de certa forma, o redescobrem segundo suas próprias perspectivas.³⁷⁶

A análise do autor relativamente à falta ou ao excesso na formação brasileira, no sentido de pensá-la como uma nação atualizada com a modernização norte-americana ou européia, parece pouco exemplificadora de uma originalidade intelectual. Deste modo, o leitor é induzido a conectá-la aos debates de Sérgio Buarque de Holanda, para quem a modernidade brasileira se mostrava incompleta quando comparada com os Estados Unidos, por exemplo, ou com Gilberto Freyre, para quem o Brasil estaria posicionado no além-moderno.

O destaque recai, sobretudo, nesses dois autores, embora a “falta” também tenha sido mencionada por outros intérpretes, como os já citados Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, além de Raymundo Faoro. A respeito deste último, Laura de Melo e Souza destaca, dentre outros aspectos, uma passagem em que ele discute a formação peculiar do liberalismo brasileiro no Segundo Reinado, a qual resultou no surgimento do comerciante em comunhão com o estamento governamental. A autora cita ainda:

³⁷⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 104.

³⁷⁶ BRESCIANI, Maria M. *O charme da ciência e a solução da objetividade*. SP: Unesp, 2005. p. 26.

As raposas se infiltram nos gabinetes, contaminando, com sua esperteza, o tipo social do político. O progressismo, como muito mais tarde o desenvolvimentismo, farão da modernização um negócio de empréstimos e concessões, entremeado com o jogo da bolsa, sob os auspícios do Estado. Modernização esta em choque com as forças conservadoras e agrárias, mas distante das correntes revolucionárias. Ninguém quer matar a galinha dos ovos de outro, senão viver à custa dela, submissa, calada e recolhida, mas prolífica.³⁷⁷

3. Vianna Moog escreve na mesma época de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre

Nossa proposta de analisar a reflexão de Moog a partir do ensaio *Bandeirantes e Pioneiros* centra-se no sentido nitidamente comparativo da obra entre a formação cultural brasileira e a norte-americana, e na grande repercussão causada pela mesma na ocasião em que foi lançada.

A alusão de Moog a Sérgio Buarque de Holanda aparece numa crônica jornalística antes mesmo da publicação do livro. Na ocasião, o autor escreve: *Brasil, país que nasceu sob o signo da aventura*.³⁷⁸ Vianna Moog mostra que encontrou a raiz de uma peculiaridade psicológica e sociológica dos brasileiros: o gosto pelo improvisado, pelo transitório, pelo enriquecimento rápido, pelo golpe. Além disso, diz que a marcha do bandeirante para o oeste foi uma obra de desdobramento feita com o objetivo de descobrir minas de ouro e esmeraldas. Quando o brasileiro descobriu que não havia essas riquezas voltou para o litoral. Depois... “bem, depois, essa marcha refluíu sobre o Bando do Brasil.”³⁷⁹

Por esse encaminhamento, Buarque já havia discutido a formação da sociedade brasileira sobre uma espécie de tripé (aventura, desvalor do trabalho e catolicismo conservador), conforme observou Mozart Linhares da Silva.³⁸⁰ Na referida crônica, Moog

³⁷⁷ Citado por SOUZA, Laura de Mello. “Raymundo Faoro: Os donos do poder.” In: MOTA, Loureiro Dantas (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 2001. p. 346.

³⁷⁸ Crônica do Jornal *Tribuna da Imprensa*, 25 mar. 1955. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁷⁹ Crônica do Jornal *Tribuna da Imprensa*, 03 out. 1956. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

³⁸⁰ Segundo Mozart, “A aventura escapa ao regramento e à norma, fundamentais às ações racionais em relação a fins estabelecidos. O aventureiro é um errante, um sobrevivente do acaso e da sorte. O desvalor do trabalho é o resultado do trabalho compulsório do escravismo e levou à dinâmica de uma moral das senzalas, que não só atingia o cativo, mas sobretudo o senhor, o proto-decisor político; uma moral narcotizante de qualquer energia realmente produtiva, no dizer de Sérgio. (...) O Catolicismo negou a emancipação do sujeito histórico secular, ou seja o indivíduo responsável, condutor de sua historicidade. A sociedade brasileira, constituída sobre este tripé,

menciona suas ideias em proximidade ao pensamento de Buarque, sobretudo pelo gosto pela aventura e pelo desvalor do trabalho. Embora não tenha abordado a questão religiosa no texto jornalístico, Moog o discute largamente em *Bandeirantes e Pioneiros*, da mesma forma que o fizera Buarque.

Os teóricos do princípio da nacionalidade e do capitalismo, esses são invariavelmente protestantes. Protestantes ou judeus. Eles é que, opondo nacionalismo a universalismo, estabeleceram também o divisor de águas entre a economia medieval e a economia moderna. Quer isso dizer que o catolicismo é absolutamente incompatível com o capitalismo e o princípio das nacionalidades ou mesmo a discriminação racial? Doutrinariamente, sim. Cifra-se apenas em reconhecer que há mais compatibilidade doutrinária entre protestantismo e nacionalismo, ou entre protestantismo e capitalismo, do que entre capitalismo e catolicismo, ou entre catolicismo e nacionalismo.³⁸¹

Em face disso, pode-se dizer que a ideia de tripé pensada por Buarque serve como uma chave também para o ensaísta gaúcho. Por conta desse tripé, Sérgio Buarque reconhece a formação da sociedade brasileira em desapego aos inúmeros sinais mais afeitos às sociedades mobilizadas pela modernidade, a exemplo dos sistemas normativos imprescindíveis às ações racionalizantes e estruturantes da sociedade em suas diferentes demandas. Alguns dos efeitos disso remetem à peculiaridade do indivíduo brasileiro, na cordialidade que dificulta a formação de relações entre público e privado, de modo que entre um espaço e outro vigora certa confusão de interesses, de ligações afetivas e intimidades familiares, ao invés de relações contratuais e racionais.

Em Vianna Moog essa abordagem aparece pintada em cores semelhantes. Sobretudo quando discute as relações entre indivíduo e Estado, sociedade e política.

Enquanto nós nos eximimos de responsabilidade e do dever de zelar a coisa pública, habituados que fomos – pela tradição escrita e principalmente pela tradição oral – a ver no governo o verdadeiro dono do país, o americano nunca deixa de considerar o país senão como um prolongamento de sua própria casa, estando sempre atendo e vigilante e pedindo contas aos seus mandatários, ao presidente, aos deputados e senadores, pela administração e destino dos bens que lhes incumbe zelar. No setor político, são os partidos a organizarem-se e dispersarem-se ao jeito das bandeiras. Enquanto há uma perspectiva imediata de tesouro, de cargos e cartórios por distribuir, muito ardor, muito ímpeto. Atingido ou não atingido o tesouro, distribuído os cargos, menos com o critério da competência e da adequação do que

revela antes de tudo o contraponto de uma civilização do devir, estruturou-se a partir de uma outra lógica, menos afeita ao racionalismo homogeneizador ocidental.” SILVA, Mozart Linhares. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Aquém e além da modernidade: aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Porto, v. XLIII, n. 3-4, 2003, p. 85.

³⁸¹ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 64, 65 e 66.

como prêmio a lealdade incondicional das vocações de há muito desidratadas de espírito público, o desânimo, a apatia, a espera do novo chefe e da nova bandeira.³⁸²

O homem cordial, aventureiro e desapegado do trabalho orgânico ou manual, em Buarque, corresponde ao mazombo, ao bandeirante, a Pedro Malazartes e ao malandro de Vianna Moog. Em grande medida, todos eles parecem sintonizados pela via da errância, de um não projeto de estruturação da nação brasileira. Sobre isso, Mozart Linhares ressalta “as ideias fora do lugar, provocadoras de um sentimento mazombista, como assinalou Vianna Moog. Se as ideias são construídas de fora para dentro, fica evidente o descompasso entre ideação e realidade, uma a trair a outra incessantemente”³⁸³.

Talvez possamos acrescentar que a análise de Moog acerca do mazombo reflete algumas ideias inapropriadas à realidade brasileira, que são trazidas de fora. Num segundo momento, tais ideias se reproduzem no autor quando compara o Brasil com os Estados Unidos e visualiza naquele país inúmeras possibilidades com as quais se deixa fascinar, a tal ponto de advogar a importação e aplicação delas na sociedade brasileira. Em razão disso, o sentimento do mazombo enquanto personagem estaria se refletindo no seu criador, o autor da obra.

Nesse caso, talvez seja correto entender que Buarque e Moog compartilhavam a ideia do Brasil em descompasso com a orientação da modernidade. De acordo com o que expressavam, o Brasil não teria lugar no contexto das sociedades modernas. Vários sinais indicavam o déficit, a “falta” de inúmeros quesitos que o habilitariam a ingressar no grupo dos modernos. Ainda que este grupo (países reconhecidamente pertencentes à modernidade, caso dos Estados Unidos) pudesse não apresentar uma formação ideal, mas se imaginavam ideais.

Nesta linha, Lilia Moritz Schwarcz diz que Benedict Anderson mostrou a nação como uma comunidade política imaginada. Segundo a autora, a comunidade imaginada de Anderson

³⁸² Idem, p. 149 e 207.

³⁸³ SILVA, Mozart Linhares. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Aquém e além da modernidade: aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Porto, v. XLIII, n. 3-4, 2003, p. 86.

é quase uma questão de parentesco ou religião. Nesse sentido, ela é tão limitada como soberana, na medida em que inventa ao mesmo tempo em que mascara. Não há, portanto, comunidades verdadeiras, pois qualquer uma é sempre imaginada e não se legitima pela oposição falsidade/autenticidade. Na verdade, o que as distingue é o estilo como são imaginadas e os recursos de que lançam mão. (...) Mais que inventadas, nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejos e projeções.³⁸⁴

A argumentação de Moog e Buarque sinaliza para uma perspectiva mais apropriada à imaginação do que a invenção da formação brasileira. O parâmetro internacional parece bem servir a este propósito, especialmente os Estados Unidos, no caso de Vianna Moog. Todavia, a possibilidade de imaginar a sociedade brasileira em conformidade com padrões reconhecidamente modernos, impunha a necessária reconstituição histórica do Brasil. Somente a compreensão do passado no presente permitiria o rompimento dos entraves da modernização. A proposição de Vianna Moog passava pela compreensão da história brasileira, o que viabilizaria as inúmeras reformas por ele defendidas: “na história há passado e presente, não causa e efeito. No passado é que se encontra o embrião do presente e se queremos inquirir porque tal país chegou a tal situação é indispensável estudar-lhe o passado.” Enquanto isso, Sérgio Buarque defende a possibilidade de até mesmo se conduzir uma revolução em prol do Brasil, conforme escreveu no capítulo VII, de *Raízes do Brasil*.³⁸⁵ Segundo Mozart Linhares, “Na (nossa Revolução), fica claro este projeto. E na superação da lógica da falta que o Brasil deve encontrar um caminho que se revela como potencializador da modernidade. Se o Brasil começa na modernidade, desviou-se dela; é necessária a busca deste tempo perdido, deste *locus* redentor”³⁸⁶.

Com o propósito de recontar a história do Brasil para pensar o futuro da nação, de imaginá-la, Moog traça o comparativo entre o “pioneiro” e o “bandeirante”. Para o autor, o pioneiro, colonizador da América do Norte, era o homem que partia para o interior com sua família, com toda a bagagem cultural e social trazida da Europa, por ele ou por seus antepassados, e com a intenção de reedificar seu lar.

Já o bandeirante foi um prolongamento do conquistador. Ele partia só com seus sócios de aventura sem a intenção de permanecer no interior e fundar uma civilização. Seu

³⁸⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Imaginar é difícil, porém necessário.” In: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 10 e 11.

³⁸⁵ Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

³⁸⁶ SILVA, Mozart Linhares. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Aquém e além da modernidade: aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Porto, v. XLIII, n. 3-4, 2003, p. 89.

objetivo era a fortuna fácil que, esperava ele, ser-lhe-ia proporcionada pelas minas de outro ou esmeralda. Assim, o pioneiro criou uma sociedade orgânica e disciplinada. A própria discriminação racial existente nos Estados Unidos tem suas raízes na natureza do fenômeno do pioneirismo. Foram sociedades inteiras com suas famílias que deram as costas ao Atlântico sem qualquer intenção de regressar: nelas, o campo para a mestiçagem era muito restrito. Os bandeirantes, ao contrário, não penetraram no interior do Brasil com suas famílias. A intenção que levavam era a obtenção pura e sempre de riqueza individual, sem que pensassem em se fixar e constituir uma sociedade organizada. Aí se encontra também a explicação de uma série de fatos da vida atual do Brasil: o gosto pelo improvisado e pelo transitório, pelo enriquecimento rápido, pelo golpe, diz Vianna Moog.

Mais do que identificar dois parâmetros sociais, a análise comparativa permite a Moog, como bom mazombo, coletar no modelo norte-americano inúmeros sinais e imaginá-los adaptados ao Brasil, na medida em que a sociedade brasileira se submetesse a um ciclo de reformas, sobretudo a reforma espiritual. Lúcia Lippi de Oliveira refere que

o autor dialoga com as questões que nos anos 50 estão começando a guiar a transformação da sociedade brasileira e considera ser preciso empreender reformas: a agrária, a econômica, a financeira, a constitucional. Mas recupera uma tradição que vem desde os anos 20: a reforma dos espíritos, a reforma ética e espiritual, sem a qual o Brasil continuará a ser uma sociedade desarticulada, permanentemente à espera de que taumaturgos ou chefes de bandeira, mais ou menos providenciais, venham solucionar problemas que, a rigor, só as comunidades espiritual, moral e organizadamente integradas sabem e podem resolver.³⁸⁷

Se por um lado, Moog e Buarque pensam o Brasil pela ótica da falta, pelo desalinhamento da modernidade, pela ausência do ascetismo e do indivíduo³⁸⁸ racionalizador moderno, por outro, Gilberto Freyre faz a leitura do Brasil sob uma perspectiva contrária, ou seja, positiva. Em seu enfoque a sociedade brasileira não está aquém da modernidade, e sim no excesso, uma vez que vive além da modernidade.

Se esse enfoque reflete certo distanciamento entre o olhar de Buarque e Freyre, uma vez que o segundo reafirma o que negara o primeiro, não significa, todavia, desaprovação ao

³⁸⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 111 e 112.

³⁸⁸ Um dos aspectos presentes na comparação de Moog evidencia a questão do indivíduo. O autor questiona o indivíduo na condição racional (Apolo), o qual lhe parece característico na sociedade dos Estados Unidos e o indivíduo em sua capacidade para “assumir o lado negro da natureza humana, o secreto, o bárbaro, o irracional e também a falsidade do homem moderno, (Dionísio). Texto presente nas “Cartas ao Itamaraty”, no texto “Humanismo e tecnologia”. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

pensamento de Moog, embora esse tenha compartilhado das ideias de Sérgio Buarque. Há momentos em que Vianna Moog se distancia do pensamento do autor de *Raízes do Brasil* e acaba por alinhar-se às observações de Freyre.³⁸⁹

Em *Casa Grande e Senzala*, Freyre apresenta uma narrativa singular, merecedora do reconhecimento mais exigente, a qual permite múltiplas interpretações, apologias e acusações. A razão disto se deve ao tratamento sociológico que o autor impõe às nuances mais específicas ou mesmo globais - próprias de uma análise que tenciona a complexidade, o mosaico que propicia a constituição da sociedade brasileira. Trata-se de uma obra marcada pela controvérsia. Freyre não teve - nem nunca deu a impressão de ter - qualquer acanhamento em parecer contraditório. Durante décadas, o pensamento desse autor - que, a rigor, nunca foi sistemático - despertou a ira de alguns setores da intelectualidade brasileira, em especial da esquerda. Desde a publicação de *Casa Grande & Senzala*, na década de 1930, Freyre foi acusado de estar identificado com certa nostalgia da escravidão.

Ainda que sob divergência da crítica, o autor galgou méritos, e uma das razões para isso foi o de ter visualizado a formação histórica e sociológica do Brasil pela vertente cultural, em detrimento da abordagem científica legitimadora das teorias raciais. Nessa obra, o autor desenvolve um exercício acerca de inúmeras dicotomias. Entre o branco e o negro que se misturavam no interior da casa-grande e alteravam as relações sociais e culturais, criando um novo modo de vida a partir do século XVI. As relações de poder, a vida doméstica e sexual, os negócios e a religiosidade forjavam, no dia-a-dia, a base da sociedade brasileira.

Freyre rompeu com a projeção teórica das décadas anteriores, cuja análise se empenhava em atribuir o desnível racial brasileiro a fatores biológicos. O branco era superior ao

³⁸⁹ Um dos primeiros pontos de aproximação entre Moog e Freyre talvez possa aparecer antes mesmo da discussão intelectual propriamente. Gilberto Freyre e Vianna Moog se deixavam tomar por certa vaidade pessoal, a qual externavam sem maiores reservas. Em entrevista, Freyre se diz profundamente vaidoso pelo sucesso pessoal, pela glória, reconhecimentos, homenagens que obteve e outras que não deixa de cobrar. Dizia que era fruto, principalmente, do seu talento, do seu “mais-que-talento.” Gilberto Felisberto diz que temos aí “outro narciso em frente do espelho, é assim que Gilberto Freyre tem sido interpretado pelos autores paulistas inteligentes. Sou bom escritor demais para acertar na objetividade histórica? Escritor profeta? Profeta escritor?” Vianna Moog, também alardeava, por vezes, um auto-elogio. Em correspondência enviada a Érico Veríssimo para anunciar ao amigo a finalização de um de seus livros, o ensaísta diz: “Que livro seu Érico! Moog é o melhor. Que truque! Está soberbo! Eu sou um gênio. Amanhã voltarei a ser uma besta, mas agora estou um gênio, não deixo a coisa por menos.” FREYRE, Gilberto. Falando de política, sexo e vida. *Revista rede Abril*. Rio de Janeiro, março 1980. Ver ainda: VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O Xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela. 2000. p. 24, e Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

negro ou mestiço por fundamentos científicos. Assim sendo, a miscigenação resultava em alguma forma de patologia ou união ilícita. Ruth Gauer diz que “os credos científicos apontavam para a preguiça do índio, a melancolia do negro e a estupidez do branco lusitano degradado e desagradado”³⁹⁰. Vianna Moog é tributário desse mesmo pensamento de Freyre, especialmente quando analisa alguns estudiosos do tema da racialidade, a exemplo de Gobineau. Segundo Moog,

portanto, nada havia que fazer senão tirar de Gobineau as inevitáveis conclusões: a responsabilidade pelo nosso atraso em relação aos Estados Unidos cabia à nossa descendência de portugueses com as duas outras raças que entraram em nossa formação: o índio e o negro. Tudo explicado, tudo perfeitamente resolvido. Como só a raça branca sabia criar progresso, a única esperança para as raças inferiores era continuar o cruzamento com os brancos superiores. Se estes perdiam os nobres atributos primitivos, em compensação aqueles lucravam, sempre que no produto predominassem as qualidades do mais nobre e dos mais fortes.³⁹¹

Além de Gobineau, Moog cita o discurso de Joaquim Murinho pronunciado no final do século XIX, cuja intenção era desestimular o governo brasileiro quanto às possibilidades industriais do país em comparação com os Estados Unidos, uma vez que o Brasil não dispunha das aptidões superiores daquela “raça”, a qual representava o papel principal no progresso industrial do norte-americano.³⁹²

Freyre e Moog parecem acertados quanto à positividade da miscigenação brasileira. O primeiro assegura que a idiotice, a incapacidade e a pele escura do negro ou mestiço se transformaram, de traços condenatórios e ridículos, em ponto central para caracterizar a identidade do miscigenado brasileiro. Disso resulta o processo em equilíbrio entre escravizados e donos de engenhos de Freyre, – “equilíbrio de antagonismos”. Na mesma linha, Moog diz: “a indiscriminação racial no Brasil não foi fisiologicamente um mal. Paradoxalmente, terá sido antes um bem e virá a ser, com o tempo, (...) o melhor acervo da cultura luso-brasileira, apesar do alto preço que por ele temos pago e ainda tenhamos de pagar”³⁹³.

O referencial representado pela territorialidade da casa-grande permite o desenvolvimento da análise conforme o autor propunha, pois o universo centrado no casarão compreendia a quase totalidade das relações que ocorriam em seu interior ou em sua volta. É

³⁹⁰ GAUER, Ruth M. Chittó. A contribuição portuguesa para a construção da sociedade brasileira. *Revista Ágora*. Santa Cruz do Sul – RS: Editora UNISC. 1999. Página 11.

³⁹¹ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 05.

³⁹² Idem, p. 06.

³⁹³ Idem, p. 29.

nela que grassa a miscibilidade entre o senhor e o negro. É no seu interior que Freyre acredita ter encontrado o embrião do “caráter nacional”. Nela se abrigava uma rotina comandada pelo senhor de engenho, cuja estabilidade patriarcal estava apoiada no açúcar e no escravo. O suor do negro ajudava a dar aos alicerces da casa-grande sua consistência quase de fortaleza. Ela servia de cofre e de cemitério. Sob seu teto viviam os filhos, o capelão e as mulheres, que fundamentariam a colonização portuguesa no Brasil.

A implantação do complexo da casa-grande surge sob a mesma orientação empenhada em viabilizar as condições aceitáveis para a colonização do Brasil. Dessa mesma maneira foram se formando todas as demais características que Freyre aponta neste ensaio.

A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor. Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolvia defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política³⁹⁴.

O valor deste projeto custou o extermínio de boa parte da população nativa e a edificação da escravidão dos negros africanos, enquanto o empreendimento do colono português se mantinha respaldado pela Igreja católica, a qual desenvolvia planos ambiciosos de evangelização da América Latina, toda ocupada por países de tradição católica. Nessa quase *cruzada* no Novo Mundo, os padres jesuítas desempenhavam um papel importante na tentativa de implantar uma sociedade estruturada com base na fé católica. Para catequizar os índios, os jesuítas decidiram vesti-los e tirá-los de seu hábitat.

Mais uma vez Vianna Moog segue o pensamento construído por Freyre e analisa a sociedade colonial brasileira pelo enfoque da formação religiosa, de modo que a Igreja reformada protestante adotada pela sociedade norte-americana aparece em contraste com a igreja católica apeada no Brasil, cujos traços remetem à Idade Média, período em que a religião era uma força viva e seus preceitos guiavam o homem em todos os passos da vida. Se o brasileiro quisesse conhecer as teorias econômicas do dia, era aos moralistas, aos teólogos, aos escritores escolásticos que se devia recorrer. Pelo mesmo princípio, qualquer alusão à propriedade, ao dinheiro, a usura, a acumulação de riqueza, indústria, comércio, empréstimos e demais

³⁹⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: Universidade de Brasília. 1963. p. 69.

práticas do capitalismo moderno eram encarados com desconfiança e descrença, diz o autor³⁹⁵.

A franca aceitação de povos de diversas origens que se endereçassem ao Brasil afiança a afirmação de Freyre. Segundo o autor, bastava ao imigrante confessar-se no credo católico e teria a permissibilidade de permanecer na colônia³⁹⁶. De certa forma, isso se constitui num dos traços marcantes do brasileiro, sobretudo no século XX, ou seja, a ínfima expressão de um determinismo racial.

Como parte do equilíbrio relacional, a formação da sociedade brasileira se caracterizou pela diversidade cultural. Havia um aproveitamento de experiências dos indígenas pelos colonizadores. Segundo Freyre, mesmo quando inimigo, o índio não provocava no branco uma reação que levasse a uma política deliberada de extermínio, como a que ocorria no México e Peru. A reação dos índios ao domínio do colonizador era quase contemplativa. O português usava o homem para o trabalho e a guerra, principalmente na conquista de novos territórios, e a mulher para a geração e formação da família, diz o autor³⁹⁷.

Moog assevera que a ausência de radicalismos na sociedade brasileira passa também pela estruturação religiosa, de modo que o catolicismo ibérico “contribuiu para uma verdadeira fraternidade e perfeita indiscriminação. Na Idade Média não havia propriamente divisor de águas entre povos latinos e teutônicos. Era uma época em que a discriminação por motivos de raça simplesmente não existia.”³⁹⁸

A questão central das análises de Gilberto Freyre e Vianna Moog residia nas relações que indicam o que somos e o que temos a oferecer ao entendimento corrente ou específico. Daí a positividade que os autores atribuem ao amálgama étnico de que resulta a sociedade brasileira.

Exemplos disto podem ser encontrados no cotidiano brasileiro sob as mais diversas formas: no esporte, na alimentação, na música, na arte, na religião, na forma de se vestir, etc. Enfim, é a cultura brasileira que se forma embebida na multiplicidade de traços culturais.

³⁹⁵ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 58 e 59.

³⁹⁶ Idem, p. 92.

³⁹⁷ Idem, p. 212.

³⁹⁸ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 65.

O equilíbrio para o sofrido trabalho do negro vinha também pela música, pelo canto e pela dança realizada pelos escravos, muitas vezes, na casa grande. Sua irreverência tornava a casa mais alegre. Freyre diz que a “risada do negro quebrava a melancolia e o silêncio infinito do senhor de engenho”³⁹⁹. Como se dialogasse com Freyre, Moog ressalta a este respeito:

Das três raças que povoaram o Novo Mundo, nenhuma conservou tanto quanto o negro o segredo do riso e da alegria interior. Sob este aspecto, o que é de admirar não é que o negro conheça profundas crises de tristezas; o espantoso é que, tendo todas as razões deste mundo e do outro para viver na mais espessa melancolia, haja podido preservar por tanto tempo a sua capacidade de rir.⁴⁰⁰

O antagonismo identificado por Gilberto Freyre é contrabalanceado por um equilíbrio que se reflete na mestiçagem. A harmonia se localiza na reciprocidade efetivada entre as culturas. Com isto, Freyre nega a rigidez racial, embora admita sua existência, como também concorda com os fatores geográficos, econômicos, meio físico e técnicas de produção como condicionantes para interpretar o desenvolvimento da sociedade, sem admitir, no entanto, peso determinante a qualquer desses fatores. Da mesma forma, Moog nega o efeito de causalidades isoladas, “onde há vida, não há unilateralidade de causas, mas concausas e passado. Daí porque nunca se compreenderão suficientemente os fatos sociais, as ações e as reações humanas, sem recorrer aos seus antecedentes históricos. No princípio era o verbo.”⁴⁰¹

Gilberto Freyre apresenta uma sociologia indecifrável, pois como diz Gilberto Vasconcellos: “Freyre fala de um senhor que defeca, um tigre que abre a boca, uma cama que range, um capelão que come um doce”⁴⁰². Não há, a partir disto, um determinismo em que ele possa ser encaixado. O que é irrecusável em *Casa Grande & Senzala* é o novo paradigma que ele propõe. E o faz, significativamente, como quem rema solitário em travessia oceânica. O paradigma do “equilíbrio de antagonismos”, por exemplo, viabiliza a formação miscigenada da sociedade. Moog não se utiliza dessa expressão, mas também não discorda de seus efeitos.

Se por um lado, Freyre e Moog se distanciam da ideia da falta de modernização no Brasil, conforme pensava Sérgio Buarque de Holanda, por outro, acabam se aproximando do

³⁹⁹ Idem, p. 370.

⁴⁰⁰ Idem, p. 82.

⁴⁰¹ Idem, p. 63.

⁴⁰² VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O Xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela. 2000. p.133

autor de “Raízes do Brasil” no instante em que reconhecem a formação brasileira encaminhada por outra via, a da errância, do improvável. A diferença no olhar dos dois autores em relação a Buarque reside no entendimento de que a errância não traz a falta, e sim o excesso, reproduzido na positividade da miscigenação, da singularidade de uma civilização fundada no amálgama de inúmeras etnias, logo, permissiva à diversidade, embora despreparada para a revolução capitalista, para a fundação do indivíduo moderno.

Um dos desejos de Buarque era de ver o Brasil inserido no caminho civilizatório moderno, como também era o desejo de Moog, quando observa o déficit de desenvolvimento brasileiro em relação aos Estados Unidos. Todavia, Moog acaba por somar-se ao pensamento de Freyre no instante em que observa a outra face da moeda, ou seja, no lugar da “falta de uma lógica racional, cartesiana de desenvolvimento”, o brasileiro adotou uma singularidade tão ou mais capacitada que aquela para fazer frente às adversidades do mundo moderno.

Assim, talvez Moog tenha avançado alguns passos à frente de Freyre, uma vez que passou a identificar inúmeros sinais positivos da sociedade brasileira, não somente na sua tessitura cultural, mas, sobretudo, nas possibilidades de modernização da sociedade em si.

Nessa direção, o autor parece seguir sua intuição de imaginar a sociedade brasileira em conformidade com metodologias políticas e culturais espelhadas com segmentos internacionais. Essa lógica de pensamento aparece na parte final do livro *Bandeirantes e Pioneiros*, cuja legitimidade remete, por certo, às diversas incursões realizadas pelo autor, sob condição de representante político do Brasil em organizações internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas, no período de 1940 a 1950. Nessas experiências, o autor visualiza, ao mesmo tempo, o baixo nível de desenvolvimento brasileiro e as possibilidades de superação desse cenário à medida que há uma disposição de aproximação do país para inovações internacionais. Outro indicativo dessa aparente guinada sociológica do autor se localiza na própria construção da obra *Bandeirantes e Pioneiros*, uma vez que o autor começou a escrevê-la nos primeiros anos da década de 1940 e a publicou em 1954. Ou seja, há um intervalo. Tempo suficiente para o autor treinar o olhar acerca de muitas questões da formação brasileira.

O autor Vianna Moog dos anos de 1950 não segue a mesma lógica de pensamento construído, por exemplo, em *Um rio imita o Reno*, cuja temática deixava clara sua indisposição com a indiferença dos teuto-brasileiros de Blumental frente aos outros segmentos sociais e culturais da sociedade brasileira. O comparativo entre as regiões culturais, presente nessa

obra, em que o sulino de Blumental atribui ao caboclo da Amazônia uma condição de inferioridade, cede espaço para outro comparativo, que confronta Brasil e Estados Unidos.

Nesse novo espelho, a sociedade do Sul do Brasil, em grande medida aquela descendente de imigrantes alemães e italianos, inclusive a de Blumental, passa por um processo de ressignificação, cujo saldo parece-lhe altamente positivo. Ali Moog reflete, de maneira mais localizada, as lições aprendidas no confronto *Bandeirantes e Pioneiros* no Brasil.

Em grande parte, na sua melhor parte, as colonizações do tipo pioneiro que vêm afluindo para o Brasil desde princípios do século XIX. De fato, desde a vinda para o Rio Grande do Sul dos primeiros imigrantes alemães, em 1824 – a qual, a bem dizer, marca o primeiro grande momento de nossa nova política migratória – nunca mais deixou de se alastrar no Brasil, do Sul ao Norte, um novo conceito de trabalho, em contraposição ao conceito bandeirante e patriarcal de que “o ócio vale mais do que o negócio”.⁴⁰³

Com isso o autor encontra um caminho viável entre o discurso da falta, de Sérgio Buarque e o discurso do excesso de Freyre, de modo que a possibilidade de imaginar a sociedade brasileira ganha novas cores, na medida em que o imigrante e seus descendentes sulinos adentram o século XX ciosos do papel que lhes cabe em duplo sentido: o que pensa a modernização brasileira em conformidade com a racionalização dos meios produtivos, do desenvolvimento econômico, político, social. Por outro, parecem conscientes de rever a formação cultural brasileira sob um prisma singular, relativizador, de aceitação da diferença. Essa nova perspectiva não afasta de todo a errância do Bandeirante, mas aproxima-se do projeto de nação pensado pelo pioneirismo de Abraão Lincoln, a quem Moog tecia incansáveis elogios.

Fato singular no processo de assimilação dialética de nosso passado: enquanto, fugindo mentalmente do Brasil, não nos aceitávamos como éramos, não tínhamos a menor significação internacional. No entanto, tão depressa começamos a aceitar a realidade brasileira, a terrível e misteriosa realidade brasileira, entramos a projetar-nos para fora com um vigor jamais atingido. À base de motivos brasileiros, temos, na música, a projeção mundial de Villalobos, na pintura a de Cândido Portinari, na arquitetura, a de Niemeyer, na sociologia, a de Gilberto Freyre, na novela, a de Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Jorge Amado.⁴⁰⁴

Em certo sentido, Moog parece atento aos ensinamentos e experiências vivenciadas no decorrer dos anos anteriores junto aos contemporâneos de geração, a exemplo de Buarque

⁴⁰³ Idem, p. 282.

⁴⁰⁴ Idem, p. 280.

e Freyre, conforme demonstra na parte final do ensaio *Bandeirantes e Pioneiros*: “Se há hoje na América uma cultura que vem acelerando a assimilação integral do passado, essa é a brasileira. O brasileiro, ao mesmo tempo em que incorporou o seu passado português, vem assinalando o seu passado indígena e africano – até os elementos hostis à sua tradição.”⁴⁰⁵

4. Razão e Liberdade em Vianna Moog

Empenhado na tarefa de compreender a formação cultural brasileira, Vianna Moog parece atualizar sua agenda de leituras num debate comum à boa parte da intelectualidade brasileira, notadamente após o advento da exaltação política e social de 1930, cuja resultante levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil. Desde então, colocou-se em relevo algumas luzes inauguradas pelo movimento cultural de São Paulo na década de 1920. Aqueles pioneiros do movimento modernista paulista, motivados pelas comemorações do centenário da independência do Brasil, advogaram uma nova independência brasileira que fosse capaz de anunciar e afirmar identidades brasileiras.

Vianna Moog segue este pensamento acerca do Brasil em suas idiossincrasias, em que o recurso filosófico transita entre a razão e a liberdade (liberdade enquanto tempo para o ócio, para a contemplação)⁴⁰⁶. A razão estaria associada a uma modernização tecnológica, ao passo que a liberdade corresponderia ao humanismo. Certa ocasião, Moog disse sentir-se “um simples dileitante, um turista. Um turista com algumas disponibilidades de entusiasmo para incursões mais demoradas nos domínios das ciências sociais, mas turista em todo o caso.”⁴⁰⁷ Dessa forma discursa o emprego da racionalidade como ferramenta compatível para a modernidade brasileira, conforme sugere Hegel: “ela [Razão] é não só um modo de pensar as coisas, mas o próprio modo de ser das coisas: o racional é real e o real é racional”.⁴⁰⁸

⁴⁰⁵ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 278 e 279.

⁴⁰⁶ Vianna Moog fala da concorrência de alguns fatores propícios e necessários para a formação de um homem de letras, escritor ou artista. Além da vocação, ele precisa obter instrução, fluência econômica, disponibilidade mental ou ócio e estímulo cultural. MOOG, Vianna. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 63.

⁴⁰⁷ Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*. Coletânea do Acervo Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁰⁸ HEGEL, G. W.F. *A razão na história*. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 45.

Em outro momento, o autor parece seguir os passos de Herder em optar pela sensibilidade e paixão, em detrimento da mecânica racional. Para Moog esse seria o caminho mais indicado para obter o equilíbrio psicológico da sociedade brasileira. Tal equilíbrio indica a tendência humanista. Ao mencionar a formação brasileira por este viés, o autor remete à singular aceitação étnica no país: “E porque assim pensamos é que hoje constituímos uma civilização original, se não absolutamente original, a primeira grande experiência efetiva realizada, no Ocidente, da coexistência fraterna, cordial e cristã de todas as raças”⁴⁰⁹.

Entre um e outro – razão e liberdade, ou tecnologia e humanismo – Moog acaba por discutir, em certo sentido, a história do Brasil, especialmente quando compara a formação brasileira internamente, e entre suas regiões, ou com a norte-americana, a exemplo do olhar acerca do atraso brasileiro em relação ao desenvolvimento dos Estados Unidos. Como pode, questiona Moog, o Brasil descoberto e ocupado cem anos antes dos americanos, apresentar um nível de desenvolvimento e modernização infinitamente inferior àquele país?⁴¹⁰ Daí o emprego de uma régua medidora entre a razão modernizadora da formação norte-americana e a tradição conservadora da colonização ibérica no Brasil.

Em face disso, a compreensão de Moog acerca de razão e liberdade, conforme referido, remete seu olhar para o espelho internacional, como se a imagem brasileira se tornasse mais clara diante da formação estrangeira, sobretudo norte-americana.

Algumas características psicossociais do povo brasileiro: de um lado a cordialidade, o desejo de comprazer, o empenho de atender; de outro lado, a marginalidade cultural. Essa está implícita no apego à Europa e denota que o brasileiro ainda gravita na órbita da cultura ocidental, à maneira de satélite; sem ter ainda adquirido a consciência de havê-la absorvido por forma a integrá-la, como a integram franceses, italianos, ingleses, alemães e mais recentemente os norte-americanos. [Além desses aspectos, há] a resistência ao trabalho orgânico e à especialização, o desejo de riqueza rápida, o individualismo exacerbado, autodidatismo, religiosidade superficial, narcisismo, falta de espírito comunal, culto das coisas concretas, cultura ornamental.⁴¹¹

⁴⁰⁹ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 46.

⁴¹⁰ Idem, p. 19.

⁴¹¹ Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*. Coletânea do Acervo Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Em grande medida, os escritos de Vianna Moog prezam em sua elaboração a citação de textos, narrativas, autores e romancistas dos séculos XVIII e XIX. Moog se diz um leitor atento aos debates e inquietudes intelectuais daqueles tempos. A filosofia e os filósofos aparecem nesta memória, pode-se notar, seja numa construção mais criteriosa acerca do pensamento filosófico propriamente, seja de maneira menos comprometida, especialmente na ocasião em que toma o conceito filosófico por meio da abordagem romanceada, histórica ou ensaística. Neste caso, trabalha numa espécie de análise filosófica de maneira indireta, como faz ao citar uma passagem de Eça de Queirós, sobre o humor: “invocamo-lo em nossas horas amargas e ele nunca nos faltou. O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma de crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição, e a instituição alue-se.”⁴¹²

De alguma maneira, o enfoque desenvolvido por Vianna Moog no decorrer de suas obras não se distancia do pensamento filosófico, o que varia, parece, é a maneira como isso é conduzido. Na produção literária e biográfica, por exemplo, o diálogo com a filosofia é menos evidente; o mesmo já não ocorre no texto ensaístico, no discurso diplomático ou nas cartas oficiais enviadas ao governo brasileiro, especialmente no período em que esteve representando o país em organismos internacionais como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e Organização das Nações Unidas, (ONU), cujas temáticas abordadas trazem como pano de fundo, invariavelmente, a conceituação filosófica.

O ensaio *Integração Psico-social do povo brasileiro*⁴¹³ serve como sinalização disso. Nesse discurso pronunciado pelo autor numa conferência dirigida a oficiais coronéis e generais do Exército Brasileiro, no início da década de 1950, parece evidente o desejo de pronunciar-se acerca da formação cultural brasileira, tema que interessava a ele e seus ouvintes. Moog inicia, então, sua empreitada ao acionar questões históricas e geográficas do Brasil, enumerando sinais do atraso do país e suas mazelas. Aparece aí a precária ocupação demográfica nas diversas regiões brasileiras, quando fala da diversidade racial e étnica, das variedades regionais, das disparidades sociais, religiosas e profissionais espalhadas pelo território brasileiro com seus efeitos incertos e perversos quanto à formação psicossocial do seu povo.

⁴¹² MOOG, Vianna. *Mensagem de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1945. p. 15.

⁴¹³ Idem, p. 94.

Na mesma linha de pensamento, Moog ressalta o papel do grupo social, seja familiar ou de agremiações institucionais, ao arregimentar ou dissolver características psicológicas da comunidade pertencente. Entretanto, o autor reconhece a necessidade de conceder a tais grupos uma condição flexível, variável, a qual se reproduz na formação psíquica do grupo, ao afirmar: “vale dizer que não há características psicossociais permanentes e inamovíveis. Ao contrário, estas características, diversamente das biológicas, serão sempre eminentemente transitórias. Assim como são adquiridas, podem desaparecer”⁴¹⁴.

A preocupação do autor em recontar inúmeros desníveis e contrastes na formação social brasileira e salientar a incidência de características findáveis ou removíveis em suas formas psicológicas, parece anunciar um de seus aprendizados filosóficos, que é o de analisar a ordenação social brasileira sob a luz das linhas mestras da modernidade ocidental, cujas discussões centralizam a atenção de muitos filósofos, por exemplo.

No diagnóstico das mazelas brasileiras, seguidas da fragilidade do grupo familiar e social, que mais lhe parece um “aglomerado humano”, o autor faz ecoar um pouco da afirmação hegeliana acerca da “ideia na história” ou “ideia no tempo”. Em Hegel essa afirmação expressa o desenvolvimento do espírito de um povo em seu saber, sua consciência do que são e fazem. Somente por meio dessa gradativa maturidade o homem pode acessar valores como a liberdade. Todavia, a maturidade de espírito corresponde ao triunfo da razão, da afirmação da individualidade ao perseguir seus objetivos racionalmente estabelecidos em nome de um Espírito Universal. Segundo Hegel, “a História Universal nada mais é do que a manifestação da razão.”

Sob esse ponto de vista, a sociedade brasileira estaria desalinhada da perspectiva filosófica sugerida por Hegel. Moog reclama as dificuldades da formação brasileira ao mencionar o déficit em níveis de desenvolvimento e de modernização do país. Para ele, o acesso do Brasil aos tempos modernos, de acordo com os parâmetros europeus e norte-americanos, teria êxito na medida em que submetesse sua formação a uma métrica racional, cuja receita passa pela construção de um novo espírito, de uma nova consciência.

⁴¹⁴ Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*” Coletânea do Acervo Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Um dos pilares da modernidade anuncia o fortalecimento do Estado moderno enquanto unidade orgânica, aglutinadora dos anseios individuais, sejam artísticos, culturais, econômicos, políticos ou morais. Pensando a esse respeito, Hegel, provavelmente inspirado em Montesquieu, compreendeu a ideia de espírito estendida ao povo, ao contrário do pensamento kantiano, cuja ideia de espírito se espelha na fundamentação do indivíduo. Para Hegel, seguindo os ensinamentos da *polis* grega, a realização individual ocorre na integração e na dissolução no todo, no espírito do seu povo, em detrimento da opção pela vida privada. Isso lembra uma passagem de Aristóteles quando diz “que o homem é, por natureza, um animal sociável; quem vive só, bastando-se a si mesmo, ou é Deus ou fera”⁴¹⁵. Moog se aproxima desse pensamento ao discursar sobre o que chamou de “marginalidade cultural do brasileiro” decorrente de inúmeros fatores, nomeadamente, a falta de espírito comunal e o individualismo exacerbado. Com esse tom, o autor toma de empréstimo uma passagem do sociólogo Alberto Torres:

Afirmava o ilustre sociólogo, ainda em 1920, que no nível geral da sociedade, e com respeito às formas superiores do espírito, o diletantismo, a superficialidade, a dialética, o floreio da linguagem, o gosto por frases ornamentais, ou conceitos consagrados pela notoriedade ou pelo único prestígio da autoridade, substitui a ambição de formar a consciência mental para dirigir a conduta. O aplauso e a aprovação, as satisfações da vaidade e do amor próprio, fazem toda a ambição dos espíritos: atingir a verdade, ser capaz de uma solução, formar a mente e o caráter para resolver e para agir, são coisas alheias a nossos estímulos.⁴¹⁶

Em alguns escritos no decorrer de sua trajetória, Vianna Moog parece seguir os ensinamentos de Hegel, especialmente quando defende a modernização, e os debates contemporâneos da Revolução Francesa, cujas motivações sugeriam mudanças no pensamento do homem e na reestruturação das relações sociais entre os ocidentais.

De alguma maneira, a conferência proferida na Academia Militar sugere a necessidade de buscar-se uma nova cultura, tributária talvez da perspectiva racional hegeliana, da “ideia na história”, de modo que a sociedade brasileira pudesse contemplar-se numa esfera espiritual renovada.

⁴¹⁵ ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. p. 05.

⁴¹⁶ Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*. Coletânea do Acervo Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

5. Liberdade enquanto contemplação: recesso da razão

Reconhecer as mazelas sociológicas presentes na realidade e ansiar por inovações, conforme sugere Vianna Moog, correspondia à agenda intelectual de muitos pensadores europeus dos séculos passados. A geração iluminista havia-se cercado de transformações, de noções de liberdade, razão, pluralidade, cujas discussões atravessaram do século XVIII ao XX, de modo que as permanências culturais do tempo medieval cediam gradativo espaço para a modernidade ocidental e seus propósitos de unificar e civilizar o homem europeu nos séculos seguintes.

Desse modo a razão, a ciência e suas aplicações organizaram a sociedade, o Estado-nação e a produção numa perspectiva de desenvolvimento, liberdade e felicidade. Isto possibilitou às pessoas elaborarem suas identidades de maneira diferente em relação ao período pré-moderno. Não somente a filosofia se mostrava ocupada com esse debate, mas a história nascente na temporalidade moderna. Ambas surgiam impregnadas pelas demandas inovadoras, sobretudo com o advento do Iluminismo e a Revolução Francesa.⁴¹⁷

Mesmo não estando inscrito no círculo de historiadores ou filósofos, Moog persegue uma pauta intelectual semelhante. O fato de assinar-se como literato não o distanciava das ciências sociais. Ao contrário, lançava mão de outros literatos europeus, mestres seus, como Émile Zola, Anatole France, Honoré Balzac, Eça de Queiroz, com o objetivo de legitimar o diálogo e a presença do romancista nos debates de cunho sociológico ou histórico. Mostra disso apareceu no discurso pronunciado em 1945, quando ingressou na Academia Brasileira de Letras. Na ocasião Moog falou de si em terceira pessoa:

Em verdade, o nosso bacharel tinha as suas prevenções, senão contra a literatura, contra os literatos. A falsa imagem de homens a viver em torres de marfim, fora da realidade, guedelhudos, punhos arrancando das mangas do casaco, a gola do sobretudo alastrada de caspas imemoriais, tornaram-no quase alérgico para o termo. Por isso amava a literatura em segredo. E, se lia como um desamparado, para desespero dos que lhe policiavam a formação e justamente se alarmavam com esta sua tendên-

⁴¹⁷ TOURAINÉ, Alan. *A crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-18.

cia para a inutilidade social, no meio a um templo burguês e puritano em que teria de desenvolver a sua atividade, fazia-o menos pela literatura em si mesma, do que com o propósito de servir-se dela como instrumento de sua carreira política. (...) Portanto, o que ele tinha a fazer não era recolher-se a torres de marfim, mas pôr-se em contanto com o mundo e com a vida, considerar os negócios públicos como um prolongamento dos seus próprios negócios, contribuir de um modo ou de outro modo em favor dos interesses comuns.⁴¹⁸

O anúncio do autor de engajamento em demandas de caráter social segue um pouco as características, por exemplo, do romancista Émile Zola. Para Zola, a construção dos personagens e a trama no romance deveriam guiar-se pelos mesmos critérios empregados na experimentação científica, de modo que a realidade pudesse descrever-se mais objetivamente. Talvez por pensar dessa forma, Zola envolveu-se, ou engajou-se, na polêmica acerca do caso Alfred Dreyfus, cuja inocência Zola defendeu de público, acusando os comandos militares de terem admitido provas falsas visando incriminar o oficial judeu por traição.

Talvez possamos dizer que Vianna Moog estava mais empenhado na abordagem de questões de ordem racional, acreditando, por certo, na possibilidade afirmativa da vontade individual e social como parte dos ideais de desenvolvimento. A ideia de liberdade, nesse caso, seria consequência de um projeto racionalizado, como bem advogaria um homem público, um político. Posição que Moog diz admirar e no qual desejava inserir-se no decorrer de sua trajetória: “porque antes e acima de tudo quero ser homem público. Presidente ou ministro, senador ou deputado, prefeito ou conselheiro municipal. Mas homem público em todo caso. (...) Demais, a vocação da vida pública é que estava de acordo com minha índole e pendores”⁴¹⁹.

Hegel e Kant trazem à luz uma interpretação racional da história, a ponto de Kant defender a ideia de que a história deveria ser escrita sob o prisma de “uma história universal geral” que abarcasse toda a humanidade. Essa ambição correspondia ao tempo iluminista, quando um surto cosmopolita ocorreu por entre a intelectualidade do Velho Mundo, fazendo com que fossem rompidos os muros medievais em que o pensamento estava até então contido. Por outro lado Herder alertava para a condição cultural do homem, de modo a reconhecê-lo em suas diversas expressões.

⁴¹⁸ MOOG, Vianna. *Mensagem de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1945. p. 11.

⁴¹⁹ Idem, p. 11.

Herder tinha o poder de revivificar a história, destacando as particularidades de cada época. Para Herder, cada povo, realizando seu centro de felicidade, promoveria um “equilíbrio”, uma harmonia que lhe asseguraria a dignidade e o respeito em relação às demais civilizações, uma posição absolutamente contrária à filosofia hegeliana que valorizaria, mais tarde, a totalidade dos pontos de vista. Em cada um destes momentos nacionais, na visão de Herder, se produziria uma perfeição que é um “perfeito para este mundo aí”, portanto, próprio e restrito de sua dimensão.⁴²⁰

A filosofia de Herder ressaltava a capacidade sensível, a imaginação, a paixão, a criatividade, em detrimento do determinismo iluminista⁴²¹.

Em certo sentido isso parece contrastar com a tendência do conhecimento de reproduzir-se numa espécie de fragmentação do saber, em detrimento da filosofia (metafísica). Franklin Baumer fala da libertação da psicologia em relação à filosofia, da fragmentação da ciência em ciências, do gradativo sectarismo no pensamento político e histórico em questões particulares, nacionais, em detrimento de questões universais⁴²².

Uma das características da escrita de Moog, conforme se observa em seu acervo pessoal, é o não pertencimento oficial do autor ao círculo das ciências sociais, nem mesmo como sociólogo. Boa parte da documentação menciona, antes, o ensaísta e o romancista, membro da Academia Brasileira de Letras. Em face disso, talvez possamos compreender a desconformidade do autor com alguns aspectos da modernidade, a mesma que advogava para o Brasil.

Em certo sentido, Moog concorda com a afirmação de Friedrich Nietzsche quando este diz que “a vontade de verdade traduz uma impotência da vontade de criar”,⁴²³ para mostrar ao público sua insatisfação com os pressupostos científicos. Para ele, antes do cientista há o artista dotado da vontade de criar, aquilo que Herder definiu como “paixão criativa”. No lugar do lento triunfo da razão abstrata sobre a sensibilidade, reagia Herder, era necessária a defesa da força da imaginação, do entendimento, do coração e da paixão. Herder foi mais lon-

⁴²⁰ *Johann Gottfried Herder Briefe*, Erster Band, «Briefe von Herder nach Moïse Mendelssohn», April 1763-April 1771, von Wilhelm Dobbek und Günter Arnold, Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1977, p. 137.

⁴²¹ HERDER, J. Gottfried. *ideias para una filosofia de la historia de la humanidad*. B.A. Losadas, 1959. p. 15.

⁴²² BAUMER, Franklin. *O pensamento Europeu moderno*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. p. 15.

⁴²³ MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p. 119. Ver também Lesley Chamberlain, ao dizer que Nietzsche “odiava tudo que dizia respeito às grandes cidades e aos jornais, ao nacionalismo e à arte moderna narcótica e mesmerizante: qualquer coisa que comprometesse a liberdade do espírito humano – e é claro, todas essas coisas que ainda hoje podem ser vistas pelas ruas e se tem vontade de julgar criticamente.” CHAMBERLAIN, Lesley. *Nietzsche em Turim*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 15.

ge e registrou seu descontentamento em relação à filosofia iluminista, criticou o etnocentrismo, a utopia progressista e a demasiada valorização dos méritos do presente⁴²⁴.

Se, por um lado, Moog aponta a necessidade de modernizar a sociedade brasileira conforme os padrões norte-americanos e europeus, (sociedades tributárias da modernidade), por outro protesta contra os efeitos negativos da cultura utilitarista e determinante de americanos e europeus, cujos reflexos os conduziriam ao mesmo “desajustamento psicológico” de sociedades apontadas como atrasadas, a exemplo do Brasil.

Assim o escritor faz eco às vozes dissonantes da modernidade progressista do final do século XIX, como era o caso do romantismo. Segundo Franklin Baumer, nessa ocasião “foram expressas fortes dúvidas, não só sobre Deus – Nietzsche e outros afirmavam agora a morte de Deus – mas também sobre a natureza como os positivistas a descreveram. Começou então a reação contra o positivismo que, em alguns momentos, se tornou uma desilusão para com a ciência em geral.”⁴²⁵

Se lembrarmos que Moog se orgulhava de remeter boa parte de sua formação intelectual aos mestres europeus do século XIX, não é demais supor que fosse contagiado pelas reações aos ideais racionalistas que se anunciavam como possibilidades inquebrantáveis ao século XX. No caso do romantismo, Baumer diz que “foi tanto uma revolução como uma contra-revolução. (...) o primeiro grande protesto contra o mundo moderno, isto é, a civilização científico-racional que começa a formar-se no século XVII. (...) Protestava em nome de uma nova modernidade”⁴²⁶. Moog externou seu desconforto ou pessimismo em relação ao encaminhamento da modernidade:

pertencemos a uma geração que assiste, desencantada, ao desmoronar de princípios e instituições que pareciam inatingíveis. Ao invés do velho edifício social, solar de séculos, que abrigou gerações e gerações mais felizes que a nossa, contemplamos hoje o espetáculo melancólico de uma grande ruína: por toda parte frontões caídos, colunas vacilantes, capitéis despedaçados. Não podemos, sob pena de perecermos sob os escombros, cruzar os braços ante a desolação do panorama. Cumpre-nos antes, acudir a tarefa da reforma, senão da reconstrução total.⁴²⁷

⁴²⁴ HELFER, Inácio. Kant, crítico de Herder. *Studia Kantiana*, SP, v. 2, n.1, p. 71-85, 2000. p. 2 e 3.

⁴²⁵ BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. p. 19.

⁴²⁶ Idem, p. 23.

⁴²⁷ Discurso de posse no Instituto da Ordem dos Advogados, proferido em 29 de junho de 1932. Acervo Vianna Moog. Pasta 5-9. Biblioteca Unisinos.

Neste caso, talvez possamos lembrar que o tempo de Moog é marcado pelo “clima político carregado das décadas de 1930 e 1940, em que as ideias embateram mais violentamente do que em qualquer outra época da história, e obviamente moveram homens e exércitos. Como se podia escrever a grande história sem fazer referência às ideias e às ideologias”⁴²⁸?

Paralelamente a isso, Moog menciona constantemente em suas leituras e publicações o movimento intelectual que se estende desde o século XIX. Na biografia que escreve de Eça de Queirós, por exemplo, o autor revisita não só a memória do escritor português, mas o contexto histórico e literário do século XIX, conforme anuncia no título do livro, “Eça de Queirós e o Século XIX”.⁴²⁹ Moog percebe as discussões latentes na época acerca da história metódica, do positivismo, do realismo literário, do romantismo, e as repercute em seus discursos.

Em 1938 Moog parece refletir os dois momentos em questão: as ideias em curso nos anos 1930 e 1940, a exemplo da expansão dos regimes totalitários na Europa, bem como os debates do século XIX.

No que diz respeito à política, era o século [XIX] do liberalismo, do individualismo e da democracia. Falar dessas coisas nos dias que correm, que lhes estão sendo tão adversos, é quase uma temeridade. Em todo caso, é preciso não perder de vista o que significou o século XIX, desde os seus albores, o trinômio – liberdade, igualdade e fraternidade – para penetrar e compreender, na totalidade do seu conteúdo, na enormidade de sua significação, o seu sentido criador, numa época cheia de prejuízos de castas e de diferenças sociais.⁴³⁰

O argumento de Moog se constrói num espaço entre o discurso do filósofo, do homem de ciência e do romancista, ou seja, do personagem de múltiplos interesses. A liberdade para Moog ensaísta reside um pouco nisso, na possibilidade de compreender a formação do brasileiro pela narrativa literária, na poética: “se aprende muito mais sobre a caracterologia dos povos com os poetas do que com os relatores. (...) Gonçalves Dias nos desvenda todo o mistério de nosso surgimento, como povo, e quase que nos indica o momento exato em que

⁴²⁸ Idem, p. 19.

⁴²⁹ Ver MOOG, Vianna. *Eça de Queirós e o século XIX*. Porto Alegre: IEL, 2006.

⁴³⁰ Idem, p. 59.

aparece uma entidade nova para a história: o brasileiro”.⁴³¹ Num outro momento, ocasião em que construía a biografia de Abraão Lincoln, o autor ressaltou as inúmeras etapas pelas quais o homem munido de inteligência e talento para as artes, política e administração moderna, precisaria submeter-se. Ao analisar tais etapas, Moog prega uma aproximação indissolúvel entre o tempo da razão e o tempo da liberdade - do ócio.

Mostrando-se coerente com o sentido comparativo entre o moderno e racionalizado desenvolvimento norte-americano e a errância do bandeirante brasileiro, Vianna Moog encaminha a análise do simbolismo de Abraão Lincoln. Para o autor não haveria melhor terreno para a construção racionalizada, conforme desejam os homens modernos, que aquele associado com o tempo da disponibilidade mental, da liberdade ociosa, de modo que assimilam informações e aprendizados, e devolvem conhecimentos de maneira criadora, cujo exemplo concreto se afigura em Lincoln, diz Vianna Moog.

De alguma forma, tanto no comparativo que estabelece entre Brasil e Estados Unidos, quanto na relevância que concede à razão e à liberdade, Moog se revela um autor mais afeito ao plural, em detrimento de uma postura unilateral, seja a favor da razão, seja no domínio de um sentido contemplativo, humanista, ocioso, ibérico. Nenhum sem o outro, é como se dissesse: razão não avança sem espaço de liberdade ociosa, da mesma forma o tempo do ócio não tem sentido se não vir precedido da racionalidade, da economia, da instrução. Tanto maior a proximidade, maior a cultura. Um bom exemplo era o do Brasil que, a seu ver, começava alinhar sua formação e desenvolvimento sob possibilidades mais promissoras a partir do século XX, purgando quatro séculos no “desajustamento psicológico” causada pelo colonialismo e escravismo. O entrosamento da razão com a liberdade ociosa também demanda tempo, diz Moog:

como a formação das estalactites, a cultura é o resultado de infiltrações lentas, de assimilações seguras adstritas a prefixações do tempo. Neste terreno não se admite excesso de velocidade. No mundo mecânico, ao tempo de Lincoln, foi possível construir estradas de ferro e reduzir assombrosamente o tempo das viagens. Para conduzir o seu exército de Paris a Moscou, Napoleão levou três meses. Lincoln podia transportar os deles de Boston a Richmond em três ou quatro dias. No mundo do espírito, entretanto, estas reduções até agora não tem sido viáveis. Aqui ninguém quebra a barreira do som.⁴³²

⁴³¹ Crônica do jornal *Diários associados*. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

⁴³² MOOG, Vianna. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 63.

Tal possibilidade de aproximação evolutiva entre razão e ócio, o que lembra, em certo sentido, a ideia de “complexidade”⁴³³ de Edgar Morin, e que Moog utiliza na análise comparativa do Brasil com os Estados Unidos, está refletida na simbologia dos personagens Abraão Lincoln e Aleijadinho, considerados entre os mais representativos simbólicos dos Estados Unidos e do Brasil, respectivamente. Tanto um quanto o outro não se apresentam incorporando um discurso de Kant ou de Herder, de razão ou ócio, mas ambos. São homens dotados de talento criativo, seja para a política ou para a arte, e seguidores de uma permanente disponibilidade mental para a ociosidade. Segundo Moog,

em Lincoln e mais ninguém é que a civilização americana há de procurar inspiração para a retificação das linhas mestras de sua cultura, se quiser sair revigorada da crise do nosso tempo. Ele é que detém o segredo das coisas que a ela lhe faltam. E a civilização brasileira? Esta tem o aleijadinho. Falta-nos suficiente amor ao trabalho? Ele o tem de sobra. Falta-nos espírito associativo e a capacidade de trabalho em conjunto? Ele os tem para dar e vender, a ponto de fazer dos seus escravos os seus colaboradores e discípulos. Não trabalhamos por causa do clima ou por causa do fígado? O Aleijadinho realizou a sua obra perdendo os pedaços de si mesmo, gemendo de dores.⁴³⁴

Charles Taylor ressalta, nesse sentido, a concepção expressionista, que “rompeu radicalmente com os princípios do Iluminismo, com sua noção da relação do homem com a natureza. O homem não é composto de corpo e mente, mas é uma unidade expressiva que engloba ambos.”⁴³⁵

Falar em razão e liberdade em Vianna Moog significa observá-lo num movimento entre a construção utilitária hegeliana e um espírito sensível de Herder. Ou seja, numa formação racional que vê a possibilidade de ajustamento do homem em si e com a sociedade em que esteja inserido. Por meio disso se compreenderia o desejo modernizador pelo qual um país como Brasil deveria submeter-se de modo a viabilizar um sentido de integração seguido de uma expressão de nova nacionalidade brasileira.⁴³⁶

⁴³³ Morin cita uma passagem de Pascal Bruckner em que este elabora uma definição de complexidade: “todas as coisas sendo ajudadas e ajudantes, causadas e causantes e tudo estando ligado por um laço natural e insensível; considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo assim como considero impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes. MORIN, Edgar. *Complexidade e liberdade*. In: MORIN, Edgar. PRIGOGINE, Ilya. (org). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 245.

⁴³⁴ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 333.

⁴³⁵ TAYLOR, Charles. *Hegel e a sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Loyola. 1977. p. 13.

⁴³⁶ Uma das preocupações presentes nos textos e relatórios de Moog se refere ao Estado Nacional Ocidental e seus sinais de crise. O autor lembra a “impotência do pensamento racional”, seguido da relevância do ócio e da contemplação como valores essenciais do homem e da sociedade. “Pertencemos a uma geração que assiste, desencantada, ao desmoronar de princípios e instituições que pareciam inatingíveis. Ao invés do velho edifício social, solar de séculos, que abrigou gerações e gerações mais felizes que a nossa, contemplamos hoje o

Por outro lado, o autor não perde de vista outros elementos paralelos à racionalidade (faculdades de razão e sensibilidade, ou corpo e alma, ou razão e sensação), cuja negação re-meteria o homem a uma espécie de “apenas caricatura da autocompreensão humana, mas uma das mais deploráveis formas de autodistorção.” A este respeito, o autor menciona as consequências resultantes da Segunda Guerra Mundial e herdadas pelo homem ocidental.⁴³⁷

No próximo capítulo, tentaremos observar o aparente declínio do prestígio intelectual de Vianna Moog. Algumas ideias, a priori, parecem sinalizar para a ascensão da produção intelectual acadêmica, universitária, em detrimento do conhecimento construído e discutido por meio do estilo ensaístico, do qual Moog era um dos tantos tributários. O texto de orientação universitária quebra com o paradigma da análise complexa, sua opção aponta para a gradativa especialização e fragmentação do conhecimento, sistema frontalmente oposto ao pensamento de Vianna Moog.

espetáculo melancólico de uma grande ruína: por toda parte frontões caídos, colunas vacilantes, capitéis despedaçados”. MOOG, Vianna. *Obras de Vianna Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. p. 64.

⁴³⁷ Idem, p. 12.

Capítulo – 4

O DECLÍNIO DO PRESTÍGIO INTELECTUAL DE VIANNA MOOG

Nenhum rio é por si mesmo grande e abundante; é o fato de receber e levar adiante muitos afluentes que o torna assim. O mesmo sucede com todas as grandezas do espírito. Interessa apenas que um homem dê a direção que os muitos afluentes devem seguir; e não que ele inicialmente seja pobre ou rico em dons.

(F. Nietzsche)

O objetivo central da discussão nesse capítulo busca compreender o declínio do prestígio de intelectual de Vianna Moog, como se observa no recuo de suas participações, produção e circulação no cenário intelectual, político e cultural no período pós-1960.

Talvez a pergunta central que nos possa colocar este objetivo remeta à natureza desse movimento de retração: teria sido ele proposital e decorrente de inúmeras razões, (avanço da idade, mudanças de perspectivas profissionais e pessoais, desencanto diante de dificuldades variadas), ou lhe foi imposto? Nesse caso, Moog teria sucumbido a inovações e mudanças no

panorama político, nas possibilidades de inserção cultural ou mesmo no círculo das letras naquele período?

A menor presença de Moog no círculo das letras é visível, sobretudo, na virada do século XX para o XXI, no período marcado pelas comemorações dos 500 anos do Brasil. Nessa época estimulou-se a publicação de inúmeras obras a esse respeito, sem que seu nome aparecesse. Sua ausência nessas obras⁴³⁸ chama mais a atenção na medida em que a grande maioria dos textos publicados resultou de pesquisas realizadas sobre “intérpretes do Brasil e ensaios da primeira metade do século anterior”. Nomes mais conhecidos e grifados (como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha) se somaram a outros tantos nesses trabalhos, o que acentua a exceção feita ao trabalho de Vianna Moog.

Lúcia Lippi de Oliveira⁴³⁹ é uma das poucas autoras contemporâneas a destacar a importância da obra de Vianna Moog, especialmente no livro *Bandeirantes e Pioneiros*. Para ela, causa estranheza o não aparecimento de Moog entre os intérpretes revisitados pelas ciências sociais, haja vista a repercussão causada por *Bandeirantes e Pioneiros* na época em que foi lançado. Lippi (2000) considera, inclusive, que essa obra está mais em consonância com os debates da virada do século XX do que com aqueles do momento em que foi lançada, uma vez que a década de 1950 acompanhava a ascensão das análises ancoradas no materialismo, o que contribuiu para ofuscar perspectivas de análise cultural.

Mesmo que as ciências sociais ainda não tenham valorizado adequadamente o trabalho de Vianna Moog, podemos observar que o próprio autor confiava na atenção que mereceria de pesquisadores no futuro. Como dissemos em outro momento, isso aparece no cuidado que ele emprestou ao arquivamento e memória de seus escritos. Questionada a respeito, sua filha Ana Maria afirmou que

o tempo fará com que aqueles que tem mérito verdadeiro venham a ser reconhecidos e resgatados. Um belo dia, alguém redescobre a obra de um escritor esquecido, e ele volta a ser lido. Quando meu pai trazia do México pilhas de volumes de trabalhos feitos pelo Comitê de Ação Cultural, trabalhos sobre a cultura e educação das populações nativas da América, sobre a necessidade da divulgação e reconhecimento recíproco das línguas faladas, das literaturas, das filosofias nacionais, eu lhe pergunta-

⁴³⁸ Ver nota 05.

⁴³⁹ Ver em OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte, UFMG, 2000.

va se não era frustrante ver tudo aquilo ser destinado aos órgãos de governo, onde ficariam, no mais das vezes, juntando poeira em alguma repartição, sem serem lidos por muita gente. Ao que ele retrucava que o trabalho intelectual era assim mesmo, levava muitos anos para frutificar. —“Não se pode esperar sempre fazer um ‘bestseller’. Caso contrário, muita coisa que precisa ser feita deixaria de o ser. A questão é ter paciência e acreditar que um dia, talvez as gerações futuras, quando precisarem, irão encontrar o que estiverem procurando e poderão servir-se desses trabalhos.” Creio que com algumas obras, acontece o mesmo.⁴⁴⁰

1. posicionamento intelectual de Vianna Moog em relação a Geração Universitária

Os anos em que Moog lançou sua principal obra, *Bandeirantes e Pioneiros*, coincidem com o surgimento e crescimento de cursos universitários e de uma nova geração de intelectuais no Brasil. Maria Arruda⁴⁴¹ fala do papel fundamental desempenhado pela Universidade de São Paulo nessa questão. Segunda a autora, a USP havia implantado um modelo de pesquisa sob a orientação e participação de professores norte-americanos na Escola Livre de sociologia e Política. Criada em 1933 pelo empresário Roberto Simonsen, essa escola mantinha a tradição brasileira de envolvimento dos intelectuais no debate público, nomeadamente em assuntos do Estado. Edgar de Decca fala da implantação do curso de História na Unicamp, paralelamente ao da USP. Segundo ele: “Nosso questionamento vinha de diversas direções e o nosso grupo pôde contar com o que havia de mais inovador no campo da História Social. Para a Unicamp, vieram os professores americanos Michael Hall e Peter Eisemberg.”⁴⁴²

Ângela de Castro Gomes e José Murilo de Carvalho⁴⁴³ ponderam sobre o avanço da formação em nível de graduação e pós-graduação em universidades como a Federal do Rio de Janeiro, a Federal Fluminense e a Universidade Federal de Minas Gerais. Carvalho ressalta ainda a preocupação dessa geração de intelectuais universitários em renovar as investigações sociológicas e políticas no Brasil no início da década de 1960. Um grupo formado por Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Pedro Malan, Boris Fausto, Fábio Wanderley Reis, dentre outros, representando inúmeras universidades, instalou-se com o fim de dialogar as possibilidades políticas e econômicas do Brasil. Ainda sobre a formação de historiadores, especialmente em nível de pós-graduação, Ângela de Castro Gomes destaca a

⁴⁴⁰ Entrevista concedida por Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog. Sessão entrevistas do acervo do autor. Biblioteca Unisinos.

⁴⁴¹ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso com a vida.” In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 310-324. p. 312.

⁴⁴² MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 270.

⁴⁴³ Idem, p. 168.

excelência do departamento de história da Federal Fluminense: “O PPGH da UFF é um dos melhores cursos de pós-graduação do país”⁴⁴⁴. Com o mesmo tom, Maria Yedda Leite Linhares ressalta:

a grande revolução que houve no Brasil residiu, creio, na montagem de um sistema de pós-graduação; a partir do momento em que a universidade brasileira passou a encarar a possibilidade de formar historiadores e de formar bons professores, em outras palavras, de gerar conhecimento, de fazer ciência de todos os campos do conhecimento, a coisa começou a melhorar. Mas enquanto a pesquisa era baseada em modelos já feitos, no caso da História, em descrições já conhecidas, em repetições de dados de informação, ela não avançou e o conhecimento historiográfico não se desenvolveu.⁴⁴⁵

Florestan Fernandes foi um dos primeiros intelectuais a figurar como cientista social naquele meio assegurado ao profissional docente universitário. Maria Arruda analisa a participação do sociólogo de maneira positiva sob o ponto de vista da metodologia desejada pela produção universitária. Segundo a autora,

o mestre paulista notabilizou-se pela atuação inovadora e pelas propostas avançadas no entendimento das formas de atuação pública dos cientistas sociais. Intelectual multifacetado, defensor do caráter social do conhecimento baseado na responsabilidade do cientista, homem público de ilibada biografia, Florestan transformou-se no principal artífice da moderna sociologia brasileira, traduzida na estilização do modelo de intelectual rigoroso, capaz de dominar os seus meios expressivos, detentor de um saber comprometido com a agenda coletiva, mas de recusa a orientações estritamente políticas. Em *Ensaio de sociologia geral e aplicada*, de 1960, o sociólogo admite a utilização de medidas intervenientes na correção de situações coletivas, sem, no entanto, reduzir o pensamento em plano imediato da ação. Comungava, portanto, das ideias de Karl Mannheim, sociólogo influente nos meios cultos do Brasil, dada a centralidade que conferiu aos intelectuais na formulação de instrumentos de planejamento. Não foi por casualidade que as ciências sociais brasileiras privilegiaram o tema da mudança social e do desenvolvimento nacional.⁴⁴⁶

Nesse novo cenário intelectual que se constituía, outros nomes marcariam presença como professores universitários. Além de Florestan Fernandes, encontramos aí Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Roberto Schwartz, Oracy Nogueira, dentre outros. Engrossando a lista, havia alguns intérpretes do Brasil da geração anterior, casos de Caio Prado Junior e Sérgio Buarque de Holanda, ambos inclusos na docência da USP.

⁴⁴⁴ Idem, p. 302.

⁴⁴⁵ Idem, p. 39.

⁴⁴⁶ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso com a vida.” In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 310-324. p. 313.

Outros ensaístas optaram por não participarem desse grupo, casos de Gilberto Freyre e Vianna Moog. Tanto um quanto o outro nunca aceitaram uma postura intelectual especializada. Moog fala da interpretação histórica e sociológica da sociedade sob um enfoque múltiplo, de modo a contemplar referenciais culturais, econômicos, sociais, religiosos e simbólicos, evitando assim uma abordagem determinista.⁴⁴⁷ No mesmo viés, Freyre “jamais aceitou ser classificado como um especialista das ciências sociais, antropólogo, sociólogo ou historiador, e sempre se apresentou como escritor ou ensaísta. O que não limitou, no interior das ciências sociais, a repercussão e o alcance da sua obra, que são enormes.”⁴⁴⁸

Enquanto a corrente intelectual vinculada à esfera acadêmica se mostrava em ascensão, a geração anterior marcadamente ensaísta, com algumas exceções, perdia prestígio na esfera das letras e na produção de conhecimento. Numa clara sinalização de disputa de espaços entre uma área e outra, Emilia Viotti da Costa diz que ao assumir os estudos de História Moderna e Contemporânea da USP, voltou seu planejamento para a historiografia brasileira, visando implantar cursos de “iniciação à pesquisa que tivesse uma orientação prática. Achava que a historiografia brasileira se ressentia do excessivo ensaísmo”⁴⁴⁹.

Moog se ressentia dessa disputa e acusa a perda de espaço. Em carta enviada a Evaristo de Moraes Filho, o autor exclamou: “pertencemos, como pertencemos, a uma geração banida e atribulada, provavelmente a mais atribulada de todas as gerações – geração entre duas guerras vem tateando na penumbra do ostracismo, atordoada, inquieta, proscrita.”⁴⁵⁰

A abertura de espaços no meio universitário à nova geração de intelectuais, ocorrida na segunda metade do século XX, e o conseqüente esvaziamento da geração ensaísta, conforme a exclamação de Vianna Moog, parecem contribuir, na sequência dos anos, para o estreitamento do diálogo intelectual dele com outra vertente, a do meio político; nesse caso, políticos pertencentes, em grande medida, ao regime militar.

⁴⁴⁷ Segundo o ensaísta: “Onde há vida – convém repeti-lo – não há unilateralidade de causas, mas concausas e passado. Daí porque nunca se compreenderão suficientemente os fatos sociais, as ações e as reações humanas, sem recorrer aos seus antecedentes históricos, como o faziam, aliás, os pensadores da Idade Média que, para explicar qualquer fato, remontavam sempre aos primeiros dias da criação.” MOOG, Vianna. *Bandeiras e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 63.

⁴⁴⁸ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 51.

⁴⁴⁹ MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 72.

⁴⁵⁰ Carta enviada a Evaristo de Moraes Filho, em 04 de fevereiro de 1986. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.

Em entrevista concedida ao Jornal *Correio do Povo*, na ocasião em que completava 70 anos de idade, em 1976, Moog falou de inúmeros temas relativos ao cenário político, cultural e social do Brasil e de outros países. Entretanto, não teceu qualquer manifestação contrária ou condenatória aos governos ditatoriais instalados no Brasil e em outros países da América Latina. Ao contrário, ao falar sobre literatura brasileira, na mesma entrevista, o ensaísta o faz relacionando-a a uma perspectiva positiva do Brasil.

Sofre um processo de transformação. Como tudo, aliás, mas nunca este processo foi tão intenso como agora. Se antes ela constituía um ‘arquipélago cultural’, hoje este arquipélago conta com um maior número de ilhas. E à medida que se formam mais ilhas, vai se estabelecendo maior unidade, ainda que dito assim possa parecer um paradoxo. Isto acontece devido, sobretudo ao desenvolvimento tecnológico do país. A tecnologia está unificando o país. Você vê em toda a parte os mesmo programas de televisão, de rádio. As agências noticiosas são as mesmas, as notícias, de um pólo ao outro do país, são as mesmas – e conseqüentemente de tudo – a própria maneira de falar de todo país está ficando a mesma. Depois que a capital foi para Brasília, estabelecendo uma gravitação central, o processo acelerou-se de tal forma que não sei por quanto tempo poderemos continuar falando em nosso país como um arquipélago cultural, a tendência é para nos tornarmos um ‘continente cultural’.⁴⁵¹

No mesmo sentido há inúmeras correspondências revelando a interlocução dele com homens vinculados aos governos militares, no pós-64. Exemplo disso aparece numa carta que lhe é enviada por Octavio Gouveia de Bulhões, ministro da fazenda no governo de Castelo Branco:

acho ser indeclinável dever das autoridades dar atenção aos que ajudam a estruturar o progresso econômico-social, na contribuição do desenvolvimento da cultura do país. Mas, no seu caso, não atenderia apenas ao pedido de quem merece pedir. Iria reparar uma injustiça. Todos os procuradores da Fazenda louvam a atuação de seu filho e lamentam a falha de sua integração no quadro da procuradoria. Não venci as picuinhas daspianas, nem consegui as modificações legais, prova de uma deficiência de minha parte. Entretanto, em vez de censura, recebo sua generosa oferta. Com a coleção de seus livros, tratarei de reforçar meus conhecimentos, prosseguindo meus trabalhos com maior ânimo e confiança, mas sempre pesaroso por não ter podido servi-lo.⁴⁵²

Em algumas cartas encontramos debates acerca de questões intelectuais. Numa dessas cartas, o ministro Cordeiro de Farias escreve a Vianna Moog com o propósito de salientar as características que julga virtuosas no autor: “Quem, no Brasil, não conhece Vianna Moog? O

⁴⁵¹ Entrevista com Vianna Moog. Jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, 30 out. 1976. Coletâneas de publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁵² Carta enviada pelo ministro da economia do Brasil, Octávio Gouveia de Bulhões, 16 mar. 1967. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

escritor, o sociólogo, o historiador? Mas, o publicista, o político, o homem público, do debate lúcido, no campo internacional, este, creio que pouca gente conhece.”⁴⁵³

Em linhas gerais, temos nestas missivas trocas de afagos e solicitações de favores. É o que faz Moog ao solicitar a possibilidade de algum político ou embaixador brasileiro divulgar ou apadrinhar publicações traduzidas de suas obras em diferentes países, no diálogo mantido com o embaixador do Brasil na Alemanha, em 1965. Em resposta a Moog, o embaixador Egberto Mafra disse,

Assim, porém, que o Meyer-Clason [tradutor para o alemão de textos em português] regresse à Alemanha, em princípio de dezembro, farei a entrega do material, [livro *Bandeirantes e Pioneiros*]. Não creio que já nos possa dar alguma notícia a respeito de *Tóia*, que lhe havia mandado, por intermédio de minha secretaria, quando parti para a Espanha, juntamente com a edição francesa dos *Pioneiros e Bandeirantes*.⁴⁵⁴

Uma característica que se pode observar nas coletâneas de correspondências no período da ditadura militar é a ausência de debates ou atribuição de juízos de valor acerca de questões políticas. Cabe lembrar que Moog se mantinha em cargos de representação política do Brasil em organismos internacionais nesse período.

Observamos aqui algumas diferenças em relação ao período anterior, especialmente aqueles anos compreendidos entre 1930-1950, em que o ensaísta gaúcho construía longos relatos e os enviava ao ministro das relações exteriores do Brasil, ou a colegas escritores, conforme abordamos em capítulos anteriores. Naqueles diálogos, os temas passavam por questões pessoais, debates políticos e intelectuais. A partir da década de 1960, essa manifestação assume outra roupagem.

Ao exclamar seu pertencimento a uma geração banida, atormentada, é possível pensar no distanciamento de Moog não somente do círculo de ensaístas contemporâneos seus na geração passada, mas de uma espécie de isolamento em relação aos intelectuais universitários, de modo que o debate possível se restringe aos homens do próprio governo, e membros da Academia Brasileira de Letras, colegas seus. Em relação ao meio universitário, é notória a ausência de discussão acerca de trabalhos de Vianna Moog. Tomamos por amostragem, por

⁴⁵³ Carta enviada pelo ministro Cordeiro de Farias a Vianna Moog, 6 set. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁵⁴ Carta enviada pelo embaixador do Brasil na Alemanha, 22 out. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

exemplo, a obra *Conversas com historiadores brasileiros*⁴⁵⁵ em que dialogam os principais historiadores daquele mesmo período. Boa parte dos nomes compilados nesse trabalho fala do distanciamento que se instalava entre a geração de intelectuais docentes e os intelectuais ensaístas, especialmente os ensaístas que, se não manifestavam público apoio ao regime militar, também não se apresentavam como seus críticos”.

Salvo melhor observação, o nome de Moog, bem como suas obras, não são citadas em momento algum na abordagem desses historiadores. Os nomes referenciais na geração de 1930 entre a grande maioria dos historiadores entrevistados no referido livro giram em torno de autores como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior.

O silêncio intelectual de Vianna Moog a partir dessa época parece irrefutável. Além da questão envolvendo a nova realidade intelectual, cujo centro se deslocara para as bancadas universitárias, acompanhada de uma produção com enfoque especializado, sistema por ele amplamente contestado, outros elementos, possivelmente, contribuem nessa nova orientação assumida pelo autor.

A limitação de liberdade e expressão condicionadas pela mesma ditadura se reflete num diálogo contido na esfera política. Os debates comuns que mantinha com João Neves da Fontoura, nas décadas passadas, por exemplo, não existem nesse período. Mesmo ostentando uma condição de representação política do governo, por certo, Moog evitava polemizar em temas que poderiam depor contra seus interesses. Nesse sentido, fica a impressão de que o exílio vivenciado no período de 1932-1934, na Amazônia, por conta de sua declarada oposição ao governo de Getúlio Vargas, serviu-lhe de ensinamento de quanto pode custar o confronto político com o sistema ou com políticos autoritários. A conciliação, nesse caso, pode não certificar um acordo ideológico, mas se traduz em benesses pessoais. Desde que reatou relações com Getúlio Vargas, no Estado Novo, Moog ascendeu em atividades de representação, de modo que o intelectual serve ao governo, ao Estado.

⁴⁵⁵ “Conversas com historiadores brasileiros,” entrevistou quinze destes profissionais: Maria Yeda Linhares, Edgar Carone, Emília Viotti da Costa, Boris Fausto, Fernando Novais, Evaldo Cabral de Mello, José Murilo de Carvalho, Maria Odila da Silva Dias, Ciro Flamarion Cardoso, Luiz Felipe de Alencastro, Edgard De Decca, João José Reis, Nicolau Sevcenko, Laura de Mello e Souza. MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.

No período de 1964-1985, isso parece marcante, na medida em que ele silencia quanto ao caráter autoritário e repressor do regime. Mais do que isso, Moog chega ser visto como um possível integrante direto do governo militar, conforme revela seu advogado por meio de cartas que envia a Moog durante o período de sua permanência nos Estados Unidos. Num trecho da carta, Anor Butler Maciel diz: “Moog, (...) fiz uma biografia tua para ser lida pelo Artur Costa e Silva, mostrando que és a pessoa mais indicada para ser convidada para Ministro da Fazenda. Um afetuoso abraço. Brasília, 8. 8. 68. Anor.⁴⁵⁶” Em outro momento, Anor escreve novamente para Vianna Moog e ratifica sua intenção: “Tenho procurado convencê-lo de que deves ser o próximo ministro da fazenda e dei uma biografia tua propriamente para ele, o Artur... Ontem estive com este, que me apresentou ao presidente do Chile, que estava sendo recepcionado.”⁴⁵⁷

Se não chegou a ocupar o cargo de ministro da fazenda, por outro lado, fez da representação política uma ocupação praticamente profissional, uma ponte do Estado Novo à ditadura militar. Em correspondência enviada a Érico Veríssimo, o autor se revela pouco atento à produção intelectual, ao contrário do que fazia nas décadas anteriores,

Em matéria de atividade intelectual, continuo empacado e dando coice na cola. Mas agora, a coisa se complicou. É que com esta minha mania de aquiescer, em princípio, com tudo quanto me pedem, prometi duas conferências: uma em agosto na Escola Superior de Guerra, sobre ‘cultura brasileira’; a outra em setembro, em Brasília, para o Encontro de Escritores, sobre o ‘movimento modernista’. E agora, seu moço? Cadê cabeça lúcida para acertar com o rumo? Falar em cultura nestes tempos de Mac Luhan e contracultura vai ser dureza. Enfim, vamos ver se me baixa o santo e entro novamente em pleno estado de genialidade, com tonteira ou sem tonteira.⁴⁵⁸

Segundo o autor, falar em cultura naqueles tempos era temerário. A afirmação evoca, por certo, o inevitável risco a que o intelectual estava sujeito de sofrer penalidades do próprio sistema, como, aliás, não era difícil de acontecer com boa parte dos docentes universitários, opositores do regime e/ou simpatizantes dos discursos de esquerda. Em face disso – da limitação da liberdade e da expressão intelectual – Moog efetiva uma troca: declina do embate de

⁴⁵⁶ Anor Butler Maciel tinha sido Procurador-Geral, assumiu a presidência da Junta Comercial do Rio Grande do Sul. Foi, ainda, Chefe de Gabinete do Ministério da Justiça no Governo Eurico Gaspar Dutra. Na ocasião em que escreve tais cartas a Moog, dizia que “estava aposentado e tocando para a frente meu escritório de advocacia.” Carta enviada a Vianna Moog, 8 ago. 1968. Coletânea de correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁵⁷ Carta enviada a Vianna Moog, 6 set. 1968. Coletânea de correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁵⁸ Carta enviada a Érico Veríssimo, 19 ago. 1972. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

cunho intelectual junto a autores, escritores e docentes universitários, em benefício da manutenção de seu nome numa linha hierárquica do governo, cuja excelência satisfazia a ambos, ao governo devidamente representado em suas demandas internacionais, e a Vianna Moog em seu desejo de manter vantagens e benefícios garantidos a ocupantes de tais postos.

Afora essa questão de caráter mais utilitária, a análise acerca do distanciamento entre o ensaio de Vianna Moog e a geração intelectual universitária revela a pertinência de outros elementos, como a gradativa fragmentação no objetivo de análise pelas ciências humanas, cujas consequências se refletem, inclusive, na perda de espaços na “velha história política que não dava espaços ao povo e contra a historiografia, inclusive de parte dos autores dos *Annales*, que privilegiava as dimensões econômicas, demográficas e sociais em detrimento da cultura.”⁴⁵⁹ Nesse mesmo caminho, Emilia Viotti da Costa salienta a efervescência intelectual daquelas décadas que, embora fossem marcadas pela violência e repressão, mantinham o sentimento de reconstruir novas janelas de estudos, cursos e pesquisas sobre o Brasil e América Latina:

Mais tarde, dei-me conta de que vivera no Brasil um período histórico muito especial, quando parece que se abre um leque de possibilidades novas, o futuro é uma promessa de realizações, o presente um esforço constante de crítica e de busca de soluções. Nesses momentos, o trabalho acadêmico ganha novo significado. Ao invés de se fechar numa torre de marfim, o intelectual, o cientista ou o artista voltam seus olhos para a sociedade e se colocam a serviço do povo, em busca de soluções para os problemas sociais, econômicos e políticos que assolam o país. Essa preocupação estava presente nos trabalhos de muitas pessoas da minha geração. Dava sentido e alegria as nossas vidas. Nunca mais vivi um período igual.⁴⁶⁰

Algumas declarações de Vianna Moog remetem para certo descompasso em sua lente de análise histórica e sociológica do Brasil, se comparada com a perspectiva vivenciada pela geração universitária. Além de exclamar o pertencimento a uma “geração banida, atribulada”, fala da dificuldade em discorrer sobre cultura e contracultura. Somado a isso, declara numa entrevista jornalística da mesma época que seu tempo está ficando para trás. Como que anunciando certo sentimento de resignação frente à realidade, Moog responde ao questionamento

⁴⁵⁹ Entrevista com José Murilo de Carvalho. MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 177.

⁴⁶⁰ Entrevista com Emília Viotti da Costa. MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 77.

se gostaria de voltar a escrever crônicas de jornal: “Não. Quando a gente chega aos setenta anos o futuro é agora. Não tenho tempo”⁴⁶¹.

Resignação, nesse caso, poderia não se limitar à contingência natural do avanço da idade, mas poderia sinalizar para a crescente dificuldade, indisposição, comodismo ou desinteresse em acompanhar intelectualmente o cenário cultural, social, político, seja no Brasil ou no meio internacional, em condição de posicionar ideias e juízo de valor. O contexto era marcado por circunstâncias distintas das que ele viveu no período 1930-1950, quando sua atuação intelectual rendeu-lhe benefícios e projeção entre contemporâneos. Segundo Leandro Konder,

em entrevista à revista Praga (ano 1, nº 1, 1996), Antônio Cândido observou que a geração de intelectuais brasileiros a que ele mesmo pertence foi a primeira que, a partir dos anos 30, passou a ser desafiada a fazer escolhas no âmbito de correntes filosóficas-políticas que tinham repercussão mundial, em decorrência da experiência do comunismo na Rússia, do fascismo na Itália, do nazismo na Alemanha e do agravamento dos problemas que se manifestavam nos países que se consideravam expressões da democracia liberal.⁴⁶²

Entretanto, a interpretação do Brasil pela via do ensaio continuaria, mesmo com menor prestígio, com intelectuais a exemplo de Raymundo Faoro, Guerreiro Ramos, Gilberto Freyre, além do próprio Vianna Moog. A abordagem desses autores, exceto Moog, nas coletâneas no princípio do século XXI é uma sinalização de reconhecimento mantido por eles. As gerações de alunos universitários vinculados às ciências humanas, especialmente à História, tiveram ou ainda têm a oportunidade de desenvolver leituras cujas fontes podem variar entre intelectuais acadêmicos ou ensaístas. Marcos Cesar Freitas assinala,

Os jovens que chegam às faculdades de história e aos cursos de pós-graduação hoje em dia já são leitores longínquos dos clássicos que após os anos 30 deste século passaram a discutir o país a partir da releitura de nossa história. Desde os anos 70, nas várias universidades do país, disseminou-se um novo debate entre historiadores, o que significa dizer que os sucessores de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Gilberto Freyre, Jose Honório Rodrigues, entre outros, concretizaram a partir de então uma nova historiografia brasileira, nem sempre de ruptura em relação aos grandes mestres, nem sempre de continuidade.⁴⁶³

José Carlos Reis destaca a importância do papel desempenhado pelos intérpretes do Brasil no interior das ciências humanas, especialmente para a história. Segundo Reis,

⁴⁶¹ Entrevista ao jornal *Correio do Povo*, 30 out. 1976. Sessão publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁶² KONDER, Leandro. “Historia dos intelectuais nos Anos 50”. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 368.

⁴⁶³ FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 12.

o conhecimento histórico é ao mesmo tempo *história da história*. Na nossa perspectiva, os intérpretes do Brasil, e não os explicadores do Brasil, como os denomina pejorativamente C. G. Mota, que se sucedem, não se eliminam; os autores posteriores podem até ser melhores do que os anteriores do ponto de vista teórico-metodológico, na abrangência e profundidade de sua análise, mas não os substituem nem os tornam descartáveis. Koselleck se refere à ideia de um progresso do conhecimento histórico: as interpretações seriam cada vez mais seguras, retificando os erros passados, baseadas no próprio desdobramento da história.⁴⁶⁴

Mesmo assim, a realidade intelectual no Brasil não era mais a mesma. Em que pesem os tempos de chumbo iniciados na década de 1960, e a decorrente enxurrada de violações e impedimentos à construção intelectual, Walquíria Rego⁴⁶⁵ salienta algumas transformações contemporâneas daquela época. Fala no gradativo sentido cosmopolita das maiores cidades brasileiras, especialmente São Paulo. Com São Paulo veio a modernização, a diversificação social e cultural. Não há como deixar de assinalar neste cenário a edificação da USP, com status de um dos maiores centros de pesquisas e ciências do mundo. Segundo a autora, o paulatino surgimento de centros de pesquisa, notadamente na área das ciências humanas, representou a quebra na lógica de produção de conhecimento generalizante. Em seu lugar foram surgindo novas gerações de professores acadêmicos, intelectuais, escritores, munidos de certa liberdade espiritual e com disposição de construir conhecimento sobre a realidade brasileira em conformidade com os critérios da universidade.

5. O conservadorismo político de Vianna Moog.

Na investigação acerca da posição de Vianna Moog no meio intelectual na segunda metade do século XX, deve-se considerar seu olhar e atuação em torno do contexto político brasileiro.

Nessa abordagem reside o posicionamento político do ensaísta, bem como a divergência entre os intelectuais acadêmicos e a geração do estilo ensaístico. Discutir as ideias políticas de Moog, nesse caso, significa pensar o papel do Estado na questão da nacionalidade brasileira, do caráter nacional. E nisso há um entendimento tributário à geração de 1930, notada-

⁴⁶⁴ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 12.

⁴⁶⁵ REGO, Walquíria Domingues. Intelectuais, Estado e ordem democrática. In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai e ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 177.

mente a Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior. Vavy Pacheco Borges diz que,

depois de 1964 e sobretudo de 1968 – outro momento fortemente atravessado pela discussão da nação e da viabilidade de uma revolução – marcados pelos eventos políticos e pela necessidade de compreendê-los, os historiadores procuram entender melhor a República e suas falhas. Volta-se à revolução de 1930 com muito vigor, pois ela é considerada como marco de grandes transformações responsáveis pelo que depois se passou no país. Isso se dá, porém, de forma muito marcada pelos trabalhos de ciências sociais, muitas vezes fundadas no marxismo. Esse aparece nos anos 60 como o grande renovador de uma historiografia tradicional, sendo colocado como a grande e única alternativa, como constituindo a historiografia revisionista e científica.⁴⁶⁶

Um dos intérpretes do Brasil ocupado com esse tema era Raymundo Faoro, especialmente no livro *Os donos do poder*⁴⁶⁷. Nesta obra desenvolve um entendimento contrário não somente aos historiadores, mas aos cientistas políticos e economistas da época. Ao estudar a formação do “patronato político” brasileiro, Faoro, contrariamente à visão marxista dominante à época na historiografia, procurou a explicação para suas questões no Estado, e não na infra-estrutura, isto é, na sociedade civil. Tomando de empréstimo a Weber a noção de estamento, e emprestando a ela uma maior abrangência, Faoro assinalava a situação de especial consideração social de que, mesmo sem reconhecimento jurídico, gozam certos grupos de pessoas.

A obra, lançada em 1958, foi pouco reverenciada pela universidade, a exemplo do que acontecera com *Bandeirantes e Pioneiros* de Moog⁴⁶⁸. Segundo Luiz Werneck Vianna⁴⁶⁹, Faoro se colocou na contramão das duas vertentes uma vez que não se deixou convencer pelo projeto político “nacional-popular”, em vigor no Brasil, especialmente depois de 1950.

Por esse projeto, haveria uma coalizão política envolvendo o segmento do empresariado nacional, elites da burocracia estatal, trabalhadores em geral. Raymundo Faoro escreve em defesa de um modelo diferente desse, na verdade quase oposto, cujo ideal visava à emancipação da nação, de suas classes e do seu povo, diz Vianna (2009). Sobre o mesmo tema – Estado

⁴⁶⁶ BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 173.

⁴⁶⁷ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1976.

⁴⁶⁸ Apesar disto, há que se ressaltar que a obra *Os donos do poder* é considerado um clássico da sociologia e um dos mais importantes textos do pensamento brasileiro.

⁴⁶⁹ BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lília Moritz. (Org). Florestan Fernandes. *Vocação científica e compromisso com a vida*. In: VIANNA, Luiz Werneck. *Raymundo Faoro e a difícil busca do moderno no país da modernização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 366.

e nação – vale destacar outra análise desenvolvida pelo próprio Luiz Werneck Vianna, em que acusa o surgimento de um Estado fortalecido voltado à nacionalidade e às demandas de um determinado segmento social, nesse caso, o da burguesia. Um Estado “bonapartista conduziria as relações sociais, cumprindo o papel de guardião dos interesses da burguesia, incapaz de se impor hegemonicamente; isso constituiria uma revolução pelo alto, mas sempre uma revolução, isto é, uma ruptura.”⁴⁷⁰

A contrariedade de Faoro e Werneck Vianna revela suas crenças de que o nacionalismo só faria fortalecer os vínculos tradicionais da sociedade brasileira, de modo a ressaltar o caráter patrimonialista⁴⁷¹ de sua formação, cuja herança remete para as fontes ibéricas: “Tanto em Portugal como no Brasil, a independência sobranceira do Estado em relação à sociedade não seria uma exceção de certos períodos históricos, mas a constante na evolução dos dois povos.”⁴⁷²

Nessa linha Faoro discursou na ocasião em que foi recebido como integrante da Academia Brasileira de Letras:

Nunca, em nenhum tempo, se escreveu tanto com tanta profundidade sobre o nacionalismo do que nos últimos trinta anos. De Anthony Smith a Hroch, de Gellner a Benedict Anderson, e, sobretudo de Liah Greenfeld, que demonstrou não haver nenhum país entrado na modernidade senão pelo caminho do nacionalismo, à monumental Enciclopédia de Nacionalismo. Essa avalanche completa-se com os estudos que mostram as incongruências e as insuficiências da globalização, ora em maré vazante. O fundamentalismo de mercado, cercado de prestígio em seus primeiros momentos, não passa, na visão da atualidade, de uma falácia⁴⁷³

Vianna Moog se destacou no meio literário brasileiro na geração iniciada na década de 1930, tendo como um de seus argumentos a defesa de um processo de integração da sociedade brasileira visando à edificação de uma nacionalidade, de valores identificados com a pátria brasileira. Essa perspectiva de compreensão iria acompanhá-lo em sua trajetória intelectual, sem grandes mudanças.

⁴⁷⁰ BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 174.

⁴⁷¹ Segundo José Murilo de Carvalho: “Há imprecisão e inconsistência no uso de conceitos básicos como mandonismo, coronelismo, clientelismo, patrimonialismo, feudalismo. A dificuldade não é certamente privilégio brasileiro, uma vez que tais conceitos são reconhecidamente complexos. CARVALHO, José Murilo. *Pontos e bordados*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 130.

⁴⁷² Idem, p. 367.

⁴⁷³ Faoro foi eleito em 23 de novembro de 2000 para a cadeira nº 6, na sucessão de Barbosa Lima Sobrinho. Assumiu o posto em 17 de setembro de 2002, das mãos do acadêmico e jurista Evandro Lins e Silva. Arquivos da ABL: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=243&sid=122>. Acessado em 18 de maio de 2011.

Em 1959, ao discursar para um grupo de militares brasileiros, o ensaísta retoma essa questão no sentido contrário ao que Faoro havia escrito em seu recém publicado *Os donos do poder*. Moog defende uma ação governamental visando integrar a sociedade brasileira num sentido de vida nacional, evitando a ação de minorias, notadamente os teuto-brasileiros, consideração esta que nos remete diretamente para suas experiências prévias, especialmente infância e juventude, tal como abordamos em outros momentos. Outra ameaça a ser desprezada com a integração nacional seria a do partido comunista, diz o autor.⁴⁷⁴

Embora não mencione a questão do desenvolvimento associado ao nacionalismo, como discute Raymundo Faoro, o autor de *Bandeirantes e Pioneiros* deixava claro seu comprometimento com uma lógica vinculada à ordem, na qual se inscreve o sentido de universalidade de princípios como Pátria, Verdade e Justiça. No mesmo sentido, Leandro Konder lembra a afirmação de Hermes Lima, para quem o nacionalismo “era o despertar de uma consciência política adequada a um país que reagia contra seu próprio subdesenvolvimento. (...) Só a política nacionalista possibilitaria a mobilização da consciência popular na obra coletiva de conquista de níveis superiores de civilização.”⁴⁷⁵ Uma ação conduzida pela mão do Estado, na análise de Moog, seria a possibilidade mais condizente.

Leandro Konder analisa o olhar do historiador a partir da década de 1950 e identifica inúmeros sinais, tanto de aproximação como de distanciamento, entre as interpretações e o passado histórico brasileiro. O conservadorismo presente no historiador ou intelectual é um dos traços que se mantém na análise de muitos deles. O não apoio de Vianna Moog ao nacionalismo popular o coloca em concordância com Faoro, uma vez que este rejeitava este sistema. Todavia, Moog sinalizava para um Estado fortalecido, capacitado para definir um caráter nacional, como revela no discurso para o grupo de militares. Segundo Moog,

no setor político, são os partidos a organizarem-se e dispersarem-se ao jeito das bandeiras. Enquanto há uma perspectiva imediata de tesouro, de cargos e cartórios por distribuir, muito ardor, muito ímpeto. Atingido ou não atingido o tesouro, distribuídos os cargos, menos com o critério da competência e da adequação do que como prêmio à lealdade incondicional das vocações de há muito desidratadas de espírito público, o desânimo, a apatia, a espera do novo chefe e da nova bandeira.⁴⁷⁶

⁴⁷⁴ MOOG, Vianna. Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*. Coletânea discursos de Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁷⁵ KONDER, Leandro. “História dos intelectuais nos Anos 50.” In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 366.

⁴⁷⁶ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 207.

Os atributos do “povo brasileiro”, como a indisposição para o trabalho orgânico, a informalidade nas relações, sejam políticas, comerciais, industriais, produtivas, enfim, a “síndrome do mazombo”, precisava ceder espaços para uma sociedade arregimentada pela ideia de desenvolvimento e modernização. A base desta devia partir de um comprometimento político, no qual o Estado desempenharia papel decisivo.⁴⁷⁷

Com isso, o autor traz uma ideia de cerceamento ao estímulo popular, social, ao embate democrático de ideias e políticas. Ainda que ele se diga defensor intransigente dos ideais de liberdade e igualdade, a exemplo do que testemunhara nos Estados Unidos, observamos aí certa incoerência em suas posições. Por essa via, seu encaminhamento intelectual acaba por associá-lo a certo conservadorismo, conforme daria a perceber na declaração de apoio ao governo ditatorial do pós-64, no Brasil.

Com esse tom, Moog escreve carta ao ministro das relações exteriores do Brasil, Juracy Magalhães, do governo Castelo Branco, ponderando sobre uma possível concorrência que ele, Vianna Moog, estava sofrendo de outro diplomata de carreira pelos cargos de representação política do Brasil no exterior:

Não, por mim, mas pelo caso em si. É que, a rigor, não estava em jogo a minha estabilidade no cargo, mas o decoro, a autoridade, a respeitabilidade de um representante do Brasil no exterior, que a meu ver devem ser resguardadas de investidas dessa natureza. Eu, por mim, sentir-me-ia profundamente constrangido e deslocado num cargo em que não pudesse contar com o apoio moral do meu governo, sobretudo em se tratando do governo atual, com o qual me sinto fundamentalmente solidário.⁴⁷⁸

Ao assegurar a relação política com o governo ditatorial, o ensaísta acabava por capitalizar contra si, não só o desabono que receberia de boa parte da intelectualidade acadêmica pelo seu conservadorismo político, mas também pela negação de juntar-se à geração universitária, cuja possibilidade de analisar a realidade brasileira se encaminhava pela via do materialismo histórico. O autor mantinha sua abordagem pela linha do ensaísmo. Sobre a perspectiva da história e dos historiadores a partir da década de 1960, Sandra Pesavento argumenta:

Tempos de história, tempos de mudança. Parecia que a história explodia diante dos olhos de cada um. Protagonistas e espectadores, os brasileiros dos anos 60 viviam

⁴⁷⁷ MOOG, Vianna. Discurso *Integração psico-social do povo brasileiro*. Coletânea discursos de Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁷⁸ Carta de Vianna Moog enviada ao ministro das relações exteriores do Brasil, 16 jun. 1966. Coleção correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

uma espécie de aceleração do tempo. Muita coisa acontecendo, com eventos marcantes e de efeitos duradouros sobre a vida das pessoas. Era como sonhar acordado, neste país que mudava tão rápido, como a recuperar um perdido trem da história que passara e que era preciso alcançar. O materialismo histórico parecia ser a única saída para o entendimento do processo brasileiro, e o único que podia oferecer alguma certeza a quem quisesse conhecer a história do país.⁴⁷⁹

Ao analisar a relação do intelectual com essa época, Leandro Konder assinala: “Quem reage diante dos movimentos sociais, diante dos conflitos políticos, adota sempre, implícita ou explicitamente, normas e princípios que fundamentam a decisão a respeito do que deve ser alterado e do que deve ser conservado.”⁴⁸⁰

A perda de prestígio de Vianna Moog no cenário intelectual brasileiro, por certo está relacionada com a postura que ele adotou quanto ao regime iniciado no país depois de 1964. Se ele não apoiou explicitamente os governos militares, também não usou a palavra para opor-se a eles. Além do conservadorismo em si, tal postura revela um paradoxo no discurso intelectual do autor. Sua filosofia humanista, estrutura valiosa de sua projeção intelectual na primeira metade do século XX, se vê confrontada com uma política repressora, cuja chancela permite deliberar a respeito do que deve ser preservado ou destruído, ou do que deve ser eternizado ou inventado.

O silêncio de Vianna Moog nesse período parece indicar a contradição a que estava submetendo sua construção intelectual. Se por um lado suas posições sobre a ditadura militar punham por terra o humanismo do ensaísta, e colocava ponto final no debate do nacional-desenvolvimentismo, sistema contestado por Raymundo Faoro,⁴⁸¹ por outro, a ditadura desorientava boa parte da intelectualidade marxista do meio universitário. Celso Furtado pensava o Brasil pelo viés do Estado e da economia: “Agora, tudo é a partir do Estado. É o Estado que explica as sociedades; é a partir do Estado que você tem que fazer a transformação”⁴⁸².

Da mesma forma, as propostas e políticas públicas a partir de 64 conferiam ao Estado responsabilidades que eram retiradas da sociedade civil. Boris Fausto afirma que

⁴⁷⁹ AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. 4xs Brasil: itinerários da cultura brasileira. In: PESAVENTO, Sandra. *Tempos de história, tempos de mudança*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005. p. 191.

⁴⁸⁰ KONDER, Leandro. “História dos intelectuais nos Anos 50”. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 358.

⁴⁸¹ MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 136.

⁴⁸² Idem, p. 137.

O golpe militar de 1964 jogou um balde de água fria no nacional-desenvolvimentismo e nas ilusões ou ingenuidades a respeito do comportamento da classe operária. Como nunca me aproximei do nacional-desenvolvimentismo, a decepção no meu caso dizia respeito ao último aspecto. Daí formou-se um grupo para entender o que havia acontecido, para rever concepções. Weffort resolveu estudar o tema da classe operária a partir de 1945 e eu recuei no passado. Trabalhamos cada qual por sua conta, comentando coisas aqui e ali. Ocorre que no curso do meu trabalho fiquei muito atraído pela História da Cultura e daí abri espaço para temas como a contracultura, o puritanismo dos anarquistas, etc.⁴⁸³

Notoriamente, o apoio de Vianna Moog ao governo ditatorial brasileiro revela uma mudança de rumo na sua expressão intelectual. O ensaísta da primeira metade do século XX se utilizava de recursos relacionados às linhas mestras da Revolução Francesa. Além de professar o liberalismo, aliou-se ao grupo de Getúlio Vargas, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, Borges de Medeiros, dentre outros, numa ação em favor de um projeto considerado por eles como modernizador em 1930. Foi mantendo essa mesma coerência que voltou-se contra ao presidente Getúlio Vargas dois anos depois, quando pegou em armas novamente.

Nos anos 30, Vianna Moog estava dando seus primeiros passos na vida pública, seja como intelectual, político ou jornalista; de outro lado, sua presença nas décadas de 1960-1970 revela outra face de sua atuação pública, nesse caso, mais próxima do cenário político, em detrimento da esfera literária ou intelectual. Como já vimos, em nenhuma época de sua vida o autor evocou para si títulos como o de historiador ou de sociólogo. Moog gostava de ressaltar sua identidade de ensaísta e literato. Mesmo assim, sua construção acerca da formação cultural brasileira segue a esteira da sociologia e mesmo da história. Situação diferente ocorria com ensaístas contemporâneos seus, como Gilberto Freyre, Caio Prado Junior e Sérgio Buarque Holanda, também estudiosos da formação cultural brasileira, mas que o faziam legitimados pelas ciências, seja na sociologia, antropologia, história, áreas em que obtiveram formação.

O autor frisava sua convicção de analisar o Brasil sob um prisma cultural, em detrimento de motivos deterministas como a questão racial. A exemplo de Gilberto Freyre, Moog falava positivamente da constituição social brasileira pela miscigenação, dos benefícios da colonização portuguesa. Construía imagens, metáforas e simbologias para representar inúmeros traços da cultura brasileira. Boa parte dessas temáticas parece torná-lo mais próximo da historiografia das últimas décadas do século XX, em sua flexibilidade de acesso a variados temas e

⁴⁸³ Idem, p. 114.

objetos no território do historiador. Nesse caso, o ensaísta gaúcho seguia novamente os passos de seu amigo de Apipucos, Gilberto Freyre, ao se manter alinhado, pelo menos no que diz respeito à ditadura militar de 1964. Leandro Konder analisa o conservadorismo de Freyre,

Numa conferência que fez para militares e foi publicada em 1949, Gilberto Freyre advertia seus ouvintes para o fato de que a demagogia e a inflação estavam promovendo a degradação da gente média e do trabalhador, tanto intelectual como manual. Impunha-se, então, à política e às Forças Armadas que agissem com a necessária energia contra os excessos criminosamente demagógicos e contra as infiltrações estrangeiras de caráter político nas atividades nacionais.⁴⁸⁴

Considerando-se o destaque que as análises culturais ganharam nas últimas duas décadas do XX, o escasso reconhecimento à contribuição do autor gaúcho soa ainda mais incompreensível. Vianna Moog repetia, na ditadura de 64, em grande medida, o mesmo alinhamento que mantivera com o Estado Novo depois de ter cumprido um período de exílio justamente por ter enfrentado Vargas em 1932. Suas posturas favoráveis ao governo ditatorial de Vargas, tanto quanto, aparentemente, aos militares de 64, se manifestam de duas maneiras: indiretamente, na medida em que se fazia representante político do governo em órgãos internacionais; diretamente, em ações ou diálogos em que o ensaísta revela seu apoio ao governo ou governante. Exemplo disto está na ocasião em que se declarou partidário de Getúlio Vargas quando foi proposta a candidatura do mesmo à Academia Brasileira de Letras. “Todas as academias do mundo precisam de prestígio social”,⁴⁸⁵ argumentou Moog.

Aparentemente, Vianna Moog tinha consciência de que o intelectual não vale apenas pelo que produz, mas também pela agilidade com que se move nas circunstâncias. Seus modelos eram homens que desfiavam sua criatividade sobre fatos, como Lincoln ou Roosevelt, e não escritores absorvidos por mera fantasia. Moog, que sempre admitiu ter se tornado escritor por não ter conseguido ser político, usava a imagem de Abraão Lincoln sempre que precisava recorrer à máxima ênfase. Foi o que fez, por exemplo, em 1971, quando, à frente de uma comissão de escritores em visita ao presidente Emílio Garrastazu Médici; na falta, talvez, de outros recursos, sacou da memória o nome de Lincoln para fazer um elogio ao general. “Eu, por mim, não sei de outro chefe de Estado que tenha dirigido seu país em momentos de tama-

⁴⁸⁴ KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos Anos 50. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 359.

⁴⁸⁵ Editorial do *Jornal do Brasil*, 16 jan. 1988, o qual mencionava a morte de Vianna Moog ocorrida naquele dia. Sessão publicações jornalísticas de Moog. Biblioteca Unisinos.

nhas transformações estruturais. Abro apenas uma exceção, e esta é para Abrão Lincoln.”⁴⁸⁶

Ao analisar a relação do intelectual com o Estado, Denis Rolland questiona:

No que concerne à relação com o Estado, a questão mais complexa é saber se ele é capaz de fazer ou desfazer o intelectual. A valorização pelo Estado pode ou tem podido fazer os intelectuais aos olhos dos contemporâneos? Ao contrário, um intelectual demasiadamente ligado ao poder, sobretudo autoritário, pode ou tem podido ser posteriormente desclassificado, tirado desta categoria sociocultural por um julgamento retrospectivo?⁴⁸⁷

Imediatamente a essas interrogações, Rolland pondera que não tem para elas respostas seguras, de modo que a análise pode se desenvolver por indícios e “instrumentalizadores” na relação do intelectual e do Estado. No estudo acerca da aproximação ou distanciamento de Vianna Moog dos governos autoritários no Brasil, nomeadamente o Estado Novo e o período militar entre 1964-1985, aparece nessa investigação como pano de fundo; mesmo porque, de alguma maneira, a grande maioria dos intelectuais, sejam aqueles procedentes do meio universitário ou do ensaísmo, se posicionaram ideologicamente em relação ao Estado, especialmente nas décadas pós-60. Logo, parece natural que o intelectual manifeste, em determinado momento, seu ajuizamento sobre a política vigente.

A questão essencial para nós remete à busca de compreensão acerca da perda de prestígio do nosso personagem, a qual está relacionada às suas opções ou simpatias políticas na segunda metade do XX. Ou, como disse Denis Rolland, se ela se liga a um possível envolvimento demasiado do autor com o poder autoritário. Uma das consequências disso seria a má vontade ou antipatia de parte dos historiadores e demais autores ocupados com a memória dos intérpretes do Brasil das gerações anteriores, em trabalhos desenvolvidos no princípio do século XXI.

José Murilo de Carvalho visualiza em Oliveira Viana a ocorrência de situação semelhante. Para o famoso historiador, Viana acabou perdendo prestígio no meio intelectual em razão de seu apoio aos regimes autoritários no Brasil.

Oliveira Viana ficara marcado pela participação no governo Vargas, pelo apoio à ditadura de 1937. Nos meios intelectuais de esquerda surgia uma reação à sua obra que só fez crescer após sua morte em 1951. O regime militar agravou a reação, pois, para muitos, sua ideologia funda-se na visão de Brasil e na proposta política do so-

⁴⁸⁶ Idem,

⁴⁸⁷ ROLLAND, Denis. O Historiador, o Estado e a fábrica de intelectuais”. In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai, ROLLAND, Denis. (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 95.

ciólogo fluminense. Xingar Oliveira Viana tornou-se, então, um dos esportes prediletos dos intelectuais de esquerda ou mesmo liberais. Os rótulos acumularam-se: racista, elitista, estatista, corporativista, colonizado, nas críticas mais analíticas. Reacionário, quando a emoção tomava conta do crítico. Oliveira Viana foi mandado ao inferno.⁴⁸⁸

Moog também poderia receber acusações de ser estatista, reacionário e talvez até elitista. Já sua avaliação da mestiçagem não favorece que fosse chamado de racista. Outra semelhança dos dois casos está na participação de ambos os autores nos governos de Vargas e na sua aquiescência aos militares no pós-64.

Nesse caso, a ponderação de Rolland de que não há respostas prontas para as questões envolvendo intelectuais e Estado, também serve a nosso propósito, uma vez que não podemos tecer afirmações mais pontuais a respeito do tema, pela inexistência de textos, coletâneas, artigos ou resenhas abordando a ausência de determinado “intérprete do Brasil” na lista dos eleitos. Os textos são construídos em torno da produção e das ideias do intérprete em pauta, e não se discutem exclusões aos inventários feitos. A ausência do nome de Moog nestes trabalhos é completada, portanto, pela carência de abordagens discutindo um suposto desinteresse ou inconveniência da aparição de seu nome dentre os eleitos.

Para Denis Rolland, o intelectual que se colocou à disposição dos regimes de exceção ou para eles trabalhou, correu o risco de sofrer uma desvalorização, de perder seu prestígio, ou até mesmo seu status de intelectual, na medida em que os países – ele se refere a Portugal e Brasil – promovem o retorno à democracia. Com a democracia vêm junto novos projetos, dentre eles o de reescrever a história, uma história que passe do tempo verdadeiro para o tempo representado, diz o autor.⁴⁸⁹

Ao analisar o trabalho intelectual de Oliveira Viana, José Murilo de Carvalho nos avisa que vai ao inferno visitá-lo, pois para lá Viana fora mandado⁴⁹⁰. No caso de Vianna Moog, não podemos seguir essa imagem figurativa, pois como já citamos, não há acusações contra o ensaísta gaúcho que possam indicar o local de sua memória intelectual.

Ainda em relação a Oliveira Viana, Carvalho afirma que as acusações que ele sofreu, de apoio à ditadura e ao racismo foram pecados graves. O autor de *Bandeirantes e Pioneiros* não foi

⁴⁸⁸ CARVALHO, José Murilo. *Pontos e bordados*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 203.

⁴⁸⁹ Idem, p. 96.

⁴⁹⁰ Idem, p. 204.

racista, como já afirmamos. Todavia, concedeu apoio a duas ditaduras – a varguista e a militar. Pecado grave, diria Carvalho. Contudo, dada a já discutida relação estabelecida no Brasil entre os intelectuais e o poder, podemos dizer que as inflexões emprestadas por Moog à sua vida profissional e carreira literária não foram casos singulares ⁴⁹¹.

A ausência de indicativos acerca da possível localização da memória intelectual de Vianna Moog, seja no inferno, seja no paraíso, representa um déficit se comparado a Oliveira Vianna. Isto porque aquele que se ocupa em analisar sua obra e carreira fica sem maiores possibilidades de encontrar campos em que ele tenha sido classificado, como o conservador ou o liberal. Quando Carvalho diz que vai ao inferno visitar Oliveira Viana, ele avisa o leitor de que tratará de um autor e de um tema reconhecidamente conservador. No caso de Vianna Moog, ainda pairamos no terreno dos indícios, das possibilidades ou mesmo do esquecimento. Em alguns depoimentos jornalísticos colhidos por ocasião da sua morte em 1988, é possível constatar alguns sinais de desinteresse por parte da intelectualidade brasileira em relação ao trabalho do ensaísta gaúcho. Num desses testemunhos Marcos Rey aponta justamente a necessidade de “recuperar” o nome e a obra do autor:

Um rio imita o Reno e Bandeirantes e Pioneiros. Vianna era dono de um estilo moderno e de uma cultura característica dos intelectuais das gerações passadas. Eles eram diferentes dos intelectuais de hoje, que só lêem o que está na moda. Como ensaísta, Vianna era surpreendente e andava um pouco esquecido. Espero que a sua morte sirva de motivação para que as pessoas voltem a ler suas obras. ⁴⁹²

Marcos Rey não vincula o esquecimento de Vianna Moog ao novo momento político brasileiro, marcado pelo retorno ao sistema democrático. Todavia, nos lembra que o novo cenário que se abria, na pós-ditadura, permitia para a historiografia refazer suas expectativas e projetos de estudo acerca do Brasil. O fim da censura também terá efeitos renovadores sobre a produção das ciências sociais e humanas.

Para José Carlos Reis, a história se constrói mediante os questionamentos realizados no presente em relação ao passado.

O presente exige a reinterpretação do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza. Febvre considera

⁴⁹¹ Idem, 204.

⁴⁹² Jornal *O Globo*, 16 jan. 1988. Publicação jornalística de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

que a função social da história é organizar o passado em função do presente. Um novo olhar sobre o passado e o futuro se elabora sob as pressões do presente vivido. A partir do presente, a visão do passado se altera e age sobre a visão e a produção do futuro.⁴⁹³

O passado em questão na agenda do historiador ainda não era o recém período da ditadura de 1964-1985, mas outros passados mais longínquos, provavelmente, como o da geração de intérpretes do Brasil de 1930, por suas presenças nos estudos publicados nas coletâneas dos anos seguintes.

Com base nisso, podemos pensar que a produção de Moog largamente reconhecida pela crítica dos anos 1930, sendo a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras um demonstrativo disto, não teria sido suficiente para que ele recebesse atenção dos analistas do final do século XX. Visto de outra forma, podemos inferir que tal êxito acabaria suplantado pela imagem possivelmente negativa herdada pelo ensaísta em decorrência de suas posturas políticas?

6. A ausência de Vianna Moog entre os “Intérpretes do Brasil”

A ausência de menção às ideias e escritos de Vianna Moog no rol dos intérpretes do Brasil, que viemos apontando, é sentida de maneira significativa nas diversas obras comemorativas aos quinhentos anos do Brasil, que foram publicadas entre o final do século XX e início do XXI. Porém, o esquecimento das contribuições do autor começou a ocorrer a partir da década de 1960, quando se observa, inclusive, o decréscimo em sua produção editada, conforme revela a tabela abaixo.

textos	Natureza	Período 1930-1955	Período pós 1955
<i>Heróis da decadência</i>	Ensaio	1934	
<i>O ciclo do ouro negro</i>	Ensaio	1936	
<i>Novas cartas persas</i>	Ensaio	1937	
<i>Eça de Queirós e o século XIX</i>	biografia	1938	
<i>Um rio imita o Reno</i>	romance	1938	
<i>Uma interpretação da literatura brasileira</i>	Ensaio	1942	

⁴⁹³ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 09.

<i>Nós, os publicanos</i>	Ensaio	1946	
<i>Mensagem de uma geração</i>	Ensaio	1946	
<i>Bandeirantes e Pioneiros</i>	Ensaio	1954	
<i>Uma Jangada para Ulisses</i>	romance		1959
<i>Tóia</i>	romance		1962
<i>A ONU e os grandes problemas</i>	Ensaio		1965
<i>Em busca de Lincoln</i>	biografia		1968

Caso o ensaísta fosse lembrado em algumas das várias coletâneas que, como dissemos em outro momento, foram editadas por volta do ano 2000⁴⁹⁴, haveria um menor estranhamento quanto ao seu quase esquecimento. Portanto, o não aparecimento de algum texto seu nas obras organizadas reforça a análise que ora procuramos desenvolver.

Tais coletâneas, seus organizadores, autores e colaboradores são, em grande medida, profissionais, escritores ou cientistas sociais vinculados à esfera universitária. Isto já é, por si só, revelador, sob o ponto de vista de quem são os analistas, de onde provêm suas análises, suas falas, em nome de quem se pronunciam. Enfim, trata-se de uma nova geração de intelectuais significativamente diferentes daqueles intérpretes do Brasil sobre quem debruçam suas análises e que pertenceram a gerações anteriores.

Se considerarmos o período de 1950 a 1988 (ano em que Vianna Moog morreu), podemos dizer que ele viveu boa parte da segunda metade do século XX. Nesse período não ocupou o espaço docente e nem militou em grupos de esquerda. Da mesma forma, dizia-se contrário a toda e qual leitura determinista.⁴⁹⁵ Segundo Laura de Mello e Souza, “nos finais dos anos 50, a historiografia começou a se caracterizar por trabalhos mais econômicos, gravitando em torno das obras de Caio Prado Junior e de Celso Furtado”⁴⁹⁶. Para Ronald H. Chilcote,

a problemática central da vida intelectual é sempre a de como conciliar um caminho autônomo, crítico, com o exercício de papéis nas instituições educacionais, no governo e na vida pública, onde se exerce o poder. Esta problemática coloca questões importantes relacionadas ao Brasil: em que grau seus intelectuais ligam-se à burgue-

⁴⁹⁴ Ver nota 447 deste capítulo.

⁴⁹⁵ Segundo Vianna Moog: “que o fator econômico devia estar sempre presente em todas as investigações do secretariado, de acordo. Mas que este fosse sempre o exclusivo, predominante, a ponto de se recomendar o melhoramento das condições sociais com o objetivo de melhorar as condições econômicas, quando a orientação devia ser precisamente o contrário, era exagerar a significação do fator econômico, em detrimento dos demais fatores. Carta enviada pelo autor ao ministro João Neves da Fontoura, 26 mai. 1953. Coleção correspondências de Moog. Biblioteca Unisinos.

⁴⁹⁶ SOUZA, Laura de Mello. “Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial.” In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 28.

sia ou ao proletariado? Que posição e consciência de classe eles assumem? Como produzem cultura: de forma abstrata ou concreta? Seu pensamento é estagnado ou crítico e criativo? O conteúdo das suas ideias e do seu conhecimento se enquadra na mentalidade burguesa ou se opõe a ela? Sofrem influências liberais ou marxistas? Favorecem ou não mudanças reformistas ou radicais? Defendem a acumulação capitalista ou preferem a alternativa socialista?⁴⁹⁷

Na observação das coletâneas anteriormente mencionadas⁴⁹⁸, podemos verificar a atenção dedicada a autores com maior destaque no círculo intelectual da primeira metade do século XX. É sobre eles que recai a atenção dos acadêmicos na construção de resenhas, artigos ou capítulos de livros. Poucos autores ou intérpretes do Brasil marcaram presença na segunda metade do século XX, conforme revela o quadro abaixo. Nele procuramos sintetizar a relação do autor analisado com o período a que ele pertence, seja primeira metade do século XX ou segunda metade.

Obras	Autores cujo maior destaque é anterior a 1950	Autores com destaque na segunda metade do século xx
REIS, José Carlos. <i>As identidades no Brasil de Varnhagen a FHC</i> . Rio de Janeiro: FGV, 2000.	<ul style="list-style-type: none"> • Varnhagen • Gilberto Freyre • Capistrano de Abreu • Sérgio Buarque de Holanda 	<ul style="list-style-type: none"> • Nelson Werneck Sodré • Caio Prado Junior • Florestan Fernandes • Fernando H. Cardoso
SANTIAGO, Silviano. <i>Intérpretes do Brasil</i> . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, v. 1-3.	<ul style="list-style-type: none"> • Joaquim Nabuco • Euclides da Cunha • Manuel Bonfim • Oliveira Viana • Alcântara Machado • Paulo Prado • Graciliano Ramos • Gilberto Freyre • Sérgio Buarque de Holanda 	<ul style="list-style-type: none"> • Caio Prado Junior • Florestan Fernandes

⁴⁹⁷ CHILCOTE, Ronald H. A crise dos intelectuais. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo v.2, n.2, set/1985.

⁴⁹⁸ Ver nota 05.

<p>MOTTA, Lourenço Dantas (Org). <i>Um Banquete nos Trópicos</i>. São Paulo: SENAC. 2001, v.1 e v.2.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Padre Antonio Vieira • André João Antonil • José Bonifacio • Visconde de Mauá • Joaquim Nabuco • Eduardo Prado • Euclides da Cunha • Capistrano de Abreu • Paulo Prado • Gilberto Freyre • Sérgio Buarque de Holanda • Caio Prado Junior • Vitor Leal Nunes • Oliveira Viana • Serafim Leite • Francisco A. Varnhagen • Afonso D. Taunay • Alcântara Machado • Oliveira Lima • Sílvio Romero • Alberto Torres • José Veríssimo 	<ul style="list-style-type: none"> • Celso Furtado • Raymundo Faoro • Antonio Candido • José H. Rodrigues • Florestan Fernandes • Darci Ribeiro
<p>AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. <i>Intérpretes do Brasil</i>. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Hipólito da Costa • Joaquim Nabuco • Oliveira Lima • Euclides da Cunha • Monteiro Lobato • Oliveira Viana • Gilberto Freyre • Sérgio Buarque de Holanda • Eduardo Prado 	<ul style="list-style-type: none"> • Roberto Campos • Raymundo Faoro • Antonio Candido • Nelson Werneck Sodré • Caio Prado Junior
<p>BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). <i>Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visconde do Uruguai • André Rebouças • Joaquim Nabuco • Sílvio Romero • Nina Rodrigues • Euclides da Cunha • Manuel Bonfim • Paulo Prado • Oliveira Viana • Mário de Andrade • Luis da Câmara Cascudo • Roger Bastide • Gilberto Freyre • Sérgio Buarque de Holanda 	<ul style="list-style-type: none"> • Caio Prado Junior • Guerreiro Ramos • Oracy Nogueira • Maria I. Pereira de Queiroz • Gilda de Melo e Souza • Florestan Fernandes • Costa Pinto • Darcy Ribeiro • Richard Morse • Raymundo Faoro • Octavio Ianni • Fernando H. Cardoso • Roberto Schwarz

Podemos observar nas quatro primeiras obras (publicadas no intervalo de 2000 a 2004), uma maior atenção para autores da primeira metade do século XX, além da menção a alguns nomes do século dezenove, casos de Varnhagen, Capistrano de Abreu e Eduardo Prado. Na introdução dessas obras, os autores e organizadores não enfatizam a orientação ou critérios utilizados para sua seleção ou para conceder prioridade a intérpretes de determinada época.

Apesar disso, é notório o destaque concedido a intelectuais e gerações cuja característica é o predomínio do estilo ensaístico de produção, especialmente quando se trata da análise da formação cultural brasileira. O organizador dos dois volumes de *Um banquete nos trópicos* salienta a orientação encaminhada aos autores de textos e resenhas de sua coletânea no sentido de centralizar o Brasil como tema – “sua formação, seu povo, sua sociedade, sua cultura, sua economia, suas instituições”⁴⁹⁹.

Essa obra foi lançada, a exemplo de *Intérpretes do Brasil*, de Silviano Santiago e *As identidades no Brasil*, de José Carlos Reis, na ocasião das comemorações dos quinhentos anos do Brasil; portanto, a ideia de rever a história do país, de reconhecer suas identidades, ou parte delas, projetava-se como tema marcante na agenda dos historiadores. Além disso, havia certo sentido comemorativo, de homenagem ao Brasil, bem como aos intérpretes da formação histórica e sociológica brasileira. Lourenço Dantas Mota acrescenta que o alvo da obra não estava direcionado somente aos historiadores ou especialistas, mas a “todos aqueles que se interessa por ele [Brasil] e procuram entendê-lo, por obrigação, curiosidade ou gosto – um arco amplo que vai dos estudantes aos que se pode chamar de leigos ilustrados”⁵⁰⁰.

O interesse pelo tema das identidades também aparece nos debates de José Carlos Reis e Silviano Santiago, de modo que o regresso aos intérpretes do Brasil anteriores à segunda metade do século XX é recorrente. O debate naquelas gerações, especialmente na geração de 1930-1950, à qual Vianna Moog pertencia, trazia como uma das questões centrais a construção de um novo país, de uma nova nação. Para Santiago, a busca pela identidade é tema atual nos textos dos ensaístas: “o período colonial propiciava aos que empunhavam a pena abordar, com firmeza a presunção, as questões relativas à identidade colonial da região, (...) os nativos

⁴⁹⁹ MOTTA, Lourenço Dantas (Org). *Um Banquete nos Trópicos*. São Paulo: SENAC. 2001, v.1 e v.2. p. 11.

⁵⁰⁰ Idem, *ibidem*.

eram de carne e osso, mas não existiam como seres civilizados, assemelhavam-se a animais”⁵⁰¹.

O texto organizado por Gunter Axt e Fernando Schuler também segue essa orientação: “Um dos elementos constituintes de uma nacionalidade soberana é, sem dúvida, uma identidade cultural. (...) A identidade de um país e de uma sociedade forma-se de um conjunto multiforme, dinâmico e mais ou menos mutante de identidades”⁵⁰².

José Carlos Reis diz que o reconhecimento da identidade brasileira já está presente nos primeiros intelectuais brasileiros. Eles sabiam da necessidade de uma identidade nacional, com certa homogeneidade étnica e cultural. Segundo Reis, essa perspectiva corresponde à afirmação do Brasil enquanto nação.

O que o Brasil queria ser? Eis a primeira questão da identidade. A resposta de quem poderia responder então, isto é, as elites brancas que fizeram a independência: o Brasil queria continuar a história que os portugueses fizeram na colônia. A identidade da nova nação não se assentaria sobre a ruptura seria somente política. Os portugueses são os representantes da Europa, das Luzes, do progresso, da razão, da civilização, do cristianismo. O Brasil queria continuar a ter uma identidade portuguesa, a jovem nação queria prosseguir na defesa desses valores. A outra questão suscitada pela busca da identidade: o que o Brasil não queria ser indígena, negro, republicano, latino-americano e não-católico.⁵⁰³

Apesar de não participar como intelectual rememorado nessas obras, Vianna Moog trilhava por esse caminho em seus textos ensaísticos e literários da geração de 1930. No texto em que fala das diversas ilhas culturais brasileiras, por exemplo, o autor salienta a dificuldade das camadas sociais, nomeadamente patriarcais do nordeste brasileiro, em migrar da cultura marcada por privilégios e fidalguias, atreladas nos engenhos de cana-de-açúcar, no escravismo, no latifúndio, para uma sociedade alinhada às diversas formas de trabalho, comércio e indústria, atividades necessariamente incorporadas pelo estilo de vida de países que se desejam modernos e desenvolvidos, caso do Brasil⁵⁰⁴.

Na organização de suas obras visando rememorar alguns dos autores sintonizados com essa corrente de observação, Lourenço Dantas Mota escreve:

⁵⁰¹ SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, v. 1-3. p. 16 e 17.

⁵⁰² AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 9.

⁵⁰³ REIS, José Carlos. *As identidades no Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 31.

⁵⁰⁴ MOOG, Vianna. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. p. 118.

Poucas vezes o Brasil esteve tão à procura de si mesmo quanto nos anos 20 e 30. No ano de 1922, quando se comemora o centenário da independência, coincidem a realização da Semana de Arte Moderna, o início do movimento tenentista – que iria desembocar na Coluna Prestes e influir grandemente na Revolução de 30 – e a fundação do Partido Comunista do Brasil⁵⁰⁵.

Todavia, na proporção em que essa primeira fase de coletâneas versando sobre a formação cultural brasileira foi saindo do período marcado pelos quinhentos anos do Brasil, outros lançamentos foram surgindo. Provisoriamente, usaremos a ideia de segunda fase para esses textos surgidos posteriormente. Trata-se de novas abordagens e novas temáticas em que a diferença ou inovação remete à crescente produção intelectual universitária, seja por parte de quem analisa ou de quem é analisado. Entre estes estão, inclusive, intérpretes do Brasil estrangeiros, como Richard Morse e Roger Bastide.

Como amostragem disso, pode-se observar na coletânea organizada por André Botelho e Lilia Moritz, *Um enigma chamado Brasil*, que os intérpretes do Brasil escolhidos variam em nomes e temas entre as gerações da primeira e da segunda metade do século XX. Nesse caso deixa de existir certa prioridade aos ensaístas da geração de 1930-1950, ou mesmo de antes. Ao contrário, os organizadores dizem que: “há um interesse crescente pelas interpretações que o Brasil recebe e recebeu, e uma nova curiosidade acerca destes “Brasis”, desenhados, projetados e imaginados por tantos pensadores locais e estrangeiros”⁵⁰⁶.

Se comparada com as anteriores, essa obra revela maior presença de autores oriundos da academia, notadamente dos círculos docentes das Universidades Federais do Rio de Janeiro e da Universidade de São Paulo. Os organizadores falam em “arena de conflitos interpretativos”, e seus enfoques aparecem mais distribuídos entre intelectuais ensaístas e intelectuais universitários.

Essa perspectiva permite deduzir que a ideia de coletâneas com ênfase na lembrança, prioritariamente, de ensaístas, visando saudar os quinhentos anos do Brasil, perdeu espaço para novos projetos. Lançada nove anos depois de *Um banquete no trópico*, *Um enigma chamado Brasil* traz na introdução de André Botelho e Lilia Schwarcz uma abordagem a respeito desses dois espaços de produção intelectual: o meio universitário e o ensaísmo. O tema apare-

⁵⁰⁵ MOTTA, Lourenço Dantas (Org). *Um Banquete nos Trópicos*. São Paulo: SENAC. 2001, v.1 e v.2. p .15.

⁵⁰⁶ BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11.

ce quando os organizadores assinalam outra inovação, que é a análise acerca de nomes como o de Mário de Andrade.

Intelectuais de diversas áreas discorreram um sem-número de vezes sobre temas complexos da formação social brasileira, prova do fascínio que o país exerce em pensadores de diversas áreas e de períodos históricos muito diferentes. Nos últimos trinta anos, uma quantidade crescente de teses e artigos sobre autores consagrados como Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre uniu-se a nomes como Visconde Uruguai, Manuel Bonfim e Oracy Nogueira, estes últimos relegados ao esquecimento a despeito dos importantes trabalhos que produziram. Hoje o ponto de encontro desses autores tem sido os congressos, os cursos de humanidades e encontros científicos.⁵⁰⁷

Se por um lado, a abertura para novos intelectuais e temas poderia facilitar a presença da obra de Vianna Moog, por outro, essa possibilidade ficou dificultada em virtude da característica intelectual assumida pelo ensaísta gaúcho na segunda metade do século XX. O não pertencimento ao meio universitário e sua indiferença à interpretação materialista da história, somado as suas posições políticas no período em questão, acabariam por distanciá-lo, aparentemente, das coletâneas sobre interpretações acerca da formação cultural brasileira.

Como já dissemos Moog não figura nem entre os inventários que priorizam nomes do século XX. José Carlos Reis, por exemplo, analisa alguns intérpretes do Brasil na primeira fase, porém não descuida da construção intelectual mais atualizada. Diz ele: “As interpretações atuais são mais amplas e abrangentes e se enriquecem ao incluírem as anteriores, mesmo na divergência. Referindo-se à filosofia, Ortega Y Gasset afirma que nenhum filósofo pode ignorar os seus predecessores, o que talvez valha também para a história”⁵⁰⁸.

Nesse caso, aumenta a intriga. Moog poderia não ser incluído no rol das coletâneas por ter proposto interpretações não alinhadas com aquelas que mais se destacavam, especialmente as de orientação materialista, porém os ensaios que publicou ofereceram instigantes contribuições para pensar o Brasil, e receberam, por isto, reconhecimento da crítica. Poderíamos então lembrar que o principal ensaio de Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros* surgiu justamente quando ganhavam força as interpretações de cunho marxistas. A opção de análise pela via econômica era parte de um novo cenário intelectual especialmente no meio universitário, também em ascensão no Brasil. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira,

⁵⁰⁷ Idem, (orelha do livro)

⁵⁰⁸ REIS, José Carlos. *As identidades no Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13.

novo pensamento emerge na Universidade, principalmente na USP, e novo ciclo de interpretação do Brasil floresce a partir de grupos e instituições que então se organizam. O Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) e mais tarde o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) fazem uma leitura da realidade brasileira, segundo os cânones do idioma cevalino. As noções de centro e periferia, de subdesenvolvimento e de desenvolvimento, de deterioração dos tempos de troca compõem o estoque de ideias que marca o campo intelectual dos anos 50 e 60. Há um esforço intelectual e político para se pensar a Ásia, a África e América Latina, uma “Terceira Via” que fosse capaz de escapar dos dois blocos em que se dividia o mundo.⁵⁰⁹

Nesse sentido salientamos que o ensaísta gaúcho elaborou sua tese sobre o Brasil em período diferente de autores como Gilberto Freyre, que publicou *Casa Grande & Senzala* na década de 1930. Isso teria contribuído para o sucesso dessa obra, uma vez que ela estaria ajustada com o seu tempo, o tempo do ensaio de cunho cultural.

Segundo Ricardo Benzaquem de Araújo⁵¹⁰, Freyre publicou sua principal obra no início de sua trajetória intelectual e dela soube extrair inspiração para a sequência de sua carreira, ao passo que Moog foi montando seus argumentos, temas e discussões no decorrer do tempo, até fazê-los aparecer na obra *Bandeirantes e Pioneiros*. Entretanto, as benesses como o reconhecimento da crítica, leitores e pares acerca de abordagens como a questão da modernidade e suas crises, já haviam sido colhidas nas décadas anteriores. Algumas temáticas presentes nessa obra não chegaram a constituir novidades ou não causaram impacto suficiente para garantir visibilidade ao autor por mais tempo ou em nível superior ao que recebera em época passada.

Talvez possamos analisá-lo à luz de outro autor, também esquecido pela crítica, cujas publicações remontam ao início da segunda metade do século XX. Trata-se de Guerreiro Ramos. Ao analisar o trabalho de Ramos, Lúcia Lippi de Oliveira⁵¹¹ salienta que ele marcou sua

⁵⁰⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 101.

⁵¹⁰ Segundo Araújo, “esse cuidado com o contexto, na verdade, decorre do fato de que o próprio Gilberto, como já foi observado antes, sempre procurou apresentar CGS como uma espécie de ponto de partida do seu pensamento, insistindo inclusive em afirmar que ele não seria apenas o seu primeiro livro, mas a sua principal fonte inspiradora, fonte cuja influência se faria sentir ao longo de toda a sua obra. Nesse sentido, não tenho a menor dúvida de que um esforço para avaliar o alcance dessa afirmação, ao menos no que concerne ao conjunto dos seus trabalhos da década de 30, constitui-se me um exercício intelectual bastante interessante. ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994. p. 103.

⁵¹¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A sociologia de Guerreiro Ramos e seu tempo. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lília Moritz. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 242.

produção pelo distanciamento dos padrões acadêmicos. Seus escritos acerca da sociologia e da política brasileira não apresentam uma preocupação com a investigação empírica. Além disso, ele não separou o mundo da ciência e o da política. “Essa falta de respeito talvez nos ajude a entender seu relativo ostracismo na sociologia brasileira. Guerreiro Ramos é pouco estudado nos cursos de sociologia e de ciências sociais, sendo mais lembrado no campo de estudos da administração.”⁵¹²

Outra razão depõe contra a época de publicação de *Bandeirantes e Pioneiros*; trata-se do enfoque predominantemente cultural da obra, frente à perspectiva econômica de análise em ascensão na época. As discussões sobre a cultura ganhariam enfoque na sequência dos anos. Segundo Laura de Mello e Souza, esse tempo começa na década de 1970.

Com Sérgio [Buarque de Holanda], o conceito de cultura procura abarcar uma gama significativamente maior de espaços, dando nova inteligibilidade ao processo histórico: a vida material, o cotidiano, as mentalidades, as práticas e usos populares e também as mais altas manifestações do espírito humano se combinam e se relacionam dialeticamente com a sociedade. A história da cultura concebida por Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 40 e 50 não difere muito da história cultural praticada hoje, ressaltando-se mais recentemente no âmbito da antropologia, de onde vem ganhando os domínios da história.⁵¹³

Nessa linha, Beatriz Domingues⁵¹⁴ analisa outros dois autores do mesmo período, Richard Morse e Oswald de Andrade. Embora nenhum tenha dialogado com Moog, ou pelo menos não há sinais disso em seu acervo pessoal, esses dois autores tinham com o ensaísta gaúcho a semelhança de seguirem abordagens de significação cultural, em detrimento de explicações sociais ou econômicas.

A autora cita um escrito de Oswald, de 1953, que afirma “Atingido o clímax da técnica, o calvinismo, que foi, com a doutrina da Graça, o instrumento do progresso, tem que ceder o passo a uma concepção humana e igualitária da vida, essa que nos foi dada pela Contrarreforma”. Depois, Domingues destaca uma passagem de Morse com o mesmo tom: “Teremos naturalmente de ir além das costumeiras caracterizações paradigmáticas da Ibero-América e

⁵¹² Idem, *ibidem*.

⁵¹³ SOUZA, Laura de Mello. Aspectos da Historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 29.

⁵¹⁴ DOMINGUES, Beatriz, H. “Próspero devorando Caliban.” In: DOMINGUES, Beatriz, H., BLASENHEIM, Peter L. *O Código de Morse*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 80.

da Anglo-América como culturas católicas ou protestantes. (...) Esses rótulos, tomados literalmente, são a-históricos e dicotômicos, quaisquer que sejam seus usos heurísticos”⁵¹⁵.

Assinalamos alguns óbices que pesavam sobre sua obra desde as décadas anteriores, dentre as quais estava uma leitura da formação cultural brasileira por meio da abordagem culturalista, ao passo que autores como Caio Prado Junior e Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado e Florestan Fernandes passavam a olhar o Brasil pela via “da evolução política à luz das condições econômicas e sociais, das lutas de classe e das contradições geradas pelo processo histórico.”⁵¹⁶

Mesmo não sendo político nem militar,⁵¹⁷ Moog se perfilava ao Estado e buscou colocar-se como funcionário público ou como representante diplomático do Brasil em organismos internacionais. Ele não foi caso isolado, contando com a companhia de Gilberto Freyre, acusado por suas posições conservadoras e simpatias políticas com a direita. Segundo Ricardo Benzaquen de Araujo,

durante um longo período, Gilberto Freyre ficou marcado por suas posições políticas, não somente por seu apoio ao golpe de 64, mas mesmo antes por seus vínculos com o salazarismo. “Como ele sempre foi muito próximo do regime ditatorial de 64, difundiu-se uma imagem dele, e por consequência da obra [Casa Grande & Senzala], muito negativa.”⁵¹⁸

Em discurso no ano de 1980, numa homenagem ao aniversário de oitenta anos de Gilberto Freyre, Moog salienta sua condição de sociólogo diletante. Com uma ponta de ironia, diz que não dispunha dos “títulos modernos expedidos pela universidade”. O único título que diz possuir é o de seguidor do pensamento de Freyre:

É o de discípulo do Mestre Gilberto Freyre. Sim, discípulo sou, há quarenta anos, do mestre de Apipucos. Em última análise, é o que todos somos no Brasil, bacharéis como médicos, médicos como engenheiros, engenheiros como economistas, etnólogos, ecólogos, geólogos, arqueólogos, filólogos, historiadores, periodistas, folcloris-

⁵¹⁵ Idem, p. 86.

⁵¹⁶ Entrevista com Emília Viotti da Costa. MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 78.

⁵¹⁷ Vianna Moog tinha um irmão que era general do exército brasileiro, Olavo Vianna Moog: “Foi secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo entre 29 de agosto de 1969 e 19 de março de 1970. Tornou-se conhecido por dirigir as operações de combate à guerrilha do Araguaia, na década de 1970, como general e Comandante-Geral do Exército Brasileiro. http://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo_Viana_Moog. Acessado em 06 de abril de 2011.

⁵¹⁸ Entrevista com os professores Elide Rugai Bastos, Enrique Larreta e Ricardo Benzaquen de Araújo. *Jornal da Unicamp*. Universidade de Campinas. De 13 a 19 de setembro de 2004. http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju265pag06.pdf. Acessado em 02 de abril de 2011.

tas, ou simples diletantes. Este também é o grande denominador comum que nos congrega nesta sala, aqui e agora, para festejar com o Pen Club do Brasil os primeiros oitenta anos do mais jovem, lúcido, vigoroso pensador de nossa geração.⁵¹⁹

Mesmo sofrendo restrições por suas posições, Freyre tem seu nome lembrado em todas as coletâneas aqui mencionadas, ao contrário de Moog. Nesta “galeria de esquecidos” estão outros ensaístas e romancistas que também ficaram de fora do círculo dos intérpretes do Brasil. Ao analisar essa questão, Silviano Santiago questiona:

Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, alguns dos nossos grandes escritores modernistas, poderiam ser também considerados intérpretes do Brasil? Teriam apresentado à sociedade letrada brasileira - desde os anos 1920, década em que acordaram para a literatura - interpretações originais da nação e dos brasileiros? Teriam sido precursores dos cientistas sociais, que, nas décadas seguintes - as de 1930 e 1940 -, nos ofereceram as interpretações do Brasil que se tornaram canônicas? A contribuição de Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, já estaria fragmentada e esparsa nos escritos criativos e críticos de Mário de Andrade? O Sérgio Buarque de Holanda, de *Raízes do Brasil*, estaria em parte embutido nos poemas e nos romances de Oswald de Andrade? O Caio Prado Júnior, de *Formação do Brasil contemporâneo*, estaria poeticamente previsto na visão de Brasil que Carlos Drummond elabora na juventude e, posteriormente, em *O sentimento do mundo*? Nas obras que os três Andrades nos legaram, encontramos subsídios que mostram a vontade de mudar para melhor o país atrasado, então governado pela República dos coronéis? Em suma, nos textos e nas polêmicas dos nossos primeiros escritores modernistas, haveria uma crítica ao Brasil conservador e um projeto revolucionário de nação?”⁵²⁰

Na sequência do debate Santiago fala da sistemática opção dos intelectuais e artistas, especialmente da década de 1920, em recorrer às publicações, às vanguardas e padrões estéticos oriundos do continente europeu. Os três irmãos Andrade faziam parte desse contexto, diz o autor,

Tentaremos mostrar como a procura cotidiana duma interpretação para o Brasil, a duras penas vivenciada pelos então aspirantes a escritores, fez parte da formação de cada um deles. A interpretação do Brasil a que aqueles rapazes e moças iam chegando dia após dia, mês após mês, ano após ano, a que chegavam pela troca de ideias e pelas discussões acaloradas nos entendimentos, desentendimentos e principalmente nas polêmicas, foi o pré-requisito para que pudessem escrever as obras que escreveram. Um escritor desprovido de uma interpretação do Brasil pessoal e original nunca chegou (nunca chegará) a produzir uma grande obra literária – eis a lição que nos legaram.⁵²¹

⁵¹⁹ MOOG, Vianna. Discurso proferido na ABL em homenagem aos oitenta anos de Gilberto Freyre, em 1980. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁵²⁰ SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, Intérpretes do Brasil. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*. Rio de Janeiro. n 38, p. 19-34, 2009.

⁵²¹ Idem, *ibidem*.

Pelo mesmo princípio talvez possamos incluir nessa leitura outros autores, sejam ensaístas, literatos, romancistas, cujo ideal era o de interpretar histórica e sociologicamente o Brasil, pelo menos em alguns momentos de suas trajetórias, como Érico Veríssimo, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura e o próprio Vianna Moog. Antes mesmo de construir seus escritos visando à interpretação da formação cultural brasileira na geração de 1930, esses autores, seguiram, de alguma forma, os passos dos escritores do decênio anterior, na medida em que se mantinham atentos à leitura de além-mar.

Por sua vez, Vianna Moog se orgulhava em dizer que tinha lido as principais obras clássicas francesas, conforme pudemos observar no primeiro capítulo desse trabalho. O pequeno inventário que arrolamos acerca de títulos, autores e intelectuais citados, comentados e analisados pelo ensaísta, notadamente no período de sua formação universitária, nos remete para essa mesma constatação de Silviano Santiago. “Antes de mostrar como interpretar o Brasil de acordo com os padrões estéticos e ideológicos do novo século, não teria sido preciso que o futuro escritor se tornasse mestre-escola e saísse em campo para ensinar um ao outro - e aos brasileiros em geral (...)?⁵²²

Boa parcela da crítica literária publicada por Moog em crônica jornalística nos primeiros anos do decênio de 1930 revelam sua preocupação com a peculiaridade estética da trama literária, da familiaridade de autores contemporâneos seus com a leitura de obras e textos considerados por eles clássicos. Paralelamente a isso, o ensaísta se encaminhava para pensar a formação da sociedade brasileira; um dos argumentos era o de inserir o Brasil na modernidade, conforme a reconhecia em países como os Estados Unidos. Sinais dessa veia sociológica aparecem em suas primeiras obras, *Novas cartas Persas*, *Os heróis da decadência* e *Eça de Queiroz e o século XIX*. Nesses textos, o autor mantém um constante movimento de ida e volta entre suas interpretações do Brasil e o discurso de seus mestres europeus, fossem eles romancistas, filósofos ou cientistas sociais.

Com isso Moog parece antecipar a lição mencionada por Santiago, de que a interpretação do Brasil legitimaria a condição do escritor em seu intento de produzir uma grande obra literária. Se considerarmos a crítica literária, as duas grandes obras de Vianna Moog, *Um rio*

⁵²² Idem, *ibidem*.

imita Reno e Bandeirantes e Pioneiros, viriam posteriormente a esse primeiro passo marcado pelo diálogo com a vanguarda européia.

Apesar disso, nossa questão prevalece, o ostracismo de Vianna Moog na segunda metade do século XX, nomeadamente nas últimas décadas e, seguramente, nas coletâneas publicadas nos primeiros anos do século seguinte.

Parte do sucesso alcançado ou assim considerado pela crítica em relação ao ensaísta gaúcho apareceu na ocasião de sua morte em depoimentos que ressaltaram a importância de sua contribuição, como o do historiador Nilo Pereira: “A morte de Vianna Moog é mais uma grande perda que sofremos. Mas o livro de Vianna, *Bandeirantes e Pioneiros*, o deixará para sempre vivo. Trata-se de um regionalista de bom estilo, capaz de inserir o regional em contexto universal”.⁵²³ Guilhermino César também reverenciou o trabalho do amigo:

Vianna Moog foi um dos escritores que, na década de 30, mais impressionaram o Brasil pela acuidade crítica que pôs a serviço de uma obra tão importante como a de Eça de Queiroz. Entretanto, para nós que moramos no Rio Grande do Sul, ele realizou uma façanha maior ainda, com aquele calor humano que transparece nas páginas de *Um Rio Imita o Reno*, que trata da imigração alemã no Sul. Ele há de ficar no cenário literário brasileiro como um dos nomes mais expressivos.⁵²⁴

Independente do nível de relacionamento que Vianna Moog poderia ter com as pessoas que reverenciam sua trajetória intelectual por ocasião de sua morte, parece prevalecer a ideia de que há um sentido de reconhecimento acerca da interpretação desenvolvida pelo autor em boa parte de suas obras.

Como vimos, Silvino Santiago fala da participação dos modernistas no discurso intelectual visando à necessidade de modernizar o Brasil, de fazer recuar a política dos coronéis e o poder das oligarquias. Nos primeiros textos de Moog encontramos esta mesma convicção: a da necessidade de modernização da nação brasileira. Nisso reside sua filosofia humanista, cujo sentido se refletia na negação das velhas formas autoritárias e conservadoras que, a seu ver, impediam o desenvolvimento do Brasil.

⁵²³ Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, 16 jan. 1988. Sessão publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁵²⁴ Idem.

Em nome desta convicção apoiou o movimento revolucionário de 1930. Mais tarde, pensando na legalidade constitucional, voltou-se contra seus antigos aliados e novamente pegou em armas, dessa vez em favor da revolta constitucionalista (1934) de São Paulo.

A mesma coerência ele manteve em seus primeiros escritos como cronista, romancista, biógrafo e ensaísta. É o que encontramos em seu primeiro romance, o muito saudado *Um rio imita o Reno*. Essa obra, lançada em 1939, revela um autor crítico aos regimes que não respeitavam as liberdades individuais, e esse romance era um de seus maiores orgulhos. O livro provocou um telegrama do embaixador do Terceiro Reich ao palácio do Catete, pedindo sua apreensão porque conteria ofensas pesadas aos alemães. “Esta foi uma de minhas maiores vitórias na vida: a de ter colocado Hitler em perigo”.⁵²⁵ Moog parecia um escritor mais atento aos efeitos críticos de seus livros do que às conquistas poéticas ou o reconhecimento literário.

Um rio imita o Reno revela a rejeição ao que o autor percebia como “quistos racistas” da população teuto-brasileira do Sul do Brasil, e sua defesa de uma sociedade pautada por ideias de liberdade e igualdade. Além disto, ele valoriza elementos da “cultura tradicional” da sociedade brasileira, de raiz ibérica, e miscigenação que julgava saudável, a exemplo do que conhecera na Amazônia, local onde havia cumprido exílio político.

Na estada na Amazônia não perdeu a noção de pátria. Pelo contrário. Tratou de ampliá-la como se percebe na sua conferência de 1942, promovida pelo Itamarati, no Rio de Janeiro, versando sobre a literatura brasileira. Na sua interpretação da literatura brasileira, Moog traçou o diagnóstico daquilo que chamou de “arquipélago cultural”, fruto de um cruzamento de culturas. Percebe-se que ele nunca perdeu de vista o sentido de compreender o Brasil sob um prisma cultural, multifacetado, como as inúmeras culturas regionais componentes do “arquipélago brasileiro.”

Silviano Santiago considera no autor postulante a situação de “intérprete do Brasil”, a disposição de pensar as mudanças de um país que se mantinha atrasado e sob domínio dos “coronéis.” Em *Bandeirantes e Pioneiros* Moog transmite sua convicção de que a cultura e a arte possuem força para, uma vez compreendidas pelos governantes, construir uma sociedade mais justa.

⁵²⁵ Carta enviada a Érico Veríssimo, 22 fev. 1943. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

A diferença entre esse livro e as obras clássicas de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Gilberto Freyre, publicadas anteriormente, reside na época em que foi lançado. Se por um lado a crítica reconhecia em *Bandeirantes e Pioneiros* a potencialidade de clássico do pensamento brasileiro, a exemplo de *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, por outro, a cena intelectual brasileira começa uma já assinalada inflexão que marcaria a forma como a obra seria recebida. Referimos-nos aqui ao movimento que reforçou a produção de caráter universitário, nova faceta das ciências sociais, e relegou a um plano menor o estilo ensaístico. Essa nova realidade acabou por obscurecer a obra de Vianna Moog.

Observamos, entretanto, que estas características da reflexão do autor começam a ceder espaços para um sentido mais conservador, especialmente a partir do momento em que se reconciliou com a política de Vargas e passou a apoiá-lo em troca de vantagens pessoais e profissionais. O irônico é constatar a afirmação dos ideais de desenvolvimento e modernização, que ele assinalava como essenciais para o Brasil, passariam a ser perseguidos pela ditadura do Estado Novo. Segundo Elide Rugai Bastos,

Entre os inúmeros e grandes serviços prestados ao Brasil pelo regime inaugurado em 1937, ressalta o da consolidação da unidade nacional que se apresenta, atualmente, de modo inequívoco e inconfundível, em contraste com o que se verificava antes, quando a organização política da República, adstrita a mal concebido federalismo, de atuação centrífuga em relação ao poder central, dava a impressão de que a nossa Pátria caminhava para fragmentar-se.⁵²⁶

Esta virada na perspectiva de análise de Vianna Moog iria se estender pelas próximas décadas, de modo que, quando da instalação do regime militar, não encontramos manifestações suas de repúdio quanto a isto. Ao analisar a participação do intelectual, em geral, na sociedade ocidental, na segunda metade do século XX, Norberto Bobbio assegura: “Em termos realistas, porém, é licito supor que, se, admitamos, caiu em descrédito o intelectual utopista, que gostaria de mudar o mundo à sua imagem e semelhança, passou a ter mais crédito o intelectual com os pés na terra, que aconselha o político a dar um passo de cada vez.”⁵²⁷

Desta maneira, se por um lado Moog assumiu o papel de intelectual servidor do Estado, por outro mantinha, por vezes, uma expressão atenta com demandas sociais. Como represen-

⁵²⁶BASTOS, Elide Rugai. “Paulo Augusto Figueiredo e o pensamento autoritário no Brasil.” In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai e ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 125.

⁵²⁷BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 14.

tante do Brasil na ONU, por exemplo, ele emite relatório ao governo brasileiro com esse teor. Fala de liberdades sociais, embora deixe transparecer a ideia de que o ofício de prover a liberdade e o equilíbrio das relações sociais deva partir do administrador público:

Em todo o caso uma coisa é certa: a década do desenvolvimento terá que ser a década do planejamento. O que não é mais possível é cruzar os braços e deixar tudo correr por conta do *laisser aller* ou do *laisser faire* do velho liberalismo. Com nossa vontade, sem nossa vontade, contra nossa vontade, vamos ter que planificar. Planificar, coordenar, articular, integrar, cooperar, colaborar. Planificar, coordenar, articular, integrar, cooperar, colaborar, serão os verbos seminais do nosso tempo. Resta agora saber até que ponto poderemos planejar, articular, integrar, sem ferir a espontaneidade da vida e sem golpear o conceito de liberdade, que é entre os bens sociais o mais elevado de todos.⁵²⁸

A esta altura de nossa análise é importante questionar acerca de quais recursos, limites ou condições são evocadas para eleger um autor entre os chamados “intérpretes do Brasil.” Nas obras aqui citadas que se propuseram a elencar estes nomes, não há menção a essa questão: a da métrica de definição dos chamados “intérpretes”. Os organizadores não abordam nem definem este conceito. Carlos Lourenço Dantas, organizador de *Um banquete no trópico* (2001) encaminha, sem aprofundar, algumas considerações a este respeito na introdução dos dois volumes,

A forma de resenha solicitada aos colaboradores, além da intenção didática, tem a de chamar a atenção para o que esses livros contêm de duradouro como instrumento de conhecimento do Brasil, para sua atualidade, em suma. (...) ‘Banquete’ no sentido platônico do nome. Lá se discute o amor, aqui o Brasil. (...) Diálogos daquilo que seria depois o Brasil, ou que era o Brasil em gestação, adquire contornos grandiosos, evidentemente como parte de Portugal.⁵²⁹

Na introdução de *Intérpretes do Brasil* (2004) os organizadores atentam para discussões acerca da brasilidade. Ressaltam a possibilidade de muitos autores reconhecidos ficarem fora dessa abordagem.

Propõe-se aqui uma visita a alguns intérpretes do Brasil, procurando-se entendê-los em seu tempo, no contexto das mentalidades, das ideologias, das culturas e dos projetos políticos, das relações de produção, enfim, de sua época. Impossível esgotar no espaço de um livro a riqueza, a multiplicidade a diversidade dos intérpretes da brasilidade. São muitos, portanto, os intérpretes, mais ou menos conhecidos, que ficaram de fora dessa obra. Ainda assim, acreditamos estar oferecendo ao leitor uma saborosa visão panorâmica de como o Brasil foi pensado.⁵³⁰

⁵²⁸ Relatório de Vianna Moog da Comissão Cultural da ONU enviado ao ministro das relações exteriores do Brasil, em 1963.

⁵²⁹ MOTTA, Lourenço Dantas (Org). *Um Banquete nos Trópicos*. São Paulo: SENAC, 2001, v.1 e v.2.

⁵³⁰ AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

Isso acaba por garantir certa autonomia aos organizadores de tais obras, permitindo-lhes eleger determinados autores em detrimento de outros, uma vez que não há parâmetros metodológicos definidos para estabelecer a condição de quem seja ou não seja aceito neste rol. Segundo Silviano Santiago:

Não seremos todos nós, cidadãos brasileiros, intérpretes do Brasil? Durante a nossa penosa e por vezes milagrosa formação educacional e profissional, não seremos todos - e cada um - intérpretes do Brasil? Cada um a sua maneira, cada um com as suas ideias e formação, cada um com a sua visão de mundo e idiosincrasias familiares, ideológicas e partidárias, cada um de nós não seria um intérprete de nossa nação, um intérprete compulsivo, diletante e pluridisciplinar?⁵³¹

Em *Um enigma chamado Brasil* (2009), em que são reunidas discussões sobre vinte nove autores, encontramos algumas observações que são pertinentes para nossa reflexão. Para André Botelho e Lilia Schwarcz, a definição do conceito de “intérprete” não tem uma relevância significativa. A importância nessa questão reside no crescente interesse da pesquisa acadêmica atual acerca das interpretações brasileiras. “É certo que toda coletânea dessa natureza apresenta lacunas, e não faltará alguém para apontar algumas delas. Se outras coletâneas poderão incluir outros autores, também é fácil imaginar que novas edições não terão como deixar de fora os intérpretes aqui contemplados.”⁵³²

Também Silviano Santiago iniciara a introdução de seu livro sem oferecer maiores definições ao conceito de “intérprete do Brasil”. O organizador prefere nomear os autores e textos selecionados de “faróis”, em detrimento de “espelhos”:

Com sua ajuda [a do farol] e [seu] facho de luz é que temos caminhado, pois eles iluminam não só a vasta e multifacetada região em que vivemos, como também a nós, habitantes que dela somos, alertando-nos tanto para os acerto quanto os desertos administrativos, tanto para o sentido de progresso moral quanto para o precipício dos atrasos irremediáveis. São eles que nos instruem no tocante às categorias de análise e interpretação dos valores sociais, políticos, econômicos e estéticos que – conservadores, liberais ou revolucionários, pessimistas, entreguistas ou ufanistas – foram, são e serão determinantes da nossa condição no concerto das nações do Ocidente, e mais recentemente, das nações do planeta em vias de globalização.⁵³³

⁵³¹ SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*. Rio de Janeiro. n. 38, p. 19-34, 2009.

⁵³² BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 15.

⁵³³ SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, v. 1, p. 15.

O que se vê é uma imprecisão na definição ou delimitação do perfil, ou currículo de quem seja um “intérprete do Brasil”. As medidas aplicadas pelos diferentes organizadores das coletâneas são variáveis e flexíveis, de modo a acolher nomes mais reconhecidos como Gilberto Freyre ou Caio Prado Junior, e outros menos lembrados como o de Visconde do Uruguai ou Costa Pinto, ambos os presentes na coletânea de André Botelho e Lilia Schwarcz. Tal imprecisão reforça a possibilidade de que Vianna Moog poderia se fazer presente nestes estudos, haja vista o prestígio alcançado por dois textos seus. Referimos-nos especialmente a *Um rio imita o Reno* e *Uma interpretação da literatura brasileira*, ambos amplamente discutidos na época em que foram lançados. Considerados polêmicos pela crítica, contudo, contribuíram para a promoção e o prestígio do autor, eleito, inclusive, para a Academia Brasileira de Letras. Num segundo momento, a obra de maior repercussão lançada pelo autor foi o ensaio *Bandeirantes e Pioneiros*. O próprio Moog elogia sua obra em carta enviada a Érico Veríssimo,

Bati num manancial. (...) Os dois conceitos *Bandeirantes e Pioneiros* cobrem tudo. Cabe tudo dentro deles: sistemas econômicos, filosofia, métodos de investigação científica, o intuitivo, tipicamente bandeirantes, de avançar rumo ao desconhecido, à maneira como os conquistadores e descobridores se lançaram à descoberta e conquista de novos mundos, e o pioneiro, experimental, pragmático que só anda baseado na experiência e no fato, e que não avança um milímetro nos territórios da geografia, da imaginação e da ciência, sem tatear onde está pisando. O primeiro acredita sem ver, o segundo, só vendo. O primeiro é encarnado por D. Quixote, o segundo pelos mercadores de Toledo que pedem prova, um adminículo de prova que seja, da beleza de Dulcinéia que D. Quixote vive a apregoar. O primeiro em corpo e alma está representando em Bolívar que sonha em grande com a unidade americana. O segundo em George Washington, um terrível professor de isolacionismo e exclusivismo.⁵³⁴

Bandeirantes e Pioneiros revela um sentido de reconhecimento da formação cultural brasileira e ao mesmo tempo, um sentido de integração das diversas “ilhas culturais” do país entre si. Num escrito posterior, *A ONU e os grandes problemas sociais de nosso tempo*, ele mantém essa defesa de integração, dessa vez, extensiva a outros países da América Ibérica. Por conta disso, defendia não somente o reconhecimento mútuo entre as culturas, mas a aplicação de políticas públicas comuns, a exemplo da possibilidade de “integrar os grupos indígenas e outros grupos minoritários à cultura ocidental; absorver o negro na vida social americana.”⁵³⁵

⁵³⁴ Carta de Vianna Moog enviada a Érico Veríssimo, 3 ago. 1953. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁵³⁵ MOOG, Vianna. *A ONU e os grandes problemas sociais de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965. p. 71.

A questão preponderante na exclusão de Vianna Moog nas coletâneas analisadas, embora ninguém tenha dito ou escrito, não parece passar pela qualidade de suas obras, ou pela aceitação de suas ideias acerca da modernização e desenvolvimento do Brasil, nem mesmo pela discordância de análise histórico-sociológica que faz da formação cultural brasileira. O que aparentemente determinou o fiel da balança repousou em um conjunto de fatores, dentre os quais selecionamos dois: o alinhamento por ele assumido junto às ditaduras, do Estado Novo de Vargas e, posteriormente, com o regime militar em 1964.

No primeiro capítulo abordamos análise de Julien Benda acerca do distanciamento do intelectual de conceitos como Verdade, razão, justiça. Quando assim procede, o intelectual trai sua condição, diz Benda,

Este culto da emoção como ódio à inteligência os levou a se entregarem desenfreadamente às paixões; e, entre as paixões, a nossa época conheceu, como nenhuma outra época pôde fazê-lo, um tipo prevalente: a paixão política. Os intelectuais, por tradição, aplicavam a mente àquilo que é verdadeiro acima dos interesses de tempo e espaço, e eram os servidos da justiça abstrata acima das partes. A partir do momento em que a paixão política se tornou prevalente, os intelectuais começaram a subordinar as verdades eternas aos interesses contingentes da nação, do grupo ou da classe, a submeter a razão da justiça à razão do Estado: traem assim a sua tarefa.⁵³⁶

De certa forma este enfoque de Benda serve para Vianna Moog, especialmente se considerarmos sua proximidade com regimes repressores, com paixões políticas sempre presentes em sua agenda de homem público, e o decorrente afastamento de um maior comprometimento com valores universais, como verdade, razão, justiça, liberdade, largamente anunciados em escritos anteriores, caso da obra *Um rio imita o Reno*.

Pode-se dizer que Moog enfraqueceu sua expressão universalista, ao aceitar participação naquilo que é particular, como o discurso em favor da nação, da nacionalidade. Se pensarmos os grupos políticos aos quais estava vinculado, podemos assinalar também, a defesa de uma classe. Como se estivesse ocupado com bens temporários, em detrimento da universalidade. Alinhado com homens afeitos à violência, que invertem a tradicional relação entre moral e política, ao fazer da moral o instrumento da política. Nestas posturas ele contraria uma das compreensões de Edward Said acerca do papel do intelectual no meio social em que está inserido:

⁵³⁶ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 45.

Pessoas bem relacionadas promovem interesses particulares, mas são os intelectuais que deveriam questionar o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e um sentido de privilégio de classe, razão ou sexo. (...) Por isso, a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder⁵³⁷

Sabemos que os indivíduos e suas trajetórias estão submetidos a alguns imponderáveis, a injunções sobre as quais eles não têm possibilidades de interferir. É o caso da dinâmica histórica que, no Brasil, contribuiu para uma crescente presença da pesquisa e produção acadêmica na cena intelectual. Vianna Moog não participou deste movimento e não pôde a ele se associar. Entretanto, sabemos também que a perspectiva histórica pode ser enriquecida se avaliada à luz das escolhas individuais dos sujeitos históricos. Sobre este aspecto, temos que considerar que algumas posições e decisões de Vianna Moog conduziram-no de forma a que elas lhes fossem cobradas posteriormente. Entre as consequências possíveis destas decisões e posicionamentos podemos apontar o ostracismo do autor nos anos que se seguiram à década de 1960.

Segundo Gunter Axt e Fernando Schuler, “De fato, a tradição ensaística brasileira, tão vigorosa até o final da primeira metade do século 20, tendeu a entrar em declínio à medida que se profissionalizava o ofício do historiador, na esteira da difusão dos cursos de pós-graduação em nossas universidades. A historiografia elaborada na contemporaneidade tende a produzir menos esforços de síntese do processo histórico nacional, pretendendo-se mais monográfica, mais atenta ao tratamento das fontes e às questões do método. O nosso formalismo acadêmico de hoje nos proporciona mais confiança na cientificidade do nosso ofício, mas talvez tenhamos perdido um pouco daquela irreverência criativa que produziu interpretações do Brasil associadas a projetos de nação”⁵³⁸.

4. Vianna Moog: o intelectual fora de seu tempo

Adauto Novais define o início da segunda metade do século XX como um “tempo de incertezas”. Segundo o autor, um tempo crescente de dificuldade dos intelectuais em posicionarem-se frente a questões levantadas pelo iluminismo europeu e mantidas na agenda do dia em gerações de autores, romancistas e ensaístas. Vianna Moog, ao longo de sua vida, tinha se

⁵³⁷ SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 13.

⁵³⁸ AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 13.

ocupado com estes temas no que eles se relacionavam com os conceitos de verdade, razão, liberdade e justiça.

Segundo Novais, estas questões são vitais: “onde estamos? para onde vamos? [pois] há uma dificuldade em representar o mundo atual, o que nos leva, portanto, ao tempo de silêncio e reflexão. Por que o silêncio incomoda tanto?”⁵³⁹ Ele observa que o silêncio do intelectual não indica obrigatoriamente ignorância ou desatenção, mas seu reposicionamento no cenário em movimento. O silêncio, dessa forma, não é simples ausência de argumento, ideias ou imagens, mas pode indicar um estado de crise. Da mesma forma indica um tempo de passagem de uma expressão, de uma roupagem, para outra.

Helenice Rodrigues da Silva fala também da contradição existente nesse tempo:

O campo filosófico dos anos 50 projeta uma imagem contrastada: se, por um lado, ele assinala o momento do triunfo de uma figura de intelectual que se posiciona sobre todos os domínios e se posiciona por todos os meios, por outro lado, ele presencia a emergência discreta de novas formas de organização do trabalho intelectual que terminarão por tornar derrisórias as pretensões do intelectual total.⁵⁴⁰

As circunstâncias do silêncio intelectual de Adauto Novais se aplicam a Vianna Moog, de maneira especial no período iniciado em 1960. Sua ocorrência pressupõe um tempo anterior de conversação, de vozes circulantes, discursos, ideias dialogadas e publicadas.

Ângela de Castro Gomes lembra o lugar especial que tinham os encontros destinados ao lazer, à boemia, bem como à “articulação de ideias que precisam de suportes materiais e simbólicos para fazer circular seus projetos, sem o que eles perdem significados. (...) Inseriram-se no universo das paixões, crenças e vaidades intelectuais, como nos lembra Mário de Andrade”⁵⁴¹. Se pensarmos o caso de Vianna Moog, esses espaços de encontro remetem às livrarias, especialmente a Livraria do Globo, em Porto Alegre.

⁵³⁹ NOVAIS, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 7. Ver também Helenice Rodrigues: “a crise de representação do intelectual serviu de estímulo para o aparecimento de um novo objeto de estudo – o intelectual – e de uma nova área de investigação – a história intelectual. Historicamente datada, essa crise é parte integrante das mudanças de paradigmas intelectuais resultantes de deslocamentos de modelos históricos, ideológicos, epistemológicos, assim como o desaparecimento dos *maitres à penser*, no sentido próprio e figurado do termo”. SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragments da história intelectual*. Campinas: Papyrus, 2002. p. 18.

⁵⁴⁰ SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragments da história intelectual*. Campinas: Papyrus, 2002. p. 35.

⁵⁴¹ GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...* Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 58.



Em jantar de amigos da Livraria do Globo, em 1942. Da esquerda para a direita, sentados: Henrique Bertaso, Moisés Vellinho, Vianna Moog, Érico Veríssimo, Darcy Azambuja; em pé: Casimiro Fernandes, José Bertaso, Maurício Roseblant.

Na mesma linha de raciocínio de Aduato Novaes, Russell Jacoby questiona: “onde estão nossos intelectuais?”⁵⁴²; não os intelectuais da atualidade, mas os intelectuais pertencentes ao que ele define de “última geração”, ou seja, aqueles nascidos no princípio do século XX, a exemplo de Vianna Moog.

Os intelectuais que escrevem com vigor e clareza podem ser tão raros quanto alugueiros baixos, em Nova Iorque ou São Francisco. Criados nas ruas e cafés da cidade antes da era das enormes universidades, os intelectuais da última geração escreviam para o leitor educado. Foram suplantados pelos intelectuais *high-tech*, por consultores e professores – almas anônimas, que podem ser competentes e até mais competentes, mas que não contribuem para a vida pública. Os intelectuais mais jovens, cujas vidas se desenvolveram quase inteiramente nos campi, se dirigem aos colegas de profissão, mas são inacessíveis e desconhecidos para outras pessoas. Este é o perigo e ameaça. A cultura pública depende de um grupo cada vez menor de intelectuais mais velhos que dominam o vernáculo, o qual está rapidamente saindo do alcance de seus sucessores.⁵⁴³

⁵⁴² JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: USP, 1990. p. 09.

⁵⁴³ Idem, p. 10.

Para associarmos este recuo dos intelectuais a aquele que viveu Vianna Moog, podemos assinalar a diminuição quantitativa de suas crônicas jornalísticas bem como o reduzido número de obras suas editadas na segunda metade do século XX.

A inserção de Vianna Moog no meio intelectual brasileiro no período 1930-1940 tinha se encaminhado fortemente pela imprensa escrita. Entretanto, o panorama não se repetiria na segunda metade do XX, conforme podemos observar em suas coletâneas de crônicas e aparições em matérias jornalísticas contidos no seu acervo pessoal. Nessa época, a presença de Moog no meio jornalístico e demais espaços de circulação intelectual ocorrem sensivelmente por conta do livro *Bandeirantes e Pioneiros*, recém-publicado. Passado esse período, nos anos de 1970, os registros de sua aparição são francamente reduzidos.

O papel do intelectual ganhava contornos universitários, ao passo que as redações de jornais, em grande medida, redefiniam sua relação com jornalistas, com o público leitor, com a própria universidade,⁵⁴⁴ conforme salienta Russel Jacob:

Essas restrições são inerentes a todo o trabalho em jornal, mas também refletem períodos históricos específicos. Atualmente, o número reduzido de jornais e o esforço intensificado para atrair leitores ricos através de uma cobertura leve de estilo de vida, limitam os jornalistas. Enquanto as universidades se expandiam fisicamente, os jornais declinaram. Um estudo pessimista pergunta se os jornais estariam renunciando a seu papel de transmissores de informação, educação e cultura.⁵⁴⁵

A julgar pelo reduzido volume de recortes, anúncios e textos jornalísticos publicados sobre as últimas obras do autor, ao que se soma sua diminuta correspondência versando sobre tais publicações, deduz-se que *Uma jangada para Ulisses*, *Tóia*, e *Em busca de Lincoln* não alcançaram a mesma repercussão de seus textos anteriores. Visto assim, talvez tenhamos mais um indício de que a produção de Vianna Moog já não despertava a mesma motivação por parte dos leitores, pares e mídia.

Sem mencionar gerações ou autores contemporâneos de Moog, Elizabeth Rizzato Lara⁵⁴⁶ analisa *Tóia* (1962) e *Uma Jangada para Ulisses* (1959). A autora situa o interesse de

⁵⁴⁴ O Curso Comunicação Social foi criado oficialmente em 1952 obtendo reconhecimento pela Lei Nº 1254/50. O Currículo do Curso de Comunicação Social sofreu uma reestruturação autorizada pelas Resoluções Nº 02/84 e Nº 06/84 da III Câmara do COCEP - Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRGS. <http://www.ufrgs.br/fabico/jornalismo.htm>.

⁵⁴⁵ Idem, p. 236.

⁵⁴⁶ LARA, Elizabeth Rizzato. *A metáfora da vida*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989. p. 17.

Moog em cruzar suas experiências de representante político com a do literato. Ao falar de países por onde passou ou residiu, o autor se permitia regressar às origens históricas, ao Rio Grande do Sul, aos movimentos políticos dos primeiros anos da década de 1930. É a “jangada” de Moog viabilizando seu trânsito entre o presente e o passado [“a jangada de Ulisses sempre retorna a Ítaca”!]. Ainda segundo Lara,

as idas e vindas no tempo – presente e passado – e no espaço – várias cidades do Rio Grande do Sul/Porto Alegre – entretidas com acontecimentos pessoais e políticos, formam o arcabouço da novela. Ripol e Juvenal, à proporção que crescem na narrativa, se desvelam e apresentam-se como protagonistas dos principais acontecimentos de sua época. Representam a geração gaúcha de 1930 que ascendeu ao plano mais alto da vida social e política do país. Utilizando a técnica do encaixe, Vianna Moog enfatiza os acontecimentos.⁵⁴⁷

As reminiscências de Moog na obra *Uma jangada para Ulisses* envolvem uma nota de vaidade em relação aos seus feitos e posições do passado. Passado esse que simboliza ao mencionar a saudade da cidade de Porto Alegre:

Nada mudou ali, nada. Aliás, a Rua da Praia, além de outros méritos, tem o da coragem das atitudes. Nenhum detalhe se transformou naquela síntese do mundo gaúcho ali localizado. No meu tempo de Porto Alegre, por exemplo, quem quisesse encontrar a fronteira do Estado bastava dirigir-se até a frente da ‘Casa Além’: ali estava sempre a gauchada daquela zona. Já a colônia e as classes conservadoras localizavam-se defronte à ‘Alfaiataria Pertensen’, os intelectuais e artistas nas imediações da ‘Livraria do Globo’, o mundo esportivo na ‘Casa Esporte’ e assim por diante. Hoje em dia, tudo continua igual nessa artéria, para mim única no mundo. Pode ser que os centros de reunião tenham mudado mais para cima ou mais para baixo, para uma calçada ou para outra. Mas, em sua essência, a Rua da Praia segue sendo para mim aquela Rua em Porto Alegre, retrato da cidade e espelho do nosso Rio Grande do Sul.⁵⁴⁸

O romance *Tóia* é a condensação da vivência de uma larga temporada em contato com o México, cuja cultura ele procura retratar na figura da indiazinha Tóia, que empresta seu nome à obra, “safada e sedutora, caprichosa nos desejos de mulher primitiva – semicivilizada, capaz de torturar o branco que a persegue.” *Tóia* é, na realidade, seu romance mexicano, consequência dos anos de permanência naquele país. O romance revela o autor relativamente distanciado do cenário brasileiro, de modo que a trama se desenvolve sob a cultura, cidades e realidade histórica e sociológica do México.

⁵⁴⁷ Idem, p. 17.

⁵⁴⁸ Entrevista de Vianna Moog ao jornal *Folha da tarde*, 09 out. 1954. Coleção publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Enquanto reside no exterior e se ocupa em construir estes dois romances, Moog repassa ao governo brasileiro seus relatórios habituais, cujas temáticas, na década de 1960, aparecem também em forma de memórias de sua participação em espaços de circulação de homens provenientes de diferentes meios, intelectuais e políticos, a exemplo da sua própria estada na VI Sessão da Comissão Social da ONU. Novamente revelando-se envaidecido, rememora as concessões que obteve para muitos países de economias dependentes, caso do Brasil. Nesse caso, ele recorda: “nossa intervenção decidiu o destino do Fundo Internacional de Socorro à infância com seus processos de alimentação em massa, o qual tem salvado por meio de leite em pó milhares, senão milhões de crianças no Nordeste do Brasil.”⁵⁴⁹

Como Ulisses que regressa em busca de Ítaca, Moog ressalta o tempo de sua geração, o tempo e o espaço, as ruas de Porto Alegre, a estada na Amazônia, as ações políticas efetivadas no Brasil e em outros países, como foi o caso do México.

*Em busca de Lincoln*⁵⁵⁰ teve pouca repercussão. O texto, uma fusão de romance com biografia, discorre sobre a vida do ex-presidente norte-americano. Nele Vianna Moog assegura que a sociedade inserida na lógica moderna de produção demanda tempo excessivo para o trabalho, o estudo, a investigação e a aplicação. Disto resulta “o desajustamento psicológico” vivido pelo o homem moderno, sobretudo o norte-americano. Esses aspectos são necessários à elaboração da cultura, todavia, a cultura também reivindica tempo para o ócio. O ócio, a hora do devaneio, da disponibilidade mental, a hora contemplativa em que o indivíduo se aceita a si mesmo com plenitude e através desta aceitação se sente identificado com o mundo que o cerca, eis o momento seminal das grandes criações.”⁵⁵¹

Se por um lado o autor se mostrava deslocado em relação aos novos rumos da intelectualidade, por isso, fora de seu tempo, por outro, anunciava uma crença na condição orgânica do homem, a qual garantiria seu “ajustamento psicológico”. Sobre a mesma discussão, Moog escreveu para Érico Veríssimo dizendo que “os sinais dos tempos me parecem inequívocos: as linhas mestras da cultura americana, inglesa e alemã estão como o cabo do bondinho do Pão de açúcar: já não inspiram a confiança integral que inspiravam.”⁵⁵²

⁵⁴⁹ MOOG, Vianna. Livro inconcluso. Coleção obras não publicadas de Moog. Biblioteca Central da Unisinos.

⁵⁵⁰ Ver MOOG, Vianna. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

⁵⁵¹ Idem, p. 65.

⁵⁵² Carta de Vianna Moog enviada a Érico Veríssimo, 3 ago. 1953. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

A salvação disso viria pela condição produtiva, desde que somada à capacidade lúdica e artística. Daí a crítica de Vianna Moog à razão progressista e determinista, desapegada de um sentido contemplativo e artístico, que ele percebia em nações como os Estados Unidos. Assim como para Nietzsche a arte chegava a ser mais importante que a ciência, para Moog o mesmo parecia acontecer, especialmente na época em que sua imagem como intelectual perdia espaço.

Nesse livro, *Em busca de Lincoln*, o autor acusa o desejo utilitarista e imediatista da sociedade ocidental, leia-se norte-americana, por considerá-la desatualizada com uma formação educativa e cultural. O desejo imediato de progresso não deve, segundo ele, fazer queimar etapas da formação social, as quais demandam um tempo indispensável. Para Moog, como a “formação das estalactites, a cultura é o resultado de infiltrações lentas, de assimilações seguras adstritas a prefixações de tempo. Neste terreno não se admite excesso de velocidade. Aqui ninguém quebra a barreira do som.”⁵⁵³

A década de 1960-1970 coincide com três publicações suas dedicadas à literatura e à coletânea de memórias, de modo que a produção literária parece-lhe mais atraente do que a discussão ensaística voltada a temas da esfera política, econômica e social. Nesse caso, estamos diante de produções literárias, relativamente desapegadas do cenário histórico e sociológico brasileiro, na contramão das suas produções da primeira metade do século XX.

Provavelmente Moog declinou de discussões com apelo social e político levando em conta o cenário repressor daquele período. Daí o sentido um pouco protocolar permeando tanto esses textos quanto alguns de seus discursos proferidos em eventos em que participava. Num desses casos, ele discursa em homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek à OEA em 1963, época em que o autor era presidente do Comitê de Ação Cultural daquela Instituição,

O que V. Ex.^a vem preconizando no terreno econômico e social, desde o lançamento da Operação Pan-Americana, na qual pela primeira vez na história do Continente os grandes Estados Americanos reconhecem a sua responsabilidade pelo subdesenvolvimento dos pequenos, é o que nós de há muito buscamos no plano cultural. Não é outra a finalidade dos estudos que o Comitê vem realizando desde que foi criado pela Carta de Bogotá e desde que foi aqui instalado, graças à

⁵⁵³ Idem, p. 63.

munificência do governo mexicano. (...) Pelo visto, as preocupações de V. Ex.^a tem muito em comum com as nossas.⁵⁵⁴



Saudação de Vianna Moog a visita do presidente Juscelino Kubitschek ao Comitê e Ação Cultural da ONU, em 1963, no México.

O sentido de recordação de Vianna Moog, por certo, trazia em si menos a intenção de resgatar o passado e mais o de se utilizar dos triunfos auferidos como ferramentas para fazer frente à realidade adversa. Era um meio de lidar com a reclusão que experimentava, com o esquecimento que vivia em meio ao cenário intelectual brasileiro.

O intelectual se vê fora de seu tempo. O tempo de maior reconhecimento público de sua imagem intelectual o remetia para décadas anteriores, de ações junto à OEA, à ONU e de debates políticos. A época do exílio na Amazônia, na década de 1930, ele recordava com bons olhos. Segundo Moog, foi aquele recolhimento que fez surgir o literato, o ensaísta com instinto de historiador e sociólogo. Por várias vezes Moog mencionou o período de castigo político na Amazônia como um dos mais positivos de sua vida, pois o alertou para a diversidade cultural brasileira. Em virtude disto ele escreveu obras como o *Ciclo do ouro negro*, cujo tema era a formação cultural da sociedade amazônica. Inspirado nela escreveria, depois, *Um rio imita o*

⁵⁵⁴ Discurso de Vianna Moog por ocasião da visita do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek ao Comitê da Ação Cultural da OEA, no México, em 1957. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos. Ver também: discurso ocorrido na ocasião em que Moog foi homenageado pelo governo do Rio Grande do Sul, em 1985. Naquela oportunidade Vianna Moog recebeu a insígnia de “grande oficial da Ordem do Ponche Verde”. O ensaísta agradeceu discursando sobre a construção histórica da simbologia “Ponche Verde”. Numa fala carregada em deferências e elogios, rememorou inúmeros feitos da Revolução Farroupilha, da atuação de lideranças simbólicas como David Canabarro. Falou das glórias do Rio Grande frente às dificuldades políticas enfrentadas pelo governo imperial brasileiro na época. Discurso proferido por Vianna Moog em agradecimento à homenagem que lhe foi prestada pelo governo de Jair Soares, no ano de 1985. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Reno, um contraponto da cultura sulista frente à cultura do Norte do Brasil. Dito de outra forma, trata-se de uma comparação entre a formação cultural do Sul do Brasil com a cultura analisada em *O ciclo do ouro negro*.

Ao ostracismo na Amazônia em 1932, Moog reputava parte de sua ascensão intelectual, do reconhecimento alcançado entre contemporâneos, bem como a eleição para a Academia Brasileira de Letras e o estreitamento de relações com o meio político.

Se o primeiro ostracismo rendeu o surgimento do intelectual que seguiria pensando o Brasil, o ostracismo seguinte, que se desenvolveu a partir da década de 1960, fez o caminho inverso. Os efeitos desse segundo momento parecem miná-lo em seu desejo ou disposição de fazer-se intelectual e expressar suas ideias e análises acerca do cenário cultural, social e político brasileiro.

Nisso há certa ironia, uma vez que o ostracismo de antes ocorreu devido à indisposição política de Moog com o governo do período de Vargas, ao passo que no segundo ostracismo o ensaísta se achava alinhado com o poder.

O sujeito de nossa análise se mostrava ciente de seu ostracismo e marginalidade, apesar dos eventuais convites para pronunciar discursos protocolares em algumas cerimônias. Respondia a este sentimento manifestando certa nostalgia, mas, também, uma dose de vaidade em relação ao que ficava para trás.

Em certo sentido, Moog se mostra preso ao passado, à geração de 1930, em cuja agenda temática giravam preocupações em torno da formação cultural brasileira. Autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros,⁵⁵⁵ se ocupavam em discutir a sociedade brasileira enriquecida pela herança cultural portuguesa. Longe de representar consenso, a positividade ibérica muitas vezes era rechaçada em nome de olhares alinhados com as

⁵⁵⁵ Ao falar de companheiros de diálogo e ações políticas, Moog menciona alguns nomes que a seu juízo ostentavam larga representação no meio intelectual regional e nacional naquela geração de 1930: “à celebre porta da livraria do Globo, onde todas as tardes à hora do *footing* se reunia gente famosa ou à cata de fama – políticos realizados ou por se realizarem, escritores e poetas, (...) nomes como e de um Borges de Medeiros de Caçapava; de um Getúlio Vargas, de São Borja; de um João Neves da Fontoura, de Cachoeira; de um Osvaldo Aranha, de Alegrete ou de um Mauricio Cardoso, de Porto Alegre, astros maiores dos momentos estelares que o Rio Grande do Sul iria viver, Lindolfo Collor, de São Leopoldo, não ficaria deslocado.” MOOG, Vianna. Discurso de posse no Instituto Histórico e geográfico brasileiro. Coletânea discursos de Moog. Livraria Unisinos.

luzes da modernização, conforme empreendimento de países tributários da reforma protestante, do ideal de desenvolvimento, caso dos Estados Unidos.

Era nessa geração, entre alguns desses contemporâneos, que Moog seguramente encontrava maior sentido para propor questionamentos tais quais: “onde estamos? para onde vamos?” Também residira aí o seu maior entusiasmo intelectual em desenvolver possíveis respostas e argumentações acerca desses e outros temas relacionados com a formação cultural da sociedade brasileira.

Nas últimas décadas do século XX, outras interrogações como “Por que o silêncio incomoda tanto?”⁵⁵⁶, levantada por Adauto Novais, continuam a perturbar e a instigar o pesquisador do presente. Por ora, o silêncio da intelectualidade das últimas décadas em relação ao trabalho de Vianna Moog é o alvo de nossas inquietações.

José Murilo de Carvalho assinala sua ida ao inferno a fim de fazer uma visitinha amigável a Oliveira Vianna, que para lá fora mandado em face de graves pecados por ele cometidos e confessados, como o de ser racista, conservador, elitista, corporativista e apoiador da ditadura. Teria ele encontrado por lá o escritor gaúcho, acompanhando o colega tão mais famoso? E o que o teria conduzido a este mesmo destino?

Racista, como já vimos, suas obras indicam que ele não era. Era, contudo, conservador politicamente. De qualquer forma, esteja onde estiver sua memória intelectual, acreditamos que deva ser resgatada, pois deixou uma criativa e vigorosa reflexão acerca da formação cultural do Brasil. Afinal, como nos ensina Norberto Bobbio, “nos tempos que correm, não reconheço mais que uma virtude: não a coragem, nem a vontade de martírio, nem a abnegação, nem o ofuscamento, mas apenas a vontade de compreender. A única honra que nos resta é a do intelecto.”⁵⁵⁷

⁵⁵⁶ NOVAIS, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 7. Ver também Helenice Rodrigues: “a crise de representação do intelectual serviu de estímulo para o aparecimento de um novo objeto de estudo – o intelectual – e de uma nova área de investigação – a história intelectual. Historicamente datada, essa crise é parte integrante das mutações de paradigmas intelectuais resultantes de deslocamentos de modelos históricos, ideológicos, epistemológicos, assim como o desaparecimento dos *maitres à penser*, no sentido próprio e figurado do termo”. SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da história intelectual*. Campinas: Papirus, 2002. p. 18.

⁵⁵⁷ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 78.

Considerações finais

Este trabalho investigou a carreira literária e profissional de Vianna Moog, tentando entender em que cenários ele circulou, as reflexões que fez sobre temas diversos mas, em especial sobre o Brasil e, na medida do possível, como foi lido e recebido por seus pares, ainda que não exclusivamente por eles.

Analisando a produção que, por volta do ano 2000, dedicou-se a estudar os “intérpretes do Brasil” nos deparamos com possibilidade de observar a ausência de seu nome entre

os autores considerados intérpretes do pensamento social brasileiro, rememorados no início do século XXI no país, passamos a nos indagar dos significados desta ausência.

Essa questão somada às demais, conforme abordamos na introdução, acabou legitimando, em grande medida, nosso interesse em analisar a produção intelectual de Vianna Moog acerca da sociedade brasileira, bem como sua trajetória de intérprete do Brasil.

Em face disso, nos pareceu oportuna a aplicação das orientações da história intelectual ao estudo que propomos sobre a produção intelectual de Vianna Moog. Vimos que o autor se posiciona como “um intelectual” e como tal, reflete as idéias de sua época, de sua geração, e articula⁵⁵⁸ as crenças circulantes numa determinada sociedade⁵⁵⁹.

A intelectualidade de Moog, cabe salientar, não se faz plena na medida em que mantém certa autonomia em relação a algumas instituições, especialmente o meio Universitário. Nesse sentido, seguimos a análise de Fernando Antonio Pinheiro Filho, de que “o intelectual pertence a um coletivo com certo padrão de ligações instrumentais e afetivos, e dispõe de um quadro institucional que lhe garante provimento material com diferentes margens de autonomia (a universidade, as mídias em geral, as editoras)”.⁵⁶⁰ Embora Vianna Moog tenha evitado a produção acadêmica, manteve assiduidade em outros espaços como o meio editorial, político e cultural a exemplo da Academia Brasileira de Letras e o Instituto histórico e geográfico.

Uma das dificuldades vivenciadas na investigação das problemáticas e consequente elaboração dos capítulos dessa pesquisa revelou-se na ausência de trabalhos ou comentadores com os quais pudéssemos dialogar sobre a produção e a trajetória intelectual de Vianna Moog. Exceção feita às interpretações desenvolvidas por Lúcia Lippi de Oliveira, Jessé de Souza e Thomas Skidmore em torno da obra *Bandeirantes e Pioneiros*, somadas às crônicas de jornais

⁵⁵⁸ Robert Darnton, diz que “(...) a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a atender as coisas pensando dentro de uma estrutura fornecida por nossa cultura”. Citado por SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004. p. 23.

⁵⁵⁹ BAUMER, Flanklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Rio de Janeiro: edições 70, 1977. p. 21-23.

⁵⁶⁰ FILHO, Fernando Antonio Pinheiro. “Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição.” In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Agenda Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 308. Essa obra foi lançada muito recentemente, em julho deste ano, de forma que ela não pode ser utilizada no trabalho que, naquela oportunidade, estava praticamente concluído.

de alguns autores contemporâneos e analistas literários produzidas, em grande medida, no período de 1930-1950, pouco, ou quase nada se encontra acerca desse autor.

Diferentemente de outros intérpretes do Brasil como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, sobre quem foi produzido no meio universitário um extenso volume de textos, teses e artigos, possibilitando debates e ampliação de conhecimentos, Moog pouca atenção recebeu, portanto. Nosso trabalho se encaminhou, assim, na quase impossibilidade de cotejar a discussão com a de outros autores. Ao pensar por essa via, tomo por exemplo Maria E. Bresciani (2005), quando analisa a interpretação do Brasil construída por Oliveira Viana. A autora elenca inúmeros autores e textos empenhados em dialogar a participação intelectual de Viana, seja em seu enfoque voltado a compreender as identidades brasileiras, seja nas ponderações políticas que o identificavam com o pensamento conservador e até mesmo racista e fascista.⁵⁶¹

Temos consciência do risco a que estivemos sujeitos no desenvolvimento dessa tarefa, como o de parecermos, por vezes, comprometidos com a elaboração de um texto inclinado a realçar aspectos positivos do autor, de modo a alavancar sua imagem intelectual, notadamente no meio acadêmico. Reconhecemos a pertinência dessa dificuldade, mas ressaltamos que jamais tivemos essa intenção. Ao contrário, estivemos atentos às dificuldades que “narrar” uma existência pessoal segundo uma esperada linearidade que desconhece as contradições que são partes da vida dos sujeitos.

Como pudemos observar, Vianna Moog deu início a seus escritos no final dos anos vinte, tomando por referência a análise literária intercalada com uma interpretação de cunho sociológico sobre o Brasil. Conforme se avizinhava a virada para a década de 1930, o recém-formado advogado iria gradativamente se inspirando na análise acerca do que era e o que deveria ser o Brasil.

Nessa linha, assim como outros nomes de sua geração, dedicou boa parte do seu esforço à pensar a formação brasileira. Alguns destes seus parceiros de geração fizeram-no a ponto de terem sido merecedores da definição de “intérpretes do Brasil”, casos de Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, por exemplo.

⁵⁶¹ BRESCIANI, Maria Stela M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 21 a 26.

Apesar de pouco lembrado pela produção universitária, encontramos uma sólida reflexão do autor no sentido de pensar e atuar pela causa política, social e cultural brasileira, como fez no período de 1930 a 1932, conforme abordamos nos três primeiros capítulos. Nessa época, o autor variou sua participação entre a produção escrita e a ação armada, ao publicar crônicas jornalísticas e participar de eventos revolucionários. Evaristo de Moraes Filho⁵⁶² escreve que Vianna Moog iniciou a década de 1930 imerso no idealismo de um mundo melhor, baseado na Liberdade, Igualdade e Fraternidade dos revolucionários Europeus. Suas crônicas e primeiros discursos, somados à participação na frente armada de 1930, a qual levou Getúlio Vargas a presidência da República, anunciam o ideal de renovação da vida política nacional. Entretanto, o idealista, sonhador, libertário, logo se desilude e fica com a liberdade prometida e se alinha entre os contestadores de 1932, pela constitucionalização do país. Da mesma forma, novamente se utiliza do texto jornalístico ou do estilo ensaístico em paralelo a participação armada visando combater o tenentismo e a continuação da ditadura no Brasil.

Os primeiros anos da participação intelectual de Vianna Moog já acenavam para alguns aspectos demarcadores em seu enfoque como intérprete do Brasil e de sua própria carreira profissional, especialmente no meio político. Talvez se possa dizer que Moog não se dedicou a uma área em detrimento da outra, ou seja, quando se fez escritor não deixou de lado o interesse político e vice-versa. Um exemplo disso se vê na ocasião em que sua posição contrária a Getúlio Vargas rendeu-lhe um período no exílio. O castigo de permanecer na Amazônia reverteu em produção escrita com a coletânea de crônicas e posteriormente transformada em livro. Daí a retomada com a relação política e sua inserção no meio, possibilitando suas investidas em ocupação de cargos de representação do governo brasileiro em espaços internacionais. Tudo isso, sem deixar de efetivar-se como escritor, romancista, ensaísta.

Na década de 1940, Moog estava reconciliado com o governo de Getúlio Vargas, mais do que isso, com o Estado Novo. O autor lamentava seu desejo não realizado de seguir a política e não as letras. Tornou-se escritor porque descobriu que não tinha talento para a política, dizia.

⁵⁶² FILHO, Evaristo de Moraes. *O cordial Vianna Moog e sua obra polêmica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 6 e 7.

Enquanto ensaísta e ocupado em pensar o Brasil, o autor remete sua construção às raízes históricas do período colonial brasileiro. Declaradamente amigo de autores como Érico Veríssimo e Gilberto Freyre, Moog se identifica com eles, e com eles compartilha expressões, simbologias, metáforas e definições sociológicas em sua narrativa.

Com Veríssimo, por exemplo, mantém o debate comparativo entre a formação cultural brasileira e norte-americana. Os dois autores dialogam sobre a relação hierárquica da sociedade brasileira, cujos sinais identificam pela imposição da expressão: “você sabe com está falando”? Moog atribui a construção dessa expressão a Érico Veríssimo. Este, por sua vez, identifica em Moog o talento para representar o brasileiro descomprometido com sua terra na imagem do “jeitinho”, da “malandragem”, do “mazombo”. Nesse caso, parece representar a ideia nas ações do personagem Pedro Malazartes, ao qual recorre seguidamente em seus escritos.

Moog e Veríssimo viveram a mesma época. A correspondência entre ambos revela o longo debate que mantinham acerca do Brasil, sua literatura, sua história. Trocavam incessantemente os manuscritos de seus livros, de modo que algumas obras do primeiro ganhavam status de acabadas a partir da chancela do amigo. É o caso de “O tempo e o Vento” de Veríssimo, o qual Moog lia e glosava por meio de cartas. Comentava e elogiava, dizendo que “está pronto para a publicação este que será uma revolução na construção literária gaúcha e até mesmo brasileira.”⁵⁶³

No diálogo com a sociologia de Freyre, a proximidade aparece já no título de sua principal obra. Quando o sociólogo de Apipucos projeta a obra *Casa Grande & Senzala*, o “e” anula o sentido de oposição entre os dois espaços, (o dos senhores e o dos escravos) de modo que há, antes, um equilíbrio no relacionamento, em detrimento de uma oposição racista entre brancos e negros. Moog segue essa esteira e a projeta em *Bandeirantes e Pioneiros*. Nesse caso, teríamos duas formações sociológicas diferentes, Brasil e Estados Unidos, ainda que não houvesse oposição entre ambas. Com isso o autor se mostra imbuído de pensar o Brasil, em suas possibilidades e “necessidades” de modernização e desenvolvimento, cujo exemplo dos Estados Unidos serviam-lhe de espelho, tanto como bem revela ao descrever a devoção de

⁵⁶³ Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, em 20 de março de 1942. Sessão correspondência de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.

Aleijadinho (Antonio Francisco Lisboa), dedicada ao trabalho edificante em prol da sociedade brasileira.

Esse olhar de Moog, voltado para a formação cultural brasileira, se mantém alinhado com Freyre, especialmente quando fala da ausência de quistos raciais no país. Sobre isto ele diz: “nessa terra, que não conhece diferenças sociais intransponíveis, onde predomina o culto dos homens que se fazem pelo próprio esforço.”⁵⁶⁴

Além desse diálogo com autores de seu tempo, casos de Gilberto Freyre, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Dante Laytano, Moog não perdia de vista as publicações mais recentes provenientes da Europa. Assim, mesclava à prosa, o romance, o discurso filosófico consagrado por intelectuais, os quais ele mencionava como “mestres de além-mar.” Da leitura de obras e autores europeus ou norte-americanos, Moog recolhia parte da inspiração em seus debates sociológicos: “os nossos interesses morais, industriais e comerciais estão preponderantemente ligados aos países de organização a um tempo democrática e capitalista, entre os quais Inglaterra, França, Estados Unidos.”⁵⁶⁵ Como observamos no primeiro capítulo, a escrita de Moog remete insistentemente a textos e nomes estrangeiros, como Cervantes, Émile Zola, Voltaire, Ibsen, Eça de Queiroz, Taine, Anatole France, August Comte, dentre outros, que diz ter lido em seus estudos, seja em questões universalistas como verdade, razão, liberdade, ou na defesa de demandas sociais, em questões utilitárias como diria Julien Benda (2007). A métrica internacional lhe servia não somente para o terreno sociológico, mas também para a narrativa literária.

Sobre literatura francesa, (...) de nacionalistas e ensaístas, o espírito cartesiano inseparável do espírito francês, é que estabelece, ininterrupto e invariável, o perfeito nexo de continuidade e de íntimo parentesco espiritual entre Descartes e Pascal, entre Pascal e Montaigne, como entre Montaigne e Voltaire, Voltaire e Anatole. Da literatura alemã não seria talvez difícil sustentar a sua natureza filosófica-metafísica, traço que liga Lutero a Kant, Kant a Goethe, Goethe a Nietzsche, Nietzsche a Spengler. Na literatura espanhola bastar-me-ia acentuar o seu caráter místico-cavalheiresco para ficar próximo de sua verdade substancial que reside nela como lírico-heróico na portuguesa e o de sublimação das realidades temporais e espaciais na inglesa.⁵⁶⁶

Com isso, o ensaísta foi construindo sua fortuna intelectual, a qual legitimava sua trajetória no espaço literário, bem como na geração ocupada com o debate histórico e socioló-

⁵⁶⁴ Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, 12 jan. 1943. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁵⁶⁵ Moog, Vianna. *Obras de Vianna Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966. p. 66.

⁵⁶⁶ Idem, p. 108.

gico, e, marcadamente, no espaço político, por meio da representação do governo brasileiro em instituições internacionais. Todavia, no tocante à interpretação do Brasil propriamente, Moog não chega a produzir um texto singular, com características inovadoras da formação cultural brasileira em relação a outros intérpretes do Brasil.

Ao ressaltar o tema do bandeirante em comparação ao pioneiro norte-americano, ou dos quistos raciais no Sul do Brasil, em *Um rio imita o Reno*, o autor obtém o mérito de mobilizar a elite pensante, contemporânea sua, em torno da realidade brasileira. Com isso se mostra próximo de intérpretes como Gilberto Freyre que ressaltou a positividade da herança portuguesa na formação brasileira. Ao evocar a imagem do mazombo para falar do déficit de racionalidade modernizadora na sociedade, o faz em acordo com outros intérpretes que, dentre variados temas, ressaltaram o atraso da modernidade brasileira; casos de Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato, ou Oliveira Vianna, especialmente quando falam da fragilidade das instituições políticas brasileiras.⁵⁶⁷ Apesar disso, de tais abordagens e da proximidade com autores da sua geração, o ensaísta não chegou a consolidar uma compreensão que o tornasse uma referência, que acreditasse uma escola em torno de seu pensamento.

Uma ressalva, talvez merecedora de atenção, remete ao texto *Uma interpretação da literatura brasileira*, em que discute as linhas estruturais da literatura brasileira em consonância com a formação cultural regionalizada da sociedade, no que chamou de ilhas culturais do Brasil. Este foi um texto largamente discutido, posto que inovador na crítica literária da época, e que teve papel importante na projeção intelectual do autor na década de 1940 e no seu projeto de acesso à Academia Brasileira de Letras.

Contudo, observar a ausência de um foco teórico ou pensamento capaz de repensar o próprio objeto da história do Brasil em Vianna Moog não significa menosprezo ao seu trabalho de interpretar a sociedade brasileira. A este respeito constatamos que não há uma conceitualização definida acerca das condicionantes que elevam o autor, escritor, intelectual ao panteão de “intérprete do Brasil”. Logo, o fato de Moog construir sua compreensão do Brasil, em grande medida, no mesmo alinhamento de seus contemporâneos, não o desqualifica no círculo dos intérpretes. Seguindo as palavras de Silviano Santiago, intérpretes são intelectuais encarregados de interpretar valores que vão do social, ao estético, sejam eles revolucionários ou

⁵⁶⁷ BRESCIANI, Maria M. *O charme da ciência e a solução da objetividade*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 14.

entreguistas. Sua orientação é vital para nossa compreensão acerca do concerto cultural das nações ocidentais na atualidade, diz o autor.⁵⁶⁸

A singularidade da construção intelectual do autor e que, ao mesmo tempo, motivou, em grande medida, o nosso interesse por esta investigação, remete a esses diversos olhares dirigidos a formação cultural brasileira, a qual ele vê sob uma perspectiva múltipla. Exemplo disso, aparece nas obras “*O ciclo do outro negro*” e “*Um rio imita o Reno*” e ratifica mais tarde no texto “*Uma interpretação da literatura brasileira*”, cuja abordagem revela as inúmeras “ilhas culturais brasileiras”. Num olhar que faz transitar entre a narrativa literária e o ensaio sociológico, o autor avança seus estudos acerca do Brasil na medida em que vai reconhecendo o país em suas fronteiras regionais. Do Rio Grande do Sul à Amazônia, daí o retorno e permanência no Rio de Janeiro, capital brasileira. Posteriormente, se volta para o Nordeste de Gilberto Freyre, com quem firmou longa amizade nas inúmeras idas e vindas a Pernambuco. Moog tira proveito dessas possibilidades e fala do Brasil teuto-brasileiro de “*Blumental*” refratário a diversidade cultural de outras regiões. Se utiliza da simbologia do “*mazombo*” para ressaltar o sentido de desapego dos bandeirantes, pelo menos uma parte deles, em relação a construção do Brasil enquanto nação. Antes, segundo o ensaísta, era o espírito de esperteza, de descrédito ao trabalho formal, a ganhar relevo por meio do jeitinho, da malandragem.

O fato de não construir um discurso singular em sua geração contribuiu para o segundo momento vivido pelo autor no círculo intelectual brasileiro. Este período foi marcado pela sua perda de prestígio, o que se tornaria muito evidente quando da publicação das coletâneas comemorativas aos quinhentos anos do Brasil, na virada do século XXI.

Esse tema ganha maior enfoque no último capítulo desse trabalho, cuja discussão apanha, minimamente, o cenário intelectual da segunda metade do século XX, em que a participação de Vianna Moog perdeu vigor. Diversos fatores concorreram para esse distanciamento. Um desses fatores sinaliza para o meio político e para o apoio do intelectual à ditadura instalada no poder a partir de 1964.

A veia política de Vianna Moog acabou se revelando, ironicamente contrária a seu discurso intelectual. Vimos que inicialmente o ensaísta defendia um posicionamento humanista a favor de valores modernos como liberdade, igualdade e fraternidade, a exemplo do dis-

⁵⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, v. 1, p. 15.

curso de apelo à democracia e à tradição católica brasileira: “É esse mesmo justo divino quem nos ensina que nada é mais sagrado do que a liberdade do homem, e que todo regime que busca impor-se pela força é incompatível com o espírito dos seus evangelhos.”⁵⁶⁹ Entretanto, a concessão mais efetiva do autor ao meio político ocorreu nos regimes autoritários. O apoio ao regime de 1964 foi gestado em 1937. Moog já conhecia, na década de 60, as medidas da repressão, da fronteira entre o dizível e o realizável, da vivência no exílio, pois já as havia experimentado no governo de Getúlio Vargas. O convívio com o regimes repressores foram se formando ao longo dos anos, de modo que o Moog humanista da década de 1930, parece pouco presente na fase final de sua trajetória intelectual.

Mesmo assim, acreditamos que uma das maneiras de promover o retorno do autor e sua obra a uma futura agenda de pesquisa e debates passe pela retomada de seu discurso intelectual acerca da formação cultural brasileira, sem submetê-lo, na medida do possível, a sua ligação com os segmentos políticos. Ricardo Benzaquen de Araújo analisa essa mesma questão relacionada com Gilberto Freyre,

Não só Gilberto, mas nenhum outro pensador pode ser reduzido às suas posições políticas. A mesma coisa, por exemplo, acontece com Oliveira Vianna, com Francisco Campos e com outros intelectuais. Mesmo no plano internacional, há toda uma compreensão de que intelectuais ligados ao fascismo e ao nazismo, por exemplo, produziram ainda assim obra de valor, o que não significa, evidentemente, que nós devamos ter mais simpatia por esse tipo de regime. Mas, enfim, uma coisa não tem relação direta com a outra. Alguns vínculos podem ser percebidos, mas são de natureza muito mais complexa.⁵⁷⁰

No terreno político o ensaísta silenciou diante da restrição das liberdades individuais e das cassações políticas entre outras arbitrariedades. Entretanto, na esfera intelectual continuou produzindo, ainda que isso assumisse uma forma mais lenta. Um exemplo disto remete ao relatório do Comitê de Ação Cultural de 1963, em que o ensaísta defende a “revisão de

⁵⁶⁹ Discurso pronunciado em São Leopoldo, no Cine Independência, 20 set. 1937. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

⁵⁷⁰ Entrevista com os professores Elide Rugai Bastos, Enrique Larreta e Ricardo Benzaquen de Araujo. *Jornal da Unicamp*. Universidade de Campinas. De 13 a 19 de setembro de 2004. http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju265pag06.pdf. Ver no mesmo sentido, a consideração de Maria Bresciani: “Francisco de Oliveira Vianna: conservador, pensador de direita, pouco merecedor de crédito, exatamente pelas posições políticas assumidas. Seu nome compunha a lista de pensadores autoritários brasileiros ao lado de Alberto Torres, Francisco Campos e Azevedo Amaral, todos com produção bem fincada em um lugar teórico e político. Se a facilidade proporcionada pelo rótulo abria as portas para as análises de suas obras, esse lugar preestabelecido aprisionava a análise e conduzia necessariamente ao levantamento das características dessa vertente de pensamento, pouco espaço deixando para indagações mais livres. BRESCIANI, Maria Stela M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 9.

conceitos” por parte da América Latina visando novas possibilidades de desenvolvimento e modernização para o continente:

Liberdade? Liberdade, pois não: liberdade espiritual, liberdade de culto, liberdade informação e de pesquisa, esta última naturalmente subordinada a um objetivo ético, para que na aplicação prática dos resultados das inovações científicas, (o saber não se converta em instrumento de pressão de homens e de povos), como a liberdade de informação há de ser condicionada ao objetivo de aproximar os povos e não de separá-los com a dialética da magnificação e sublimação dos próprios propósitos e da distorção sistemática dos propósitos alheios. (...) Fraternidade! Ai está outro substantivo que terá de ser adjetivado e melhor definido.⁵⁷¹

O apoio ao golpe de 64 e aos sucessivos governos militares, reforçado pela oposição aos intelectuais vinculados à interpretação materialista da história, além do distanciamento da produção universitária especializada, logo, contrária ao ensaísmo, contribuíram para difundir uma imagem negativa de Moog e, por consequência, da sua obra.

Mais do que isso, a julgar pela sua produção intelectual na segunda metade do século XX, Moog demonstra certo distanciamento das transformações no cenário intelectual, não somente no terreno da historiografia, mas nas ciências sociais. No prefácio de *Conversa com historiadores brasileiros*, José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Rego salientam os temas recorrentes entre os historiadores entrevistados, cuja geração pertence, na grande maioria, à segunda metade do século passado.

As transformações historiográficas ocorridas a partir da década de 1970 no cenário internacional foram objetos recorrentes da discussão, assim como o papel dos “marxismos”, da historiografia francesa iniciada na tradição dos Annales e das posturas denominadas pós-modernas e suas influências na produção historiográfica nacional. Consequentemente, foram mencionados também a crise dos grandes paradigmas historiográficos, o estatuto e a especificidade da História, suas relações com as outras ciências sociais e o papel central que exerce a narrativa no discurso do historiador. A fragmentação dos objetos, as transformações no *métier* do historiador e de sua função social também foram temas tratados pela maioria dos entrevistados.

A produção escrita de Vianna Moog no pós 1950, raramente menciona sua atenção a esse movimento de mudanças na perspectiva da produção intelectual, seja no Brasil ou na esfera internacional. De alguma maneira, isso contribuiu para seu isolamento frente às novas gerações intelectuais, fossem elas universitárias ou mesmo ensaístas. Embora continue produzindo, Moog desinteressou-se do pertencimento aos círculos de escritores ou de intelectuais.

⁵⁷¹ MOOG, Vianna. *A ONU e os grandes problemas sociais do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965. p. 157. O Relatório que deu origem ao mencionado livro foi emitido em 1963.

Com isso, parece submeter-se, nas últimas décadas do século XX, a uma condição indesejável aos intelectuais, conforme dito por ele mesmo no discurso de orador de sua turma de direito em 1930:

Os nossos intelectuais, em geral, fora de sua grei, são incapazes de externar uma política. Vivem no isolamento, alheios ao que lhes vai em torno, mais preocupados com deslumbrar pelo paradoxo do que convencer pela verdade. Em suas Tebaidas há lugar para todas as agitações que empolgam o pensamento em estranhas terras, menos para as questões do meio em que vivem e, quando a este se dirigem, fazem-nos as mais das vezes com motivos que talvez só longinquamente o possa interessar.⁵⁷²

Ao deixá-lo fora das coletâneas de *Intérpretes do Brasil* na virada para o século XXI, os organizadores e autores talvez tenham observado o paradoxo mencionado por Vianna Moog ao qual, nesse caso, ele mesmo acabou sucumbindo.

⁵⁷² Discurso proferido no Salão Nobre da Faculdade de Direito de Porto Alegre, 9 jan. 1930. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

Fontes de pesquisa

1. Lista de correspondências enviadas e recebidas por Vianna Moog

- Carta enviada a Evaristo de Moraes Filho, em 04 de fevereiro de 1986. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.
- Carta enviada pelo embaixador do Brasil na Alemanha, 22 out. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada pelo ministro Cordeiro de Farias a Vianna Moog, 6 set. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada pelo ministro da economia do Brasil, Octávio Gouveia de Bulhões, 16 mar. 1967. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Érico Veríssimo a Vianna Moog, de 25 de junho de 1936. Pastas 1-2, seção correspondências. Biblioteca Central da Unisinos.
- Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, de 15 de julho de 1936. Pastas 1-2, seção correspondências. Biblioteca Central da Unisinos.
- Carta de Vianna Moog enviada a Érico Veríssimo, 3 Ago. 1953. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, em 20 de março de 1942. Sessão correspondência de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.
- Carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo, 12 jan. 1943. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada a Evaristo de Moraes Filho, em 04 de fevereiro de 1986. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca da Unisinos.
- Carta enviada pelo ministro da economia do Brasil, Octávio Gouveia de Bulhões, 16 mar. 1967. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada pelo ministro Cordeiro de Farias a Vianna Moog, 6 set. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

- Carta enviada pelo embaixador do Brasil na Alemanha, 22 out. 1965. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada a Vianna Moog, 8 ago. 1968. Coletânea de correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada a Vianna Moog, 6 set. 1968. Coletânea de correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada a Érico Veríssimo, 19 ago. 1972. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta enviada pelo autor ao ministro João Neves da Fontoura, 26 mai. 1953. Coleção correspondências de Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Vianna Moog enviada ao ministro das relações exteriores do Brasil, 16 jun. 1966. Coleção correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Raul Fernandes, 04 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 ago. 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Raul Fernandes, 04 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Érico Veríssimo a Moog, 18 mai 1940. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Érico Veríssimo a Moog, 27 abr 1943. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Érico Veríssimo a Moog, 07 out 1942. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Pataco Vargas, 02 out 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Raul Fernandes, 28 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Érico Veríssimo, 03 ago 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog ao amigo Liebe Max, 26 out 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de FREYRE, Gilberto. “Vianna Moog, ensaísta literário e sociólogo.” *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 abr. 1955.

- Carta de Moog a Gilberto Freyre, 28 out. 1955. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 09 mai. 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 14 mar. 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 jan 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog ao Itamaraty, 17 jun 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 24 jan 1949. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog ao advogado Anor, 12 jul. 1948. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de M. Lobato a Moog. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos. Um dos editores do *Correio do Povo* escreveu em 31 de julho de 1938:
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 26 mai 1953. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, em 16 Ago 50. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog à embaixada brasileira nos Estados Unidos, 19 jan 1948. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog ao presidente da ABL, 24 jul 1948. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, em 24 Jan 53. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Getúlio Vargas, 09 abr 1951. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. Fontoura, 03 jul 1950. Arquivo V. Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a Raul Fernandes, 28 set 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-6. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Moog a João N. da Fontoura, 16 ago 1950. Arquivo Vianna Moog, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

- Carta enviada a Érico Veríssimo, 22 fev. 1943. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Carta de Vianna Moog enviada a Érico Veríssimo, 3 ago. 1953. Sessão correspondências de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

2. Lista de crônicas jornalísticas de Vianna Moog

- Crônica publicada no jornal “*Correio do Povo*,” 21 mar. 1942. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do Jornal *Correio do Povo*, 11 jul. 1941. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.
- Crônica do Jornal *Correio do Povo*, 27 fev. 1938. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-6, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.
- Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-2, seção publicações. Biblioteca Central da Unisinos.
- Crônica *A sátira política de Vianna Moog*, de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário Associados*. Dia 29 de maio de 1937.
- Crônica *Novas Cartas Persas* de Nelson Werneck Sodré. Jornal *Correio do Povo*. Dia 25 de agosto de 1937.
- Crônica de jornal de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário de Notícias*, dia 29 de maio de 1937.
- Crônica de jornal de Paranhos Antunes. Jornal *Correio do Povo*, dia 02 de junho de 1937.
- Crônica jornalística publicada em *A Federação*, em 13 de abril 1928. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Os três textos pertencem à coletânea *textos jornalísticos* de Vianna Moog. Pastas 1-7. seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica publicada em *A Federação*, 9 de abril de 1936. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos
- Crônica do Jornal *Correio do Povo*, 10 Jun 37. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos

- Crônica jornalística, de 15 de julho 1936. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos
- Crônica jornalística, de 28 de junho 1931. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos
- Crônica jornalística, 1º de outubro 1936. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica jornalística, 1º de outubro 1936. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica jornalística, 1º de julho de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica jornalística, 11 de maio de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica jornalística, 07 de junho de 1933. Pastas 1-3, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos
- Crônica jornalística, 1de julho de 1933. Pastas 1-5, seção publicações de V. Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica *Uma honrosa carta de Monteiro Lobato para Vianna Moog*. Jornal *Correio do Povo*. 15 de março de 1938.
- Crônica *A sátira política de Vianna Moog* de Roni Lopes de Almeida. Jornal *Diário Associados*. Dia 29 de maio de 1937.
- Crônica *Novas Cartas Persas*, de Nelson Werneck Sodré. Jornal *Correio do Povo*. 25 de agosto de 1937.
- Crônica *Novas Cartas persas*, de Paranhos Antunes. Jornal *Correio do Povo*. Dia 01 de junho de 1937.
- Crônica de jornal, 06 Out. 35. Pastas 1- 4, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca central da Unisinos.
- Crônica de jornal, 26 Jan. 1938. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica de jornal, 25 Mar. 36. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica de jornal, 25 Mar 36. Pastas 1-3, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-5, seção publicações. Biblioteca Unisinos.

- Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-7, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica de Mardoulo Coelho, 20 mai. 1934. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do jornal *Folha da Manhã*, de Álvaro Lins. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do Jornal *Correio da Manhã*, 25 jun. 1940. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do Jornal *O Dia*, 24 mai. 1941. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do Jornal *Tribuna da Imprensa*, 25 mar. 1955. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica do Jornal *Tribuna da Imprensa*, 03 out. 1956. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, 16 jan. 1988. Sessão publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, 16 jan. 1988. Sessão publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Crônica publicada “Jornal do Brasil.” RJ, 06 abr. 1955.

3. Lista de entrevistas e depoimentos concedidos pelo autor

- Entrevista a nós concedida por Ana Maria Moog, filha de Vianna Moog. Sessão entrevistas do acervo do autor. Biblioteca da Unisinos.
- Entrevista concedida ao *O Jornal*, no Rio de Janeiro, dia 28 de outubro de 1945.
- Entrevista ao *O Jornal*, 28 Out 45. Pastas 1-6, seção publicações de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Depoimento de Vianna Moog ao jornalista Cláudio Todeschini para o museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, em 01 de maio de 1976.
- Trechos do depoimento de Vianna Moog ao jornalista Cláudio Todeschini para o museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, em 01 de maio de 1976.
- Entrevista concedida ao *O Jornal*, no Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1945.

- Entrevista concedida pela filósofa Ana Maria Moog, filha do autor. Arquivo Vianna Moog. Pasta 15.
- Entrevista de Moog publicada no *Jornal do Estado*, 23 jan. 1940. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Entrevista com Vianna Moog. *Jornal Correio do Povo*, de Porto Alegre, 30 out. 1976. Coletâneas de publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Entrevista de Vianna Moog ao jornal *Folha da tarde*, 09 out. 1954. Coleção publicações jornalísticas de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Entrevista concedida ao *Jornal Pioneiro*, 18 mar. 1945. Coleções jornalísticas de Vianna Moog, pastas 1-8, seção publicações. Biblioteca Unisinos.
- Entrevista com Vianna Moog. *Jornal Correio do Povo*, de Porto Alegre, 30 out. 1976.

4. Lista de discursos proferidos por Vianna Moog

- Discurso pronunciado em São Leopoldo, no Cine Independência, 20 set. 1937. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Discurso sobre Integração Psico-social do povo brasileiro e Humanismo e tecnologia compõem a coletânea de discursos pronunciados pelo autor na década de 1940. Tal coletânea está no acervo de Vianna Moog da Biblioteca da Unisinos.
- Olhar sobre *A integração psico-social do povo brasileiro*, pronunciado em 20 de setembro de 1959, em que Moog repassa questões como a paisagem brasileira, a religião católica, a língua portuguesa, a miscigenação da sociedade, a relação Brasil e Portugal, o latifúndio e a economia.
- Discurso presente no texto *Humanismo e Tecnologia*, em que Moog retoma a análise de pensadores europeus como Jean Jacques Rousseau, Thomas Morus e Thomas Campanella para discutir a questão do índio americano e brasileiro e sua disposição diante do Estado.
- Discurso de posse no Instituto da Ordem dos Advogados, proferido em 29 de junho de 1932. Acervo Vianna Moog. Pasta 5-9. Biblioteca Unisinos.
- Discurso proferido na ABL em homenagem aos oitenta anos de Gilberto Freyre, em 1980. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Discurso proferido por Vianna Moog em agradecimento à homenagem que lhe foi prestada pelo governo de Jair Soares, no ano de 1985. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Discurso de posse no Instituto Histórico e geográfico brasileiro. Coletânea discursos de Moog. Livraria Unisinos.

- Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: *Cultura política. Revista mensal de Estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ano IV, n. 37, fevereiro de 1944, p. 19.
- Discurso pronunciado em São Leopoldo, no Cine Independência, 20 set. 1937. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.
- Discurso proferido no Salão Nobre da Faculdade de Direito de Porto Alegre, 9 jan. 1930. Sessão discursos de Vianna Moog. Biblioteca Unisinos.

5. Lista de relatórios enviados pelo ensaísta

- Relatório de Vianna Moog da Comissão Cultural da ONU enviado ao ministro das relações exteriores do Brasil, em 1963.
- Relatório de Vianna Moog da Comissão Cultural da ONU enviado ao ministro das relações exteriores do Brasil, em 1963.
- Relatório em forma de carta de Vianna Moog a Érico Veríssimo. Arquivo Vianna Moog, de 25 Jan 52, em que relata eventos da Comissão Cultural da ONU, pastas 1-4. Biblioteca Unisinos.

6. Lista de livros inconclusos do autor

- Sobre Aleijadinho. A intenção do autor era pensar a formação cultural brasileira a partir da trajetória cultural e simbólica da Aleijadinho, no interior de Minas Gerais.
- Sobre Lindolfo Collor. A obra inacabada visava construir uma biografia do político gaúcho da geração de 1930.
- Outra obra iniciada e não levada a frente falava sua própria trajetória intelectual e política. Nesse texto, o autor vai repassando boa parte dos relatórios e cartas que havia enviado a políticos, intelectuais e ao chefe do Itamaraty, no Brasil.

7. Lista de fontes diversas

- Site da Academia Brasileira de Letras. ABL: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=243&sid=122>. Acessado em 18 de maio de 2011.
- Informações sobre o general de exército, irmão de Vianna Moog: http://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo_Viana_Moog. Acessado em 06 de abril de 2011.

- Informações sobre o Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRGS. <http://www.ufrgs.br/fabico/jornalismo.htm>. Acessado em 25 de maio de 2011.
- Crônica de jornal publicada no sítio: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/vianna_moog.htm.
- Vianna Moog, ensaísta literário e sociólogo. sítio: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/vianna_moog.htm, acessado em 15 mar. 2009
- Jornal da Unicamp. http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju265pag06.pdf.
- *Revista Literatura e Cultura*. http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_litcult/volume1/ler.php?id=12. 20 Set 05.
- WARDE, Mirian Jorge. *Americanismo e educação: Um ensaio no espelho*. Scielo. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200006&script=sci_arttext&tlng=pt p. 38. Consultado em 10 de abril 2005.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. p. 16 e 17.
- ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. *Tempo Social* São Paulo, v. 19, n. 1, junho/07. p. 9-17
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- ARISTÓTELES. *A Política*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. p. 05.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 21, 1998/1. p. 9-34.
- AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *4xs Brasil: itinerários da cultura brasileira*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2005.
- AXT, Gunter e SCHULER, Fernando. *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- AZEVEDO, Fernando. *Cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1963.
- BARROS, José D'Assunção. História comparada – um novo modo de ver e fazer a história *Revista de História Comparada*. – Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun.2007. p. 1-30.
- BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão. A moralidade do compromisso. In:
– BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão (orgs). *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 7-48.
- BASTOS, Elide Rugai. Paulo Augusto Figueiredo e o pensamento autoritário no Brasil. In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai e ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 121-142.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMER, Flanklin L. *O Pensamento Europeu Moderno: Volume I Séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: edições 70, 1977.
- BEIRED, José Luís Bendicho. “A Função social dos intelectuais.” In: AGGIO, Alberto. *Gramsci: atualidade de um pensamento*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 121-132.
- BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- BEVIR, Mark. *A lógica da história das ideias*. São Paulo: Edusc, 2008.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BORGES, Vavy Pacheco. “Anos trinta e política: história e historiografia.” In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 159-182.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BOSSLE, Batista. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2003
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso com a vida.” In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 310-324.
- BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRESCIANI, Maria Stela M. *O Charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2005.
- CÂNDIDO, Antônio. Érico Veríssimo de 1930 a 1970. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 65-78. p. 69.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CÂNDIDO, Antônio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 75.
- CARVALHO, Enildo de Moura. *Estados Unidos: espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog*. Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2007.
- _____, MARTINS, Maria Cristina Bohn. Na lente de lá, a imagem de um Brasil entre o imundo e o civilizado. *Ipotesi*. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, pág. 167 - 180, jan/jul 2008
- _____, *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades ISSN 1678-3182*. Espelhos de dupla imagem: Brasil e Estados Unidos em Abraão Lincoln e Aleijadinho. v. 6, n. 21, Abr – Jun 2007.
- _____, COSTA, Miguel Ângelo S. e DREHER, Martin N. (Orgs). *Explorando Possibilidades*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- CARVALHO, José Murilo. *Pontos e bordados*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 130.
- CARVALHO, Olavo de. Um povo sem espelho. *O Estadão*, São Paulo, 07 ago. 1997.
- CHAMBERLAIN, Lesley. *Nietzsche em Turim*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- CHILCOTE, Ronald H. A crise dos intelectuais. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo, v.2, n.2, Set. 1985. p. 82-86.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 190, 1996.
- DOMINGUES, Beatriz Helena. *Estudos Históricos*. O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico Vol. 10, N 20 (1997). pp. 1-26.
- DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição: a Modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora: COPPE/UFRJ, 1997.
- DOMINGUES, Beatriz, H. “Próspero devorando Caliban”. In: DOMINGUES, Beatriz, H., BLASENHEIM, Peter L. *O Código de Morse*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 77-98.
- DONATO, Hernani. *Vidas ilustres XI – os romancistas*. São Paulo: Cultrix, 1961.
- Entrevista com os professores Elide Rugai Bastos, Enrique Larreta e Ricardo Benzaquen de Araujo. *Jornal da Unicamp*. Universidade de Campinas. De 13 a 19 de setembro de 2004.
- VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- FILHO, Evaristo de Moraes. *O cordial Vianna Moog e sua obra polêmica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- FILHO, Fernando Antonio Pinheiro. “Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição.” In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Agenda Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 302-313.
- FLORENT, Adriana Coelho. Roupas sujas se lava em casa: Graciliano Ramos, escritor e comunista na Era Vargas. In: BASTOS, Elide Rugai. (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 143-162.
- FONTOURA, João Neves da. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. Porto Alegre: Globo, 1969.

- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, Vol. 11, n. 21, 1998. p. 129-149.
- FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: EDUnB, 1963.
- FREYRE, Gilberto. “Falando de política, sexo e vida”. *Revista rede Abril*. Rio de Janeiro, março 1980. p. 20-32.
- FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- GAUER, Ruth M. Chittó. A Contribuição Portuguesa para a construção da sociedade brasileira. *Revista Ágora*. Santa Cruz do Sul – RS: Editora UNISC. 1999. p. 73-79.
- GOMES, Ângela de Castro. *Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de letras, 2005.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio...* Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GUIMARÃES, Ruth. *Vidas ilustres XI – os romancistas*. São Paulo: Cultrix, 1961.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEGEL, G. W.F. *A razão na história*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HELFER, Inácio. Kant, crítico de Herder. *Studia Kantiana*, SP, v. 2, n.1, p. 71-85, 2000.
- HERDER, J. Gottfried. *Ideias para una filosofia de la historia de la humanidad*. B.A. Losadas, 1959.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo. Uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso de Felinto Muller. *Estudos Históricos*. Vol. 10. n 19, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, 1997. p. 41-66.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- JACOBY, Russel. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: Edusp, 1990.
- *Johann Gottfried Herder Briefe*, Erster Band, «Briefe von Herder nach Moïse Mendelssohn», April 1763-April 1771, von Wilhelm Dobbek und Günter Arnold, Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1977. p. 23-67.

- JUNIOR, R. Magalhães. Prefácio. In: MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.
- KONDER, Leandro. “Historia dos intelectuais nos Anos 50”. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 355-374.
- LAHUERTA, Milton. “Gramsci e os intelectuais: entre Clérigos, populistas e revolucionários.” In: AGGIO, Alberto. *Gramsci: atualidade de um pensamento*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 133-158.
- LARA, Elizabeth Rizzato. *A metáfora da vida*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.
- LECLERC, Gérard. *Sociologia dos Intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 16.
- LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1946, p. 27.
- LOPES, Marcos Antônio. (org). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MONTEIRO, Pedro Meira. As raízes do Brasil no espelho de Próspero. *Novos Estudos*. Rio de Janeiro, n. 83, mar/2009. p. 02-25.
- MONTELLO, Josué. *Vianna Moog deu um romance, Tóia*. Porto Alegre: IEL, 1989.
- MOOG, Vianna. *A ONU e os grandes problemas sociais de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.
- _____. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1969.
- _____. *Eça de Queirós e o século XIX*. Porto Alegre: IEL, 2006.
- _____. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- _____. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

- _____ . Livro inconcluso. Coleção obras não publicadas de Moog. Biblioteca Central da Unisinos.
- _____ . *Mensagem de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1945.
- _____ . *O ciclo do ouro negro*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1936.
- _____ . *Obras de Vianna Moog*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.
- _____ . *Um rio que imita o Reno*. 8 ed. Porto Alegre: Globo, 1973.
- _____ . *Uma interpretação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.
- MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- MORIN, Edgar. “Complexidade e liberdade.” In: MORIN, Edgar. PRIGOGINE, Ilya. (org). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 239-354.
- MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MORSE, Richard. Uma entrevista com Richard Morse. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.3, p. 77-93, 1989.
- MOTTA, Lourenço Dantas (Org). *Um Banquete nos Trópicos*. São Paulo: SENAC. 2001, v.1 e v.2.
- NÁZARIO, Luiz. Jean Paul Sartre: uma entrevista inédita concedida a Jacques Chancel, do programa radioscope no lançamento do Jornal *Liberati3n*. *Cultura Vozes*. Petrópolis, v. 93, n.3, jul., 1999. p. 56-78.
- NEDEL, Lécia. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. *Mana* Rio de Janeiro, v.13, n.1. 2007. p. 85-118.
- NOVAES, Adauto. (org). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A ilusão Americana. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org). *Um Banquete no Trópico*. São Paulo: Senac, 2001. p. 134-150.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A sociologia de Guerreiro Ramos e seu tempo. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 240-253.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- PRADO, Eduardo. *A ilusão Americana*. Brasília: Senado Federal, 2003.

- REGO, Walquíria Domingues. “Intelectuais, Estado e ordem democrática.” In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai e ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 175-192.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- REIS, José Carlos. *História e Teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- RODRIGUES, Helenice. “O Intelectual no campo cultura francês - do "Caso Dreyfus" aos tempos atuais” *Varia História*. Belo Horizonte, v.21, n.34, jul.2005. p. 504-520.
- ROLLAND, Denis. “O Historiador, o Estado e a fábrica de intelectuais”. In: RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai, ROLLAND, Denis. (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 95-120.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*. Mário, Oswald e Carlos, Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro. n. 38, p. 19-34, 2009. p. 19-34.
- SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1-3. 2000.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 161.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Imaginar é difícil, porém necessário.” In: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 9-17.
- SCHWARTZMAN, Simon. O Espelho de Morse. *Novos Estudos* CEBRAP, 22 out. 1988. p. 185-192.
- Segre, Dino (Pitigrilli). *O Homem que inventou o amor*. Rio de Janeiro: Casa Vecchi Ltda, 1929.
- SILVA, Helenice Rodrigues. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 22 e 23.
- SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragments da história intelectual*. Campinas: Papirus, 2002.
- SILVA, Mozart Linhares. Aquém e Além da Modernidade: Aproximações e distanciamentos entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. In: *Trabalhos de Antropologia e etnologia*. Portugal: Sociedade portuguesa de Antropologia. 2003. p. 84-96.

- SILVA, Mozart Linhares. *O Império dos Bacharéis*. Curitiba: Juruá, 2003. SILVA, Sérgio Seligmann. *História, memória, literatura*. Campinas, SP: Unicamp, 2003 .
- SILVEA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da história intelectual*. São Paulo: Papirus, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.
- SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SOUZA, Jessé. *O malandro e o protestante*. Brasília: EDUnB, 1999.
- SOUZA, Laura de Mello. “Aspectos da Historiografia da cultura sobre o Brasil colonial.” In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17-38.
- SOUZA, Laura de Mello. Raymundo Faoro: “Os donos do poder”. In: MOTA, Loureiro Dantas (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 2001. p. 335-357.
- TAYLOR, Charles. *Hegel e a sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Loyola. 1977. p. 13.
- TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: Edusc, 2000. p. 94.
- THAIDE, Tristão. “Érico Veríssimo e o machismo.” In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples*. Porto Alegre: IEL, 2005. p. 34-46.
- THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina. História comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, jun.2007. p. 1-23.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TOURAINE, Alain. *A crítica da modernidade*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.
- VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O Xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela. 2000.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história.” In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 111-138.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998.

- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 76.
- WINOCK, Michel. “As ideias políticas”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 271-294.

- WINOCK, Michel. *O Século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.